



**Assembleia Legislativa da Região Autónoma dos Açores**  
**Diário da Sessão**

**XII Legislatura**

**Número: 92**

**III Sessão Legislativa**

**Horta, sexta-feira, 16 de dezembro de 2022**

**Presidente:** *Deputado Luís Garcia*

**Secretários:** *Deputados Tiago Branco e Marco Costa substituídos no decorrer da sessão pelos Deputados Paulo Silveira e José Gabriel Eduardo)*

**Sumário**

*Os trabalhos tiveram início às 10 horas e 06 minutos.*

Após a chamada dos/as Deputados/as, os trabalhos iniciaram-se com a apresentação do [Projeto de Resolução n.º 91/XII - Medidas de Apoio à Vítima de Violência Doméstica](#), apresentado pelo [Grupo Parlamentar do BE](#), tendo a sua apresentação sido feita pela Sra. Deputada Vera Pires (BE).

Pediram para usar da palavra as/os Sras. e Srs. Deputados: José Pacheco (CH), Célia Pereira (PS), Rui Martins (CDS-PP), Carlos Furtado (IND), Valdemira Gouveia (PS), Pedro Neves (PAN), Paulo Estêvão (PPM), Luís Soares (PSD), Nuno Barata (IL), Andreia Cardoso (PS), bem como o Senhor Vice-Presidente do Governo Regional (Artur Lima).

Após ter sido sujeito a votação, o diploma foi aprovado.

Pediu a palavra, no final, para uma Declaração de Voto, o Sr. Deputado Rui Martins (*CDS-PP*).

De seguida passou-se à apresentação do [Projeto de Resolução n.º 109/XII – “Pela concretização do Projeto da Marina da Barra na ilha Graciosa”](#), apresentado pelo Grupo Parlamentar do PS.

Feita a apresentação do projeto pelo Sr. Deputado José Ávila (*PS*), participaram no debate as/os Sras. e Srs. Deputados: João Bruto da Costa (*PSD*), Manuel Ramos (*PS*), Gustavo Alves (*PPM*), Vera Pires (*BE*), Carlos Furtado (*Indep.*), Nuno Barata (*IL*), Paulo Estêvão (*PPM*), Rui Martins (*CDS-PP*), Vasco Cordeiro (*PS*), bem como a Sra. Secretária Regional do Turismo, Mobilidade e Infraestruturas (*Berta Cabral*) e o Sr. Secretário Regional do Mar e Pescas (*Manuel São João*).

Após ter sido sujeito a votação, o diploma foi aprovado.

No final, foi proferida uma Declaração de Voto pelo Sr. Deputado José Ávila (*PS*).

A Sessão continuou com a apresentação, por parte do Grupo Parlamentar do PS, do [Projeto de Resolução n.º 124/XII – “Pela previsibilidade e adequação dos recursos humanos e financeiros das Juntas de Freguesia dos Açores”](#).

Feita a apresentação do diploma pela Sra. Deputada Sandra Dias Faria (*PS*), participaram no debate as/os Sras. e Srs. Deputados: Sabrina Furtado (*PSD*), José Pacheco (*CH*), António Lima (*BE*), Manuel Ramos (*PS*), Paulo Estêvão (*PPM*), Nuno Barata (*IL*), Pedro Pinto (*CDS-PP*) e Marta Matos (*PS*).

Após votação o diploma foi rejeitado, depois de empate na segunda votação.

No final foram proferidas declarações de voto pelas/os Sras. e Srs. Deputados: Sandra Dias Faria (*PS*), Sabrina Furtado (*PSD*), Pedro Pinto (*CDS-PP*) e José Pacheco (*CH*).

Em seguida foi apresentado o [Pedido de urgência e dispensa de exame em comissão do Projeto de Resolução n.º 142/XII – “Prorrogação do prazo](#)

para apresentação do relatório final da Comissão Eventual para Reforma do Regimento da Assembleia Legislativa da Região Autónoma dos Açores”, apresentado pelos Grupos Parlamentares do PS/PSD/CDS-PP/BE/PPM e pelas Representações Parlamentares do CH/IL e PAN.

Para justificar a urgência usou da palavra o Sr. Deputado Paulo Estevão (*PPM*).

Submetido à votação, o pedido de urgência foi aprovado por unanimidade.

Os trabalhos prosseguiram com a apresentação do Projeto de Resolução n.º 142/XII – “Prorrogação do prazo para apresentação do relatório final da Comissão Eventual para Reforma do Regimento da Assembleia Legislativa da Região Autónoma dos Açores”, apresentado pelos Grupos Parlamentares do PS/PSD/CDS-PP/BE/PPM e pelas Representações Parlamentares do CH/IL e PAN, tendo o mesmo sido aprovado por unanimidade.

Os trabalhos continuaram, desta feita com a apresentação do Pedido de urgência do Projeto de Resolução n.º 143/XII – “Denúncia do acordo entre a Região e a BENCOM para o fornecimento de fuelóleo e início de novo processo de contratação pública”, apresentado pelo Grupo Parlamentar do BE, na pessoa do Sr. Deputado António Lima (*BE*).

Após sujeito a votação, o pedido de urgência foi aprovado por unanimidade.

Posteriormente foram apreciadas as seguintes petições:

- Petição n.º 27/XII – “Pelos quiosques dos Mosteiros”, apresentada por Paulo Manuel Viveiros Duarte, na qualidade de primeiro subscritor.

Feita leitura do relatório pela Sra. Deputada Joana Pombo Tavares (*PS*), pediram a palavra para intervenções os/as Srs./Sras. Deputados/as: Gustavo Alves (*PPM*), Nuno Barata (*IL*), Alberto Ponte (*PSD*), Valdemira Gouveia (*PS*), Pedro Pinto (*CDS-PP*).

**- Petição n.º 30/XII – “Obra do Ramal que liga a Maia à Lombinha da Maia”**, apresentada por Jaime Manuel Serpa da Costa Rita, na qualidade de primeiro subscritor.

Feita leitura do relatório pelo Sr. Deputado Flávio Soares (*PSD*), pediram a palavra para intervenções os/as Srs./Sras. Deputados/as: Vera Pires (*BE*), Gustavo Alves (*PPM*), Carlos Silva (*PS*) e Délia Melo (*PSD*).

**- Petição n.º 31/XII – “Pelo fornecimento de água para consumo humano e energia elétrica no Largo Jaime Melo”**, apresentada por Jorge Manuel Maciel da Silveira, na qualidade de primeiro subscritor.

Feita leitura do relatório pelo Sr. Deputado Flávio Soares (*PSD*), pediram a palavra para intervenções os/as Srs./Sras. Deputados/as: Rui Martins (*CDS-PP*), Vera Pires (*BE*), Salomé Matos (*PSD*) e Tiago Branco (*PS*).

**- Petição n.º 33/XII – “Por um turismo verdadeiramente sustentável nos Açores”**, apresentada por André Filipe Dâmaso, Martins na qualidade de primeiro subscritor.

Feita leitura do relatório pela Sra. Deputada Patrícia Miranda (*PS*), pediram a palavra para intervenções os/as Srs./Sras. Deputados/as: Elisa Sousa (*PSD*), Rui Anjos (*PS*), Rui Martins (*CDS-PP*) e António Lima (*BE*).

Por fim, foi aprovada a Proposta de Deliberação que declara findo o período legislativo de dezembro de 2022.

*Os trabalhos terminaram às 20 horas e 45 minutos.*

**Presidente:** Muito bom dia, Sras. e Srs. Deputados, Sr. Presidente e Srs. Membros do Governo.

*Eram 10 horas e 06 minutos*

Vamos iniciar os trabalhos com a chamada.

Tem a palavra o Sr. Secretário, faz favor.

**Secretário:** Bom dia.

*Procedeu-se à chamada à qual responderam os/as seguintes Deputados/as:*

***Partido Socialista (PS)***

**Andreia Martins Cardoso** da Costa

**Berto José Branco Messias**

**Carlos Emanuel Rego Silva**

**Célia Otelinda Borges Pereira**

**Francisco Manuel Coelho** Lopes Cabral

**Joana Pombo** Sousa Tavares

**João Vasco** Pereira da Costa

**José António Vieira** da Silva **Contente**

**José Gabriel** Freitas **Eduardo**

**José Manuel** Gregório de **Ávila**

**Lubélio** de Fraga **Mendonça**

**Manuel José** da Silva **Ramos**

**Maria Isabel** Góis **Teixeira**

Maria **Valdemira Gouveia** Andrade **Carvalho**

**Mário José** Dinis **Tomé**

**Marta Ávila** **Matos**

**Patrícia** Maria Melo **Miranda**

**Rodolfo** Paulo Silva Lourenço da **Franca**

**Rui Filipe** Vieira **Anjos**

**Sandra** Micaela Costa Dias **Faria**

**Tiago** Alexandre dos Santos **Lopes**

**Tiago** Dutra da Costa Rodrigues **Branco**

**Vasco** Alves **Cordeiro**

*Partido Social Democrata (PSD)*

**Alberto Pacheco da Ponte**

**Ana da Ascensão Moniz Arruda Quental**

**António Vasco Vieira Neto de Viveiros**

**Carlos Eduardo da Cunha Freitas**

**Délia Maria Melo**

**Elisa Lima Sousa**

**Flávio da Silva Soares**

**Jaime Luís Melo Vieira**

**João Luís Bruto da Costa Machado da Costa**

**José Joaquim Ferreira Machado**

**Luís Carlos Correia Garcia**

**Luís Carlos Cota Soares**

**Marco José Freitas da Costa**

**Maria Guilhermina Ourique Moniz Silva**

**Maria Salomé Dias de Matos**

**Nídia Manuela de Sousa Lopes Inácio**

**Paulo Alberto Bettencourt da Silveira**

**Paulo Duarte Gomes**

**Sabrina Marília Coutinho Furtado**

**Susana Alexandra Gomes Soares**

**Vitória Alexandra Correia Pereira**

*Partido Popular (CDS/PP)*

**Jorge Miguel Azevedo Paiva**

**Pedro Gabriel Correia Nunes Teixeira Pinto**

**Rui Miguel Oliveira Martins**

*Bloco de Esquerda (BE)*

**António** Manuel Raposo **Lima**

**Vera** Lúcia Pinheiro **Pires**

*Partido Popular Monárquico (PPM)*

**Gustavo** Valadão **Alves**

**Paulo** Jorge Abraços **Estêvão**

*CHEGA (CH)*

**José** Eduardo Cunha **Pacheco**

*Iniciativa Liberal (IL)*

**Nuno** Alberto **Barata** Almeida Sousa

*Independente*

**Carlos** Augusto Borges Rodrigues **Furtado**

**Presidente:** Obrigado, Senhor Secretário.

Estão presentes 54 Senhoras e Senhores Deputados, o que significa que temos quórum. Declaro aberta a Sessão. Pode entrar o público.

Senhoras e Senhores Deputados, vamos entrar no ponto 11 da nossa Agenda - Projeto de Resolução n.º 91/XII - Medidas de apoio à vítima de violência doméstica. Uma iniciativa apresentada pelo Bloco de Esquerda.

Os tempos já estão presentes nos nossos painéis e para a apresentação da nossa da Iniciativa tem a palavra a Senhora Deputada Vera Pires, faça favor.

**Deputada Vera Pires (BE):** Senhor Presidente, Senhoras e Senhores Deputados, Senhor Vice-Presidente do Governo, Senhoras e Senhores Membros do Governo:

“Os Açores registaram um aumento de 5,3% de participações por violência doméstica em 2021, face a 2020”, lê-se em notícia da Lusa de 23 de novembro passado. A violência doméstica é efetivamente um flagelo social com longa história e grande dimensão em Portugal e nomeadamente na Região Autónoma dos Açores, onde apresenta um índice de prevalência dos mais elevados do país.

Na nossa região vai sendo cada vez mais frequente ler nos jornais casos de violência doméstica que se têm tornado cada vez mais graves e que revelam por vezes anos de sofrimento fechados entre paredes, devido à dependência financeira, aos filhos, à restante família e à pressão social.

Este é, de facto, um crime tendencialmente de género, sendo as mulheres as principais vítimas, e atinge todas as classes sociais, todas as formações académicas, todas as profissões.

A maioria das vezes, os autores destes crimes são homens que pertencem à esfera das relações familiares ou de proximidade das vítimas. Este é, portanto, um crime em que o ascendente do agressor sobre a vítima e as relações de poder se concretizam de forma especialmente intensa, motivo pelo qual é também uma violência entregar a vítima à sua sorte, dizendo-lhe que a decisão de investigar e acusar o crime por si sofrido depende apenas da sua vontade.

Os dados que têm sido tornados públicos (RASI, CIG, APAV) dão-nos o mote para um conjunto de discussões. É inegável que o trabalho de décadas que em Portugal se tem feito no combate à violência doméstica nos mostra resultados. As denúncias são hoje em maior número e, para tal, a consagração legal da violência doméstica como crime público teve uma influência determinante.

Mas sabemos, e sentimos, que do ponto de vista da ação das autoridades policiais e judiciais ainda há muito a fazer. Não é possível ficarmos indiferentes à enorme percentagem de casos arquivados ou com pena

suspensa, que perpetuam um sentimento de impunidade dos agressores e aprofundam a desconfiança e a desproteção das vítimas.

O Governo, o Parlamento, as autoridades policiais e judiciais, organizações não governamentais, estruturas do Estado, movimento social, todos e todas têm feito caminho no combate a este crime, com maior ou menor eficácia, com mais ou menos reivindicação na rua, a cada momento.

No entanto, muitas vítimas continuam expostas e a sofrer situações de violência, e uma das nossas obrigações enquanto sociedade é encontrar formas fáceis e rápidas que permitam à vítima pedir ajuda, denunciar esta violência.

De acordo com os dados publicados no último relatório do Gabinete de Apoio à Vítima de Ponta Delgada, referente a 2021, 77,3% do total dos crimes contra pessoas são crimes de violência doméstica. A estes valores falta sempre juntar as chamadas “cifras negras”, o número de crimes não participados. Para além disso, todos e todas sabemos que existem situações de risco emergente para as vítimas de violência doméstica, em que estas não conseguem verbalizar a sua denúncia, seja pelo momento de violência a que se encontram expostas, seja pelo fator choque, e por isso é fundamental que a possibilidade da denúncia seja facilitada. Os dados do GAV comprovam que é essencial continuar a encontrar estratégias de combate a este flagelo.

Não podemos simplesmente baixar os braços!

Por outro lado, tem também aumentado a denúncia de situações de violência contra pessoas idosas, muitas vezes mais frágeis devido a limitações que vão aumentando com a idade. A OMS define a violência contra as pessoas idosas como:

“A ação única ou repetida, ou a falta de resposta adequada, que causa angústia ou dano a uma pessoa idosa e que ocorre dentro de qualquer relação onde exista uma expectativa de confiança.”

As pessoas nesta situação que decidem denunciar, que têm a coragem de dizer “basta!” apesar das suas fragilidades, precisam de um local que lhes garanta o bem-estar e a segurança a que têm direito. Precisam de casas adaptadas à sua idade, de acompanhamento nas suas rotinas e de respeito pela sua dignidade. Esse é o maior reconhecimento que uma sociedade lhes pode expressar.

Tudo o que puder ser feito para ajudar estas vítimas tem de ser feito, é essencial que seja feito!

Em traços largos, fica com esta intervenção apresentada a iniciativa que propomos, que comporta 3 vertentes:

A criação de mais um canal de denúncia, de acesso facilitado e discreto, e que será mais uma ajuda a juntar às existentes

A realização de obras de adaptação das Casas Abrigo existentes para melhorar a resposta a vítimas mais vulneráveis em função da idade ou de algum tipo de incapacidade

A ampliação do horário de funcionamento da Linha Regional Contra a Violência, de modo a garantir o atendimento 24h

A violência doméstica é um crime hediondo e uma chaga social que tem de ser combatida! Hoje e aqui, na casa da autonomia, temos mais uma oportunidade de mostrar que estamos do lado correto da história.

O caminho a fazer ainda é longo e todas as pedras da calçada contam!

Obrigada.

**Vice-Presidente do Governo Regional** (*Artur Lima*) e **Deputado Nuno Barata** (*IL*): Muito bem!

**Presidente:** Muito obrigado, Senhora Deputada. Está apresentada a iniciativa. Estão abertas as inscrições e tem a palavra o Senhor Vice-Presidente do Governo Regional. Faça favor, Senhor Vice-Presidente.

(\*) **Vice-Presidente do Governo Regional** (*Artur Lima*): Senhor Presidente, Senhoras e Senhores Deputados, Senhoras e Senhores Membros do Governo:

Senhora Deputada Vera Pires, o assunto que nos traz aqui esta Casa Hoje é um assunto preocupante que nos preocupa a todos nós, que deve merecer a atenção de todos nós, Deputados, Governo, IPSS's, sociedade em geral e fazer, efetivamente, uma prevenção eficaz deste crime horrendo que é a violência doméstica.

Nessa matéria, estamos todos de acordo e trazer aqui este assunto, discutir este assunto é mais uma vez, pôr na ordem do dia para que essas vítimas não sejam esquecidas.

Agora se me permite, felicita-la por esta iniciativa, quanto ao intuito de chamar a atenção, de colocar na ordem do dia, de mais uma vez termos esse assunto.

Agora, quanto à matéria, os pontos resolutivos que aqui traz, eu devo dizer que, nos Açores, o acolhimento das vítimas de violência doméstica não é exclusivo das casas abrigo, fazendo também parte respostas de respostas, os centros de acolhimento temporário. E a idade, como sabe, desde sempre, não é limitativa da admissão em casa abrigo ou centro de acolhimento temporário, não há nenhum problema nessa matéria e, portanto, fica resolvido uma parte da questão que a senhora traz.

A resposta de acolhimento em função da situação concreta, poderá ser em vagas de emergência disponíveis em todas as ilhas da Região Autónoma dos Açores. E, portanto, não há nenhum problema nessa matéria.

Conforme também já lhe disse, à senhora não, mas ao seu grupo parlamentar na Comissão, a abertura do Governo para avaliar os constrangimentos existentes nas estruturas físicas das casas de abrigo. Sempre houve, o Governo sempre fez isso e estas são respostas instaladas nas IPSS, como sabe, com base em protocolos celebrados com o Governo e, portanto, desde que as IPSS façam o pedido, o Governo colabora, como sempre tem colaborado e tem feito. As entidades devem apenas formalizar as

candidaturas à direção regional e depois de analisadas, normalmente, dá-se resposta.

Também dizer que o Plano e Orçamento tem previsto, para 2023, uma verba para a realização de pequenas reparações e, se não for necessário, naturalmente pode ser reforçada. Isso, relativamente ao ponto 1 da sua resolução.

Quanto ao ponto 2, Senhora Deputada, pode-se incluir efetivamente nesse Alert4You essa coisa, só que, como percebe, isto é uma aplicação, trata-se de um crime Público, tem reserva de identidade da vítima, há uma série de aspetos legais que importaria considerar primeiro, de proteção até da vítima, de que expô-la. E, portanto, acho que os meios de denúncia atuais são perfeitamente exequíveis.

E devo-lhe dizer, Senhora Deputada, que mais do que enveredar pela amplificação de recursos, o Governo está apostado em rentabilizar os recursos existentes por uma questão de eficácia.

Por exemplo, vou lhe dar uma informação, a alinha contra a violência doméstica, que se iniciou em 2020, tem tido um número de chamadas, muitos escasso. Receberam um total de 18 chamadas, 10 no ano de 2020 e 8 no ano de 2021, e o que pretendemos, o Governo vai fazer, é, no imediato, é avaliar o funcionamento desta linha, perceber se serve ou não, bem as vítimas de violência doméstica e depois, eventualmente, considerar o seu alargamento, o seu reforço, etc. E mais do que enveredar com recursos, o que lhe digo, é a eficácia.

Uma outra questão que lhe devo dizer também, Senhora Deputada e Senhoras e Senhores Deputados, é que nesta matéria, e há a lei do botão de emergência, em colaboração com a Cruz Vermelha, que, como sabe, também tem à disposição das vítimas quando necessitam, um botão de alerta muito eficaz e que já está em funcionamento já há largos anos.

Agora, Senhora Deputada, há uma coisa que nós, uma vítima, não pode ter dúvidas. É quando está a ser vítima de uma agressão, aprovou uma agressão não pode pensar para que o número é que vai ligar, tem que ser instintivo e tem que ligar um número de auxílio que encaminhe depois para onde deve ser encaminhado. E esse número de auxílio é o 112 e é o 112 que funciona, que depois faz a ligação para os diversos números, para a linha de apoio, se for necessário, ou para outros números, que há várias linhas disponíveis, como sabe para isso, tão bem ou melhor do que eu.

E, portanto, o que é fundamental é a emergência e colaboração com as autoridades policiais, que têm sido absolutamente excepcional nessa matéria, tem dado uma colaboração, estão sempre disponíveis e tem uma atuação nessa matéria muito eficaz.

E devo dizer também, Senhora Deputada, que vamos já elaborar o quarto plano regional de prevenção e combate à violência doméstica, ainda durante este ano 2023 e, portanto, vale a sua resolução e trazer aqui este diploma para colocar na ordem do dia, mais uma vez, debatermos despertarmos a sociedade civil para isso. Quanto aos pontos relativos, eles não fazem qualquer sentido, porque já estão a ser feitos o primeiro. O segundo, porque é de uma delicadeza que exige algum estudo, precaução e prevenção.

E o terceiro, estender o alargamento dessa linha, uma vítima e essa linha serve sobretudo de apoio psicológico à vítima. Não é uma linha de denúncias. A linha de denúncia é a linha de emergência e a proteção das vítimas está totalmente garantida.

Muito obrigado.

**Vozes de alguns Deputados da bancada do CDS-PP:** Muito bem! Muito bem!

*(Aplausos dos Deputados das bancadas do PSD, CDS-PP, PPM e dos Membros do Governo)*

**Presidente:** Obrigado, Senhor Vice-Presidente.

Tem a palavra o Senhor Deputado José Pacheco, faça favor.

(\*) **Deputado José Pacheco (CH):** Obrigado, Senhor Presidente. Senhoras e Senhores Deputados, Senhor Vice-Presidente, Senhoras e Senhores Membros do Governo:

Um bom dia. Começaria por felicitar a Senhora Deputada por mais uma vez, pôr na ordem do dia este tema que, no meu entender, no entender do CHEGA e por aquilo que eu vou percebendo, no entender de todos nós é uma vergonha, é uma grande vergonha a violência doméstica ainda existir na nossa sociedade. Sabemos que há muitos fatores, o alcoolismo ainda continua a permanecer.

Mas temos que fazer tudo o que pudermos para acabar com a violência doméstica, seja sobre as mulheres, crianças, idosos e até alguns homens.

Não é forma de estar, não é isto que nós queremos e até, muitas vezes, o fingirmos e a tal vergonha que a vítima sente, nós também temos que incentivar que não tenha vergonha, que denuncie. Há muita violência doméstica escondida porque não é denunciada e não é aceitável.

Diga às senhoras, às crianças e aos idosos que não é fácil uma mãe denunciar um filho, não é fácil uma mulher denunciar o marido, mas tem que ser até para o bem do agressor, às vezes, que precisa de algum tratamento.

Temos que acabar com esta vergonha. Contem com o CHEGA, com o apoio a 1000% do CHEGA, em tudo o que seja para combater a violência doméstica.

Muito obrigado.

**Presidente:** Muito obrigado Senhor Deputado.

Tem a palavra a Senhora Deputada Vera Pires.

(\*) **Deputada Vera Pires (BE):** Muito obrigado, Senhor Presidente.

Senhor Presidente, Senhores e Senhoras Deputadas, Senhor Vice-Presidente, Senhoras e Senhores Membros do Governo:

Eu confesso que comecei por ficar satisfeita com o início da intervenção do seu Vice-Presidente porque o que ele disse faria crer, ao contrário da forma como finalizou a sua intervenção, faria crer que ia votar a favor e que estava de acordo. Porque quando nos diz que são efetivamente precisas obras de adaptação nas casas que

recebem estas vítimas e são precisas e temos pareceres de diferentes instituições que ajudam e promovem a assistência e o apoio às vítimas e que nos dizem que as casas, não por as pessoas terem 63 ou 66 anos, mas porque há muitas pessoas e na faixa etária dos maiores de 65, mais provável é que aconteça, há muitas pessoas que têm dificuldades, nomeadamente ao nível da mobilidade, o que fazem com que uma casa cheia de escadas, uma casa com casas de banho pouco acessíveis, se torne um problema adicional para estas pessoas e estão, portanto, identificadas diferentes estruturas de apoio à vítima de violência doméstica que não conseguem, e reconhecem que não conseguem, dar a assistência nas melhores condições para estes casos, para o caso destas vítimas, dizia eu, estamos de acordo. Estamos também de acordo que é preciso fazer tudo o que estiver ao nosso alcance.

E a seguir o Senhor Vice-Presidente tendo dito isto, diz, mas não vale a pena fazer mais nada porque o que temos já chega e isto encerra uma profunda contradição.

**Vice-Presidente do Governo Regional** (*Artur Lima*): Não, não!

**A Oradora:** Sim, sim!

Não faz sentido dizer que é muito importante este assunto, que é muito importante trazer este assunto ao debate, à ordem do dia, se o debate termina com um: as linhas funcionam, as casas existem, ...

**Vice-Presidente do Governo Regional** (*Artur Lima*): Mas é verdade!

**A Oradora:** ... temos condições, o trabalho é excelente, podemos nos sentar todos sobre este problema e continuar, pelos vistos apenas, a lamentar que ele continue a existir, a lamentar que ele continua a aumentar, e mais, a lamentar que continua a haver um sem número de casos de violência que não chegam ao nosso conhecimento, porque as pessoas têm medo, têm dificuldade, ou não conseguem utilizar as hipóteses que temos neste momento disponíveis para expressar ajuda.

Quando o Senhor Vice-Presidente diz que a linha funciona, não é a linha regional de apoio à violência, não é uma linha essencialmente virada para a denúncia, mas para o apoio psicológico. Eu digo uma coisa que o Senhor Vice-Presidente tem obrigação de saber e saberá, com certeza: é que se nós ligarmos às 11 da noite para esta linha, pedindo e tendo direito e tendo expectativa de ter este apoio psicológico, ouvimos uma mensagem gravada que nos diz: “se for um caso urgente, ligue para o 112, se não liga amanhã.”

**Vice-Presidente do Governo Regional (Artur Lima):** Claro!

**A Oradora:** Claro?! Isto é apoio psicológico? Imagine o Senhor Vice-Presidente, e os restantes presentes nesta Casa, a situação de uma vítima que precisa de apoio?

*(Aparte inaudível)*

Eu quero discutir este assunto e eu quero proteger as vítimas.

Se eu for uma vítima de violência doméstica, precisar de apoio psicológico.

**Vice-Presidente do Governo Regional (Artur Lima):** Ó senhora, depois 20 horas não estão!

**A Oradora:** Precisar de apoio psicológico, lutar com uma quantidade de empecilhos e de obstáculos, abrir a boca e pedir ajuda e, no momento em que decide fazer isso, e utilizo a linha de apoio à violência doméstica, me atende uma voz que diz: “se for urgente ligue o 112, se não for...” Não diz que temos pena, mas não nos dá resposta.

Isto é uma falha, é uma falha que facilmente é ultrapassada e é resolvida. É esta falha que nós pretendemos que seja resolvida.

Por outro lado, a criação de um módulo adicional na aplicação do SIV terá questões de proteção de dados, terá questões relativas à sensibilidade da informação, que têm que ser tidas em conta, que têm que ser pensadas. Mas, o facto de termos que pensar numa coisa, não nos deve fazer, como o Senhor Vice-Presidente parece fazer, desistir do assunto e pôr para trás esta ideia. Terá dificuldades? Vamos estudar, vamos verificar. Em Comissão, foi ouvido o Presidente da Proteção Civil, que reconheceu o mérito desta possibilidade, a facilidade técnica de implementar o botão, o separador, o que lhe quiserem chamar, que permite acionar a ajuda ...

**Vice-Presidente do Governo Regional** (*Artur Lima*): Mas fez reparos!

**A Oradora:** ... e haverá com certeza - há tantos grupos de trabalho – a possibilidade de criar uma equipa que analise e resolva os problemas técnicos e os problemas legais, decorrentes da eventual possibilidade da exposição de dados.

Portanto, rejeitar liminarmente uma proposta porque é um bocadinho difícil e pode trazer problemas, não nos parece que seja o caminho a seguir.

Temos verbas alocadas no orçamento para 2023 para o combate à violência doméstica. Temos, diz-nos o Governo, um plano, pronto ou praticamente pronto, de combate à violência doméstica. Temos linhas e serviços e associações que já dão, no momento, no terreno, apoio à violência doméstica. Não queremos acabar com nada disto, evidentemente, ninguém aqui dentro, nem fora quer, queremos aumentar sempre e mais as possibilidades que são dadas às vítimas, de deixarem de ser vítimas, de terem apoio psicológico, de conseguirem recuperar dignidade, de conseguirem uma alternativa à sua casa, quando esta deixa de ser a sua casa e passa a ser uma casa apenas onde são maltratadas.

Com tudo isto, não vejo como possa ser possível dizer: “tem razão, é um assunto importante, mas vamos votar contra”.

Mas, vamos ver a ginástica explicativa de quem, eventualmente, se oponha a esta a esta discussão e ver se haverá argumentos que nos convençam da falta de importância destas iniciativas que propomos.

Muito obrigada.

**Presidente:** Muito obrigado, Senhora Deputada.

Tem agora a palavra a Senhora Deputada Célia Pereira. Faça favor, Senhora Deputada.

(\*) **Deputada Célia Pereira (PS):** Senhor Presidente, Senhoras e Senhores Deputados, Senhor Vice-Presidente do Governo, Senhoras e Senhores Membros do Governo:

Peço a palavra para participar neste debate, porque efetivamente compreendo, por um lado a importância de recolocar na agenda política as questões da violência doméstica e da pertinência da desta proposta de resolução do Bloco de Esquerda, bem como dos pontos resolutivos que apresenta, como também compreendo aquilo que são o entendimento, relativamente a estes pontos resolutivos do Senhor Vice-Presidente, do trabalho que já está a ser feito das dificuldades ou da entropia que poderá colocar a aplicação de mais uma aplicação nas que já existem e gerar alguma confusão nas vítimas que, quando são alvo destes processos, já estão num no limite do sofrimento e, portanto, confusas.

E pedir ajuda para quem é vítima de violência doméstica, não é um processo fácil porque antes de levar, já foi completamente coagida do ponto de vista psicológico.

**Vice-Presidente do Governo Regional (Artur Lima):** Mas isso também é violência!

**A Oradora:** Psicologicamente já está dominada.

**Vice-Presidente do Governo Regional** (*Artur Lima*): Isso é outro tipo de violência!

**A Oradora:** Além da vergonha de que é assumir que se é vítima de violência doméstica. Eu lembro uma frase da escritora e crítica literária Virgínia Wolff, proferida em 1931 a um grupo de mulheres trabalhadoras, em que afirmava que é mais difícil matar um fantasma do que uma realidade e o fantasma das desigualdades, o fantasma da violência doméstica continuam, infelizmente, a fazer vítimas, a limitar direitos a limitar liberdades, a promover desigualdades entre homens e mulheres.

Os agressores são maioritariamente homens, mas na agressão que empreendem também são vítimas as crianças e jovens, também são vítimas os idosos, os mais velhos e, efetivamente, como o Bloco de Esquerda nos lembra com esta proposta de resolução, está a aumentar a violência doméstica sobre os idosos, nomeadamente, por parte de filhos e filhas que face a dificuldades económicas, regressam à casa dos pais e que também muitas vezes em desespero, depois se tornam agressores.

Não é fácil escolher um lado. Quem é que tem razão? A vítima ou agressor? Ambos são vítimas de todo um processo relacional construído com base em estereótipos e arquétipos sociais, culturais que persistem até hoje e, portanto, é importante investirmos na prevenção, na sensibilização e na educação dos mais jovens, como temos feito na nossa região, com o Programa CONTIGO com o Programa CONECTA, onde temos também trabalhado com o agressor, para que mude, para que assuma que não está no bom caminho e para que faça também e tenha a oportunidade de fazer um processo de reabilitação, de mudança de comportamento.

Há muitos agressores que são agressores porque foram criados num ambiente onde a violência era a ordem do dia e, muitas vezes, quem cresce e vive neste

ambiente tem que escolher entre ser vítima e agressor e molda o seu comportamento, a sua personalidade em função desta escolha.

E, portanto, é também muito importante trabalharmos, como temos feito e de forma pioneira na nossa região, do ponto de vista educacional com os agressores e com as vítimas.

Trabalhar com jovens para que no seu crescimento no seu processo de construção da sua personalidade consigam fazer um caminho que lhes permita, não se tornarem nem vítima, nem agressor. Só assim mataremos efetivamente este fantasma da desigualdade e da violência doméstica.

E, portanto, consideramos que, apesar de todo o caminho que já foi feito, apesar de tudo o que se espera vir a ser concretizado, mais e melhor e com inovação também que é necessário no âmbito do terceiro plano no combate à violência doméstica, no âmbito da estratégia regional contra a violência doméstica, consideramos que, apesar de tudo, mais vale pecar por excesso, do que por defeito e que todas as medidas que ajudem a fazer a diferença, são positivas.

**Voices de alguns Deputados da bancada do PS:** Muito bem! Muito bem!

*(Aplausos dos Deputados das bancadas do PS)*

**Presidente:** Muito obrigado, Senhora Deputada.

Tem agora a palavra o Senhor Deputado Rui Martins, faça favor, Senhor Deputado.

**(\*) Deputado Rui Martins (CDS-PP):** Muito obrigado, Senhor Presidente.

Senhor Presidente, Senhores Deputados, Senhor Vice-Presidente e Membros do Governo:

Em primeiro lugar, obviamente, gostaria de enaltecer ou saudar a iniciativa do Bloco de Esquerda que, efetivamente, é transversal, mas o facto de estarmos a falar é, sem dúvida, importante. Isso é logo um ponto assente,

porque não se está a tentar ocultar aquilo que é uma realidade e que, infelizmente, os números têm vindo a demonstrar que é uma realidade cada vez até mais presente, que obviamente terá muitos, muitos aspetos associados que podem ter a ver, desde a das questões económicas, obviamente, a outros problemas mais profundos, eventualmente, do contexto económico e social.

Mas, e posto isto, a após a segunda intervenção da Senhora Deputada Vera Pires, ouvimos as mesmas palavras, mas parece que não ouvimos a mesma coisa. Não foi isso que eu depreendi da intervenção do Senhor Vice-Presidente do Governo.

Porquê?

**Deputado Berto Messias (PS):** Uma audição seletiva, quando se fala do Sr. Vice-presidente!

**Vice-Presidente do Governo Regional (Artur Lima):** Sr. Deputado não quer que lhe avive a memória, O senhor fazia aqui figurazinhas!...

**Deputado Berto Messias (PS):** Nunca como as do que o senhor faz!

**Vice-Presidente do Governo Regional (Artur Lima):** Ah, isso não!

**O Orador:** Talvez do Bloco de Esquerda...

Tem razão, Senhor Deputado Berto Messias, a audição seletiva do Bloco de Esquerda pode estar a contaminar...

Porquê? E quando digo isto, estou a falar especificamente em quê, Senhora Deputada Vera Pires?

Relativamente ao primeiro ponto resolutivo do Bloco de esquerda...

*(Aparte inaudível)*

Eu retomo, mas relativamente ao primeiro ponto resolutivo, em que o Bloco de Esquerda pretende que haja uma concertação entre o governo regional das associações de apoio às vítimas e a segurança social para que haja adaptações a estruturas físicas das casas de abrigo existentes, para que sejam capazes de dar uma resposta diferenciada às vítimas mais vulneráveis, em função da idade e de tipos de incapacidade.

O Bloco de Esquerda aqui, felizmente e após o trabalho em Comissão, evoluiu este ponto, porque antes era um bocadinho mais fechado e que não correspondia à realidade, ou seja, parecia um certo desligamento da realidade.

*(Aparte inaudível do Deputado António Lima (BE))*

Mas é isso que eu vou falar, ou seja, mas houve aqui uma evolução que no CDS vemos com muito positiva.

E aquilo que o Senhor Vice-Presidente do Governo disse foi exatamente isto e nesta sala há muitos deputados que têm experiência em IPSS's e que obviamente conhecem aquilo que são as infraestruturas e que esta rede não é só as casas de abrigo, mas fazem parte as ERPI's também, ou seja, se for questões de idade, violência sobre idosos, ou seja, as casas de abrigo, os centros de alojamento temporário. Todas estas estruturas estão ao serviço também da violência doméstica ou das vítimas de violência e, por isso, a eu não ouvi o Senhor Vice-Presidente dizer que estava tudo feito, o que eu ouvi foi o Senhor Vice-Presidente dizer que estão sempre abertos a tentar colmatar aquilo que sejam necessidades identificadas pelas próprias entidades e IPSS's, sobretudo, com quem são estabelecidas estas parcerias.

E, por isso, do ponto de vista do CDS, nada a obstar também a este ponto resolutivo. Não porque esteja totalmente feito, mas porque é um esforço contínuo e o que eu vi foi a abertura também do Senhor Vice-Presidente, em que isto se intensifique e que efetivamente haja uma rede mais consistente e que permita que a resposta seja efetivamente transversal e adaptada às questões etárias, às questões de mobilidade e que possa ser uma resposta ajustada. E isso, da parte do CDS-PP, conta com o nosso apoio.

E o Senhor Vice-Presidente, parece-me que disse o mesmo, por isso é que eu não percebi a sua leitura do “está tudo feito”. Não foi isso que eu ouvi, o que eu ouvi, foi que há uma estrutura, há uma rede e que efetivamente há sempre um trabalho de melhoria contínua e que não é por aí que vamos gerar a discórdia.

Depois, relativamente ao segundo ponto: incluir na aplicação ligações às diversas linhas de apoio à vítima existentes na região, bem como à PSP e ao número de emergência, o 112. O que eu ouvi também na voz da do Senhor Vice-Presidente, é que efetivamente a região tem várias linhas, mas que na emergência e no pânico é importante que as vítimas saibam a que linha é que têm que recorrer e essa linha é efetivamente o 112. Essa é a linha.

Ou seja, e aqui a questão, não obstante, não quer dizer e também não foi isso que eu ouvi da boca do Senhor Vice-Presidente, dizer que não valia a pena. Simplesmente realçou alguns aspetos que são

pertinentes, mas que uma vez mais, também concordo com a Senhora Deputada Vera Pires, que se pode trabalhar e há grupos de trabalho que poderão levar a cabo qual é que é a solução dentro da legalidade do regime geral de proteção de dados. Eventualmente é algo que se pode se possa trabalhar e eu ouvi essa abertura da vice-presidência, obviamente alertando para o facto de, neste momento, o esforço dever ser, não tanto na amplificação dos recursos, mas em rentabilizar e otimizar e publicitar aquilo que são os recursos existentes. E isso é um aspeto importante e também da parte do CDS não tem nada a obstar relativamente a esta recomendação, obviamente, terá o seu seguimento natural e esperamos que seja uma possibilidade também porque não será de mais que, neste caso de no âmbito desta linha do Alert4You do PROCIV que possa existir esse encaminhamento e esse tratamento também destas questões da violência doméstica.

Mas, depois chegamos aqui ao ponto de resolutivo número 3. E aí, no seguimento daquilo que o Senhor Vice-Presidente disse, relativamente à linha de contra a violência doméstica que iniciou em 2020, é o registo de uma escassez de chamadas, ou seja, não é propriamente a linha que tem maior recurso. E a Senhora Deputada falou num aspeto, que a mim me parece importante e era isso que eu também pedi ao Bloco de Esquerda que pudesse

elaborar mais um bocadinho sobre, qual é que é a visão do Bloco de Esquerda quando faz esta proposta. Porque Senhora Deputada Vera Pires diz:

são 23 horas, são 11 da noite e liga-se para a linha de violência doméstica e diz “ligue amanhã” ou então “ligue ao 112”. Aqui a questão, e sendo pragmático, o que é que então o Bloco de Esquerda pretende? Um serviço de atendimento presencial de 24 horas? Gostava que depois pudesse elaborar e concretizar se é isso ou não é.

Porque, se for isso, há outra questão que temos que pôr na equação, que é, por um lado, já sabemos que o número de chamadas é muito escasso. Ou seja, temos que ter aqui em consideração e em conta qual é que é o eventual impacto financeiro que isso possa vir a ter.

**Deputado António Lima (BE):** Ter uma pessoa em prevenção na linha telefónica é um gasto muito grande!

**O Orador:** E não estou a dizer que é um gasto investir em recursos da luta contra a violência doméstica, mas os recursos efetivamente devem ser é bem canalizados e devemos garantir que estão a ir para onde são necessários. E tenho dúvidas, tenho muitas dúvidas que às 11 da noite, até olhando para as situações de violência ...

**Deputada Vera Pires (BE):** Não têm direito a ter apoio psicológico durante a noite?

**O Orador:** Não é questão de ser apoio psicológico às 11 da noite ou não. Aqui a questão é, normalmente, se pensarmos até no dia, alguém que está fora de casa, a violência doméstica poderá ocorrer normalmente ao fim do dia, poderá estar relacionada com situações de alcoolismo.

**Deputado Berto Messias (PS):** Sr. Deputado, esta questão não se pode colocar assim! É surreal!

**O Orador:** Ou seja, essas situações parecem que devem ser encaminhadas sempre para o ponto de vista da emergência, ou seja, o que deve ser resolvido

são as questões de emergência e o serviço é um serviço que as vítimas devem recorrer, com toda a naturalidade...

**Deputada Vera Pires (BE):** Estamos a falar de vítimas de violência!

O Orador: Sim, mas, o apoio psicológico às 11 da noite, se alguém estiver a ser vítima de violência, não me parece que o que precisa seja de apoio psicológico. O que precisa é de uma resposta imediata numa emergência, das forças de segurança. Isso é que necessita.

Mas, de qualquer das formas, eu gostaria de saber e que o Bloco de Esquerda pudesse concretizar nesse particular. Porquê? Porque para o CDS temos mais dúvidas relativamente a esse aspeto e custa-me que o Bloco de Esquerda, de certo modo, com alguma intransigência ao fazendo aqui um ponto de gala, esta amplificação para 24 horas, que suponho que seja presencial, que esteja a tentar polarizar aqui o sentido de voto dos partidos e obrigar quase o CDS a dizer: “nós concordamos com o pressuposto, concordamos plenamente com o pressuposto com que o Bloco de Esquerda traz este assunto à discussão, concordamos com os dois primeiros pontos resolutivos, temos sérias dúvidas se neste momento o que interessa e se é mais profícuo canalizar recursos financeiros, humanos para uma linha que, como Senhor Vice-Presidente, já tinha dito, tem um escasso número de procura, neste momento, e se não devemos é canalizar os recursos para onde eles possam ser efetivamente mais eficazes e resolver mais questões.

A Senhora Deputada Célia Pereira também falou num aspeto que me parece fundamental e muito pertinente, que tem a ver com o facto de tendencialmente e maioritariamente os agressores serem homens, é um facto, mas normalmente estamos a falar da violência física. Se falarmos na invisível, na violência psicológica, aí já é muito mais difícil quantificar e até por questões culturais, sabemos que os homens, tendencialmente, têm mais vergonha de admitir que estão a ser vítimas de violência e isso é uma questão cultural. E depois também falou, obviamente numa violência que é,

infelizmente, também cada vez se verifica mais, face aos idosos e que no fundo que atentam até contra a própria dignidade dos idosos.

**Vice-Presidente do Governo Regional** (*Artur Lima*): Mas isso ainda não é crime, mas devia ser!

**O Orador:** E, por isso, é que, nesse particular, peço novamente, reitero o esclarecimento que pedi ao Bloco de Esquerda. Mas relativamente à linha 24 horas, parece-me que é dispersar daquilo que é o foco que tem a ver com a resposta de emergência. Respostas mais concertadas, preparando uma resposta estrutural e não em contexto de pânico. Ou seja, esta resposta estrutural parece-me que, neste momento, faz sentido haver o horário diurno, trabalho, que é uma gestão eficiente dos recursos.

Obrigado.

**Deputado Pedro Pinto** (*CDS-PP*): Muito bem!

**Presidente:** Obrigado, Senhor Deputado.

Para participar no debate tem a palavra o senhor deputado Carlos Furtado.

(\*) **Deputado Carlos Furtado** (*IND*): Muito obrigado, Senhor Presidente.

Senhor Presidente, Senhoras e Senhores Deputados, Senhor Vice-Presidente, Senhoras e Senhores Membros do Governo:

Começava a minha intervenção por felicitar a intervenção da Senhora Deputada Célia Pereira, uma intervenção fina sobre o assunto, rigorosa, imparcial, apartidária sobre um assunto que, infelizmente, ainda marca as nossas sociedades.

Com efeito, a violência doméstica não é um caso de brancos e de pretos, há muitos cinzentos nos cenários de violência doméstica e a apreciação da Senhora Deputada foi, precisamente, deixar um alerta nessa situação.

Quanto à iniciativa do Bloco de Esquerda, informo que não vou acompanhar essa iniciativa, porque se o fizesse, estaria a reconhecer que não tem havido por parte dos decisores políticos, seja dos atuais, seja dos não atuais, sobre essa temática. Estaria a reconhecer ainda que toda a sociedade não tem feito o

seu melhor de forma individual e coletiva, no sentido de acautelar os interesses das vítimas de violência doméstica e a convicção que tenho e que a nossa sociedade tem evoluído neste sentido é que temos identificado, denunciado e feito tudo o que é materialmente possível e também do ponto de vista emocional, feito o que é possível no apoio essa essas vítimas.

Portanto, não ficaria confortável apontar o dedo a todas essas entidades que identifiquei, sejam políticas, sejam civis, sejam individuais, se no fundo votasse favoravelmente a iniciativa do Bloco de Esquerda.

Por último, e desculpem-me o desabafo, mas, sinceramente, - e sem estar querendo fazer aqui tiro ao alvo - mas contar com o partido CHEGA na situação da violência doméstica, seria ridículo. Porque um partido que na sua representação na Assembleia Parlamentar, em 12 deputados, só tem uma mulher. Um partido que estigmatiza parte da população com o RSI, um partido que queria um apoio ao nascimento para apenas algumas crianças, um partido que tem um espécie de gangs internos que persegue as minorias dentro do próprio partido, obviamente, que não há de ser um partido que proteja as vítimas de violência doméstica.

Muito obrigado.

**Deputado António Lima (BE):** Para si, o mundo gira à volta do Chega!

**Presidente:** Muito obrigado Senhor Deputado, tem a palavra a Senhora Deputada Valdomira Gouveia. Faça o favor, Senhora Deputada.

**Deputada Valdemira Gouveia (PS):** Excelentíssimo Senhor Presidente da Assembleia.

Senhoras e Senhores Deputados, Senhor Vice-Presidente, e demais Membros do Governo:

A violência doméstica continua a ser um fenómeno por erradicar nas sociedades modernas, com uma prevalência no nosso país, e particularmente na Região Autónoma dos Açores, que nos convoca a uma reflexão aprofundada.

Do progresso histórico e social tem resultado um acordo tácito sobre a ilegitimidade de um conjunto de comportamentos agora tipificados como crimes. Contudo, a elevada taxa de violência doméstica, e a constatação das vítimas preferenciais deste crime obriga-nos a pensá-la de forma integrada, não apenas na sua dimensão jurídica, mas também sociológica e psicológica. Qualquer explicação simples para qualquer problema complexo deverá ser lida com a devida cautela. Mas não há como ignorar o papel da desigualdade de género, e a interseção do sexismo com fatores socioeconómicos que colocam as mulheres numa situação de particular vulnerabilidade devido à organização social não reconhecer, tácita e explicitamente, a necessidade de acomodar o contexto laboral às especificidades, sejam elas biológicas e culturais, das mulheres.

Se há vulnerabilidade socioeconómica, historicamente sabemos que inflige primeiro as mulheres.

É também por essa razão que, ainda que os homens possam também ser vítimas de violência doméstica, as mulheres encontram-se, como os números o demonstram, em especial vulnerabilidade.

A tudo isto acresce, particularmente em alguns contextos da nossa Região, um conjunto de representações socioculturais sobre papéis de género, isto é, sobre o que está fatalmente destinado ao comportamento da mulher, e sobre o que é irrevogavelmente permitido ao comportamento do homem.

Daqui decorre um desequilíbrio interpessoal que produz uma hierarquia de género a partir da qual surge uma perceção de direito sobre os corpos e destino das mulheres.

A vergonha e a humilhação impedem que sejam rasgadas aprendizagens construídas por sucessivas gerações, empurrando as mulheres para um lugar de submissão e silenciamento.

A Associação Portuguesa de Apoio à Vítima- APAV, que presta apoio especializado ao nível psicológico, social e jurídico a todas as pessoas,

nacionais ou Estrangeiros, vítima de qualquer crime bem como a familiares e amigos, crimes contra pessoas, 72.5% representam crimes de violência doméstica.

Ainda mais preocupante, pela potencial vulnerabilidade e dependência de prestação de cuidados, é o dado de que 14% desses crimes foram perpetrados contra pessoas de mais de 60 anos. Ora, considerando que a proteção à terceira idade, particularmente a saúde física e mental, está consagrada no art.º 152º do nosso Código Penal, é crucial olharmos para esses números e implementar medidas de proteção desta população.

Está por compreender na totalidade o alcance do impacto da pandemia da covid 19, nomeadamente a sua contribuição para o aumento de casos de violência doméstica. Mas sabemos que aumentaram. Ora, pelo resultado direto do confinamento, e portanto, perda de liberdade de movimentos, ora pelos efeitos indiretos na saúde mental e na vulnerabilidade socioeconómica das pessoas, a quantidade e severidade dos casos de violência.

No âmbito do combate à violência doméstica, várias diligências foram encetadas pelo Partido Socialista, e que aqui realçamos:

- Apoio técnico prestado à distância, particularmente por telefone;
- Fortalecimento da campanha Regional de combate à violência doméstica, através de Televisão, rádios, jornais e redes sociais;
- Divulgação em diferentes plataformas da SMS criada pela comissão para a cidadania e a Igualdade de Género – CIG, a qual foi articulada com a Região Autónoma dos Açores.

**Vice-Presidente do Governo Regional** (*Artur Lima*): Continuum!

**A Oradora:** A Senhora Diretora Regional para a Promoção da Igualdade e Inclusão Social referiu há pouco tempo a importância do reforço das parcerias e da articulação entre as entidades públicas, com vista à proteção das vítimas de violência doméstica.

Mas, é imprescindível que estas medidas sejam implementadas de forma contínua, não havendo quaisquer interrupções ou adiamentos, sob pena de se agravar estes casos preocupantes que temos entre mãos.

Todas as medidas de apoio à vítima de violência doméstica serão poucas para o problema tão complexo que temos na mão.

Seguramente qualquer avanço nesta matéria é de saudar.

Disse!

**Vozes de alguns Deputados da bancada do PS:** Muito bem! Muito bem!

*(Aplausos dos Deputados das bancadas do PS)*

**Presidente:** Muito obrigado, Senhora Deputada.

Tem a palavra o Senhor Deputado Pedro Neves.

(\*) **Deputado Pedro Neves (PAN):** Obrigado, Senhor Presidente. Senhoras e Senhores Deputados, Senhores Membros do Governo:

Eu ouço as palavras do Grupo Parlamentar do PS e começo a chorar porque o PS acha que tudo deve ser feito, mas esqueceu-se quando era governo, não o fez.

**Deputada Andreia Cardoso (PS):** Como?

**O Orador:** E para responder, Senhora Deputada Andreia Cardoso já vai ouvir. Senhor Deputado, Carlos Furtado, você então tem que votar a favor, porque ao votar a favor está mesmo a dizer que os decisores políticos não fizeram nada, pelo menos relativamente a este projeto de resolução. Não o fizeram porque já foi apresentado nesta Casa, em maio de 2020, aprovado por unanimidade e não foi executado pelo Governo de então.

*(Aparte inaudível)*

**O Orador:** Maio de 2020! Faça contas, Senhora Deputada, faça contas!

Ainda por cima numa altura que estávamos em Covid, onde a violência aumentou e é mais grave ainda. Também o CDS também votou a favor, Senhor Deputado Rui Martins, o CDS votou a favor.

Não sei se está a ouvir, Senhor Deputado Rui Martins, eu vou repetir outra vez. O CDS votou a favor, também em linha de entendimento que era isso que o Bloco de Esquerda queria.

Na realidade e, obviamente, todos nós queremos combater a violência doméstica e temos que ter ações e temos que ter sensibilização. Aliás, esta conversa, como o senhor deputado disse e muito bem serve também para isso, para a sensibilidade da população.

Neste momento temos várias linhas, temos a linha de apoio que temos aberta 12 horas, das 8h30 às 20h30 da noite. Também temos várias associações, a APAV consegue ir até às 21h00. Temos um protocolo também com o PSP, pelo menos nas esquadras de São Miguel para que haja, neste caso de acolhimento e atendimento ou as casas de abrigo, sejam elas temporárias.

Mas há um problema que é, da parte da noite. Da parte da noite, não temos absolutamente nada, em termos de apoio, não de botão de pânico, que são 2 coisas diferentes, porque obviamente também concordamos com a aplicação e essa aplicação não seja só o botão de pânico para que o agressor vá ver o telemóvel da vítima e veja que tem esse botão de pânico e isto o Brasil já têm e é um sucesso, usa-se uma aplicação que nada têm a ver e mete-se esse botão de pânico. Não é de apoio, esse botão de pânico é mesmo porque é necessário para as autoridades chegarem o mais rapidamente possível.

Agora, a linha de apoio é diferente, porque há muitas vítimas que não querem logo a ação da PSP e sentem-se, obviamente, retraídas em falar com o PSP, querem mesmo o desabafo e o apoio e a partir daí, é que querem mesmo que haja uma queixa sobre o agressor, porque maior parte têm medo de fazer essa queixa.

**Vice-Presidente do Governo Regional** (*Artur Lima*): Mas não é á noite que fazem isso!

**O Orador:** Acho que ninguém sabe porque não a linha não está aberta, ninguém sabe!

**Vice-Presidente do Governo Regional** (*Artur Lima*): Está, está!

**O Orador:** Nós não sabemos e todos os especialistas dizem que estar aberto até à noite ajudará, sem dúvida, sobre as vítimas de violência doméstica. Nós não podemos saber, obviamente, porque não temos, não está aberto, não temos um psicólogo especialista para que a receba. Temos sim a PSP, a PSP está de plantão, obviamente, isso acontece, mas não temos aquela linha normal pela equipa de apoio à mulher em risco e também APAV que faz até às 2h00, que é a último hora que nós temos por cada dia, por isso é bastante importante.

Também a inclusão das casas de abrigo e também sobre os centros de recolha temporária, porque é necessário que haja essa inclusão, seja em termos de patologias, seja também em termos de idade ou pessoas com mobilidade reduzida. E isso seria bastante importante e há uns anos que nós estamos a precisar disso e sem dúvida que era uma grande mudança que podia ser feita.

**Vice-Presidente do Governo Regional** (*Artur Lima*): Isso está a ser feito!

**O Orador:** Que está a ser feito, então temos aqui.

Está a ser feito, mas em termos de inclusão?

Ok, então eu tenho uma informação que não está atualizada, apesar da minha informação, estar atualizada desde há 24 horas atrás. Ou então é uma informação que eu não tenho conhecimento, mas obviamente o PAN vai votar favoravelmente e temos aqui o Senhor Vice-Presidente, que também está a anuir, ...

**Vice-Presidente do Governo Regional** (*Artur Lima*): Eu não estou a anuir!

**O Orador:** ...relativamente aos 3 pontos que foram apresentados e que diz pelo menos, as casas de abrigo que já estão a ser preparadas, em termos de inclusão.

Não sabia, Senhor Vice-Presidente, obviamente são boas notícias.

Obrigado.

**Vice-Presidente do Governo Regional (Artur Lima):** Não é só as Casas de Abrigo! Sempre foram! Não faz sentido estarmos aqui com redundâncias!

**Presidente:** Muito obrigado, Senhor Deputado.

Tem agora a palavra o Senhor Deputado Paulo Estevão, faça o favor.

(\*) **Deputado Paulo Estêvão (PPM):** Senhor Presidente, Senhores Deputados, Senhor Vice-Presidente e Membros do Governo:

Esta questão, este cancro que afeta a nossa sociedade não é uma questão ideológica.

As pessoas de esquerda ou de direita é um problema que não tem fronteiras ideológicas nem partidárias. Temos nestas questões agressores de todos os quadrantes ideológicos.

Temos agressores de todas as classes sociais. De ricos, não são só os pobres que são vítimas de violência doméstica que têm também este cancro e que sofrem deste tipo de violência. Também são os ricos, também é a classe média, não conhece classes.

É evidente que a maior parte, o grande número de pessoas agredidas são de sexo feminino. É evidente que as pessoas que têm menor capacidade económica estão mais expostas.

Por isso, é evidente, que qualquer tentativa de dividir o mundo entre bons e maus nesta matéria, significa um mau serviço à nossa sociedade, significa um mau serviço do ponto de vista daquela que tem que ser a nossa unidade no combate a este flagelo.

**Deputado João Vasco Costa (PS):** Uns fazem parte dos bons, outros fazem parte dos maus!

**O Orador:** Tentar criar aqui divisões artificiais nesta matéria, criar aqui os bons e os maus é sempre um discurso muito negativo. Não ajuda nada. O que é necessário aqui é uma confluência de atitude, atitude determinada em encontrar, melhorar os mecanismos de combate a este flagelo, a começar pela sensibilização da população, a começar nas nossas escolas, a começar num conjunto de entidades que têm uma forte participação social, em que é necessário sensibilizar e dizer que isto não é aceitável e que não há desculpas para este género de atitudes. Eu devo dizer-vos o seguinte, eu considero que nesta matéria as entidades, governos regionais, têm feito o combate a este flagelo.

Estamos a fazer o suficiente? Eu penso que é necessário continuar a melhorar.

Foi feito anteriormente? Foi.

Está a ser feito? Está e é necessário melhorar os mecanismos.

Mas quero dizer-vos o seguinte, aqui, como em todos os assuntos da governação, o que é necessário é que os mecanismos que são implementados sejam mecanismos realmente eficazes.

E quando eu ouço dizer o Senhor Vice-Presidente que comunica o facto de esta linha ter em 2020 apenas dez chamadas e em 2021, oito chamadas, no ano todo. Significa que o conjunto de recursos que nós estamos a colocar neste mecanismo e que por isso, estando aqui não estão noutros locais, significa que não está a ser eficaz.

Durante um ano, oito chamadas?! Oito chamadas, não está a ser eficaz!

Portanto, aqui a questão é melhorar a eficácia da prestação deste serviço.

O que eu quero dizer também é o seguinte, como em todos os mecanismos que são criados, e a Senhora deputada Célia Pereira fez essa referência e muito bem, concordo, é de senso comum, é que não temos que complicar o conjunto de respostas, de forma que as pessoas não percebam quais são os conjuntos de respostas mais eficazes. Temos que ser céleres, temos que

sinalizar, tem que ser simples, tem que ser eficaz. E de facto, criar um conjunto de respostas diversificadas que não tenha essa simplicidade, que não tenha essa sensibilidade direta do ponto de vista da vítima que precisa de acionar esses mecanismos, também não estamos a prestar uma grande ajuda.

E, por outro lado, também aqui foi referenciado pelo Governo que, em relação à concertação em relação à melhoria das respostas que estão a ser dadas, que há um grande trabalho que está a ser feito nesta matéria entre o governo regional e as diversas entidades envolvidas.

E, finalmente, há a questão da confidencialidade, que não é uma questão de somenos, é uma questão importantíssima.

Neste caso, nesta situação e muitas outras que poderia aqui tipificar, a questão da manutenção da confidencialidade é fundamental e isso também não está assegurado. E é por isso, que eu considero que, sendo o objetivo, um objetivo meritório, com que eu concorde, os mecanismos, que estão aqui a ser propostos ou já estão a ser feitos, ou a sua aplicação é uma aplicação que precisa de ser questionada, na medida em que a eficácia não é real. Não me digam que disponibilizar técnicos e disponibilizar para que as pessoas possam realmente fazer a fazer estas chamadas e receber oito chamadas, num ano inteiro, não é eficaz.

Portanto, temos que encontrar mecanismos mais eficazes e dispor dos nossos meios e recursos que são limitados agora, como foram anteriormente, de forma a conseguir ter maior eficácia, aproveitar melhor os escassos recursos que a região tem, mas que têm que ser utilizados na sua plenitude.

E, por isso, eu não posso acompanhar a vossa iniciativa. Não vamos votar a favor porque, concordando com aquele que se pretende atingir, que é o combate mais eficaz a violência doméstica, não considero que seja a estratégia mais adequada e mais eficaz.

**Deputado Rui Martins (CDS-PP):** Muito bem!

*(Aplausos dos Deputados das bancadas do PSD, CDS-PP, PPM e dos Membros do Governo)*

**Presidente:** Muito obrigado Senhor Deputado.

Tem agora a palavra o Senhor Deputado Luís Soares, faça favor.

**(\*) Deputado Luís Soares (PSD):** Obrigado, Senhor Presidente.

Senhor Presidente, Senhoras e Senhores Deputados, Senhor Vice-Presidente, Senhoras e Senhores Membros do Governo:

Em primeiro lugar, começar aqui por louvar o Bloco de Esquerda por trazer à discussão um tema sempre muito pertinente como é a violência doméstica.

Os Açores são a região do país com maior número de participação às forças de segurança do crime de violência doméstica, conforme atestam os relatórios anuais de segurança interna.

Os Açores apresentam uma prevalência de 57% de vitimação, o que quer dizer que nos Açores, uma em cada duas mulheres são vítimas de violência doméstica ao longo da vida.

Segundo os dados apresentados este ano à margem do Oitavo Encontro Regional de Redes e Polos de Prevenção e Combate à violência doméstica promovido pelo Governo Regional dos Açores.

A problemática mais sinalizada pelas CPCJ's dos Açores, em 2021, foi a exposição a comportamentos que afetam gravemente a segurança e o equilíbrio emocional das crianças e jovens, da qual se destaca a violência doméstica, como se verificou no encontro regional de comissões de proteção de crianças e jovens dos Açores, que aconteceu no mês passado, promovido pelo Governo dos Açores.

Assim, mais uma vez louvar a iniciativa do Bloco de Esquerda. No entanto, importa aqui olhar o conteúdo deste projeto de resolução. Este projeto de resolução pretendia, numa versão inicial, recomendar ao governo regional que desenvolvesse projetos para a construção ou aquisição de casas abrigo

para pessoas com mais de 65 anos de idade, vítimas de violência doméstica ...

**Deputado António Lima (BE):** Sr. Deputada, trata-se um de projeto de resolução. Faça uma substituição integral!

**Deputado Pedro Pinto (CDS-PP):** Os senhores trazem uma coisa e depois querem a gente vote outra!

**Deputado António Lima (BE):** Sr. Deputado, tenha vergonha!

**O Orador:** Fase inicial, continua a ser um projeto resolução, o que houve foi uma substituição integral, não foi outro projeto de resolução. Portanto, eu posso falar do que está atrás.

Doméstica ou que se encontram em situação de habitação imediata para estes filhos de vítimas.

Recorrendo ao arrendamento temporário, o trabalho em Comissão de Assuntos Sociais foi claro que esta iniciativa não respondia às necessidades de quem trabalha com esta problemática, podendo até causar desorganização e desarticulação entre os recursos, gerar confusão com os que já existem e que dão resposta a todas as vítimas de violência doméstica, independentemente da sua idade ou nacionalidade, etnia, de situação ou dependência ou incapacidade ou expressão, orientação sexual.

Foi este o entendimento de várias entidades ouvidas sobre esta matéria, inclusive a APAV referiu ser desvantajoso a criação de uma casa abrigo apenas para pessoas com mais de 65, ...

**Deputada Vera Pires (BE):** Não é isso que está em causa!

**O Orador:** sendo estigmatizante para este público-alvo e que referiu que a aplicação proposta apresenta vários constrangimentos com os quais as vítimas não conseguem lidar em momentos de tensão.

Estou quase como o Senhor Deputado José Pacheco, já ouço vozes vindo dali dos Paços Perdidos.

Não satisfeito, o Bloco de Esquerda fez uma substituição integral do diploma.

Pretendendo com esta nova versão, recomendar ao governo regional que proceda a obras de adaptação das estruturas físicas das casas de abrigo existentes, para que inclua ligações às diversas linhas de apoio à vítima, à PSP e ao número europeu de emergência e ainda que permita a denúncia por mensagem escrita na aplicação dos serviços de proteção civil e bombeiros dos Açores, e para que amplie o horário de funcionamento da linha contra a violência doméstica, para assegurar o atendimento 24 horas por dia. Mais uma vez, as entidades com intervenção na matéria colocaram reservas a estes pontos resolutivos.

Assim, uma vez mais louvar a iniciativa e a pertinência da discussão sobre esta matéria, mas importa que as iniciativas legislativas aqui aprovadas sejam consequentes e não criem entropias na intervenção.

Este projeto de resolução não é uma necessidade para quem intervém com vítimas de violência doméstica, nomeadamente os técnicos de apoio à vítima e as forças de segurança e os próprios tribunais.

Todavia, em boa hora se aborda a intervenção junto da vítima de violência doméstica, quando o governo regional se prepara para avançar com o quarto instrumento de políticas públicas sobre esta matéria.

Queremos ajudar quem intervém e quem precisa de intervenção e não criar artifícios que apenas servirão para dificultar os apoios às vítimas de violência doméstica.

Diz o senhor deputado que quando liga para a linha, depois das 11 horas, manda ligar para o 112.

Uma linha que durante 2 anos recebeu 18 chamadas. Teve a preocupação de perceber quantas denúncias de violência doméstica foram feitas para a linha 112. É porque a linha 112 é que é intuitiva a linha 112 e que é a linha de emergência. É esta linha que as pessoas têm que estar formatadas...

**Deputada Vera Pires (BE)** Mas não estamos só a falar de emergência, Sr. Deputado!

**O Orador:** ...esta linha que as pessoas tem que estar formatadas para ligar. Não existe a linha para o infarto do miocárdio, a linha para o incêndio na habitação, existe uma linha de emergência e nessa linha de emergência, as situações são encaminhadas para onde tem que ser encaminhadas e são atendidas pelo operador.

A aplicação, contradiz-se aqui um bocadinho nesta matéria, quando diz que as pessoas mais idosas são as mais vulneráveis, são as que são alvos mais fáceis e que tem o maior número de crimes nestas faixas etárias, uma aplicação não vem resolver o problema destas pessoas. Estas pessoas, até por razões que se conhecem, são infoexcluídas, digamos assim, não tem acesso, não conseguem manusear meios, e em situações de stress e de tensão, enviar uma mensagem, não é, sem dúvida nenhuma...

As vítimas de violência doméstica, assim como qualquer outra vítima, tem muito mais à vontade na denúncia quando a faz presencialmente, quando fala com alguém, como disse o Senhor Deputado Pedro Neves, o órgão de polícia criminal não tem que ser o OPC, pode ser um técnico da ação social. O que é certo é que as pessoas tem mais à vontade quando tem oportunidade de denunciar

presencialmente e não através de plataformas ou dos números. Os números são em último recurso. Portanto, as pessoas nesta situação tem à vontade quando se quando estão perante o órgão de polícia criminal.

Nós estamos a trabalhar sempre aqui no fim do problema. Nós precisamos de alocar meios, não é ao fim do problema, no fim do problema, quando já há vítima, houve a consumação do ato e nós temos resposta para essas situações. Não há uma entidade, ouvida em Comissão, que dissesse não, nós temos uma dificuldade em arranjar espaço, não sabemos onde é que havemos de colocar as vítimas. Não, temos espaço.

**Deputada Andreia Cardoso (PS):** E ainda bem!

**O Orador:** Não é produto da ação deste governo, são dos governos que se preocuparam com essa matéria e que criaram estas valências e criaram estes passos. Portanto, há capacidade instalada para as vítimas.

**Deputada Andreia Cardoso (PS):** Há, sim senhor!

**O Orador:** Também não nos deparamos com vítimas que, por dificuldade de mobilidade, não tenham lugar onde ser instaladas. Mais, quando nós decidimos que estamos a trabalhar no fim e que temos que trabalhar no início do problema, realmente na sensibilização, nas campanhas de sensibilização, em tudo isso.

E mais ainda, tenho que dizer que as alterações legislativas que foram acontecendo e a moldura penal associada a esta tipologia criminal leva a que, cada vez mais, as forças de segurança façam detenções em flagrante delito ou fora de flagrante delito, pela prática desse ilícito criminal. E aqui sim, não é a vítima duplamente penalizada ou duplamente vitimizada, não é a vítima quando o agressor é submetido a primeiro interrogatório judicial, normalmente é-lhe aplicada uma medida de coação, entre outras, podem ser mais gravosas, a de afastamento da vítima, é o agressor que tem que sair, não é a vítima. A vítima fica no seu espaço, no seu conforto.

**Deputada Andreia Cardoso (PS):** Isso é muito lindo, Sr. Deputado, mas não é a realidade!

**O Orador:** A vítima não tem que sair e ser abrigada numa casa. Essas situações têm que ser cada vez menos recorrentes. Temos que trabalhar, temos que trabalhar ao contrário, temos que trabalhar no agressor.

Eu percebo que há pessoas que não saiam do casulo e não percebiam o que está a acontecer, mas atualmente o que está a acontecer cada vez mais é esta situação.

Obrigado, Senhor Presidente.

**Vozes de alguns Deputados da bancada do PSD:** Muito bem! Muito bem!

*(Aplausos dos Deputados das bancadas do PSD, CDS-PP, PPM e dos Membros do Governo)*

**Presidente:** Muito obrigado, Senhor Deputado.

Tem a palavra a Senhora Deputada Valdomira Gouveia.

(\*) **Deputada Valdemira Gouveia (PS):** Senhor Presidente da Assembleia, Senhoras e Senhores Deputados, Senhor Vice-Presidente e demais Senhores Membros do Governo:

Eu gostaria de responder aqui ao Senhor Deputado Pedro Neves, quando diz, não sei bem o que é que ele se está a referir, mas eu gostaria de deixar aqui dito que, qualquer minha intervenção em relação a estes temas - certamente o Senhor Pedro Neves já deu conta disto – é com base sempre na minha experiência profissional de 40 anos nos tribunais e aquilo que faço, quase no meu dia a dia, nas ruas do concelho da Ribeira Grande.

E, portanto, eu termino o meu texto e a minha intervenção dizendo que qualquer avanço que seja feito neste sentido do apoio à vítima é sempre de salutar.

**Deputado Vasco Cordeiro (PS):** Muito bem!

**A Oradora:** Julgo que, mais do que isso, não queria dizer. Aliás, nós todos sabemos que o governo regional está preocupado com esta situação, que está a fazer as suas diligências, não é mais do que isso aquilo que eu quero transmitir, é nós todos aqui refletirmos sobre uma temática que nos diz respeito a todos, não é os ricos, nem os pobres, é a todos nós. E nós todos temos consciência que isto está mal. Porquê? Pois, deixamos isso para a ciência. Uns dizem que tem a ver com a organização social, outros dizem que é isto, outros dizem que é aquilo. E a nossa experiência do dia a dia, que foi a minha e que foi muita, 40 anos, diz-me para refletirmos e é isso que eu quero deixar aqui.

Não é mais do que isso, é tão somente isto, refletirmos sobre outro.

**Vozes de alguns Deputados da bancada do PS:** Muito bem! Muito bem!

*(Aplausos dos Deputados das bancadas do PS)*

**Presidente:** Muito obrigado, Senhora Deputada.

Tem a palavra o Senhor Vice-Presidente do Governo, faça favor.

**(\*) Vice-Presidente do Governo Regional (Artur Lima):** Senhor Presidente, Senhoras e Senhores Deputados, Senhoras e Senhores Membros do Governo: Esta discussão acesa tem o mérito, mais uma vez, de chamar a atenção a quem nos está a ouvir para esta problemática que é preocupante, Senhora Deputada Valdomira, a Senhora tem experiência de uma vida a sobre estas situações e continua a ter atualmente. Temos conversado algumas vezes e há aqui um ponto que eu julgo que foi a Senhora Deputada Célia Pereira, que falou, que a violência doméstica começa muito cedo e já se fala até na violência no namoro e, portanto, é fundamental que a prevenção comece, desde muito cedo, nas escolas, na educação. Fazer este tipo de pedagogia nunca é demais. Concordo absolutamente consigo. Como concordo com a Senhora Deputada Valdemira Pereira.

E, efetivamente, até hoje, só há um pedido de uma instituição para obras de acesso a deficientes. Um! Todos foram acautelados por governo anterior e por este. Não há mais nenhum. Não existe.

Mas há aqui uma coisa que também é interessante, é que não podemos ir do 8 ou 80, devemos também ser ponderados naquilo que fazemos. E, por exemplo, o ponto 3, eu mantenho sérias reservas sobre o ponto 3, porque quando há consumo excessivo de meios, se falta nos pés, vai faltar para a cabeça o lençol e, Senhora Deputada, os recursos não são finitos. Para tudo!

**Deputada Vera Pires (BE):** São finitos!

**O Orador:** Nas IPSS's, nas ERPI's, dão resposta às situações de emergência. Agora uma coisa é certa, quando uma vítima está a ser vítima de violência

doméstica e a ser violentamente atacada fisicamente, não é o vizinho que lhe vai acudir. Só a PSP pode deter o agressor, mais ninguém, o que a vítima quer ao pé de si é um polícia que prenda o agressor ...

**Deputada Vera Pires (BE):** Nem sempre é verdade!

**Deputado António Lima (BE):** Nem sempre é assim!

**O Orador:** ... e isso é que interessa, porque não é o vizinho.

Isso é que interessa senhor, para proteger a vítima na altura, na hora. As outras proteções elas existem (já existem há muito tempo) e, como dizia a Deputada Valmira Pereira, continuaremos a aperfeiçoar, a melhorar sempre essa proteção. É esse o nosso dever, do governo, da sociedade civil, das IPSS's, do vizinho, de quem quer que seja, das autoridades.

Agora, quando se vai ao 80, a coisa também não é boa e este ponto 3 ... eu fui totalmente, disse-lhes ontem, ao Grupo Parlamentar do Bloco de Esquerda, que tinhas sérias reservas relativamente ao ponto 3. Eu disse-vos isso com toda a lealdade?

Nós vamos avaliar esta linha, vamos fazer a sua avaliação se ela é útil ou não. Eu não lhe posso dizer que vou ampliar, o que eu lhe digo é que vou avaliar, aqui está a ampliar a resposta e, com toda a lealdade, também lhe digo, que os senhores Deputados votarão como entenderem e farão a votação que quiserem. Agora, também lhe devo dizer que o Governo fará a avaliação desta linha e pode até ser para não ampliar, pode até ser para reduzir, pode até ser para arranjar outra resposta...

**Deputada Vera Pires (BE):** Pode ser para desaparecer!

**O Orador:** ... portanto, era avaliar esta linha, não é ampliar uma coisa que teve oito chamadas, em 2021, Senhora Deputada.

Portanto, Senhora Deputada, é isto que tenho para lhe dizer.

Quanto ao resto, é claro que vamos fazer a verba no orçamento, vamos fazer o quarto plano regional em evolução.

E em progresso da do combate a prevenção e combate à violência doméstica, vamos fazer, talvez ainda este ano, vamos começar a elaborar o primeiro plano de prevenção e combate da igualdade de

Género, o primeiro plano de igualdade de género. Vamos fazer este ano, separar e, portanto, estamos em progresso sempre a evoluir nessa situação.

Nunca desfazendo o que estava feito e bem feito, mas tentando aperfeiçoar e melhorar. É isto que este Governo está a fazer e, sobretudo, em matérias tão sensíveis quanto são estas e outras. Estamos todos, nessa matéria, Senhora Deputada, de acordo.

Agora nos excessos, podemos não estar de acordo e eu fiz-lhe esse alerta com toda a frontalidade e com toda a lealdade. Este ponto 3, o Governo vai avaliar e pode não o cumprir. Para depois não me virem dizer, quando isto for aprovado, o senhor não cumpriu, não vamos avaliar.

**Deputado António Lima (BE):** Já está a dizer!

**O Orador:** Não, eu sou muito frontal e muito leal nessa matéria. Acho que é assim um tratamento de lealdade para com o Parlamento que o Governo deve ter.

Este ponto nós discordamos perfeitamente dele. Até agora, a avaliação que fazemos.

Vamos reavaliar, vamos melhorar a resposta.

E o ponto dois, a confidencialidade é muito importante, Senhora Deputada, e eu julgo que a Senhora Deputada também considera que a confidencialidade é muito importante e proteger a vítima.

Quanto à assistência noturna, se a vítima de violência doméstica está em casa e está com o agressor em casa e, naturalmente, e as pessoas estão mais juntas à noite, não vai fazer a denúncia com o agressor ao seu lado, ela vai fazer a denúncia quando o agressor não está em casa, quando ela não está ao pé do agressor.

E, portanto, não faz nenhum sentido essa alargamento sem primeiro avaliar todas as condições. Em que condições é que são feitas, o apoio psicológico, felizmente, é dado e bem dado e, como dizia a Senhora Deputada Valdomira, estamos conscientes, unidos e focados na melhor proteção às vítimas. É preciso não esquecer que a violência psicológica é tão ou mais grave que a violência física, às vezes.

**Deputado Pedro Neves (PAN):** O que o Bloco de Esquerda quer é prolongar a linha para além das 20 horas!

**O Orador:** Às vezes esta é extemporânea, mas...

E é preciso não esquecer, e é preciso não esquecer.

*(Aparte inaudível do Deputado Pedro Neves (PAN))*

Dá-me licença?

**Deputado Pedro Neves (PAN):** Você está a dar argumentos à iniciativa do Bloco de Esquerda!

**O Orador:** O senhor Deputado dá-me licença? Muito obrigado

E é e, portanto, e é preciso não esquecer, falando da igualdade de género, que se é difícil, e na nossa sociedade - concordará comigo, a Senhora Deputada -, que se é difícil uma mulher denunciar que está a ser vítima de violência doméstica, muito mais difícil é para um homem denunciar que está a ser vítima de violência doméstica.

Pronto, então concordamos, Senhora Deputada, isso existe.

**Deputada Vera Pires (BE):** Concordo!

**O Orador:** Agora, se entenderem que isto é para aprovar, aprova-se. O Governo está aqui para diligenciar, no sentido, de dar seguimento às melhores sugestões deste Parlamento, avaliando se as pode concretizar ou não.

Agora o primeiro ponto e o segundo ponto já são feitos há muito tempo, Senhora Deputada, não é de agora.

O segundo ponto é a confidencialidade, não se pode dizer assim, meta-se um botãozinho e carregue-se, isso não faz nenhum sentido. Avaliar a possibilidade de, no segundo ponto. Avaliar a possibilidade de, no terceiro ponto, é que fazia sentido.

Se o Parlamento entende o contrário com essas reservas todas que o governo tem no ponto dois e no ponto três, porque o ponto um está integralmente cumprido. Do ponto dois e do ponto três, temos sérias reservas sobre isso.

Fica o Parlamento a votar como entender.

Muito obrigado.

**Deputado Rui Martins (CDS-PP):** Muito bem!

*(Aplausos dos Deputados das bancadas do PSD, CDS-PP, PPM e dos Membros do Governo)*

**Presidente:** Obrigado, Senhor Vice-Presidente.

Tem agora a palavra a Senhora Deputada Célia Pereira.

(\*) **Deputada Célia Pereira (PS):** Muito obrigada, Senhor Presidente, Senhoras e Senhores Deputados, Senhor Vice-Presidente, Senhoras e Senhores Membros do Governo:

Eu entro novamente no debate para deixar aqui três notas. Uma delas em resposta ao Senhor Deputado Pedro Neves. Efetivamente nós gostamos de música e de demais expressões artísticas, mas não vimos aqui dar música, nomeadamente numa questão tão séria como esta.

**Vozes de alguns Deputados da bancada do PS:** Muito bem! Muito bem!

*(Aplausos dos Deputados das bancadas do PS)*

Depois, dizer aqui que nós estamos a tratar, sobretudo ao nível das respostas sociais, porque são essas sobre as quais o governo e os seus organismos e as suas instituições parceiras têm competência.

Há uma outra dimensão que é determinante neste processo da violência doméstica e que passa pelas forças de segurança pública, como aqui já foi referido.

E essas têm como função assegurar a proteção e segurança das vítimas e para isso têm que ter meios e instrumentos que lhes permitam agir imediata e oportunamente, quando há situações de risco, nomeadamente, de risco de vida para as vítimas de violência.

E, por isso, as forças de segurança pública e as entidades ligadas à justiça tem investido na formação e tem, inclusive, gabinetes especializados para quando há vítimas de violência doméstica, com profissionais, com agentes da segurança devidamente habilitados e capacitados, apoiarem a vítima e a encaminharem depois também para as respostas sociais. Porque as respostas sociais, aquilo que é a sua missão, é apoiar a vítima e acompanhá-la, ajudando-a a restabelecer o equilíbrio psicológico, emocional e, se for caso disso, apoiá-la no seu processo de autonomização quando elas são obrigadas a sair de casa e a abandonar toda a sua vida porque está em risco a sua vida e a vida, muitas vezes também, dos seus filhos.

Efetivamente, são estas dimensões deste fenómeno que convém termos sempre presente, nomeadamente, quando falamos daquilo que aqui nos traz, que são respostas sociais.

E é também com satisfação que vejo o Senhor Vice-Presidente do Governo Regional disponível para equacionar a possibilidade de integrar aquilo que são as propostas de resolução nas iniciativas que o seu executivo pretende desenvolver no futuro. E tem uma boa oportunidade aqui, que é o quarto plano ...

**Deputada Andreia Cardoso (PS):** Muito bem!

**A Oradora:** ...de proteção e combate à violência doméstica, que está a ser equacionado e nomeadamente no âmbito da estratégia regional que também está a ser trabalhada.

Esta é efetivamente uma realidade que nos preocupa a todos, que no que nos tem que unir a todos, independentemente da cor político-partidária, porque uma vida não tem preço e é disso que nós estamos aqui a tratar, de vidas de homens e de mulheres, de crianças e de jovens, independentemente da idade e da sua origem social.

Muito obrigada.

**Vozes de alguns Deputados da bancada do PS:** Muito bem! Muito bem!

*(Aplausos dos Deputados das bancadas do PS)*

**Presidente:** Muito obrigado, Senhora Deputada.

Tem a palavra o Senhor Deputado Nuno Barata.

(\*) **Deputado Nuno Barata (IL):** Senhora Presidente, Senhores Deputados, Senhores, Membros do Governo.

Como disse o Senhor Deputado Paulo Estêvão, e bem, este é um assunto que é transversal à sociedade açoriana, que não é um assunto novo e é um assunto do qual tomamos devida nota e mais conhecimento nos últimos anos e, precisamente, pelo facto de na sociedade açoriana ter existido uma evolução civilizacional que desinibiu - se é que posso usar essa expressão - as vítimas de procederem às queixas.

E, tal como disse o Senhor Vice-Presidente ainda há pouco, de facto nos casos de violência psicológica, muitas vezes, e nos casos até de agressão física aos homens, essa denúncia ainda culturalmente, se torna mais difícil de ser feita.

Mais uma razão para o Senhor Vice-Presidente estar de acordo com o projeto de resolução do Bloco de Esquerda.

Quanto mais dificuldade as pessoas têm já do ponto de vista social e da sua autoestima para fazer denúncias, mais o Estado tem que proporcionar, facilitar que essas denúncias sejam feitas.

Este é um assunto em que deveríamos provavelmente estar todos aqui de acordo, todos a consensualizar.

Não foi possível, ou pelo menos até agora não foi possível. Eu julguei que o Senhor Vice-Presidente, mostrando a disponibilidade para tentar executar o ponto resolutivo número três desse projeto de resolução do Bloco de Esquerda, iria dar indicações à sua bancada para inverter o sentido de voto, mas não o fez.

**Vice-Presidente do Governo Regional** (*Artur Lima*): O senhor sabe muito!

**O Orador:** Preferiu deixar avisos à Câmara: “decidam lá como quiserem e nós faremos como quisermos.”

**Vice-Presidente do Governo Regional** (*Artur Lima*): Não foi isso que eu disse!

**O Orador:** É uma atitude.

Mas, há aqui, ao longo deste debate, uma questão que me chamou a atenção e que nem sequer nem sequer é uma questão que me seja muito cara, como foi visto ontem no debate sobre a questão dos bombeiros, mas eu tenho tido essa posição deste princípio. Agora, o que já me parece um bocado hipócrita – perdoem-me esta expressão – é ontem terem sido usados todos os pareceres das associações de bombeiros para se chumbar dois projetos que estavam em cima da mesa, porque os pareceres eram todos negativos. Neste caso, que os pareceres são todos positivos, principalmente depois da substituição integral do Bloco de Esquerda, que veio ao encontro dos pareceres, já os pareceres não servem para nada, só para meter na gaveta.

Eu não valorizo os pareceres, atenção! Tenho dito sempre isso, o que eu acho é que quem valoriza os pareceres uma vez, tem que valorizá-los sempre. Não pode uma vez valorizar porque dá jeito e

depois desvaloriza, porque não dá jeito.

**Deputado Rui Martins (CDS-PP):** Os pareceres não são vinculativos!

**O Orador:** Os pareceres são aqueles que estão na pasta, Senhor Deputado Rui Martins. Obviamente, não são vinculativos, obviamente, não são vinculativos, mas isso é o que eu ando a dizer desde o princípio. Agora, ontem, os senhores usaram como principal argumento para votar contra dois projetos, um de resolução e outro decreto legislativo regional, o facto de os pareceres serem todos negativos.

*(Aparte inaudível)*

**O Orador:** Os senhores para quem é que eu estou a falar!

**Deputado Pedro Pinto (CDS-PP):** Então diga lá!

**O Orador:** Ah, então estavam distraídos ontem todo o dia! Oh, que pena! Oh que pena!

Obviamente que este é um daqueles assuntos que devíamos estar todos a reunir consensos. Eu acredito que o fenómeno é um fenómeno decrescente.

**Deputado Pedro Neves (PAN):** Decrescente? Como é que vocês percebem isso?

**O Orador:** Decrescente! Aumentou o número de denúncias, que é uma coisa boa e bem diferente de se dizer que o fenómeno está a crescer. Eu não quero acreditar que dão de passos civilizacionais, como estamos dado, dão de passos de acesso à informação, como a humanidade tem dado nos últimos anos, que nos Açores esse fenómeno tivesse crescido da forma que cresceu. O fenómeno cresceu porque se tornou mais visível. Eu espero ter razão!

Outra coisa é não se criar condições para que o fenómeno continue a ser denunciado. Isto é que eu acho que é importante se fazer neste momento e usar como argumento que uma linha telefónica teve apenas oito chamadas num ano, não quer dizer que essa linha telefónica não deva existir. Quer dizer, precisamente, que é preciso repensar ...

**Vice-Presidente do Governo Regional (Artur Lima):** Isso é diferente!

**O Orador:** ... a forma como essa linha telefónica esteve a funcionar até agora e é isso que está precisamente no ponto três do projeto de resolução do Bloco de Esquerda.

**Vice-Presidente do Governo Regional (Artur Lima):** Não é não! É ampliar! Leia!

**Deputado Pedro Pinto (CDS-PP):** Leia bem!

Amplia o horário! O senhor que gosta tanto de ser rigoroso!

**O Orador:** Obviamente que ampliar o horário é alterar o modo de fazer.

**Deputado Paulo Estêvão (PPM):** Não é não!

**Vice-Presidente do Governo Regional (Artur Lima):** Dê lá a cambalhota que quiser dar!

**O Orador:** Eu não dei cambalhota nenhuma, o senhor é que está dando cambalhotas! Senhor Vice-Presidente, Senhor Vice-Presidente do Governo, eu estava aqui a tentar não falar de cambalhotas, mas o que *não bate a bota com a perdigota* é a sua posição agora. Isto é que é uma cambalhota, porque o senhor nas legislaturas anteriores, naquela bancada, o que é que se fazia, sobre esse assunto, sobre essa mesma matéria? Qual era a sua posição?

**Deputado Paulo Estêvão (PPM):** Qual era sua 8 chamadas por ano, pelo amor de Deus!

**O Orador:** Qual era a sua posição, Senhor Vice-Presidente? O Senhor não me venha falar de cambalhotas, nessa matéria, porque cambalhotas nessa matéria, está a dar o CDS. Quem está a dar cambalhotas nesta matéria é o seu partido!

**Deputado Rui Martins (CDS-PP):** Não, não!

**O Orador:** É, sim senhor! Já devia ter dado a cambalhota era quando nós começamos a discutir esse projeto de resolução, se calhar devia ter alterado o seu sentido de voto.

**Vice-Presidente do Governo Regional (Artur Lima):** Mas qual é o seu sentido de voto?

**O Orador:** Ou depois da conversa que teve ontem com o Senhor Deputado António Lima ter alterado o seu sentido de voto. Aliás, a Senhora Deputada Vera Pires também o exortou a alterar o seu sentido de voto. Senhor Vice-Presidente do Governo, a cambalhota deu o CDS, entre a posição que tinha quando estava na oposição e a posição que tem quando está na situação.

**Deputado Pedro Pinto (CDS-PP):** Já vamos explicar isso!

**Deputado Nuno Barata (CDS-PP):** É difícil, mas pode tentar!

**Vice-Presidente do Governo Regional (Artur Lima):** Não é nada difícil!

**Presidente:** Muito obrigado, Senhor Deputado.

Tem a palavra o Senhor Deputado Pedro Neves, faça favor, Senhor Deputado.

(\*) **Deputado Pedro Neves (PAN):** Obrigado, Senhor Presidente. Senhoras e Senhores Deputados, Senhores Membros do Governo:

Aquilo que eu disse, relativamente ao grupo parlamentar do PS, não tem a ver sobre aquilo que foi dito como pessoa, como mulher e com a experiência vivida que tem.

Eu só tenho um problema, e vou voltar a referir e foi música dada a todos os ouvidos, foi quando se disse ir estou a citar: “as diligências feitas no passado pelo PS.” E eu referi, fui ao site da Assembleia e começou a 17 de abril de 2020, onde o PS era governo, o Bloco de Esquerda apresentou uma iniciativa similar e a pedir exatamente o mesmo, relativamente ao alargamento da linha telefónica. Fui votado por unanimidade nesta Casa, mas o PS, como Governo, não executou, é um facto. Não podem sentir-se ofendidos devido a um facto. Se sentem-se ofendidos é sobre o que o grupo Parlamentar do PS, na legislatura anterior, assim o fez.

Este é um facto, 17/04/2020 uma iniciativa foi aprovada, não foi executada! E isto é um problema.

O mesmo problema de nós sermos líderes de violência doméstica em Portugal. Só no fomos uma vez, a Madeira ganhou-nos, mas voltamos novamente.

E para responder ao Senhor Deputado Nuno Barata, ninguém consegue provar se as pessoas estão mais aptas a fazer denúncia ou não. Conseguimos, por um lado, devido à literacia, mas não conseguimos provar. Mas para isso, também no continente aumentava, também na Madeira aumentava. Então nós não podemos dizer que, devido à literacia ou devido à sensibilidade, ninguém pode provar. Como eu também não posso provar o contrário.

Nós aumentamos 6%, são os únicos dados que nós temos. Esse é um problema, não temos mais dados e temos que assumir para o bem e para o mal.

Estamos a aumentar e a pandemia não ajudou em lado nenhum, seja os Açores, a Madeira, seja o continente não ajudou. E todos nós sabemos e sem dúvida que não é 8 ou 80 e eu não quero ouvir falar em eficiência, quando falamos em violência doméstica. A mim custa-me falarmos de eficiência, se temos 8, ou 16 ou 20 chamadas por ano. Não é eficiência, qualquer vítima é um problema. Não podemos olhar para números, não podemos olhar para a eficiência.

**Deputado Pedro Pinto (CDS-PP):** E falar de eficiência de respostas?

**O Orador:** Este é um problema que temos que obviamente alargar esta linha telefónica.

Sobre a simplicidade, eu também concordo e está bastante simples. Temos é associações que podem ajudar, obviamente, em termos psicológicos, não estamos a falar das linhas de apoio que sejam diretas e como temos, obviamente, o protocolo com a PSP, eu já tinha dito isso.

E o PS também, disse exatamente a mesma coisa. Eu não disse o contrário, nós temos esse protocolo. Agora, precisamos é de uma linha de apoio mais alargada e essa linha de apoio tem que ser pesada. A vítima quando está ao

lado do agressor não vai dizer, mas estamos a pensar que a vítima é sempre a mulher. A vítima, não é a filha ou filho, ou que a vítima não é a mãe.

Temos que pensar que não é só a mulher, não é só a esposa. Estamos a falar que pode ser a mãe ou pode ser o pai idoso, pode ser os filhos. Violência doméstica não é só física. Violência doméstica é também psicológica. E aí, a PSP, à noite, tem alguma dificuldade, obviamente, e aí o governo poderia se chegar à frente com esse alargamento. Esta é a minha posição.

Em termos de eficiência, não podemos olhar em termos de custos quando estamos a falar algo fraturante e obviamente que todos os partidos aqui e como pessoas, ninguém é contra, não é isso. Temos é que executar, temos que sensibilizar, temos que ter ações e essas ações que sejam executadas.

Foi exatamente aquilo que eu disse, não tem a ver com tudo o que a Senhora Deputada disse, concordei totalmente com tudo, mas quando falou e cito: “diligências do PS no passado” e começou a enumerar todas as diligências, esqueceu-se de uma bastante importante que essa era fulcral, era o alargamento do alargamento do horário da linha telefónica, que tinha sido aprovada pelo Bloco de Esquerda e eu agarrei o facto. Eu sei que o grupo parlamentar do PS não gosta que nós agarremos os factos, mas eu agarrei nesse facto. É apenas isso. Não estou, sequer, a dizer que o grupo parlamentar do PS não fez nada: Nunca disse isso. Sei todos os passos que o Governo outrora fez.

Agora, sobre este ponto, que é o único ponto que nós estamos a falar, não estamos a falar em termos ... estamos a falar jusante sobre a linha telefónica, não estamos a falar da atuação, sensibilidade que nós temos que fazer. Esse trabalho já está a ser feito e sempre foi feito, não é isso que eu estou a querer dizer.

E temos que reforçar, obviamente, estamos a falar do objeto que estamos a discutir neste debate. Unicamente! Se se sentem ofendidos com um facto, não poderei fazer nada e não vou usar o Senhor Presidente a perguntar à Mesa se

foi apresentado. Não, eu não vou fazer isso. Acho que todo todos nós sabemos.

Obrigado.

**Presidente:** Muito obrigado, Senhor Deputado.

Vamos fazer um intervalo. Regressamos ao meio-dia.

*Eram 11 horas e 46 minutos.*

**Presidente:** Sras. e Srs. Deputados, peço que reocupem os vossos lugares.

*Eram 12 horas e 02 minutos.*

**Presidente:** Vamos dar continuidade aos nossos trabalhos.

Estava inscrita a Senhora Deputada Vera Pires, a quem dou a palavra. Faça favor, Senhora Deputada.

(\*) **Deputada Vera Pires (BE):** Senhor Presidente, Senhoras e Senhores Deputados, Senhor Vice-Presidente, Senhores Membros do Governo:

Parece-me que há aqui há alguns pontos que ganharão em ser mais bem esclarecidos.

Em primeiro lugar, estamos todos de acordo em caso de emergência, em caso de risco iminente é o 112 o melhor número para ligar.

A proposta do Bloco não diz absolutamente nada contra isto, nem confunde a vítima que está em risco, no momento em que está em risco, nem facilita que a vítima fique a mais aflita ainda a pensar qual é o número que eu vou usar. Toda a gente está de acordo que, tal como no caso da do incêndio, por exemplo, que o senhor deputado referiu, é o 112 o caminho mais célere e o caminho mais eficaz para pedir ajuda no momento.

Mas de que é que estamos a falar aqui? Estamos a falar num botão, numa aplicação da PROCIV, alargamento de um horário e isto, no sentido de

facilitar o acesso à denúncia e de facilitar o apoio psicológico de que estas pessoas precisam. E é preciso não nos esquecermos que quanto mais casos de violência existirem, melhor. Quanto mais casos, dos que existem, forem denunciados e tenham tratamento e tenham seguimento, melhor.

Portanto, ou a nossa intenção é a de que exista o maior número possível de meios para fazer com que as pessoas vítimas de violência doméstica, que muitas muitas vezes ainda se sentem fechadas no armário e sentem, por vezes, que estão fechadas no armário que está fechada à chave e a cadeado e não sabem como trazer o seu problema à luz do dia. Este aumento de meios, que nós propomos, ajudará a que essas pessoas saiam do armário, por assim dizer, e é mais uma forma de apoio, mais uma possibilidade de encaminhamento.

Não estamos, portanto, nem a querer atropelar ou criar entropias, como aqui foi dito algumas vezes, dificultando a vida às vítimas. Estamos a atentar que, mantendo os canais que já existem, abrir mais um canal.

E nós, durante as audições em comissão, ouvimos, por exemplo, o senhor Presidente do Serviço de Proteção Civil a confirmar e a concordar que tudo o que pudesse ser feito, devia ser feito.

**Vice-Presidente do Governo Regional** (*Artur Lima*): Ah! Isso qualquer pessoa concorda!

**O Orador**: Tivemos o senhor juiz da comarca dos Açores a confirmar e a concordar que tudo o que puder ser feito, deve ser feito.

E depois vemos, nalgumas pessoas nesta Casa uma preocupação, que eu diria quase mercantilista, de reflexão sobre o funcionamento da linha 24 horas, ou não, em função da procura. E a mim parece-me que isto é virar de pernas para o ar - se posso usar esta expressão - a essência do problema. Só houve 8 chamadas em 2020, só houve 10 chamadas em 2021. Estamos no final de 2022 e o Governo ....

**Deputado Paulo Estêvão** (*PPM*): É o contrário!

**O Orador:** Isso é como o aumento da taxa de ocupação turística no Corvo, quando os números são muito pequeninos, há grandes aumentos.

**Deputado Paulo Estêvão (PPM):** Não são assim tão pequeninos!

**A Orador:** Mas, dizia eu, não me faça perder que eu tenho pouca experiência nestas coisas, dizia eu que, se há intransigência do Bloco, como foi aqui dito, a intransigência é em relação à necessidade da luta por todos os meios disponíveis para o combate à violência doméstica. As propostas que nós fazemos são, no sentido de ajudar a que, por um lado, a violência doméstica decline e, num mundo ideal, desapareça por completo. Mas, no mundo real, onde sabemos que ela existe e muitas vezes não é denunciada por uma quantidade de fatores, seja potenciado e seja facilitado esse acesso.

Quem nos diz que talvez não valha a pena ter uma linha a funcionar das 5 da tarde às 9 da manhã, porque das 9 da manhã às 5 da tarde, as chamadas são poucas, não deve, do nosso ponto de vista, concluir com isto que, se calhar não vale a pena ter aquela linha, porque é pouco usada e, portanto, pensar em termos de um balcão a servir cafés, serve poucos naquele lugar, talvez não valha a pena

manter aquele estabelecimento aberto e podemos concentrá-lo nalgum outro. Ou pensar, por outro lado, o número de chamadas foi este. O que é que estará a acontecer? O que é que estará a provocar para que este número, que nós pensávamos todos que seria mais uma ajuda, não estar ainda a ser utilizado tanto quanto gostaríamos para ajudar a resolver o problema estas pessoas.

E, portanto, é isto que eu penso que é mais importante. Se olharmos numa perspetiva de tem tido pouco utilização, então parece até caminhar a intervenção do Governo e também no PSD, caminhar no sentido de: se tem pouca utilização, se calhar, vamos avaliar, mas se calhar até se poderá fechar porque é pouco usada. Quando nós vemos a coisa, precisamente em sentido oposto, faz falta, como dizia o senhor juiz da comarca: "tudo o que pudesse ser feito deve ser feito", ...

**Vice-Presidente do Governo Regional** (*Artur Lima*): Qualquer pessoa diz isso!

**A Oradora:** ... se não está a atingir os objetivos com a força toda, digamos assim, então vamos arranjar estratégias, vamos divulgar mais, vamos tratar de que este instrumento que existe e/ou os instrumentos que queremos criar cheguem mais longe, tenham maior alcance porque o intuito é ajudar estas pessoas.

Portanto, aflige um bocadinho ver este tipo de argumentação que diz:” só houve 8 chamadas. só houve 10 chamadas” e agora

estamos todos de acordo que o Governo vai avaliar a linha. E então durante estes 2 anos, foi só contando o número de chamadas num papelinho. Foi só vendo: “no final deste ano, quantas foram? Olha, foram 8, no final deste ano, quantas foram? ora foram 10”. Ou está a acompanhar este problema, que é tão grave, e que todos aqui temos estado a concordar, desde as 10 da manhã, que é realmente grave e que precisa realmente de ser de ser

**Vice-Presidente do Governo Regional** (*Artur Lima*): A senhora está a ir por um caminho entretinho!

**A Oradora:** ... tratado, ser ajudado de ser resolvido.

Temos que pensar em maneiras de combater, e isso é um trabalho que tem que ser feito todos os dias. Colocar à disposição das pessoas mais uma maneira de poderem sair do armário - como eu dizia, há bocadinho - e de poderem trazer à luz do dia os seus medos, as suas angústias, as suas dificuldades, ...

**Vice-Presidente do Governo Regional** (*Artur Lima*): Não é à noite!

**A Oradora:** ... os seus ...

É à noite, é de dia! A violência doméstica não tem hora!

**Vice-Presidente do Governo Regional** (*Artur Lima*): Tem, tem!

**A Oradora:** A violência doméstica não trabalha por turnos, como eu trabalhei tantos anos, nem trabalha com horário regular, como a maior parte

das pessoas que trabalham no mercado de trabalho. A violência não tem horas.

**Vice-Presidente do Governo Regional** (*Artur Lima*): tem!

**A Oradora:** Quando o Senhor Vice-Presidente dizia que também alguns homens, apesar de poucos, são vítimas dessa violência.

**Vice-Presidente do Governo Regional** (*Artur Lima*): Apesar de poucos!

**A Oradora:** Foi o senhor que o disse ...

**Vice-Presidente do Governo Regional** (*Artur Lima*): Poucos a denunciar!

**A Oradora:** ... de poucos em comparação com as mulheres?

Poucos em comparação com as mulheres, também a denunciar. Quando nos diz isso depois pinta uma espécie de arquétipo da família tradicional em que a mulher às 11 da noite, já está demasiado próxima do seu marido, já não pode utilizar aquela linha e, portanto, ela não é precisa, e eu acho que ISTO não faz sentido nenhum.

Nem o Senhor Vice-Presidente, nem eu, nem nenhum dos restantes elementos que aqui estão nesta Casa podem dizer com segurança: “à noite não é preciso”, “das 5 às 6 não há casos em que as pessoas finalmente se sentem com capacidade e com coragem para expor a sua situação”, “durante a hora de almoço, é mais ou menos, fácil que as pessoas peguem no telefone e façam essa chamada.”

**Vice-Presidente do Governo Regional** (*Artur Lima*): está a ver como a senhora deputada sabe!

**A Oradora:** Portanto, a situação da violência, a situação da exposição à violência e à situação da decisão da vítima em expor-se e expor o seu caso não tem hora marcada.

**Presidente:** Senhora Deputada, acontece termine.

**A Oradora:** Termina já Senhor Presidente.

Acontece ao sábado, ao domingo, à segunda, de manhã, à tarde e à noite. Pode acontecer a qualquer hora e o que nós propomos esta - e respondendo ao

Senhor Deputado Rui Martins -, não vamos arrasar o orçamento com o alargamento da linha 24 horas. Há inúmeras possibilidades de pôr esta linha a funcionar com piquetes, com um telemóvel rotativo, portanto, não estamos a obrigar a ter um batalhão de pessoas disponíveis, sentadas numa secretária à espera de uma chamada.

**Presidente:** Senhora Deputada, tem que terminar, se faz o favor.

**A Oradora:** Temos possibilidade de utilizar os recursos que já temos, de maneira a dar resposta também fora do período em que neste momento ela é dada.

Muito obrigada.

**Presidente:** Muito obrigado, Senhora Deputada.

Tem agora a palavra a Senhora Deputada Andreia Cardoso.

**Deputada Andreia Cardoso (PS):** Senhor Presidente, Senhoras e Senhores Deputados, Senhor Vice-Presidente, Senhoras e Senhores Membros do Governo:

Eu gostava de deixar aqui três breves notas, a propósito do tema que aqui nos foi trazido, e bem, pelo Bloco de Esquerda e que tem a ver com formas de combate à violência doméstica e ações específicas de combate à violência doméstica.

Naturalmente, que há um plano que está em execução, que termina agora no final do ano, o terceiro plano de combate e prevenção à violência doméstica. O Senhor Vice-Presidente já acabou de anunciar a realização do quarto plano e penso que é um momento muito oportuno para que discutamos aquilo que cada um de nós entende como potencialmente útil para o combate a este flagelo.

E é neste sentido que me parece que o governo regional, neste momento, detém um conjunto de condições importantes para a definição de um plano que seja, em determinados aspetos, inovador, até porque o Governo dispõe de um estudo realizado em 2019 e 2020 de caracterização sobre a violência

doméstica na região, que poderá dar inputs importantes para a definição e desenho deste plano.

Tem também os dados que foram, ao longo dos últimos anos, recolhidos pelos sistemas de monitorização que foram implementados na região.

Tem também um conjunto, um grupo de técnicos formados e habilitados nas várias ilhas da região, designadamente nos polos e nas redes de combate à violência doméstica.

Dispõe de uma rede de estruturas residenciais em toda a região, que são aspetos determinantes para a implementação de uma resposta a este problema.

O Governo dispõe ainda, e são respostas mais recentes e por isso, é importante sermos também cautelosos na abordagem que fazemos aqui, dispõe, não há muito tempo, a região dispõe de uma linha contra a violência doméstica: 800 27 28 29. Linha essa que, exatamente, por ter pouco tempo de implementação, são alguns anos já, mas mesmo assim, para linhas desta natureza, é um período muito curto de implementação, portanto, não está totalmente consolidada e deve merecer de todos nós uma abordagem cautelosa, ...

**Vice-Presidente do Governo Regional** (*Artur Lima*): Muito bem!

**A Oradora:** ... um número de pessoas que foram acompanhados no âmbito desta linha. É o que é, mas deve merecer, da nossa parte, uma reflexão, com certeza que sim. Deve merecer uma reflexão, desde logo de percebermos se a divulgação que foi e que está a ser feita é suficiente. É ou não é? Eu, o que me recordo é que a última campanha mais massiva de comunicação foi feita em abril de 2020, com outdoors em todas as ilhas com spots ...

**Vice-Presidente do Governo Regional** (*Artur Lima*): E continua!

**A Oradora:** ... na RTP e RDP, com informação nos jornais, com flyers, com informação nas escolas e, portanto, essa campanha foi feita em abril de 2020. De então para cá, não conheço se foi dada continuidade, ou não, a campanhas

desta natureza, mas o que é facto é que me parece que, se não foi, é importante que seja, porque para que as vítimas tenham conhecimento de que existe um recurso à sua disposição, é importante que essa que essa divulgação seja feita pelos órgãos adequados.

Este é um aspeto que me parece essencial.

Também me parece essencial que neste momento não restrinjamos a nossa apreciação. É claro que o objeto que está aqui em discussão é uma proposta de resolução que contempla três itens, mas podemos ir um pouco mais além. Há questões que são estruturais e que são importantes neste tipo de resposta. Já foi falada aqui na violência no namoro, na importância da sensibilização de jovens para este para este tema, na importância da continuidade de programas que atuam diretamente sobre as crianças que são vítimas, também elas próprias, de violência doméstica ou de violência filio parental, há questões associadas às novas formas de violência e, portanto, tudo isto deve ser equacionado e o momento é este. É um momento em que está a ser trabalhado o quarto plano, que todas estas questões devem ser postas em cima da mesa, sem constrangimentos, sem preconceitos, sem ideias pré formadas sobre o assunto porque neste momento quem dispõe - entendo eu - de toda a informação ou da melhor informação sobre o assunto é o governo regional para a definição de um programa que se quer de continuidade e assente, naturalmente, naquilo que são os recursos já disponíveis, mas que também tenha a capacidade de trazer inovação. E parece-me que um dos aspetos que não pode, de maneira nenhuma, ser dito taxativamente que não, é o alargamento para 24 horas desta linha e não pode ser dito que não simplesmente pelo número alegadamente reduzido de procura que a linha teve, porque se a linha não está a funcionar 24 horas, nós não sabemos que procura é que ela teria no horário complementar ao que já existe.

Portanto, não podemos tirar conclusões desta natureza, em primeiro lugar. E depois também porque me parece que uma vítima é uma vítima. Nós não podemos dizer que dez é pouco ou que dez é muito. Para mim, dez já é muito.

**Deputado Berto Messias (PS):** Muito bem!

**A Oradora:** Dez pessoas que, num determinado momento da sua vida, precisaram de ter acompanhamento psicológico, porque é do que aqui se trata. Não estamos a falar das vítimas que estão numa situação de emergência e que recorrem ao 112. Estamos a falar de outras situações, ...

**Vice-Presidente do Governo Regional (Artur Lima):** ah! Não é emergência!

**A Oradora:** ... mas estamos a falar de situações que podem ser dúvidas legítimas que uma vítima tem num determinado momento, a quem é que eu posso recorrer? Que apoio jurídico é que eu tenho? Que casas de emergência é que existem na minha ilha?

**Vice-Presidente do Governo Regional (Artur Lima):** É isso que se faz nessa linha!

**A Oradora:** A quem é que eu me posso dirigir? E todas estas questões são fundamentais, são tão importantes como uma situação de emergência em que a PSP é que socorre. O apoio psicológico e o acompanhamento social é determinante para este tipo de homens, mulheres e de jovens. Estamos a falar muitas vezes, também hoje em dia, já de jovens que são vítimas de violência doméstica já no namoro, em tenra idade.

São realidades que nós dizemos, relativamente novas, porque naturalmente que hoje em dia não é igual àquilo que foi há 10 anos atrás

*(Diálogo na Câmara)*

E que implicaram, já que no terceiro plano houvesse medidas específicas, designadamente ao nível das associações desportivas, associações culturais que lidam diretamente com estes jovens. Há aqui pessoas que sabem disso, que sabem que isto é verdade, que estas campanhas chegaram às escolas, chegaram às associações desportivas, aos clubes desportivos, às associações

culturais. Dizem-me: “Mesmo assim, não foi suficiente? Com certeza que não. Não será suficiente enquanto persistir o volume de denúncias que ainda persistem na região.

Portanto, o que quer dizer que temos que continuar, persistir neste caminho de combate. De combate de um combate estruturado e programado...

**Presidente:** Senhora Deputada, agradeço que termine.

**A Oradora:** Termino sim, Senhor Presidente.

Para terminar, é verdade que o Bloco de Esquerda já trouxe esta proposta aqui e ela foi discutida em maio. É verdade, em plena pandemia, é verdade. E a prioridade do Governo naquela altura foi, conforme eu tive a oportunidade de dizer e há nota pública disso, foi de fazer uma campanha em todas as ilhas, utilizando todos os meios para divulgação daquela linha. Naturalmente que me parece, hoje, que devemos apostar, eventualmente até reformulando, o BackOffice desta linha, mas é preciso alargar esta linha para 24 horas. Esta é, de facto, uma urgência que deve ser considerada pelo Senhor Vice-Presidente do Governo e pela sua equipa no plano regional que está agora em elaboração.

Obrigada.

**Vozes de alguns Deputados da bancada do PS:** Muito bem! Muito bem!

*(Aplausos dos Deputados das bancadas do PS)*

**Presidente:** Muito obrigado, Senhora Deputada.

Tem a palavra o Senhor Vice-Presidente do Governo, faça favor.

(\*) **Vice-Presidente do Governo Regional (Artur Lima):** Muito obrigado, Senhor Presidente.

Senhoras e Senhores Deputados, Senhores Membros do Governo:

Para dar algumas informações e esclarecimentos que me parecem úteis nesta matéria.

Senhora Deputada Andreia Cardoso e Senhoras e Senhores Deputados, Senhora Deputada Vera Pires: o alargamento da linha 24 horas.

Em teoria até poderia ser uma coisa útil, é preciso avaliar e é isso que estamos a fazer. Mas, tenho uma informação para vos dar, é que, no horário a partir das oito da noite, neste período há zero chamadas! Zero chamadas! A esmagadora maioria das chamadas são entre as 9 e as 11 da manhã. Curiosamente, o horário que a Senhora deputada referiu aí, que é durante a hora de almoço.

**Deputada Vera Pires (BE):** Eu disse que não havia horário!

**O Orador:** E, portanto, é entre as 9 e as 11 da manhã que são feitas a esmagadora maioria das chamadas para essa linha. O que vem de encontro àquilo que eu disse, é preciso avaliar e não estender porque se estende, não alargar porque se alarga.

Senhora Deputada Andreia Cardoso, a senhora sabe tão bem quanto eu que nós temos a responsabilidade de avaliar e, às vezes, muito mais que voluntarismo, é necessário profissionalismo a tratar das questões porque elas são muito sensíveis e é necessário técnicos especializados para atenderem, para darem resposta. Portanto, não vai só de voluntarismo, vai de profissionalismo também.

Senhora Deputada Andreia Cardoso ainda bem que referiu esse estudo que eu tinha de facto esquecido, na minha intervenção inicial, mas, como se lembra, foi apresentado em Ponta Delgada no dia 28 de abril, fizemos a apresentação pública das conclusões desse estudo que, aliás, traz bons apports para o quarto plano regional de prevenção e combate à violência doméstica. E, naturalmente, que vamos ouvir para, em continuidade em progresso, darmos resposta e melhorar o terceiro plano, porque é sempre suscetível de introduzir melhorias.

Tem estado em vigor, como sabe as campanhas nos meios públicos continuam a existir ...

**Deputado Pedro Pinto (CDS-PP):** Muito bem!

**O Orador:** ... e, como sabe também, está previsto, que eu já anunciei, uma campanha de divulgação de panfletos. Ainda continuamos a ter panfletos que foram elaborados pelo anterior governo, continuamos a distribuí-los e vamos, naturalmente, no quarto plano de prevenção e combate à violência doméstica introduzir novas publicidades, novos alertas, nos jornais, na comunicação social, com as ipss's, fazendo fóruns, fazendo esclarecimentos públicos, aliás, como tem vindo a ser feito, introduzindo também a questão da violência no namoro e alertando cada vez mais cedo para a violência doméstica e para a violência, que é muito importante. E introduzindo, naturalmente, todas essas variáveis, porque ela é multifatorial e é multidimensional e portanto, não é só o marido para a mulher e, como dizia o senhor Deputado Pedro Neves, é, às vezes, para as crianças. Quantas crianças não são vítimas de violência doméstica, de maus-tratos até! E nós temos feito um trabalho exemplar nesta matéria. Já há uma casa na calheta de São Jorge para acolher vítimas, com todas as condições de conforto. Em Angra do Heroísmo, na ilha Terceira, adquirimos também uma casa para todas as condições de conforto destas crianças.

Estamos atentos, *Roma e Pavia não se fizeram num dia*. Eu não vou dizer que em dois anos vamos fazer tudo, não vou dizer isso. Não vou dizer que até ao fim da legislatura vamos conseguir debelar totalmente esse problema, não vou dizer isso. Porque nós sabemos a sociedade em que vivemos e temos agora que estar sempre atentos, sempre alerta.

E o que vos posso garantir é que este Governo estará atento, em alerta, para implementar todas as medidas com profissionalismo e as necessárias e suficientes para combater este flagelo que é a violência doméstica, em todas as suas dimensões.

Muito obrigado.

**Vozes de alguns Deputados da bancada do PSD e do Presidente do Governo Regional: Muito bem! Muito bem!**

*(Aplausos dos Deputados das bancadas do PSD, CDS-PP, PPM e dos Membros do Governo)*

**Presidente:** Obrigado Senhor Vice-Presidente, tem a palavra o senhor deputado Rui Martins.

**(\*) Deputado Rui Martins (CDS-PP):** Muito obrigado, Senhor Presidente.

Senhor Presidente, Senhores Deputados, Senhor Presidente, Senhor Vice-Presidente e Membros do Governo:

Senhor Deputado Pedro Neves agora não está, mas sobretudo para o Senhor Deputado Nuno Barata, relativamente àquilo que foi o sentido de voto do CDS, uma iniciativa de igual teor no passado, devo referir que aqui a grande diferença é o tempo. O que é que aconteceu? O que aconteceu foi que, na altura, votámos favoravelmente a uma linha de 24 horas, porque estávamos em plena pandemia, em que as pessoas estavam todas em casa, confinadas, ...

**Deputado Pedro Pinto (CDS-PP):** Muito bem!

**O Orador:** ... em que, efetivamente, e como disse bem o Senhor Deputado Pedro Neves, se registou, sem dúvida, um aumento das denúncias e, eventualmente, o número também de episódios de violência doméstica. Mas, sem dúvida, factual, é que houve um aumento do número de denúncias.

E isso foi num período inicial, agora à distância, o que é que nós verificamos que, dez, efetivamente, é muito. Em casos de violência são muitos, é um facto. Mas, dez, no universo total das denúncias é muito pouco, ou seja, esta ferramenta enquanto ferramenta não é a melhor.

Mas, de qualquer das formas, e eu ao Bloco de Esquerda gostava de aqui lançar um repto, só num aspeto: eu julgo que este tipo de

Diploma merece o apoio unânime desta Câmara porque é uma questão que efetivamente nos preocupa a todos e, por isso, ...

**Deputada Vera Pires (BE):** E a mim também!

**O Orador:** ... o que me parece é que, do ponto de vista da eficiência, e não é, não é uma questão mercantilista, Senhora Deputada Vera Pires, mas tem a ver com o aspeto.

Efetivamente, o suporte emocional às vítimas, a informação sobre os seus direitos, opções para preparar uma resposta estrutural, é como dizia a Senhora Deputada Célia Pereira: os gabinetes especializados poderiam beneficiar, se calhar, desses recursos humanos, em vez de estarmos a canalizar fundos para uma linha que, neste momento, até o Senhor Vice-Presidente já anunciou exatamente qual é o período de maior procura. E eu gostava que o Bloco de Esquerda, porque é sobretudo o ponto em que tenho mais reservas... no primeiro ponto também poderíamos avaliar e o Senhor Vice-Presidente já anunciou que, pelo menos, não houve recusas por falta de condições e houve apenas uma instituição que pediu uma intervenção para pedido de intervenção.

**Deputada Vera Pires (BE):** Mas há mais que disseram que se podia fazer!

**O Orador:** Isso também é uma avaliação que se podia fazer, mas aí já tinha anunciado que estamos plenamente de acordo com o Bloco de Esquerda.

Mas, relativamente às 24 horas, o que consideramos é que eu gostaria que o Bloco de Esquerda pudesse alterar e dizer que em vez de ser que, em vez de ser alargar taxativamente, como está, que colocasse a avaliação, não a avaliação, porque parece que “vamos ver se dá e se calhar não fazemos”. Não, mas que fosse eventualmente um piloto e que não fosse, para já, uma obrigatoriedade.

E o que eu gostava mesmo era que hoje, todas as notícias que saírem e que sejam impressas, que efetivamente falassem e começassem com 800 27 28 29, Linha de combate à violência.

E era isto que seria importante para todos fazermos este contributo de falar neste número, em vez de ser para ligar e ganhar um prémio,

**Presidente:** Senhor Deputado, agradeço que termine.

**O Orador:** ...devia ser efetivamente 800 27 28 29.

Muito obrigado.

**Presidente:** Muito obrigado, Senhor Deputado.

Senhor Deputado Paulo Estêvão tem a palavra, faz favor.

(\*) **Deputado Paulo Estêvão (PPM):** Senhor Presidente, Senhores Deputados, Senhor Presidente, Vice-Presidente e Membros do Governo:

É importante revisitarmos o debate que se efetuou nesta Casa, em 2020, sobre esta matéria, e o Bloco de Esquerda, na altura, insistiu bastante que queria alargar esta linha para o seu funcionamento ao longo de 24 horas, tendo em conta a situação de pandemia em que vivíamos e que obrigava, obviamente, a que as pessoas ficassem durante todo aquele período em casa e que isso tinha consequências, do ponto de vista do aumento da violência doméstica e foi solicitado que ...

**Deputada Vera Pires (BE):** Mas quando estão fechados em casa a linha pode resultar!

**O Orador:** ... devido a estas circunstâncias, em particular, que se fizesse o alargamento dessa linha. Bom, não foi feito.

Aliás, o Partido Socialista defendeu na altura o seguinte: o Grupo Parlamentar do Partido Socialista defendeu pela voz então do então Deputado João Paulo Ávila, que... eu acho que a mensagem que tem que ser passada, neste momento, é que não há vítimas desprotegidas, independentemente do período em que vivemos. As SMS abrangem a Região Autónoma dos Açores, a qualquer hora do dia da noite. Os números de telefones disponíveis abrangem a Região Autónoma dos Açores, a qualquer hora do dia e da noite e não há vítimas que ficam sem resposta.

A Senhora Secretária dizia, na altura também, a linha está disponível 24 horas por dia e quem responde à linha, ao longo desses 24 horas, é que poderão não ser exatamente as mesmas pessoas, mas não é pelo facto de os técnicos estarem disponíveis das 9 às 5 e daí por diante ser o 112, que as vítimas ficam sem resposta.

Portanto, o quer dizer é que o encaminhamento e articulação com as entidades que respondem ao 112 é perfeito com os recursos que existem na comunidade. Repito, a última frase: a articulação com as entidades que respondam ao 112 é perfeito com os recursos que existem na comunidade. Não há qualquer limitação de chamadas ou de mensagens pelo facto de elas terem proveniência na região. Isto era o que dizia o governo regional na altura, em 2020. Não foi há muito tempo.

O que é que nós podemos concluir? O que podemos concluir ou olhando para estes números de 2020 e de 2021, em que ao longo de todo o ano de 2021 foram recebidas oito chamadas, 8 chamadas, é que esta linha não é um mecanismo eficaz. Há um conjunto de recursos que estão a ser alocados para que a linha funcione, que podiam ser utilizados noutras valências, que ajudassem mais, que tivessem mais resultados e não está a ter. Precisa de ser revisitado. Por isso, é que eu concordo com o parecer da Associação Crescer em Confiança, que diz: “no que diz respeito ao ponto número 3 da parte resolutiva, entendemos que a proposta de alargamento do horário de funcionamento da linha contra a violência carece de uma análise concreta do número de sinalizações identificados pela linha (já sabemos que são oito) que justifique o seu funcionamento de 24 horas por dia. Salientemos ainda, que o atendimento permanente, requer um investimento de recursos humanos qualificados para que o serviço prestado seja conveniente.”

Ou seja, o que eu considero é que nesta matéria, que é uma matéria de enorme importância, não há espaço para a demagogia.

**Deputada Vera Pires (BE):** Para além dos pareceres positivos!

**O Orador:** O que há é um espaço para a eficácia.

Para ajudar-nos mais e melhor! Para ajudarmos com os recursos que temos, termos melhores resultados com os recursos que temos, temos melhores resultados.

E mais, o Senhor Vice-Presidente, dentro das oito chamadas que existiram, ao longo de todo o ano, demonstrou até que essas chamadas foram realizadas maioritariamente durante a manhã. Portanto, o mecanismo que está a ser proposto pelo Bloco de Esquerda não é eficaz.

Eu acompanho a preocupação, acompanho todas as medidas que tenham um resultado concreto e efetivo. Esta medida precisa de ser, como aqui está escrito, precisa de ser analisada porque não está a ter eficácia.

**Deputado António Lima (BE):** Como é que se sabe que não é eficaz se não está em aplicação!

**O Orador:** O Parlamento dos Açores deve ter em conta sempre o seguinte. Não vale a pena dizer: “tem uma chamada já vale a pena gastar não sei quanto”. Não, se tem uma chamada, tem duas, tem três, tem quatro, não tem as suficientes. Então vamos alocar os recursos que temos para que seja possível ter melhores resultados. Não vamos insistir numa estratégia que não está a ser eficaz, sem ser devidamente avaliada, que modificações é que têm que ser feitas. Tem que ser potenciada, tem que ser melhorada antes de pensar no alargamento do seu horário.

Tem que se pensar na sua melhoria, antes de pensar no alargamento do seu horário.

Por isso, é que eu considero que, nesta matéria, esta vossa proposta, na minha perspetiva, não se justifica. Os dados mostram que não tem justificação.

*(Aplausos dos Deputados das bancadas do PSD, CDS-PP, PPM e dos Membros do Governo)*

**Presidente:** Muito obrigado, Senhor Deputado.

A Mesa não tem mais inscrições.

Senhor Deputado Nuno Barata, faça o favor.

(\*) **Deputado Nuno Barata (IL):** Senhor Presidente, Senhores Deputados, Senhores Membros do Governo, ...

**Deputado José Pacheco (CH):** Olha o avião!

O Orador: Tenho avião amanhã, domingo, segunda! Não tenho pressa!

Senhor Presidente, Senhores Deputados, Senhores Membros do Governo:

Só algumas questões que aqui interessa registar e revelar.

Em primeiro lugar, eu fico de facto estupefato com essa última intervenção do Senhor Deputado Paulo Estêvão.

O Senhor Deputado Paulo Estêvão, que é o rei da eficácia, hoje é o rei de eficiência. Costuma ser o rei da eficácia.

Se é para transportar alguma coisa para o Corvo, não interessa a eficiência, o que interessa é a eficácia. Se é para fazer qualquer coisa no Corvo, não interessa a eficiência, interessa é a eficácia. Nunca se fala de eficiência.

Como se trata de vítimas de violência doméstica, atenção lá que é preciso eficiência. Esta coisa de ser só eficaz, não serve

Mas, eu nem sequer vou entrar por este neste debate por aí.

**Deputado Paulo Estêvão (PPM):** Já entrou!

**O Orador:** Eu acho que, como acho que já toda a gente percebeu e toda a gente está de acordo, este é um este é um problema que carece, principalmente, de um trabalho ao nível da prevenção. E, só o facto de já estarmos aqui a debater, já estamos a contribuir para esta prevenção, penso eu! Se nos estiverem lá em casa a ouvir, certamente ficam mais sensibilizados para a temática e para o problema.

Há depois questões que têm que ser tratadas ao nível judicial que não compete à Região Autónoma dos Açores, mas que é um facto que tem que ser também, pelo menos a nossa parte, instigada junto da República, porque há

de facto, problemas ao nível do tratamento social desses processos, da morosidade, da forma como estão tipificados. Melhorou-se bastante na ordem jurídica interna nos últimos anos o tratamento destes assuntos. Mas, o que é facto é que ainda é preciso agilizar mais esses processos, mas isso não nos compete a nós, é só um alerta.

Depois há, e aí já nos compete a nós, Senhor Vice-Presidente, alguma necessidade de mais fiscalização e de acompanhamento desses processos, da reincidência desses processos. E aí, já compete um pouco à Região Autónoma dos Açores e aí também é um papel que nós devemos desenvolver e mais atendimento especializado. Aliás, isto é, o atendimento especializado é uma questão que tem estado em cima da mesa em todos os fóruns onde se tem tratado de violência doméstica. Já assisti a alguns, por razões profissionais no passado, por razões agora de desempenho dessa atividade política noutros e essa questão é das mais pertinentes, o acompanhamento especializado, o atendimento especializado. E, nesse aspeto, acho que é o projeto de resolução do Bloco de Esquerda vem dar achegas interessantíssimas a esse processo e, nomeadamente, também na questão da aplicação, que me parece que é uma forma barata, fácil, contemporânea das vítimas terem acesso a esse mecanismo de queixa, de reclamação, de denúncia, daquilo que se quiser tipificar.

Disse.

**Presidente:** Muito obrigado, Senhor Deputado.

Senhor Vice-Presidente do Governo tem a palavra.

(\*) **Vice-Presidente do Governo Regional** (*Artur Lima*): Senhor Presidente, Senhoras e Senhores Deputados, Senhor Presidente, Senhoras e Senhores Membros do Governo:

De facto, como já disse aqui, durante o período noturno, houve uma única chamada e as chamadas entre as 9 e as 11 foram para aconselhamento e não para emergência.

*(Aparte inaudível do Deputado António Lima (BE))*

Senhor Deputado António Lima, eu posso? Dá-me licença? Obrigado.

Nenhuma das chamadas foi para pedidos de emergência, mas de algum esclarecimento e aconselhamento, como já foi aqui dito pela Senhora Deputada Andreia Cardoso. Nunca foi sobre emergência.

E, portanto, avaliar o funcionamento desta linha, sim. É isso que vamos fazer, é isso que iremos fazer.

Agora, como dizia o Senhor Deputado Nuno Barata, é preciso apostar no apoio especializado e é isso que estamos a fazer, por exemplo, com as diversas IPSS's e instituições. Temos o Polo de prevenção de combate à violência doméstica de Santa Maria, contratualizado 20.000€, para a ilha Graciosa 24,982€, para o Polo de combate em São Jorge, também 21.000€, para a ilha do Pico 26.000€, para as Flores 22.000€, para UMAR Terceira, 50.000€, para os núcleos de iniciativas de prevenção e combate à violência doméstica da Praia da Vitória, 20.000€, Fundo de Suporte às vítimas da COT, 2670€, Fundo novo dia 76.000€. Centro de terapia familiar e intervenção sistémica 51.800€, Fundo suporte às vítimas da Nossa Senhora de Oliveira 7000€, Encontro Regional de Redes e Polos 13.000€, supervisão e intervenção técnica 9000€.

Portanto, Senhora Deputada Andreia Cardoso, o que estava a ser feito e bem feito, continua a ser feito e bem feito.

**Deputada Andreia Cardoso (PS):** Também não disse o contrário!

**O Orador:** Reforçamos nalguns casos a verba, estamos atentos. Vamos, como já disse, fazer o quarto plano de prevenção à violência doméstica. Vamos trabalhar nesse sentido, vamos apostar na divulgação, vamos apostar no alerta, vamos apostar na publicidade, agora com profissionalismo, é isso que vamos fazer. Com algum excesso desnecessário, não faremos.

Muito obrigado.

*(Aplausos dos Deputados das bancadas do PSD, CDS-PP, PPM e dos Membros do Governo)*

**Presidente:** Obrigado, Senhor Vice-Presidente.

Pergunto se há mais inscrições?

*(Pausa)*

Não havendo, vamos passar à votação deste Projeto de Resolução n.º 91/XII - Medidas de apoio à vítima de violência doméstica:

As Senhoras e os Senhores Deputados que concordam, façam o favor de manter como estão;

As Senhoras e os Senhores Deputados que votam contra, façam o favor de sentar;

As Senhoras e os Senhores Deputados que se abstêm, façam o favor de se sentar.

**Secretário:** O Projeto de Resolução n.º 91/XII foi aprovado, com 24 votos a favor do PS, 2 do BE, 1 do CH, 1 do IL e 1 do PAN.

20 votos de abstenção do PSD, 3 do CDS-PP, 2 do PPM e 1 do Deputado Independente.

**Presidente:** Muito obrigado Senhor Secretário.

Senhor Deputado Rui Martins, para uma declaração de voto, faça favor, tem a palavra.

**(\*) Deputado Rui Martins (CDS-PP):** Muito obrigado, Senhor Presidente.

Senhor Presidente, Senhor Presidente, Vice-Presidente e Membros do Governo:

O grupo parlamentar do CDS faz apenas uma declaração de voto, no sentido de dizer que se absteve face a esta iniciativa, porque temos grandes reservas

relativamente ao ponto dois, mas sobretudo à forma como foi registado o ponto três, ou seja, o alargamento taxativamente.

O que nos parece que não é eventualmente a medida mais produtora, neste momento, única e exclusivamente, por esse motivo, porque obviamente, tudo aquilo que são as circunstâncias e a pertinência deste projeto de resolução, o grupo parlamentar do CDS acompanha com a mesma preocupação com o mesmo empenho nessa divulgação e na consolidação e fortalecimento de todas as medidas que possam contribuir e concorrer para a diminuição dos casos de violência doméstica e para o aumento da denúncia daqueles que existem.

E é por isso que nós nos abstermos e não acompanhámos, porque não subscrevíamos na totalidade o texto do projeto de resolução, dos pontos resolutivos, obviamente, sendo que o proponente é o único que tem possibilidade de fazer qualquer alteração, não havia também essa possibilidade do CDS poder intervir ou tentar com consensualizar.

Houve uma tentativa, da nossa parte, de lançar o repto para que, se pudesse fazer alguma alteração. O Bloco de Esquerda manteve a sua posição. É legítimo, mas infelizmente o CDS não poderia acompanhar porque não subscreve na totalidade o modo como o Bloco de Esquerda considera que é o mais eficaz e eficiente para combater este flagelo.

**Vice-Presidente do Governo Regional** (*Artur Lima*): Muito bem!

**O Orador:** Por isso, dessa forma, o CDS, obviamente que considera que o 800 27 28 29 é um instrumento importante, que deve ser divulgado, que deve ser utilizado e apelamos a todas as vítimas que se possam socorrer também desta ferramenta para poderem ter algum apoio psicológico e encaminhamento e que possam melhor lidar e estar mais habilitadas a lidar melhor com os casos de violência e que possam também fazer as suas denúncias porque o que queremos é que diminuam efetivamente os casos de violência e que aumente a denúncia dos que existem.

Muito obrigado.

**Vice-Presidente do Governo Regional** (*Artur Lima*): Muito bem!

**Presidente:** Muito obrigado, Senhor Deputado.

Avançamos para o Ponto 12 da nossa Agenda **Projeto de Resolução n.º 109/XII – “Pela concretização do Projeto da Marina da Barra na ilha Graciosa”**, apresentado pelo Grupo Parlamentar do PS.

Para a apresentação do diploma tem a palavra o Senhor Deputado José Ávila, faça favor.

**Deputado José Ávila** (*PS*): Senhor Presidente, Senhoras e Senhores Membros do Governo:

Não temos dúvidas que a concretização do projeto da Marina Barra é estruturante para a ilha Graciosa, nomeadamente para a oferta de Recreio náutico nos Açores.

Os governos do Partido Socialista celebraram vários contratos ARAAL com a Câmara Municipal de Santa Cruz da Graciosa, no sentido de promover os estudos geomorfológicos, o topo ideográfico e ainda o estudo prévio e o novo projeto apresentado em 2013, este último para conformar com a nova legislação que entretanto entrou em vigor sobre esta matéria.

Em 2016, o Governo dos Açores adjudicou a obra de proteção da orla costeira da barra para ultrapassar os inconvenientes provocados pelos galgamentos do mar na marginal e a acumulação de algas no interior daquela baía.

Uma das preocupações na execução deste investimento Público, para além de reduzir ao máximo o impacto visual negativo, teve a ver com o futuro aproveitamento do interior da Bahia para permitir a infraestruturização de apoio à náutica de Recreio.

A 9 de junho de 2020 foi anunciada a criação de novas funcionalidades naquele espaço, onde se incluía a Marina.

O atual governo de coligação PSD, CDS, PPM, suportado pelo CHEGA e Iniciativa Liberal, apesar da obra de proteção da orla costeira ter terminado no último trimestre de 2020, nada fez em dois anos para concluir aquela infraestrutura que relembresse, representa um investimento superior a seis milhões de euros.

Por fim, é importante referir que, por parte por parte dos partidos da coligação e dos que suportam o Governo, foi inviabilizada uma proposta apresentada pelo PS para completar aquele investimento no âmbito do plano e orçamento de 2021.

É neste enquadramento que o grupo parlamentar do Partido Socialista propõe que se recomende ao Governo que proceda à instalação no espelho de água resultante do projeto de estabilização da zona costeira da barra de 5 pontões com anéis reforçados, 20 estacas e os respetivos fingers, crie as condições para instalar as redes de distribuição de água e eletricidade nessa infraestrutura, promovam os arranjos no terraplano, de modo a permitir o estacionamento das embarcações, instale o assinalamento marítimo e, por fim, construa o posto de receção e as respetivas instalações sanitárias.

Disse.

*(Aplausos dos Deputados das bancadas do PS)*

**Presidente:** Muito obrigado, Senhor Deputado.

Está apresentada a iniciativa. Estão abertas as inscrições e tem a palavra a Senhora Secretária Regional do Turismo, Mobilidade e Infraestruturas. Faça favor.

**(\*) Secretária Regional do Turismo, Mobilidade e Infraestruturas (Berta Cabral):** Muito obrigada, Senhor Presidente, Senhoras e Senhores Deputados, Senhor Presidente, Senhor Vice-Presidente, Senhoras e Senhores Membros do Governo:

Senhor Deputado José Ávila, agradeço, desde já, a apresentação da sua resolução, que data de abril de 2022.

E, em relação, a esta resolução, devo dizer que o governo regional dos Açores já desencadeou um conjunto de procedimentos, aliás apresentados na visita estatutária que fizemos em 28 de novembro à ilha Graciosa, onde se apresentou, todo o procedimento que esteve na base do caderno de encargos, do concurso que está lançado e daí adjudicado para a elaboração do projeto do Porto de Recreio de Santa Cruz da Graciosa, mais conhecido por Marina da Barra.

E, em relação a esse projeto, que está a ser executado pela empresa WW, SA do professor Morim de Oliveira, pessoa credenciada nesta matéria, o programa é bastante mais ambicioso do que aquele que está na vossa resolução e também se compreende, uma vez que a resolução é de abril e, entretanto, já houve um conjunto de desenvolvimentos.

Aquilo que consta do projeto de concurso, cujo projeto está a ser desenvolvido é: por um lado o assinalamento marítimo, os postos de acostagem, e eu começo já aqui pelos postos de acostagem a dizer que, em vez dos cinco passadiços que estão propostos na vossa resolução, estão previstos seis passadiços, com uma capacidade para 210 postos de acostagem e mais um posto de acostagem para as marítimo turísticas.

Estes seis postos, como aqui se pode verificar, estão perfeitamente enquadrados, podendo ser instalados por fases, tendo em conta as necessidades atuais e a evolução da capacidade que vier a ser solicitada, porque também não faz sentido instalar passadiços e fingers para ficarem sem utilização e a ficarem a degradar-se, porque, como todos sabemos que isto é possível instalar por fases.

Está prevista também toda a drenagem e pavimentação do terraplano, com muro de contenção do talude da estrada, a rampa de acesso entre a estrada marginal e o terraplano, drenagem das águas pluviais.

Está também com prevista a construção de 2 escadas entre a Plataforma Superior e o Terraplano.

Toda a área de apoio à manutenção da frota está prevista com terraplano para estacionamento das embarcações a seco, equipamento para retirar as embarcações da água - serão adquiridos posteriormente – e o cais para operação deste equipamento.

Está previsto também um edifício de apoio ao Porto de Recreio e ao desenvolvimento das atividades marítimo turística. E este projetista é um projetista diferente, é um projetista para a construção civil do edifício, mas também está em fase final de adjudicação e já está selecionado o projetista que é o é o Bild Print.

As redes técnicas gerais que estão previstas instalar tem a ver com a rede geral de abastecimento de água potável para servir os postos de acostagem, o cais de receção, o edifício de serviços e a área de manutenção das embarcações.

Rede geral de abastecimento de energia elétrica para servir os postos de acostagem, locais de receção, o edifício de serviços, os farolins do quebra-mar (que já vamos falar sobre o assinalamento), os farolins de Enfiamento do Canal e a área da manutenção das embarcações.

A rede de iluminação pública para servir o terraplano, a área de manutenção das embarcações, o quebra-mar, o molhe oeste, os passadiços flutuantes, o passadiço sobrelevado e a área envolvente ao edifício.

Rede de comunicações para servir também todo o edifício e os postos de acostagem.

A rede de incêndios, abrangendo todas as áreas portuárias e abastecida por água por água salgada, também.

Dados sobre a localização do empreendimento, são conhecidos. Toda a proteção da orla costeira foi a elaborada e executada pelo Governo anterior, e foi isso que este Governo recebeu e, em função disso, desenvolveu todo este

projeto, que está já adjudicado e que se prevê que seja entregue durante o primeiro semestre de 2023.

Relativamente ao assinalamento, queria referir que o assinalamento marítimo a instalar tem em vista referenciar a existência da nova estrutura portuária e permitir a navegação em segurança.

A definição do equipamento está a ser, neste momento, realizada pela Direção Geral de Faróis, que está a desenvolver todo o projeto de assinalamento marítimo e em conjugação com o projetista.

As dimensões dos farolins, a implantação exatas características das lanternas, as redes de alimentação, tudo isto está a ser definido pela Direção de Faróis.

As estruturas de fundações dos farolins, bem como, as redes elétricas estão a ser definidas pelo projetista, como eu referi, o projetista da marina, portanto, o engenheiro Morim Oliveira.

E, portanto, neste momento nós estamos com este processo todo em perfeito desenvolvimento, entregue a pessoas de sem qualquer tipo de dúvida, relativamente à sua credibilidade, experiência e conhecimento neste tipo de projetos e está previsto fazer um contrato ARAAL plurianual com a Câmara Municipal da Graciosa, que, na ação 9. 8. 27, está previsto 350.000€, que será o valor, mais do que suficiente, para depois de avançar com o projeto de execução da obra de concurso no segundo semestre de 2023.

E, portanto, é neste momento o ponto de situação e é como vê, um ponto de situação já muito desenvolvido, muito evolutivo e que vai ao encontro, até superando aquilo que são as expectativas da Graciosa.

Estivemos em visita estatutária, foi apresentado publicamente este projeto e, de facto, mereceu por parte dos parceiros sociais e das pessoas com quem contratámos, todo o reconhecimento e vontade de ajudar a que este projeto vá à frente.

Muito obrigada.

**Deputado Rui Martins (CDS-PP):** Muito bem!

*(Aplausos dos Deputados das bancadas do PSD, CDS-PP, PPM e dos Membros do Governo)*

**Presidente:** Muito obrigado, Senhora Secretária Regional.

Tem a palavra o Senhor Deputado João Bruto da Costa, faça favor, Senhor Deputado.

**Deputado Nuno Barata (IL):** Não me diga que depois do que a Sra. Secretária disse vai votar contra!

(\*) **Deputado João Bruto da Costa (PSD):** Muito obrigado, Senhor Presidente, Senhoras e Senhores Deputados, Senhor Presidente do Governo, Senhoras e Senhores Membros do Governo:

Este tema e este assunto dar-nos-ia, certamente, para muitas e longas intervenções.

Desde logo, porque são 18 anos, 16 anos, 4 legislaturas que o Partido Socialista prometeu uma Marina para a Graciosa e em 4 legislaturas o que é que a Graciosa teve? Não teve uma Marina, isso não teve de certeza.

Mas eu queria começar aqui por dizer que esta resolução é uma má resolução. E é má a resolução em si porque está eivada de má-fé política, de má consciência e de má memória.

**Deputado Joaquim Machado (PSD):** Muito bem!

**O Orador:** Má consciência, má-fé política e má memória.

Desde logo, a resolução começa por uma coisa incompreensível que diz assim: “considerando que o atual governo da coligação PSD, CDS, PPM, suportado pelo CHEGA e Iniciativa Liberal, apesar da obra de proteção costeira ter terminado, nada fez para terminar a infraestrutura.”

Ó senhores deputados do Partido Socialista, nós sabemos que os senhores andaram a enganar toda a gente com esta obra, escusavam, era de dizer na própria resolução que a obra terminou, mas não terminou.

E é verdade, os senhores não tiveram coragem de inaugurar uma obra que foi terminada e entregue.

É verdade, não tiveram essa coragem sequer, porque de facto andaram a enganar toda a gente. E o que é mais grave

Que é mais grave é terem enganado as pessoas da Graciosa durante 16 anos, 4 legislaturas a situar que iam fazer uma Marina e nunca fizeram uma Marina.

**Deputado Nuno Barata (IL):** Pois, não fizeram. Fizeram a obra de proteção da orla costeira!

**O Orador:** Pois fizeram. Fizeram uma obra de proteção de obras costeiras. Aqui tenho, Legislatura, 2004, 2008, 2012.

Ali o senhor deputado Vasco Cordeiro, ainda era bastante jovem, como se vê na fotografia, um jovem. Um jovem Secretário Regional que de véspera de terminar a legislatura, em 2011, dizia, enquanto Secretário Regional da Economia: “É nesse objetivo que se inserem as obras que avançarão em 2012, como seja o reforço da área do turismo náutico, a construção da Marina da barra na Graciosa.”

Depois disso, até ainda foi aqui, com os senhores deputados do Partido Socialista, também bastante mais jovens, ainda conseguiam andar por cima do calhau e tudo, estava aqui tudo muito interessante.

Em 2011, estes jovens políticos prometeram à Graciosa uma Marina e disseram que a iam fazer até ao final da legislatura seguinte.

Em 2012 o Senhor Deputado Vasco Cordeiro, enquanto candidato a Presidente do Governo, colocou um gigantesco cartaz na barra - a mania um pouco dos outdoors – que, aliás, confesso que foi muito mal recebido pelos

graciosenses, como o senhor sabe e como o senhor sentiu nesse ano porque em 2012 não conseguiu ter uma boa votação na Graciosa, ...

**Deputado Francisco Coelho (PS):** E como se viu no resultado eleitoral!

**O Orador:** ...porque as pessoas ficaram ofendidas com o Partido Socialista por ter enganado os graciosenses.

Já tinha enganado antes, quando fez o Porto de pescas e disse que era Porto de Pescas e Núcleo de Recreio Náutico.

**Deputado Manuel Ramos (PS):** Quantas vezes é que o senhor ganhou?

**O Orador:** Nessa altura o senhor também estava no mesmo lado.

Senhor Deputado Manuel Ramos, na altura do Porto de Pescas e Núcleo de Recreio Náutico, também estava, se calhar, como opositor de quem enganou os graciosenses com essa matéria.

**Deputado Manuel Ramos (PS):** Quantas vezes os pescadores graciosenses ficaram desiludidos consigo?

**O Orador:** A verdade, é essa, é que os graciosenses foram enganados demasiados anos sobre isto.

**Deputado Manuel Ramos (PS):** O senhor tem duas caras: uma aqui e outra lá!

**O Orador:** Começou por ser um núcleo de Recreio Náutico na praia e à conta disso, aquele Porto de pescas, se calhar, tem menos condições do que devia ter. Passou a ser uma marina da barra e nunca a fizeram.

Aliás, há aqui algo que mostra a vossa má consciência e a vossa má memória, é que os senhores, ainda esta legislatura, já com o XIII Governo, na pasta de transição, entregaram zero. Zero! Na pasta de transição para este Governo sobre Marina da Barra não tinha absolutamente nada! Nada! Esta má consciência do Partido Socialista, eu próprio perguntei aqui em 2019, se ... aliás, propusemos para 2020 verba e aquilo que foi dito aqui, pelo então Secretário Regional do Mar do Partido Socialista, foi que não, não estava

prevista nenhuma obra e, por isso, nós propusemos para o orçamento, verba para fazer esta obra. E os senhores, o que é que disseram? Não!

**Deputado José Ávila (PS):** Urgente!

**O Orador:** Porque os senhores, na verdade, aquilo que me dá a entender e que nos dá a entender é que os senhores nunca quiseram fazer esta marina. Os senhores acham que isto é um desperdício.

**Deputado José Ávila (PS):** O senhor deve estar a brincar. O senhor é um brincalhão!

**O Orador:** Os senhores continuam a virar uns contra os outros na Graciosa, porque esta Marina não é boa e nunca vai servir os graciosenses. Ali, o senhor deputado Manuel Ramos é perito em fazer esse tipo de afirmações.

Aliás, como está no próprio relatório em que questionam qualquer coisa que seja ali feito. Na verdade, os senhores não querem que se faça ali nada.

Queria dizer, porque é que este é uma má proposta. A Senhora Secretária já o adiantou, mas a melhor frase para responder a isso é do atual Presidente da Câmara da Graciosa.

O que está a ser analisado, ou seja, esta proposta de resolução não acrescenta em nada, àquilo que é o desejo para aquela Marina, considerando que o presente projeto não deve ser aprovado.

É isso que fará justiça aos Graciosenses, é permitir que, finalmente, haja um governo que quer fazer uma Marina na Graciosa e que quer concretizar esta obra e não adiante mais nem escondendo dos graciosenses, nem mentindo aos graciosenses aquilo que os senhores andaram a fazer durante 16 anos, é preciso lembrar 16 anos, 4 legislaturas.

Disse!

**Deputado Flávio Soares (PSD):** Muito bem!

*(Aplausos dos Deputados das bancadas do PSD, CDS-PP, PPM e dos Membros do Governo)*

**Presidente:** Muito obrigado, Senhor Deputado.

Atingimos a nossa hora regimental.

Vamos interromper os nossos trabalhos para o almoço.

Regressamos às 15 horas.

*Eram 13 horas e 04 minutos.*

**Presidente:** Boa tarde, Sras. e Srs. Deputados.

*Eram 15 horas e 04 minutos.*

Estávamos, e estamos, no ponto 12 da nossa Agenda, **Projeto de Resolução n.º 109/XII, pela concretização do Projeto da Marina da Barra, na ilha Graciosa.**

Está inscrito o Sr. Deputado Manuel Ramos, a quem dou a palavra. Faz favor, Sr. Deputado.

(\*) **Deputado Manuel Ramos (PS):** Muito obrigado, Senhor Presidente.

Senhor Presidente, Senhoras e Senhores Deputados, Senhoras e Senhores Membros do Governo:

Este Projeto de Resolução já atingiu o seu objetivo, que foi alertar o Governo para a necessidade de concluir o projeto da Marina da Barra, cuja importante obra a primeira fase já foi edificada e está lá pronta para que este Governo possa chegar e rapidamente fazer um projeto, concluir aquela obra e dar-lhe o objetivo pretendido, que é a construção de uma marina.

Relativamente à intervenção do Senhor Deputado João Bruto da Costa, só a posso considerar hipócrita e mentirosa e com afirmações infundamentadas.

Levou anos e anos a puxar a Graciosa para baixo...

*(risos do Deputado Rui Martins)*

**Deputado Rui Martins (CDS-PP):** É impossível puxar a Graciosa para baixo! A Graciosa está sempre em cima!

**O Orador:** ... com crónicas e declarações políticas incendiárias, que até nem parecem de um graciosense que se digne.

Por essa razão é que é sempre o primeiro da lista, porque se fosse o segundo da lista, se calhar, não era eleito, porque os graciosenses não se reveem na sua forma de estar.

Relativamente à Marina da Barra, há alguns anos atrás, uma Câmara Municipal do PSD fez o primeiro projeto para a Marina da Barra, que mais parecia um porto oceânico. Tinha um custo de 18 milhões de euros.

Essa Câmara, o Senhor Deputado João Bruto da Costa fazia parte ou assessorava também essa Câmara, e o que é certo...

**Deputado João Bruto da Costa (PSD):** Tem piada que o senhor também.

**O Orador:** Ó Senhor Deputado, toda a gente conhece e já andou a circular, nas redes sociais, que o senhor deu pareceres ao Presidente da Câmara para abater os cães vadios a tiro.

**Deputado João Bruto da Costa (PSD):** O senhor era um dos autores desse projeto!

**O Orador:** O Senhor Deputado deu esses pareceres à Câmara...

**Deputado João Bruto da Costa (PSD):** O senhor era o autor!

**O Orador:** Exatamente.

Mas recentrando na Marina da Barra, o projeto já é antigo.

*(Apartes inaudíveis dos Deputados da bancada do PSD)*

**Presidente:** Senhoras e Senhores Deputados, Senhor Deputado Manuel Ramos, peço-lhe que se centre na Marina da Barra.

**Vozes de alguns Deputados da bancada do PSD:** Muito bem! Muito bem!

**Deputado Vasco Cordeiro (PSD):** Mas também há cães na marina da Barra.

**Deputado Nuno Barata (IL):** Senhor Presidente, como é que o senhor pode dizer uma coisa dessas? Eu fui à Graciosa e só vi cães na Marina da Barra!

*(Aplausos dos Deputados da bancada do PS)*

**Presidente:** Faz favor, Senhor Deputado.

**O Orador:** Muito obrigado, Senhor Presidente. Espero que os meus colegas Deputados respeitem a minha intervenção, como eu respeito as deles.

Recentrando o debate na Marina da Barra, como eu disse, uma Câmara do PSD iniciou o primeiro projeto. Não conseguiu colocar lá uma única pedra (não conseguiu colocar uma única pedra), e foi o Governo do PS, que apesar das delongas (nós reconhecemos os atrasos), na sua execução devido também muito à escolha, à forma técnica como foi executado o molho de proteção com acrópodes, que necessitavam de condições de mar muito favoráveis, para que fossem executados.

Em 2019, o Senhor Deputado João Bruto da Costa apresentou um Projeto de Resolução, aqui, nesta Casa, aliás, o PSD apresentou um Projeto de Resolução aqui nesta Casa e, havendo esta mudança, indo o PSD para o arco governativo, sempre pensei que uma das prioridades seria a Marina da Barra, e logo no primeiro ano que seria a Marina da Barra.

Já lá vão dois anos e só agora é que aparece um projeto, um projeto que já estava feito, com a mesma empresa, e que está a ser omitido, quer pela Câmara, quer pelo Governo, esse projeto inicial que já estava feito.

**Deputado João Bruto da Costa (PSD):** Ó senhor, o senhor sabe que isso é uma prioridade!

**O Orador:** Sr. Presidente, eu não tenho condições.

**Deputado João Bruto da Costa (PSD):** Diga a verdade, é só isso!

**O Orador:** Ainda relativamente à Marina da Barra, o projeto que a Senhora Secretária apresentou na Graciosa, que eu tive presente, tive o prazer de estar presente, para conhecer realmente o projeto, é completamente diferente do projeto que ela apresentou aqui. Na Graciosa só tinha três pontões para iates, na zona menos profunda, com quotas batimétricas de 2 metros, e um pontão para marítimo-turísticas.

Não falou, em portos de varagem, não falou em parques de estacionamento de iates. Apenas, foi uma maquete virtual, de péssima qualidade, para já, que foi apresentada.

E eu também gostaria de lhe perguntar, uma vez que não tem o projeto de execução, nem o projeto definitivo daquela obra, como é que chegou ao valor daquela obra, ao valor de três milhões e meio de euros, sem que haja um projeto técnico para aquela obra?

Como é que o Governo Regional chegou àquele valor? Como é que contabilizou os custos da obra, sem ter um projeto?

Essa era uma das perguntas que eu lhe queria fazer.

E eu penso que os graciosenses merecem esclarecimentos concretos e quando se vai apresentar um projeto, um projeto é um documento técnico, não é uma maquete digital, ou uma maquete virtual. É um documento técnico para ser devidamente apreciado com as quotas de profundidade da baía e com todas as condições para iates.

Eu lembro que a Graciosa, é a ilha mais a norte do arquipélago, e é a primeira ilha que fica entre a rota do Norte da Europa e os Açores.

E o Porto da Barra tem condições para ser uma marinha de recreio e até mesmo para a invernação de iates,...

**Deputado João Bruto da Costa (PSD):** O projeto é o mesmo!

**O Orador:** ... porque todas as outras marinhas do Grupo Central estão situadas no meio de aglomerados urbanos, sem condições para ter essas valências e o Porto da Barra tem todas essas condições.

Muito obrigado.

*(Aplausos dos Deputados das bancadas do PS)*

**Presidente:** Obrigado, Senhor Deputado.

Tem a palavra o Senhor Deputado Gustavo Alves.

**Deputado Gustavo Alves (PPM):** Obrigado, Senhor Presidente.

Senhor Presidente, Senhoras e Senhores Deputados, Senhor Presidente do Governo, Senhoras e Senhores Membros do Governo:

O Projeto de Resolução n.º109/XII, pela concretização do Projeto da Marina da Barra, na ilha Graciosa, apresentado pelo Grupo Parlamentar do PS, no nosso entender, é uma vez mais extemporâneo.

O projeto para a concretização da Marina da Barra, na ilha Graciosa, está em curso e há uma estimativa que o mesmo projeto conheça a sua conclusão no primeiro semestre de 2023.

Basta uma breve análise ao calendário para percebermos que faltam poucos meses para esse assunto ficar resolvido.

**Deputado Paulo Estêvão (PPM):** Muito bem!

**O Orador:** Este investimento na ordem dos 3.5 milhões de euros, contemplará, assim como a Senhora Secretária Berta Cabral disse, a instalação do assinalamento marítimo, a instalação de cerca de 120 postos de acostagem flutuantes, de um máximo de capacidade para 210 postos, drenagem e pavimentação do terrapleno, a construção de edifício de apoio, instalação de redes de abastecimento de água, eletricidade, iluminação e outros, criação de condições para postos de abastecimento de combustíveis, criação de área para atividades de manutenção de embarcações.

Pela voz do Senhor Presidente da Câmara Municipal de Santa Cruz da Graciosa, no âmbito da audição da Comissão especializada Permanente de Economia (e passo a citar) “este Projeto de Resolução, pede o que já se está a fazer” e mais adianta (e passo a citar), “o que está a ser analisado, não acrescenta em nada aquilo que era o desejo para aquela Marina”,...

**Deputado Paulo Estêvão (PPM):** Muito bem!

**O Orador:** ... considerando que o presente projeto não deve ser aprovado.

Pelo exposto, o Grupo Parlamentar do PPM, reitera a posição do seu Presidente daquela autarquia, considerando que o presente Projeto de Resolução é uma autêntica perda de tempo ou uma estratégia socialista para aparecer na fotografia, aquando da chegada à meta, que estamos em crer que estará para muito breve. Muito obrigado.

**Vozes de alguns Deputados da bancada do PSD:** Muito bem! Muito bem!

*(Aplausos dos Deputados das bancadas do PSD, CDS-PP, PPM e dos Membros do Governo)*

**Presidente:** Muito obrigado, Senhor Deputado.

Pergunto se há mais inscrições?

Senhora Deputada Vera Pires, faça o favor.

(\*) **Deputada Vera Pires (BE):** Senhor Presidente, Senhoras e Senhores Deputados, Senhor Presidente do Governo, Senhoras e Senhores Membros do Governo:

A presente iniciativa do Partido Socialista recomenda ao Governo Regional a concretização do projeto da Marina da Barra, na Graciosa, especificando a execução de alguns aspetos técnicos.

Esta discussão sobre o projeto da Marina não é de hoje e já vem, aliás, há muitos anos. E para o presente debate, parece-nos pertinente um breve resumo histórico do projeto.

Entre 2005 e 2006, foi ponderado um primeiro projeto diferente do atual para este local, que representava um avultado investimento e que acabou por não avançar.

Mais tarde, em 2011, o então Presidente da Câmara Municipal de Santa Cruz da Graciosa apresentou um novo projeto ao Governo Regional, na altura liderado pelo PS.

Só em 2016, teve início a obra de proteção da orla costeira da Barra e é neste ponto que ainda se encontra o projeto, após estes avanços e recuos, ao longo dos anos.

É também importante recordar que, em 2019, o PSD, enquanto partido da oposição, recomendou ao Governo Regional do Partido Socialista que desenvolvesse as medidas necessárias para assegurar a utilização da baía da Barra, tendo o debate desta iniciativa sido realizado já em 2020.

A Graciosa já esperou demasiado tempo neste típico jogo do empurra.

O que é verdadeiramente importante é decidir agora sobre a continuidade, ou não, do projeto da Barra. E sobre esta questão, o Bloco de Esquerda não tem dúvidas, por todo o dinheiro público que já foi investido, por todo o tempo que já passou, a situação atual tem que ser resolvida e não continuar a arrastar-se.

É por isto que o Bloco de Esquerda votará a favor da concretização do projeto da Marina da Barra, na ilha Graciosa, proposto pelo Partido Socialista.

O Governo Regional pretende avançar com a obra?

Maravilha, estaremos todos de acordo e, portanto, faz todo o sentido aceitar e aprovar também este projeto.

Muito obrigada.

**Deputado António Lima (BE):** Muito bem!

**Presidente:** Muito obrigado, Senhora Deputada.

Pergunto se há mais inscrições?

Não havendo mais inscrições... Senhor Deputado José Ávila, faça o favor.

(\*) **Deputado José Ávila (PS):** Muito obrigado, Senhor Presidente.

Senhor Presidente, Senhoras e Senhores Deputados, Senhor Presidente e Senhores Membros do Governo:

Relativamente às críticas do Senhor Deputado João Costa, utilizando os termos “ má-fé política”, “ má memória”,...

**Deputado João Bruto da Costa (PSD):** Má consciência!

**O Orador:** ... num tom que já nos tinha habituado ao longo destes anos, só me resta dizer-lhe com toda a franqueza que, relativamente às propostas e às promessas que subscrevi, sinto-me bastante confortável e tenho muita honra no trabalho feito naquela minha ilha.

*(Aplausos dos Deputados das bancadas do PS)*

Tomara que o senhor, no fim da sua carreira política, possa dizer o mesmo.

Eu pedia ao senhor que olhasse com alguma atenção para o seu manifesto eleitoral e veja já aquilo que não vai cumprir.

**Deputado João Bruto da Costa (PSD):** Estamos a meio! E com a ajuda que o senhor está a dar aqui!

**O Orador:** O senhor já tem lá algumas coisas que já temos a certeza que não vai cumprir.

**Deputado João Bruto da Costa (PSD):** E a Marina?

**O Orador:** A gente está aqui e vamos pedir contas. Vamos pedir contas!

Porque o senhor já sabe que nos próprios Orçamentos de 2021 e 2022, já vemos lá muita coisa que o senhor não cumpriu e parece que não vai cumprir e os Graciosenses sabem bem o que é que se está a passar.

Veja o caso dos transportes marítimos, veja o caso dos tempos de espera para consultas de medicina geral familiar, veja o caso da falta de pagamento de médicos, veja a nossa rede viária.

Mas há aqui uma coisa, que eu tenho que lhe reconhecer muito sucesso.

É a colocação dos apaniguados nos cargos de direção política naquela ilha. Isso o senhor tem tido muito sucesso.

**Deputado João Bruto da Costa (PSD):** Está a falar de quem?

**Deputado Manuel Ramos (PS):** Está a falar da família!

**O Orador:** Relativamente à Marina da Barra, que é o que nos traz aqui, quero lhe dizer que a prova de que queremos aquela marina é aquela obra.

O senhor só não a consegue esconder. O senhor não vai conseguir esconder aquela obra. A maior parte da obra está ali, está feita e recomenda-se. O próprio Senhor Secretário do Mar e Pescas, na Comissão, disse que aquela obra estava muito bem feita. E a prova de que queremos fazer aquela obra é, por exemplo, a proposta que apresentamos para o Orçamento de 2021 de reforçar em 500.000 euros para precisamente terminar. O senhor votou contra! O senhor e a sua maioria, aliás, as minorias unidas votaram contra.

Mas nós queremos que aquela marina termine, por isso é que a nossa proposta entra no mês de abril, quando na altura não havia nada que provasse que os senhores queriam, de facto, fazer ali alguma coisa.

Pelo menos esta proposta teve uma vantagem: o Governo começou-se a mexer, a partir dessa altura.

**Deputado Manuel Ramos (PS):** Exatamente!

**O Orador:** Começou-se a mexer e a prova está na apresentação que foi feita, no dia 28 de novembro. Ora foi feito no dia 28 de novembro e, curiosamente, esta proposta sobe a plenário em dezembro. Curiosamente!...

O senhor tem assento na Conferência de Líderes. Com certeza, saberá explicar o que é que aconteceu relativamente a isto.

**Deputado João Bruto da Costa (PSD):** Quem tem que responder é a sua colega!

**O Orador:** Mas como eu não estou aqui para discutir consigo, eu quero é saber o que é que vai acontecer com a marina.

A Senhora Secretária disse, e disse bem, aliás, a Senhora Secretária foi muito cordial na apresentação, e eu tenho que agradecer essa sua postura, ao contrário do que aconteceu com o Senhor Deputado João Bruto da Costa, mas isso para mim é o lado que eu durmo melhor.

**Deputado Paulo Silveira (PSD):** Mais ou menos!

**O Orador:** A Senhora diz que tem uma proposta e que a sua proposta é mais ambiciosa.

É mais ambiciosa! Vamos lá ver!...

O que nós propomos aqui é o que falta, Senhora Secretária. E sobre aquilo que a senhora disse, falou em seis pontões.

A única diferença que eu achei aí...

**Secretária Regional do Turismo, Mobilidade e Infraestruturas (Berta Cabral):** Mais um!

**O Orador:** A Senhora de facto, avançou com seis pontões, portanto, mais um do que tem o projeto anterior.

**Secretária Regional do Turismo, Mobilidade e Infraestruturas (Berta Cabral):** Não! Mais um para as marítimo-turísticas!

**O Orador:** Sim. É o cais de desembarque, que já estava previsto também no projeto anterior.

**Deputado João Bruto da Costa (PSD):** Qual projeto anterior?

**O Orador:** Não se enerve, porque eu posso mostrar-lhe.

**Deputado João Bruto da Costa (PSD):** Mostre, mostre. O senhor é o único que tem!

**O Orador:** Mas vamos chegar lá. Mostro, mostro.

A Senhora Secretária, não é da área de engenharia civil, e eu também não sou. Portanto, estamos mais ou menos os dois ao mesmo nível.

A senhora diga-me uma coisa: vai meter lá mais um pontão e só tem cinco postos de amarração.

A senhora não consegue mais um posto de amarração, a não ser que faça outra obra.

E já que o Senhor Deputado João Bruto da Costa falou na questão do projeto e que não havia nada na pasta de transição, se calhar não tinha que haver, porque o projeto não era do Governo. O projeto foi encomendado pela Câmara Municipal.

Eu queria era perguntar ao Senhor Secretário do Mar e Pescas se recebeu da Câmara Municipal, ou não, o projeto da Marina da Barra?

Muito obrigado.

**Vozes de alguns Deputados da bancada do PS:** Muito bem! Muito bem!

*(Aplausos dos Deputados das bancadas do PS)*

**Presidente:** Muito obrigado, Senhor Deputado.

Tem a palavra o Senhor Deputado João Bruto da Costa.

(\*) **Deputado João Bruto da Costa (PSD):** Muito obrigado, Senhor Presidente.

O debate sobre a Marina da Barra, eu penso que já todos sabemos o que é que está em causa e o que é que são 16 anos...

**Deputada Andreia Cardoso (PS):** Não!

**O Orador:** ... quatro legislaturas, bastantes anos de espera pelos graciosenses.

E quem é que foi eleito para a Câmara Municipal, três legislaturas (12 anos!) e não fez a Marina da Barra? Não fez! Não tem lá nenhuma marina. O senhor não fez! O senhor pode continuar a gritar que fez, mas o senhor não fez a marina.

O senhor andou a enganar toda a gente e essa é a verdade.

Agora o Senhor Deputado José Ávila vai ter que dizer aqui nesta sala, perante todas as Senhoras e Senhores Deputados, quem foi e quem são os apaniguados que eu coloquei em algum lugar, na ilha Graciosa?

*(Aplausos dos Deputados das bancadas do PSD, CDS-PP, PPM e dos Membros do Governo)*

**Deputado José Ávila (PS):** Eu não disse que era o senhor!

**O Orador:** Seja sério, seja um homenzinho!

Seja um homem sério e diga aqui os nomes das pessoas que eu alguma vez coloquei em algum lugar.

*(Aplausos dos Deputados das bancadas do PSD, CDS-PP, PPM e dos Membros do Governo)*

**Deputado José Ávila (PS):** Eu não preciso de dizer, porque toda a gente sabe quem são!

**Deputado Nuno Barata (IL):** Eu não sei!

**Presidente:** Muito obrigado, Senhor Deputado.

Pergunto se há mais inscrições?

Não havendo, mais inscrições...

Senhor Deputado José Ávila, faça favor, para uma interpelação.

(\*) **Deputado José Ávila (PS):** Senhor Presidente, Senhoras e Senhores Deputados:

Há aqui uma coisa que é importante. Eu fiz uma pergunta ao Senhor Secretário do Mar e Pescas, porque tem a ver com esta proposta. Tem a ver exatamente com esta proposta. É saber se o Senhor Secretário do Mar e Pescas tinha ou não recebido o projeto enviado pela anterior Câmara.

**Deputado Carlos Silva (PS):** Muito bem!

**O Orador:** É porque isto tem tudo a ver com este Projeto de Resolução. É porque se ele não recebeu, é uma coisa; se ele recebeu há aqui alguém que está a mentir.

Muito obrigado.

**Vozes de alguns Deputados da bancada do PS:** Muito bem! Muito bem!

**Presidente:** Muito obrigado, Senhor Deputado.

Senhor Secretário Regional do Mar e Pescas, tem a palavra. Faça favor.

(\*) **Secretário Regional do Mar e Pescas** (*Manuel São João*): Muito obrigado, Senhor Presidente.

Senhor Presidente, Senhoras e Senhores Deputados, Senhor Presidente, Senhor Vice-Presidente, Senhoras e Senhores Membros do Governo:

Aquando de uma deslocação à ilha Graciosa e numa reunião mantida com a Câmara Municipal e com o Senhor Professor, ao tempo Presidente da Câmara, Manuel Avelar, com a Senhora Vice-Presidente, foi-nos comunicado (no fundo, em conversa lá mantida) de que existia um projeto relativo à marina.

Na altura, não nos foi entregue pessoalmente, mas foi-nos posteriormente remetido um mail com um esboço daquilo que a Câmara Municipal pretendia para aquele local.

**Deputado Berto Messias** (*PS*): Esboço não, um projeto!

**O Orador:** Desculpe, não era nenhum projeto, aquilo que nos foi remetido.

Mas está arquivado na Secretaria Regional do Mar e das Pescas e, portanto, disponível para ser fornecido aquilo que efetivamente deu entrada na dita Secretaria.

Muito obrigado.

**Deputado João Bruto da Costa** (*PSD*): Está no relatório da Comissão!

**Presidente:** Muito obrigado, Senhor Secretário Regional.

Tem a palavra o Senhor Deputado José Ávila,

(\*) **Deputado José Ávila (PS)**: Muito obrigado, Senhor Presidente, Senhor Presidente, Senhoras e Senhores Deputados:

De facto, há aqui realmente uma questão que quanto a mim, eu nunca esperei ter que fazer isso, mas o que o Senhor Secretário disse, não é verdade.

Eu vou lhe explicar porquê. No dia 21/01/2021, o senhor esteve na Graciosa e foi-lhe dito isso (eu estava presente) de que havia um projeto e, seguidamente, foi-lhe enviado um projeto. Eu tenho aqui a cópia do projeto, um projeto Marina da Barra, projeto de execução.

*(Neste momento o Sr. Deputado mostra um projeto à Câmara)*

Portanto, o que o senhor recebeu foi isto.

O senhor recebeu isto. Isto não é esboço nenhum. Isto é um projeto. O senhor, inclusivamente, recebeu também as alternativas que foram estudadas, que foram três.

*(Neste momento o Sr. Deputado mostra uma foto à Câmara)*

Portanto, não concordar com este projeto, é legítimo. Agora dizer que não recebeu o projeto é muito mau, é muito mau.

Muito obrigado.

*(Aplausos dos Deputados das bancadas do PS)*

**Presidente:** Obrigado, Senhor Deputado.

Tem a palavra o Senhor Deputado Carlos Furtado.

(\*) **Deputado Carlos Furtado (Indep.)**: Muito obrigado, Senhor Presidente.

Senhor Presidente, Senhoras e Senhores Deputados, Senhoras e Senhores Membros do Governo:

Senhor Deputado José Ávila, eu sinto-me visado por uma afirmação sua de há pouco, quando disse que toda a gente sabia quem eram as pessoas que foram agraciadas pelo poder de influência do Senhor Deputado João Bruto da Costa.

Eu como sou, supostamente, um dos que “toda a gente sabe”, agradecia ao Senhor Deputado José Ávila que identificasse as pessoas, porque isto é um assunto sério demais e não deve ser deixado assim de ânimo leve.

Muito obrigado.

**Vozes de alguns Deputados da bancada do PSD e do PPM:** Muito bem!  
Muito bem!

*(Aplausos dos Deputados das bancadas do PS)*

**Presidente:** Muito obrigado, Sr. Deputado.

Tem agora a palavra o Sr. Secretário Regional do Mar e Pescas.

(\*) **Secretário Regional do Mar e Pescas** (*Manuel São João*): Senhor Presidente, Senhoras e Senhores Deputados, Senhor Presidente, Senhor Vice-Presidente, Senhoras e Senhores Membros do Governo:

Vir aqui dizer que eu tomei conhecimento de um projeto que me foi entregue pela Câmara Municipal de Santa Cruz da Graciosa e depois dizer que estou a faltar à verdade, considero que é uma afirmação gratuita, porquanto, oficialmente aquilo que nos foi dito, pela Senhora Vice-Presidente da Câmara foi que existia um projeto da Câmara e que nos iriam remeter esse projeto. Passado algum tempo, como lhe disse, foi remetido à Secretaria.

**Deputado Berto Messias** (*PS*): Um projeto ou um esboço?

**O Orador:** Foi remetido um projeto e também já afirmei que isso que nos foi remetido se encontra arquivado na Secretaria e que, portanto, se os senhores...

**Deputado José Ávila** (*PS*): O senhor disse que era um esboço. Agora está a dizer que é um projeto! Se é um projeto é diferente!

**O Orador:** Um esboço! Então o senhor exibiu três folhas aí e é o projeto igual àquele que agora o Governo apresenta?

Pelo amor de Deus!...

*(Aplausos dos Deputados das bancadas do PSD, CDS-PP, PPM e dos Membros do Governo)*

Aquilo que nós aqui estamos a dizer é que efetivamente nos foi transmitido...

*(Apartes inaudíveis dos Deputados da bancada do PS)*

**Secretária Regional do Turismo, Mobilidade e Infraestruturas (Berta Cabral):** Está adjudicado o projeto! Não distinguem as peças?

**Deputada Andreia Cardoso (PS):** Ah, distingo perfeitamente!

**O Orador:** Oiça!

Senhor Deputado, salvaguardando a postura, porque aqui não tenho interesse nenhum em faltar à verdade, nem aqui, nem em qualquer sítio, o que lhe digo é que aquilo que nos foi comunicado se encontra arquivado na Secretaria e, portanto, aquilo que lá está é aquilo que nos foi remetido, mais nada do que isto.

**Presidente:** Muito obrigado, Senhor Secretário Regional.

Pergunto se há mais inscrições?

Senhor Deputado Nuno Barata, faça favor.

**(\*) Deputado Nuno Barata (IL):** Senhor Presidente, Senhores Deputados, Senhores Membros do Governo:

Este processo de ordenamento da orla costeira da zona da Barra, na ilha Graciosa, que abusivamente se teima em chamar de Marina da Barra da ilha Graciosa, que é logo o primeiro erro, é mais um daqueles processos que não nos devia deixar muito contentes.

É mais uma trapalhada.

O projeto, que é uma simples proteção da orla costeira, agora já lhe chamam de marina. Candidataram uma coisa e fizeram outra.

Um projeto que, supostamente, é do Governo, a culpa agora é da Câmara.

Um projeto que, supostamente, é uma marina, mas afinal é a proteção da orla costeira, ou é proteção da orla costeira e afinal é marina, é da responsabilidade do Senhor Secretário das Pescas.

E ainda há mais um pormenor! Há um pormenor dos apaniguados pelo meio.

Quem estiver de fora, a ouvir este debate não percebe nada do que a gente está aqui a discutir.

**Deputado Pedro Neves (PAN):** Até mesmo que está dentro, não está a perceber!

**O Orador:** Exatamente! Estive aqui um bocadinho a tentar situa-me. E fiquei ainda mais preocupado quando ouvi a Senhora Secretária Regional falar de coisas para aquele espaço de proteção da orla... para aquela bacia (ia dizer o nome certo) que ali ficou, resultado da tal obra de proteção da orla costeira da zona da Barra na ilha Graciosa, como se fosse um projeto de uma marina de encher o olho.

Pois, Senhora Secretária, devo dizer-lhe que projetos de marina nos Açores, salvo Vila de Porto, tudo o resto é um horror. Não passaram dos tais esboços de três páginas, que depois resultaram em disparates e em perca de dinheiro, o que explica bastante o que se andou a fazer e que me parece que se vai continuar a fazer nessa Região para depois não haver dinheiro para financiar o Serviço Regional de Saúde, como falámos aqui ontem.

**Deputado Paulo Estêvão (PPM):** Mas o senhor não é conselheiro nestas matérias?

**O Orador:** Eu sou, sou. Por experiência, Senhor Deputado Paulo Estêvão. Por experiência!

*(Aparte inaudível)*

**O Orador:** Sim, também tenho responsabilidade. O que é que hei de fazer?

*(Aparte inaudível do Deputado Rui Martins)*

**O Orador:** É isso! Olhe, o Senhor Deputado Rui Martins é que tem razão. Realmente quererem-me responsabilizar também pelo disparate que está feito na Barra é, de facto, como já havia poucos responsáveis (os do passado, os do presente, os futuros, os do Governo, os da Câmara, os da “Filarmónica”, que também há muitos...

**Vice-Presidente do Governo Regional (Artur Lima):** Desta vez não sou eu!

**O Orador:** Não sei, não sei!

**Vice-Presidente do Governo Regional (Artur Lima):** Ainda não sei, Barata!

**O Orador:** Senhor Vice-Presidente, nós de repente, com calma, vamos chegar lá.

**Vice-Presidente do Governo Regional (Artur Lima):** Isso!

**O Orador:** Não tenho o senhor dado algum palpite. Lá tomou uma Laranjada, da Melo Abreu, encostado ao balcão da Filarmónica, que tenha levado alguém a tomar aquela decisão.

Se calhar o senhor até fez alguma pressão, mas como senhor nunca teve um Deputado pela Graciosa, bem que tentou e não consegui,...

**Vice-Presidente do Governo Regional (Artur Lima):** Vou tentar de novo!

**O Orador:** Vai tentar de novo. Na coligação, pode ser que consiga.

**Vice-Presidente do Governo Regional (Artur Lima):** Encoste-se!

**O Orador:** É! O senhor encosta-se sempre bem.

**Vice-Presidente do Governo Regional (Artur Lima):** Encosto-me sempre bem!

**O Orador:** E estamos perdendo aqui, o norte ao debate.

Isto para concluir que, de facto, a náutica de recreio na Região Autónoma dos Açores, eu diria, foi maltratada, apesar da bonomia das intenções, porque eu ainda tenho aqui registado, na minha cabeça, o discurso do então Presidente do Governo Regional dos Açores, Carlos César, aquando da inauguração do Núcleo de Recreio Náutico das Lajes das Flores, em que disse, e bem, que o plano de construção de marinas em todas as ilhas dos Açores, era para servir os nautas de recreio que atravessam o Atlântico, os nautas de recreio que querem fazer náutica de Recreio nos Açores e não apenas os locais, tentando desenvolver, e bem, um *cluster* de negócio da náutica de recreio, que é isto que a Região tem que fazer.

E é ver o exemplo de Santa Maria que desenvolver esse *cluster* de uma forma incrível, porque o projeto está bem feito.

Agora, não podemos é querer fazer na Barra aquilo para o qual a Barra nunca foi projetado nem tem vocação, porque a marina da Barra, a marina, que vai ficar construída na zona de proteção da orla costeira da Barra não vai funcionar senão três ou quatro meses no ano, porque qualquer pessoa que conhece a ondulação naquele espaço e a orientação daquela obra, percebe que não é possível. Portanto, eu fico assustado quando vejo o projeto da Senhora Secretária Regional, que pôr ali mais *fingers*, mais pontões, e tê-los ali da forma que se pretende esse Projeto de Resolução, é para serem destruídos no primeiro inverno. E nós passamos aqui todos os invernos e substituir os *fingers*, os passadiços e as amarrações do Porto de Recreio, ou lá como que se queira chamar, da zona da Barra.

Por isso apelo a que façam uma análise mais séria desse processo, porque se esse processo for para fazer *à déjà vu*, ou em cima do joelho, como as tais três folhas que estão ali daquele projeto da Câmara de Santa Cruz, então é deitar dinheiro à água outra vez, mais do que aquele já lá está enterrado.

E isso é que é preciso enfrentar com coragem.

É preciso ter a coragem de dizer o que é que, de facto, se vai fazer, e para quanto tempo aquilo vai funcionar, porque não vai funcionar doze meses no ano (posso garantir que não vai funcionar doze meses no ano) e naqueles três meses de bom tempo também vai haver muitos dias em que quem estiver dentro daquela marina vai passar muitos sustos e vai ter muitas deceções.

E era bom que também explicassem à Câmara, que é a mesma coisa que explicar aos açorianos todos, que raio de confusão é essa entre uma obra do Governo, que depois é a câmara que faz o projeto, e que ninguém sabe quem executa, se são as obras públicas, se é o Senhor Secretário do Mar, se são os transportes.

Quem é que faz? Quem é que vai promover? Quem é que vai gerir? Porque isso tudo é importante. Não é só fazer para depois estarmos aqui daqui a um ou dois, “olha, está feito e agora não serve para nada”.

Muito obrigado.

**Presidente:** Obrigado, Senhor Deputado.

A Mesa não tem mais inscrições.

Senhora Secretária Regional do Turismo, faça favor, tem a palavra.

(\*) **Secretária Regional do Turismo, Mobilidade e Infraestruturas** (*Berta Cabral*): Muito obrigada.

Senhor Presidente, Senhoras e Senhores Deputados, Senhor Presidente do Governo, Senhor Vice-Presidente, Senhoras e Senhores Membros do Governo:

Colocadas aqui várias questões, eu gostaria, de forma sistemática, tentar responder, às que me foram colocadas dizendo, contudo, que procurei ser o mais clara possível na apresentação daquilo que é o programa, que faz parte das peças do concurso para a adjudicação do projeto de execução. Isto é uma peça do concurso.

O concurso foi lançado, o projeto está adjudicado, está a ser feito e eu referi até quem era o projetista, o Engenheiro Morim de Oliveira, que é uma pessoa

conceituada nestas obras de mar. Portanto, estamos absolutamente tranquilos com a entrega deste projeto, a quem sabe o que está a fazer, de acordo com um programa preliminar que foi feito pela Direção Regional das Obras Públicas.

E eu detalhei o melhor que pude, para também não ser exatamente muito exaustiva, aquilo que é o programa preliminar, e é com base neste programa que o projetista vai desenvolver o seu trabalho. Mas também quando se faz um programa tem que se saber, tem que se ter uma estimativa do custo.

Portanto, já estou aqui a responder ao Senhor Deputado Manuel Ramos que me perguntou qual a estimativa? A estimativa é feita por quem faz o concurso.

Tem que se saber, logo, quais são as balizas de qualquer concurso.

Depois, o projetista faz, e quando estivermos o projeto de execução é determinado o preço base para lançar o concurso da obra. Mas há sempre balizas. E é dessas balizas que nós estamos a falar.

Depois ainda há o preço definitivo, que é de quem concorre e de quem ganha a empreitada, que ainda pode ser outro preço. E nós bem sabemos que isso tem acontecido, sobretudo nos tempos de hoje. Mas é assim que se faz. E a Senhora Deputada Andreia Cardoso foi Presidente da Câmara e sabe muito bem que não são três folhas que são um projeto. Um projeto! É um conjunto de peças.

Isso é um esboço, que nós respeitamos, não o conheço, mas respeito (respeito!).

É um esboço que serve de base, quando muito, para todas as peças que são necessárias para lançar o concurso, porque não é isso o projeto. O projeto é o que vai sair, o projeto é o que vai ser elaborado pelo projetista que ganhou o concurso do projeto. Pronto!

Estamos aqui a especificar como é que estas coisas funcionam. E é assim que funcionam.

Não vale a pena! É assim que funciona e tinha a obrigação de saber. É assim que funciona!

**Deputado João Vasco Costa (PS):** A senhora sabe quem é que fez aquele esboço?

**A Oradora:** Quanto às questões agora colocadas pelo Senhor Deputado Nuno Barata, que eu considero também fundamentais de se esclarecer, eu devo dizer, e aí esclareço a Senhora Deputada Vera Pires, que o Governo anterior consignou a obra de proteção da Barra, em agosto de 2016, por 540 dias.

**Deputado José Ávila (PS):** A proteção já está feita!

**A Oradora:** A obra estava prevista terminar em fevereiro de 2018, mas teve 986 dias de prorrogações graciosas, concedidas pelo anterior Governo e a obra só foi rececionada em dezembro de 2020.

Rececionada a obra em 2020, é a partir daí que se começa a trabalhar sobre esta nova orientação, a dar àquele espaço que é a construção de uma Marina. E é em função disso que começámos a trabalhar e em setembro de 2022, temos concluído o programa, que é peça de concurso, lançado o concurso, o projeto está adjudicado e no primeiro semestre de 2023 teremos o projeto de execução.

Portanto, neste aspeto julgo que respondi ao Senhor Deputado Manuel Ramos, respondi à Senhora Deputada Vera Pires.

Ao Senhor Deputado Nuno Barata, vou responder agora. Efetivamente, a obra de proteção é feita pelo Governo.

É intenção fazer dali, aproveitando a obra de proteção, uma marina.

Nós desenvolvemos o projeto.

Nada impede que se faça um contrato ARAAL (aliás, intenção já do anterior Governo), com a Câmara Municipal, para a Câmara Municipal executar o projeto. Não é desenvolver, o projeto está adjudicado por nós, pelo Governo. Vai ser apresentado e concluído no primeiro semestre 2023.

Feito o projeto de execução (porque projetos, qualquer coisa é um projeto) é entregue à Câmara, com um contrato ARAAL e a Câmara faz a sua concretização, a sua execução prática, em obra.

**Deputado João Bruto da Costa (PSD):** Muito bem!

**A Oradora:** Está tudo muito claro. Se for essa a intenção da Câmara, quando chegarmos lá, o Governo está disponível para isso, mas é sempre possível ser diferente.

A obra é do Governo, delegada na Câmara, por contrato ARAAL, mas a obra é sempre do Governo. Essa questão para nós está muito clara.

Resta então aqui responder a algumas questões que o senhor Deputado José Ávila colocou do ponto de vista prático.

Senhor Deputado, eu tenho imenso gosto em mostrar-lhe o programa que aqui tenho e dizer-lhe que há a construção de um pontão de acesso aos outros pontões e é nesse pontão de acesso que consegue amarrar o sexto passadiço.

Também disse, e isso foi dito na Graciosa, na apresentação pública, que a própria Câmara Municipal, atendendo àquilo que hoje são as solicitações das embarcações locais, que isto deve ser feito por fases, deve-se executar três dos passadiços, e os outros três serão feitos à medida que forem sendo necessários, porque não vale a pena instalar passadiços para ficarem na água a aguardar a sua utilização. Faz-se por fases.

Portanto, a intenção é, numa primeira fase, colocar três para 120 postos de amarração, podendo a baía da Barra ter até seis passadiços, mais um para as marítimo-turísticas.

Portanto, foi isso que disse logo na minha intervenção inicial.

Portanto, em função disso, só me resta reiterar que o projeto execução está adjudicado e será entregue pelo projetista durante o primeiro semestre 2023.

Muito obrigada.

*(Aplausos dos Deputados das bancadas do PSD, CDS-PP, PPM e dos Membros do Governo)*

**Presidente:** Muito obrigado, Senhora Secretária.

Tem a palavra o Senhor Deputado José Ávila.

**(\*) Deputado José Ávila (PS):** Muito obrigado.

Senhor Presidente, Senhoras e Senhores Deputados, Senhora Secretária Regional:

Muito obrigado, pelas suas respostas. Realmente era uma dúvida que eu tinha, porque nos *slides* da apresentação do esboço (agora sim, do esboço), há um *slide* que tem seis passadiços, mas há um outro *slide* que só tem três e que me tinham dito que era exatamente para as marítimo-turísticas, o que é uma pena, porque se é uma quota menos 5 tem que ser aproveitada é para as embarcações maiores.

**Secretária Regional do Turismo, Mobilidade e Infraestruturas (Berta Cabral):** Primeira fase!

**O Orador:** Mas, Senhora Secretária, de facto, o que tenho aqui é projeto de execução. Projeto de execução, não é só isto, mas o que está aqui escrito é projetos de execução.

E, curiosamente, é a empresa WW que é do engenheiro Mourinho de Oliveira, que a Senhora acabou de referir.

**Secretária Regional do Turismo, Mobilidade e Infraestruturas (Berta Cabral):** Ainda bem!

**O Orador:** Portanto, o nosso problema gira todo à volta, se há ou se não há projeto.

Se houve projeto, alguém esqueceu-se dele, ou guardou-o, ou não quis mostrar.

Agora a nossa preocupação, Senhora Secretária, nós temos que saber o que é que vai acontecer daqui para a frente.

A Senhora se, de facto, não é herdou projeto nenhum do passado. não tem, por exemplo, o estudo geomorfológico, não tem o estudo topo hidrográfico, não tem um estudo prévio, nem tem um estudo de impacto ambiental.

Eu preciso saber se a Senhora Secretária, agora nesta fase, que vai começar tudo de novo, ignorando o trabalho que está feito e o dinheiro que já se investiu...

**Deputado João Bruto da Costa (PSD):** Mas onde é que isso está? Diga lá! Levou da Câmara consigo?

**O Orador:** Ó Senhor Deputado...

Eu quero saber é se para fazer este novo projeto vai necessitar de todos estes estudos de novo?

Muito obrigado.

*(Aplausos dos Deputados das bancadas do PSD, CDS-PP, PPM e dos Membros do Governo)*

**Presidente:** Muito obrigado, Senhor Deputado.

Tem a palavra o Senhor Deputado João Bruto da Costa.

**(\*) Deputado João Bruto da Costa (PSD):** Obrigado.

Senhor Presidente, Senhoras e Senhores Deputados, Senhor Vice-Presidente, Senhoras e Senhores Membros do Governo:

Uma breve intervenção para procurar um esclarecimento.

É que eu estive na mesma reunião, com o Senhor Secretário Regional das Pescas e os Senhores Deputados do PS, entre outras pessoas (os vereadores da Câmara e a Senhora Vice-Presidente, e o Senhor Deputado José Ávila estava lá) e o que se falou do projeto de Marina era o edifício de apoio.

**Deputado José Ávila (PS):** Isso é outra coisa!

**O Orador:** Era isso que a Câmara ia construir.

Foi o que o Senhor Vice-Presidente nos disse. Aliás, na pasta de transição, não havia projeto nenhum.

Eu perguntei aqui ao Secretário das Pescas. Só se o senhor está a dizer que o anterior Secretário do Governo do Senhor Presidente, então, Vasco Cordeiro, mentiu, porque disse aqui que não tinha projeto, não havia projeto.

O senhor esteve na Câmara da Graciosa 12 anos, o senhor não fez a marina.

O senhor pode-se convencer que fez, mas não fez.

O senhor continua a ir à Barra e não tem lá marina nenhuma.

**Deputado José Ávila (PS):** 90% está feita!

**O Orador:** Quando tiver, será esta legislatura, o XIII Governo a fazer.

E o senhor teve quatro legislaturas para fazer uma marina e não fez.

**Deputado Manuel Ramos (PS):** A marina não é sua! É dos Açores e dos açorianos!

**O Orador:** E o Senhor Deputado Manuel Ramos, que está ali constantemente a mandar apartes, também não fez.

**Deputado Manuel Ramos (PS):** Não estou a mandar apartes. Estou a dizer que a marina é dos Açores e dos açorianos!

**O Orador:** Aliás, o senhor nem queria que se fizesse.

O senhor não queria que se fizesse uma marina na Barra. Foi o senhor que disse há pouco, quando falou do projeto de 2006, quando o senhor trabalhava na Câmara. Foi o que o senhor disse. O senhor não queria que fizesse aquela marina.

O senhor não queria que fizesse nenhuma marina.

Portanto, o que eu queria retificar aqui é que o Senhor Deputado José Ávila e o Partido Socialista podem querer vir aqui dizer que tinham um projeto. E até tinham em 2008. Havia uma ideia para a Barra.

Em 2012, o mesmo desenho que o senhor publica nas redes sociais foi publicado num cartaz pelo Senhor Deputado Vasco Cordeiro, em 2012, no local.

E, portanto, a questão é que os senhores limitaram-se a apresentar desenhos e papéis, mas nunca fizeram o projeto que dava para ter uma marina naquele local.

O senhor saiu depois de quatro legislaturas de maioria absoluta e de três legislaturas na Câmara Municipal.

Aliás, se perguntarem, e se os graciosenses se lembrarem, os senhores até diziam, na campanha de 2009, que era melhor ter uma Câmara do PS, porque assim talvez se fizesse a marina.

Estiveram lá três mandatos e não fizeram a marina. E é isso que os graciosenses sabem.

E o que sabem também é que, de acordo com este projeto, de acordo com aquilo que o Governo está a trabalhar com a atual Câmara Municipal que, felizmente, quer mesmo desenvolver o projeto da Marina, ela vai existir.

E ela vai existir e o senhor vai utilizá-la.

O Senhor Deputado Manuel Ramos está a dizer que não vai utilizá-la. É opção dele. Ele também não queria que a marina ali estivesse. Mas o senhor vai utilizá-la e espero eu, e esperamos todos, que em breve esse processo comesse a avançar.

Agora não se pode é vir aqui dar a ideia de que os senhores tinham um projeto, porque eu estive lá, e não nos mostraram projeto nenhum.

Só se o senhor trouxe o projeto da Câmara e mais ninguém ficou com ele. É porque eu também sei que e-mails e discos rígidos, quando entrou aquela Câmara, na transição de Presidentes, não há.

Não há históricos, não há e-mails, não há nada.

**Deputado Berto Messias (PS):** Como é que o senhor sabe que não havia?

**O Orador:** E projetos também não havia. Foi o que me disseram a mim, ao Senhor Secretário, a si, ao Senhor Deputado Manuel Ramos e às outras pessoas que lá estavam.

Não foi gravado, não ficaram atas. Também não ficaram fotografias de um repórter que contrataram durante anos e pagaram milhares de euros. Também não há arquivos fotográficos.

Há muita coisa que pelos vistos o senhor tem e que nós não temos.

É um desenho.

**Deputado José Ávila (PS):** E a si também pagaram!

**O Orador:** Eu espero que o senhor faça bom proveito dele.

Muito obrigado.

**Presidente:** Muito obrigado, Sr. Deputado.

Tem a palavra o Sr. Deputado Manuel Ramos.

(\* **Deputado Manuel Ramos (PS):** Muito obrigado, Senhor Presidente. Era para defesa da honra.

O Senhor Deputado João Bruto da Costa...

**Presidente:** Senhor Deputado, espere...

(\* **Deputado Manuel Ramos (PS):** Desculpe!

**Presidente:** Defesa da honra a...

**Deputado João Bruto da Costa (PSD):** Depois de me chamar de mentiroso?

**Deputado Joaquim Machado (PSD):** Mentiroso e outras coisas!

(\* **Deputado Manuel Ramos (PS):** Não, não! Eu não chamei mentiroso!

**Presidente:** Chamou, sim senhor.

(\* **Deputado Manuel Ramos (PS):** Não, não! Eu disse “uma declaração mentirosa”, o que é diferente de chamar mentiroso.

**Presidente:** O senhor quer defender a honra de ...

(\* **Deputado Manuel Ramos (PS):** O Senhor Deputado João Bruto da Costa, colocou na minha boca palavras que eu disse, designadamente que eu era contra a construção da marina da Barra.

E eu nunca proferi isso aqui.

**Presidente:** Dou-lhe a palavra para um protesto.

(\* **Deputado Manuel Ramos (PS):** Muito obrigado, Senhor Presidente.

Senhor Presidente, Senhoras e Senhores Deputados, Senhoras e Senhores Membros do Governo:

A marina da Barra é uma aspiração de todos os graciosenses e também é minha, porque eu também sou graciosense e os graciosenses que eu represento aqui também, são a favor da Marina da Barra.

Eu nunca fui contra a marina da Barra, nem contra que ela fosse feita.

O que eu quero é que seja retirado do diário das sessões as afirmações do Senhor Deputado a dizer que eu sou contra a construção de marina da Barra.

Muito obrigado, Senhor Presidente.

**Presidente:** Muito obrigado, Senhor Deputado.

O Senhor Deputado João Bruto da Costa quer usar do direito a contraprotesto? Não.

A Mesa não tem mais ninguém inscrito.

Senhor Deputado José Ávila...

(\*) **Deputado José Ávila (PS):** Senhor Presidente da Assembleia, eu faço esta interpelação...

**Presidente:** Ah!... Para uma interpelação. O senhor não tinha indicado.

Faz favor, para a interpelação.

(\*) **Deputado José Ávila (PS):** A interpelação que quero fazer era para dar... Eu sei que a Senhora Secretária estava ao telefone, mas se calhar ela quererá responder àquilo que eu lhe perguntei, que exatamente tem a ver com os estudos que são suporte do projeto, se vão ter que ser repetidos, ou não? Isso também é uma parte importante para um melhor esclarecimento.

Muito obrigado.

**Presidente:** Senhora Secretária Regional, faça favor.

(\*) **Secretária Regional do Turismo, Mobilidade e Infraestruturas (Berta Cabral):** Obrigada.

Senhor Presidente, Senhoras e Senhores Deputados, Senhor Presidente, Senhores Membros do Governo:

Efetivamente, Senhor Deputado, agradeço-lhe,...

**Deputado Joaquim Machado (PSD):** Muito bem!

**O Orador:** ... porque estamos aqui com outro assunto urgente que temos que resolver.

Mas o que lhe quero dizer é o seguinte:

Naturalmente que o projeto respeitará tudo aquilo que tem que ser respeitado do ponto de vista técnico e sobre isso não há dúvida nenhuma.

Se o Senhor Deputado tem estudos que queira fazer chegar à Secretaria, eu só lhe agradeço.

Tudo o que nós pudermos fazer para evitar gastar mais dinheiro, evitamos; se não o tivermos, teremos que o fazer, faremos.

Muito obrigada.

**Vozes de alguns Deputados da bancada do PSD:** Muito bem! Muito bem!

*(Aplausos dos Deputados das bancadas do PSD, CDS-PP, PPM e dos Membros do Governo)*

**Presidente:** Muito obrigado, Senhora Secretária Regional.

Pergunto se há mais inscrições?

Uma interpelação à Mesa faz favor, Senhor Deputado João Vasco Costa.

**(\*) Deputado João Vasco Costa (PS):** Muito obrigado, Senhor Presidente.

Senhor Presidente, Senhoras e Senhores Deputados, Senhor Presidente, Senhoras e Senhores Membros do Governo:

Senhor Presidente, eu gostaria de saber se aqueles ecrãs que contam o tempo também fazem passar ficheiros áudio e vídeo, que a gente possa fazer referência aqui nesta Assembleia?

Muito obrigado.

**Presidente:** Não percebi a pergunta, Senhor Deputado.

(\*) **Deputado João Vasco Costa (PS)**: Senhor Presidente, é uma interpelação muito simples.

Saber se aqueles quadros que passam aqui os tempos...

**Presidente**: Sim.

**O Orador**: ... que parecem televisões, se também se consegue fazer uso deles para fazer passar imagens de vídeo e áudio?

Muito obrigado.

**Presidente**: Acho que não, Senhor Deputado.

Mas poderei informar-me melhor e depois fazer chegar essa informação ao Senhor Deputado.

Pergunto se há mais inscrições?

Senhor Deputado Manuel Ramos, faça favor.

(\*) **Deputado Manuel Ramos (PS)**: Muito obrigado, Senhor Presidente.

Senhor Presidente, Senhoras e Senhores Deputados, Senhoras e Senhores Membros do Governo:

Em relação ao projeto da Barra e à apresentação que foi feita no Multiusos de ilha Graciosa, eu realmente recebi um convite, quer como Presidente de Junta, quer como Deputado Regional, para assistir à apresentação do projeto de construção da marina da Barra.

No convite vinha lá isso.

É necessário que se esclareça os graciosenses que o que viram não foi um projeto da Marina da Barra. Foi um projeto para submeter a concurso o projeto.

Portanto, são as peças desenhadas para submeter ao projetista para o concurso.

E eu penso que era importante que o Governo, que a Senhora Secretária, esclarecesse os graciosenses, que aquilo é só uma ideia, que não é o projeto.

**Deputado Joaquim Machado (PSD)**: O projeto definitivo está ali! O projeto definitivo está na mão do Deputado José Ávila! Então não há projeto?

**O Orador:** Que não é nada definitivo e que foi apresentado aos graciosenses como sendo o projeto da Marina da Barra.

Muito obrigado, Senhor Presidente.

**Presidente:** Muito obrigado, Senhor Deputado.

Senhor Deputado Paulo Estêvão, faça favor.

(\*) **Deputado Paulo Estêvão (PPM):** Senhor Presidente, Senhores Deputados, Senhor Presidente, Vice-Presidente e Membros do Governo:

Pelo que percebo deste Projeto de Resolução, o Partido Socialista quer que o Governo faça algo que ele não fez.

**Deputado José Ávila (PS):** Não deu tempo!

**O Orador:** E é isso que este Governo está a fazer. Portanto, o que aqui temos é que o Governo não só está a fazer o que o Partido Socialista não fez, como também está a fazer aquilo que, neste momento, o Partido Socialista tinha considerado que era prioritário, apesar de não ter feito, e muitas destas pretensões, inclusivamente, já estão feitas.

Ou seja, o que eu considero é que a resposta não podia ser melhor por parte do atual Governo da Região Autónoma dos Açores. Fez o que o Governo do Partido Socialista ao longo de 16 anos não fez, não conseguiu fazer, e fez ainda antes deste Projeto de Resolução aqui ser debatido.

Eu penso que estamos aqui a falar da máxima produtividade. Estamos aqui a falar da máxima resposta a uma pretensão do Partido Socialista.

Por isso, os Senhores Deputados do Partido Socialista, vejo que estão contentes, estão satisfeitos com uma resposta positiva por parte do executivo, porque, como Senhores Deputados referenciaram, o que estão a defender é os direitos, é os interesses da Graciosa, e isso está a ser feito e, neste caso, da concretização do Projeto da Marina da Barra, da ilha Graciosa está a ser feito com sucesso. E isso, no final de tudo, é o que importa.

Eu quero, Senhora Secretária, é ao Governo Regional endereçar desde já a minhas felicitações por finalmente este projeto que é tão estratégico para a

Região Autónoma dos Açores e para a Graciosa, neste momento (e ninguém tem dúvidas) está a ser feita, a ser concretizado e que vai ser concluído, nesta legislatura com êxito, a muito curto prazo.

Por isso, eu considero que é importante uma boa notícia e é importante que mais uma vez, numa matéria onde tantos governos anteriores falharam, neste caso, o Governo, desta forma, está a executar com sucesso.

**Deputado João Bruto da Costa (PSD):** Muito bem!

*(Aplausos dos Deputados das bancadas do PSD, CDS-PP, PPM e dos Membros do Governo)*

**Presidente:** Muito obrigado, Senhor Deputado.

Tem a palavra a Senhora Secretária Regional do Turismo. Faça favor.

**(\*) Secretária Regional do Turismo, Mobilidade e Infraestruturas (Berta Cabral):** Muito obrigada.

Senhor Presidente, Senhoras e Senhores Deputados, Senhor Presidente, Senhor Vice-Presidente, Senhores Membros do Governo:

Senhor Deputado Manuel Ramos, só para que não fique qualquer dúvida.

Este documento veio da Graciosa. Está na minha mão desde o dia em que nós o apresentámos na Graciosa. Foi isto que nós apresentámos na Graciosa. Mais 3D, menos 3D, o documento base é este, e é este documento base que nós defendemos.

É este documento base que faz parte do concurso e é sobre este documento base que o arquiteto vai fazer o projeto de execução.

O arquiteto não inventa o projeto. O arquiteto tem termos de referência para fazer o projeto de execução.

São estes termos de referência. É isto que o Governo quer fazer.

**Deputado João Bruto da Costa (PSD):** E vai fazer!

**O Orador:** É isto que o Governo exige que o projetista faça em termos de projeto de execução.

Esse projeto de execução será entregue à Graciosa, ao Senhor Presidente da Câmara que o concretizará. Eu penso que os graciosenses estão mais que esclarecidos sobre isso.

Estar agora aqui num jogo que tinha projeto, não tinha projeto, era projeto, não era projeto. Nós, para lançarmos um concurso para a execução da obra precisamos de um projeto de execução. Esse projeto de execução estará concluído no primeiro semestre de 2023.

Muito obrigada.

**Deputado João Bruto da Costa (PSD):** Muito bem!

*(Aplausos dos Deputados das bancadas do PSD, CDS-PP, PPM e dos Membros do Governo)*

**Presidente:** Muito obrigado, Senhora Secretária Regional.

Tem a palavra o Senhor Deputado José Ávila.

**(\*) Deputado José Ávila (PS):** Muito obrigado.

Senhor Presidente, Senhoras e Senhores Deputados, Senhor Presidente e Senhores Membros do Governo:

Senhor Deputado Paulo Estêvão era só para si.

O que acabou de dizer é mérito deste Projeto de Resolução. Veja só.

Só temos é pena do tempo que ainda vamos perder e do dinheiro que vamos gastar do erário público.

Muito obrigado.

**Vozes de alguns Deputados da bancada do PS:** Muito bem! Muito bem!

*(Aplausos dos Deputados das bancadas do PS)*

**Presidente:** Obrigado, Senhor Deputado.

Tem a palavra o Senhor Deputado Paulo Estêvão.

(\*) **Deputado Paulo Estêvão (PPM):** Senhor Presidente, Senhores Deputados, Senhor Presidente, Vice-Presidente e Membros do Governo:

Senhor Deputado Zé Ávila, há batalhas que estão perdidas à partida, Senhor Deputado.

Então, Senhor Deputado, o Partido Socialista teve a Câmara Municipal, governou a Câmara Municipal durante anos e anos;

O Governo Regional durante 24 anos;

Não concretizaram, não concluíram esta obra que definiram muitas vezes, e ouvi Vossa Excelência definir, como estratégica para a ilha.

Agora vem outro Governo, no espaço de uma legislatura resolve o problema e Vossa Excelência quer retirar mérito desta questão.

Não! Há aqui um demérito evidente, Senhor Deputado, com o poder municipal, com o poder regional.

Vossas Excelências não conseguiram concretizar este projeto e, numa só legislatura, o projeto está a andar, vai ser feito, é concluído e o mérito é seu.

Não o demérito é todo do Partido Socialista nesta questão.

**Deputado Carlos Freitas (PSD):** Muito bem!

*(Aplausos dos Deputados das bancadas do PSD, CDS-PP, PPM e dos Membros do Governo)*

**Presidente:** Muito obrigado, Senhor Deputado.

Tem a palavra o Senhor Deputado Rui Martins.

(\*) **Deputado Rui Martins (CDS-PP):** Muito obrigado, Senhor Presidente.

Senhor Presidente, Senhores Deputados, Senhor Presidente, Vice-Presidente e Membros do Governo:

Para o CDS os problemas de todas as ilhas são, obviamente, de interesse regional e por isso nós gostamos de os analisar e de nos pronunciar, mas também confesso, e aí do ponto de vista mais pessoal, que às vezes estas questões da ilha Graciosa...

Eu não me esqueço uma vez que levei uma rabecada aqui neste plenário, do Senhor Deputado José Ávila, e na altura do meu líder parlamentar, por desconhecer, eventualmente, a realidade do Carnaval da Graciosa.

**Deputado José Ávila (PS):** Mas tinha razão!

**O Orador:** E por isso vou ter algum tato em falar nestas questões da Graciosa para não ferir suscetibilidades.

Mas também se bem me lembro, por essa altura, nessa minha curta passagem, já debateu-se exatamente este projeto da Marina da Barra. Obviamente é um projeto, ou é uma ideia, que já vem de antes.

O que eu gostaria de pedir era ao Senhor Deputado José Ávila, com toda estima e simpatia que me merece, é se pode (é que eu já ouvi falar inúmeras vezes neste projeto, mas afinal, ninguém tem este projeto) eventualmente facultar?

A Senhora Secretária diz que não tem esse projeto, diz que tem um desenho, que será diferente.

Mas eu gostava de pedir se o Partido Socialista, ou o Senhor Deputado José Ávila, poderá fornecer à Câmara, até para que todos possamos tomar conhecimento de todos os estudos, daquilo que possui, que até disse que seria 2013 esse projeto que tem. Que foi apresentado em 2013 e que eu julgo que poderia ser uma mais-valia para todo este processo.

Isso é algo que eu gostaria, se possível, de finalmente de ver, porque na verdade, nunca cheguei a ver nenhum documento.

E também gostaria de questionar, faço uma questão à Senhora Secretária, porque também no decurso das audições foi algo que se percebeu, porque, do que eu vejo, aquilo que o Governo Regional propõe para aquele espaço, para

aquele espelho de água, é diferente daquilo que está no Projeto de Resolução que o Partido Socialista aqui apresenta.

Pode não ser diametralmente oposto, mas é diferente. E nas auscultações que fizeram, na altura, o que foi dito, foi que, eventualmente, este Projeto de Resolução podia levar a um atraso, uma vez que teria que se rever aquilo que estaria em curso por proposta do Governo. Ou seja, se quisermos adequar o projeto que eventualmente vai ser lançado a concurso com aquilo que o Partido Socialista propõe, que até poderíamos estar aqui hipoteticamente a falar até num atraso, porque as coisas eram diferentes e teria que haver uma reavaliação.

Pergunto (faça essa pergunta ao Governo), se efetivamente isso é verdade?

E reitero então o pedido: se o Senhor Deputado José Ávila puder fazer chegar a todos os Deputados, através da Mesa, estes projetos. Eu julgo que seria uma mais-valia e assim também o Governo Regional nunca poderia avocar a não existência desse projeto, porque pelo menos, através do Parlamento, ele seria entregue. Muito obrigado.

**Deputado Manuel Ramos (PS):** O projeto é da Câmara!

**Presidente:** Muito obrigado, Senhor Deputado.

A Mesa neste momento não tem mais inscrições.

Senhor Deputado José Ávila...

(\*) **Deputado José Ávila (PS):** Muito obrigado, Senhor Presidente.

Senhor Presidente, Senhoras e Senhores Deputados, Senhor Presidente, do Governo, Senhoras e Senhores Membros do Governo:

Senhor Deputado Paulo Estêvão, foi o senhor que chumbou nesta Assembleia, no Orçamento de 2021, uma verba de 500.000 euros para avançar com esta obra.

O senhor é que chumbou. Eu votei a favor.

Muito obrigado.

*(Aplausos dos Deputados das bancadas do PS)*

**Presidente:** Muito obrigado, Senhor Deputado.

Senhor Deputado Paulo Estevão tem a palavra.

**(\*) Deputado Paulo Estêvão (PPM):** Senhor Presidente, Senhores Deputados, Senhor Presidente, Vice-Presidente e Membros do Governo:

Diz Vossa Excelência que em 2021 queríamos avançar com esta obra.

Ó senhor, eu tive uma altura em que não podia chumbar nada. E essa altura, foram 12 anos que estive na oposição, em que Vossa Excelência podia aprovar tudo e eu não podia chumbar coisa nenhuma.

E o que lhe quero dizer senhor, é que durante esses 12 anos, em que o Partido Socialista teve o poder regional, o poder municipal, o poder também na República, e acho que de alguma maneira, também na Presidência da República, com esta enorme acumulação de poder, de capacidade de decisão, o projeto não foi feito, Senhor Deputado.

Agora não vale a pena andar atrás do prejuízo, que o Governo agora quer fazer de outra forma.

Ora, o que eu tenho percebido e aquilo que tenho estudado no âmbito desta questão, é que quer fazer de forma mais eficaz e que obviamente, quer fazer com aquela que é a sua perspetiva, os estudos técnicos que tem.

Portanto, há uma coisa que diferencia, este Governo, do Governo que Vossa Excelência apoiou durante tantos anos:

É que o Governo que Vossa Excelência apoiou durante tantos anos, não fez! Este Governo Regional fez, está a fazer e vai concluir esta obra.

**Deputado Rui Martins (CDS-PP):** Muito bem!

*(Aplausos dos Deputados das bancadas do PSD, CDS-PP, PPM e dos Membros do Governo)*

**Presidente:** Muito obrigado, Senhor Deputado.

Pergunto se há mais inscrições? Senhor Deputado Vasco Cordeiro, faça favor.

(\*) **Deputado Vasco Cordeiro (PS):** É muito rápido o que eu tenho para dizer e até acho que não é problemático.

Senhor Senhoras e Senhores Deputados, Senhor Presidente, Senhor Vice-Presidente, Senhoras e Senhores Membros do Governo:

Eu peço para intervir neste debate, porque não pode passar sem uma precisão, pelo menos, aquilo que o Senhor Deputado Paulo Estêvão afirmou e tentou passar nesta discussão e neste debate.

Eu acho muito bem, e compreendo, que o Senhor Deputado Paulo Estêvão entenda valorizar o trabalho do atual Governo Regional. Acho isso perfeitamente legítimo e acho isso compreensivo.

Já não posso, obviamente, é aceitar e concordar que num conjunto de obras, entre as quais esta, o Senhor Deputado Paulo Estêvão pretenda passar uma ideia que é, começar pelos graciosenses...

**Deputado Joaquim Machado (PSD):** A acabar nas Furnas!

**O Orador:** e por todos, a acabar nas Furnas, (muito obrigado, Senhor Deputado Joaquim Machado) toda a gente sabe que há um trabalho que foi feito.

Eu devo dizer que a mim satisfaz-me muito que o Governo Regional dê seguimento a um conjunto desses projetos que estão a ser concretizados, seja o caso da Marina da Barra, seja o caso do Porto das Flores, seja o caso de investimentos na área da saúde, em equipamentos, na área da educação, na área das infraestruturas rodoviárias...

Recordo um conjunto de concursos públicos que têm sido publicados nos dias mais recentes e que se referem a projetos e a trabalhos lançados pelo Governo do Partido Socialista, com o financiamento assegurado....

**Deputado Joaquim Machado (PSD):** Não foi isso que ouvimos até agora da sua bancada.

**O Orador:** ... pelos Governos do Partido Socialista.

Portanto, acho isso bom, porque não se perde o trabalho que já estava feito e é natural que o atual Governo Regional dê seguimento.

Agora não se tente é dizer algo que não é verdade: que o anterior Governo Regional não fez nada, nem na obra, que é motivo desta resolução, nem noutras e que este Governo é que faz tudo.

Cada um faz aquilo que no seu tempo e face às suas contingências e a sua capacidade, tem as condições para fazer.

**Presidente:** Senhor Deputado, agradeço que termine.

**O Orador:** Já termino, Senhor Presidente.

E aquilo que me resta dizer é que oxalá que esta obra se concretize da forma mais rápida possível.

Esta resolução já cumpriu o seu papel, já cumpriu o seu propósito. Estamos satisfeitos com isso, mas não podemos de forma nenhuma, é alinhar e deixar passar essa tentativa de reescrever a história por parte do Senhor Deputado Paulo Estêvão.

Muito obrigado.

**Vozes de alguns Deputados da bancada do PS:** Muito bem! Muito bem!

*(Aplausos dos Deputados das bancadas do PS)*

**Presidente:** Muito obrigado, Senhor Deputado.

Senhor Deputado Paulo Estêvão, tem a palavra faça favor.

**(\*) Deputado Paulo Estêvão (PPM):** Muito obrigado.

Senhor Presidente, Senhores Deputados, Senhor Presidente, Vice-Presidente e Membros do Governo:

Vossa Excelência, Senhor Deputado Vasco Cordeiro, não tem mais tempo e eu vou fazer então uma fazer uma referência muito breve ao conjunto de questões que Vossa Excelência levantou.

Tenho a dizer-lhe o seguinte, eu tenho na mão uma confissão, assinada pelo Grupo Parlamentar do Partido Socialista.

Esta confissão é a seguinte:

Chama-se “pela concretização do projeto da Marina da Barra, na ilha Graciosa”

Pela concretização!

Ora, o Grupo Parlamentar do Partido Socialista não iria pedir que se concretizasse aquilo que já está concretizado.

Se está a pedir que seja concretizado, está a pedir algo que não está concretizado, que não está feito.

Portanto, Senhor Deputado Vasco Cordeiro, não sou eu que o digo.

Não sou eu que digo que não está concretizado.

Não sou eu que digo que não está feito.

É o Grupo Parlamentar do Partido Socialista que disse que não estava feito e por isso é que entregou este Projeto de Resolução.

*(Aplausos dos Deputados das bancadas do PSD, CDS-PP, PPM e dos Membros do Governo)*

E está aqui tudo o que não está feito. É um longo conjunto de indicações daquilo que falta fazer.

Eu também não tenho muito mais tempo e porque essa matéria, é matéria que Vossas Excelências é que deveriam ter apresentado (não vou fazer o vosso trabalho parlamentar, faço o meu e já é bom), o que eu tenho a dizer-lhe, Senhor Deputado é que não sou que digo que não fiz. São os senhores que dizem que não fizeram e que estão a pedir a um Governo que apenas tem dois

anos (e Vossa Excelência acaba de reconhecer) e que já tem avanços significativos. Até deu os parabéns ao Governo por estar a fazer e a concretizar este projeto.

**Deputado Vasco Cordeiro (PS):** A esta hora não tenho conversa para si!

**O Orador:** Portanto, Senhor Deputado Vasco Cordeiro, eu não o interrompi. Deixe-me só concluir.

Eu só lhe estou...

**Deputado Vasco Cordeiro (PS):** Os apartes são regimentais!

**O Orador:** Senhor Deputado, é regimental. Eu gosto dos seus apartes, eu percebo os seus apartes, mas eu não percebi a sua intervenção.

A sua intervenção é que é contrariada por esta confissão assinada pelos Senhores Deputados, inclusivamente Senhor Deputado, tem uma novidade para si:

Este projeto pela concretização do projeto da Marina da Barra na ilha Graciosa, tem uma assinatura que é a sua: Deputado Vasco Cordeiro.

*(Aplausos dos Deputados das bancadas do PSD, CDS-PP, PPM e dos Membros do Governo)*

**Presidente:** Muito obrigado, Senhor Deputado. Pergunto se há mais inscrições?

Senhora Secretária Regional do Turismo, Mobilidade e Infraestruturas, faça favor. Tem a palavra.

**(\*) Secretária Regional do Turismo, Mobilidade e Infraestruturas (Berta Cabral):** Muito obrigada.

Senhor Presidente, Senhoras e Senhores Deputados, Senhor Presidente, Senhor Vice-Presidente, Senhoras e Senhores Membros do Governo:

Tenho aqui algumas questões, a que faço questão e gosto em responder, mas queria começar por esta última intervenção do Senhor Deputado Vasco Cordeiro e gostaria de lhe dizer que essa é a nossa postura.

Houve Governo até 96, houve outro Governo a partir de 96, que deu seguimento aos projetos que vinham de 96, há um Governo, a partir de 2020, que dá seguimento aos trabalhos e aos projetos anteriores a 2020.

É natural, é a vida!

Mal seria (mal seria!) para os açorianos se assim não fosse.

Agora também que não se passe a ideia, usando as suas palavras, de que os projetos estavam feitos, o financiamento estava garantido, estava tudo pronto e a gente chegou aqui e foi só um “mar de rosas”.

**Secretário Regional da Saúde e Desporto (Clélio Meneses):** Muito bem!

*(Aplausos dos Deputados das bancadas do PSD, CDS-PP, PPM e dos Membros do Governo)*

**A Oradora:** Ó Senhor Deputado isso também não!... Isso também não!... Isso também não!...

No caso concreto deste projeto da Barra da Graciosa, nós recebemos a obra de proteção da orla costeira.

A partir daí é trabalho deste Governo, desenvolvido, apresentado, está a ser executado e vai ser lançado a concurso logo que tenhamos o projeto de execução.

Portanto, só para dizer e “pôr em pratos limpos”, o que se passa, porque há transição do Governo, mas cada um fez o que fez.

**Deputado João Bruto da Costa (PSD):** Muito bem!

**A Orador:** E agora vamos aqui às questões do tempo.

Muito se fala do tempo, que leva este Governo com um ano e meio, dois anos.

O vosso Governo lançou este projeto em 2013, palavras e datas do Senhor Deputado José Ávila.

A obra foi consignada em 2016. Estaria concluída 18 meses depois. Afinal ficou concluída quatro anos depois...

**Deputado João Bruto da Costa (PSD):** Muito bem!

**A Oradora:** ... com uma prorrogação graciosa de 986 dias.

Isto para dizer, que certamente não foi por vontade vossa. São as circunstâncias.

Portanto, tudo leva tempo. Em obras públicas é preciso projetos robustos, é preciso fiscalização, é preciso contratação pública, tudo leva muito tempo. Nós sabemos isso.

Quem trabalha nestas coisas sabe isso e, portanto, dois anos não é muito para termos o trabalho que já está feito.

O trabalho que já está feito é trabalho desse tempo, do dia a dia e da minha parte, desde que cá estou, não abandonámos este projeto uma hora que fosse.

**Deputado João Bruto da Costa (PSD):** Muito bem!

**A Oradora:** Está a ser trabalhado e vai ser posto em prática, porque é esse o nosso propósito.

Nós não vimos para aqui fazer de conta. Nós vimos para aqui para trabalhar e para fazer com que as coisas aconteçam e elas vão acontecer.

**Vozes de alguns Deputados da bancada do PSD:** Muito bem! Muito bem!

*(Aplausos dos Deputados das bancadas do PSD, CDS-PP, PPM e dos Membros do Governo)*

**Deputado Carlos Silva (PS):** A senhora é a única que trabalha nesse Governo!

**A Oradora:** O Senhor Deputado Rui Martins, colocou uma questão concreta, que é pertinente, que é saber se a gente quer esta resolução, ou se quer este programa que está a ser desenvolvido pelo projetista.

Quais são as diferenças? Foi a questão que me colocou.

Pois as diferenças é que em vez de cinco passadiços, nós propomos a possibilidade de instalar seis passadiços e um terminal para as marítimo-turísticas.

Outra diferença é que está a ser projetado um edifício de apoio. Está a ser projetado condições para instalação de um posto de abastecimento de combustíveis e também prevista área para atividades de manutenção de embarcações.

Acho que são alterações bastante significativas...

**Deputado João Bruto da Costa (PSD):** Muito bem!

**A Oradora:** ... e que em muito enriquecem esta nova obra e a nova valência que esta marina de Santa Cruz da Graciosa trará à ilha Graciosa.

Se têm dúvidas, é fácil perguntar o que é que os graciosenses preferem?

Eu não tenho dúvida nenhuma que preferem o projeto do Governo. Muito obrigada.

*(Aplausos dos Deputados das bancadas do PSD, CDS-PP, PPM e dos Membros do Governo)*

**Presidente:** Muito obrigado, Senhora Secretária Regional.

Pergunto se há mais inscrições?

*(Pausa)*

Vamos então passar à votação deste Projeto de Resolução.

As Senhoras e os Senhores Deputados que concordam façam o favor de se manter como estão.

As Senhoras e os Senhores Deputados que votam contra, façam o favor de se sentar.

As Senhoras e os Senhores Deputados que se abstêm, façam o favor de se sentar.

**Secretário:** O Projeto de Resolução n.º 109/XII, foi aprovado com 24 votos a favor do PS e 2 do BE, 21 contra do PSD, 3 do CDS, 1 do PPM, 1 voto de abstenção do CH, 1 do IL e 1 do PAN.

**Presidente:** Muito obrigado, Senhor Secretário.

Senhor Deputado João Bruto da Costa, pede a palavra para?

Uma interpelação, faça favor.

**Deputado João Bruto da Costa (PSD):** Muito obrigado, Senhor Presidente.

Para solicitar um intervalo regimental de 15 minutos.

**Presidente:** Quinze minutos.

Regressamos às vinte e cinco para as cinco.

*Eram 16 horas e 22 minutos.*

**Presidente:** Sras. e Srs. Deputados, vamos dar continuidade aos nossos trabalhos. Agradeço que reocupem os vossos lugares.

*Eram 16 horas e 43 minutos.*

Vamos recomeçar os nossos trabalhos dando a palavra ao Senhor Deputado José Ávila para uma declaração de voto.

(\*) **Deputado José Ávila (PS):** Muito obrigado, Senhor Presidente.

Senhor Presidente, Senhoras e Senhores Deputados, Senhores Membros do Governo:

Apresentámos esta proposta numa altura em que já estávamos há um ano e meio do início da legislatura e nada se vislumbrava em relação à Marina da Barra.

O Governo anterior construiu o quebra-mar poente, o quebra-mar nascente, o aterro e fez a dragagem, obra que terminou em setembro de 2020, portanto, um mês exatamente antes das eleições, com um custo total de mais de 6 milhões de euros. Não é assim tão pouco!

Apesar de já existirem estudos de apoio e o projeto, esta maioria pretende fazer novos estudos, ao que parece, e um novo projeto, o que, isso sim, poderá acrescentar mais tempo a este projeto que é estruturante para os graciosenses.

Nesta altura, não podemos estar condicionados por calendários eleitorais, por isso apelamos ao Governo que use o que já está disponível sobre esta matéria para encurtarmos o prazo.

Este Projeto de Resolução de abril de 2022 teve o mérito de colocar este assunto na ordem do dia.

Da nossa parte, o que queremos é apenas a obra feita e o mais depressa possível.

Por fim, agradecemos a confiança que uma maioria deu a este Projeto de Resolução nesta sua aprovação.

Muito obrigado.

*(Aplausos dos Deputados das bancadas do PS)*

**Presidente:** Muito obrigado, Senhor Deputado.

Pergunto se há mais inscrições para declarações de voto?

*(Pausa)*

Não havendo e por deliberação da Conferência de Líderes, neste momento, vamos passar para o ponto 17 da nossa Agenda e as petições depois serão tratadas no fim da Agenda.

**Ponto 17: Projeto de Resolução n.º 124/XII – “Pela previsibilidade e adequação dos recursos humanos e financeiros das Juntas de Freguesia dos Açores”.**

É uma iniciativa apresentada pelo Grupo Parlamentar do PS, que promoveu uma substituição integral.

Para a sua apresentação tem a palavra a Senhora Deputada Sandra Dias Faria.

**Deputada Sandra Dias Faria (PS):** Senhor Presidente, Senhoras e Senhores Deputados, Senhores Membros do Governo:

No passado dia 21 de junho, o Grupo Parlamentar do Partido Socialista, submeteu a este Parlamento, o PROJETO DE RESOLUÇÃO N.º 124/XII - PELA PREVISIBILIDADE E ADEQUAÇÃO DOS RECURSOS HUMANOS E FINANCEIROS DAS JUNTAS DE FREGUESIA DOS AÇORES com o propósito de criar uma resposta transitória, uma vez que, o Projeto de Resolução tem um horizonte temporal definido, visando:

1. a alteração da vigência dos acordos, protocolos e contratos programa para um prazo até 31 de dezembro de 2024, no sentido de dar maior previsibilidade na prestação de serviços à comunidade;
2. a alteração da participação financeira da Região dos acordos, protocolos e contratos-programa para o período orçamental de 2022, 2023 e 2024, no sentido de haver maior sustentabilidade financeira;
3. a abertura de novas candidaturas aos programas de inserção profissional, no prazo de 30 dias, para afetação às Juntas de Freguesia da Região, pelo prazo de, pelo menos, 12 meses, no sentido de dar às juntas de freguesia maior capacidade técnica para cumprir com as respetivas competências enquanto não estiver contratualizado um protocolo de delegação de competências com as referidas entidades.

A necessidade de apresentar este Projeto de Resolução resultou da implementação, por parte do Governo Regional, de medidas avulsas, desenhadas sem o devido diagnóstico da situação e sem que os seus efeitos fossem acautelados. Referimo-nos, neste caso, à decisão de alterar as regras de funcionamento dos Programas Ocupacionais, sem acautelar alternativas às Juntas de Freguesia, assim como a outras instituições que acolhiam estes ocupados, tendo esta mão de obra um peso crucial para execução das suas funções.

Na verdade, os executivos do poder local assumiram contratos de delegação de competências, contando com os recursos humanos de que dispunham. Posteriormente, foram confrontados com uma redução abrupta do número de trabalhadores por esta via, colocando em causa o cumprimento da sua missão: servir a sua comunidade!

Este era um cenário que, à data, exigia respostas céleres e efetivas. E, infelizmente, continua a exigir.

É importante recordar que a iniciativa deu entrada a 21 de junho, foi apresentada a 7 de julho de 2022, no Parlamento, com pedido de urgência e dispensa de exame em Comissão. Tendo a maioria de direita reprovado a urgência e feito baixar à Comissão o diploma para análise. E só hoje, dia 16 de dezembro, a 5 dias de completar 6 meses, estamos a debater esta proposta, e note-se que foi necessário o Partido Socialista recorrer ao agendamento potestativo, para que a iniciativa não continuasse a aguardar a subida a plenário para discussão e votação.

E decorrido todo este tempo continuamos a assistir à inoperância e passividade do Governo Regional relativamente às dificuldades sentidas pelas Juntas de Freguesia no cumprimento da sua missão, com a agravante de ter sido este a provocar mais um problema à já difícil tarefa que estas instituições encaram no cumprimento de todas as competências assumidas e dar a

resposta adequada às suas populações. A resposta que todas os açorianos merecem.

Neste momento estão em causa a adequada execução de trabalhos de limpeza e manutenção dos espaços públicos e ecopontos, por exemplo, mas também de transporte de crianças e idosos, trânsito, habitação, apoio social, educação, cultura e desporto, entre tantos outros serviços. Se em junho, e a bem de todos os Açorianos, era urgente corrigir esta situação! Era urgente dar respostas efetivas! HOJE é muito mais!

As consequências da decisão unilateral do Governo de cortar de forma abrupta os programas, levou, em alguns casos, ao aumento da precariedade. Ou seja, ao invés de frequentarem programas, temos pessoas a trabalhar ao abrigo de recibos verdes, nas mesmas funções. Com o ónus de ficarem sujeitos a obrigações fiscais como o IVA, assim como o aumento de gastos administrativos.

Não reconhecer a necessidade que se impõe em atender a esta realidade, é fazer perigar o trabalho de proximidade realizado pelas autarquias locais junto das suas populações. Não reconhecer a necessidade que se impõe em atender a esta realidade, é virar as costas aos Açorianos!

E porque no centro da nossa ação estão sempre as pessoas, quem hoje votar contra este Projeto de Resolução, ficará com o ónus de deixar os Açorianos para trás!

Disse.

*(Aplausos dos Deputados das bancadas do PS)*

**Deputado José Pacheco (CH):** Não! Não coloque as coisas dessa forma: votar contra este diploma é estar contra os açorianos!

**Presidente:** Obrigado, Senhora Deputada.

Está apresentada a iniciativa. Estão abertas as inscrições.

Tenho inscrita a Senhora Deputada Sabrina Furtado, a quem dou a palavra.

**Deputada Sabrina Furtado (PSD):** Obrigada, Senhor Presidente.

Senhor Presidente, Senhoras e Senhores Deputados, Senhores Membros do Governo:

O Poder Local Democrático é, por excelência, o nível de poder mais próximo dos cidadãos, quer nas Câmaras Municipais, quer nas Juntas de Freguesia.

É às autarquias que os cidadãos recorrem em primeira instância.

É nas autarquias que se resolvem ou reencaminham os primeiros problemas.

Cedo o XIII Governo Regional dos Açores fez do Poder Local uma prioridade da sua atenção.

**Deputada Délia Melo (PSD):** Muito bem!

*(Aplausos dos Deputados das bancadas do PSD, CDS-PP, PPM e dos Membros do Governo)*

**A Oradora:** Muitos dos nossos governantes, muitos dos nossos Deputados, sendo ou já tendo sido autarcas, identificaram como prioridade tratar todas as autarquias por igual, com critérios escrituráveis e transparentes.

Este é um princípio inalterável para nós: tratar os autarcas como parceiros e aliados, e não como gente incómoda, como era apanágio do Partido Socialista.

**Deputado Paulo Estêvão (PSD):** Muito bem!

*(Aplausos dos Deputados das bancadas do PSD, CDS-PP, PPM e dos Membros do Governo)*

**A Oradora:** Um autarca do PSD, do PS, do CDS, de qualquer outro partido ou independente têm o direito de acesso a todos os mecanismos disponíveis para servir bem as suas populações.

Nos últimos anos, também o Poder Local nos Açores entrou em ponto de saturação pela ausência de critérios dos anteriores governos na distribuição de apoios.

**Vozes de alguns Deputados da bancada do PSD:** Muito bem! Muito bem!

**A Oradora:** A falta de critério, ou melhor, o critério único do cartão de cor partidária,...

**Deputado Pedro Pinto (CDS-PP):** Ora, nem mais!

**A Oradora:** ... abrangia desde protocolos a parcerias, passando pela distribuição de recursos, tanto técnicos como humanos.

**Deputado Pedro Pinto (CDS-PP):** Muito bem!

*(Aplausos dos Deputados das bancadas do PSD, CDS-PP, PPM e dos Membros do Governo)*

**A Oradora:** Desta forma, os anteriores governos prejudicavam não só muitos autarcas, mas, através deles toda a população dos Açores.

Nas últimas eleições autárquicas, e porque não há nada como uma urna e um voto secreto, livre e democrático, os Açorianos deram mais um basta a esse tipo de tratamento discriminatório.

A 26 de setembro de 2021, à semelhança de 25 de outubro de 2020, em muitos concelhos dos Açores e na maioria das freguesias – 77 para ser exata –, gritou-se: Liberdade nos Açores,...

**Vozes de alguns Deputados da bancada do PSD e do CDS-PP:** Muito bem! Muito bem!

*(Aplausos dos Deputados das bancadas do PSD, CDS-PP, PPM e dos Membros do Governo)*

**A Oradora:** ... o que culminou com a mudança de presidência, quer na Associação de Municípios da Região, quer na delegação regional Associação Nacional de Freguesias.

Rapidamente, e logo após tomar posse, este Governo começou a cumprir o desígnio de estar sempre ao lado de todos os autarcas açorianos.

**Deputado Paulo Gomes (PSD):** Muito bem!

**A Oradora:** Este é o primeiro Governo que criou uma Direção Regional de Cooperação com o Poder Local,...

**Deputado Pedro Pinto (CDS-PP):** Muito bem!

**A Oradora:** ... única e exclusivamente focada em prestar auxílio e diligenciar medidas para os autarcas dos Açores!

**Deputado Pedro Pinto (CDS-PP):** Muito bem!

**A Oradora:** Este é o primeiro Governo que começou, de forma imediata, a devolver o IRS devido às autarquias dos Açores,...

**Deputado Pedro Pinto (CDS-PP):** Muito bem!

**A Oradora:** ... pagando um calote socialista com mais de uma década!

**Deputado Pedro Pinto (CDS-PP):** É uma vergonha!

**A Oradora:** Este é o Governo que, logo depois de estabilizada esta devolução, a do IRS, já fez entrar neste Parlamento, a regulamentação da participação dos Municípios dos Açores na receita do IVA!

**Deputado Pedro Pinto (CDS-PP):** Muito bem!

**A Oradora:** Este é o Governo que, recentemente, tomou mais uma medida a favor de todas as juntas de freguesia dos Açores.

Foi apresentado à ANAFRE, pelo Senhor Presidente do Governo, um inédito regime de cooperação e apoio às freguesias, garantindo equidade, transparência e escrutínio.

O objetivo é assegurar que todas as juntas de freguesia passem a ter iguais condições de acesso.

**Deputado Pedro Pinto (CDS-PP):** Muito bem! Sem discriminação!

**A Oradora:** Para todas as freguesias está criado o que não havia antes:  
Critérios de acesso iguais para todos!

**Vozes de alguns Deputados da bancada do PSD e CDS-PP:** Muito bem!  
Muito bem!

*(Aplausos dos Deputados das bancadas do PSD, CDS-PP, PPM e dos  
Membros do Governo)*

**A Oradora:** Por outro lado, foram os Deputados destas bancadas que, desde a primeira hora, foram para a rua, para junto do povo, para junto das juntas de freguesia, respondendo aos seus anseios e ajudando a resolver os seus problemas.

**Deputado Jaime Vieira (PSD):** Muito bem!

**A Oradora:** Foram os Grupos Parlamentares do PSD, CDS e PPM que tiveram a iniciativa de apresentar nesta Assembleia a correção de uma grande injustiça para com os presidentes de junta, neste caso não só dos Açores, mas de todo o país.

Falo da possibilidade de os presidentes de junta de freguesia que trabalham no setor público poderem aceder à remuneração a meio tempo.

Em 2023, graças à nossa iniciativa e ao alerta que fizemos nesta Casa, essa injustiça vai ser corrigida e já foi aprovada no Orçamento do Estado.

**Deputado Pedro Pinto (CDS-PP):** Muito bem!

*(Aplausos dos Deputados das bancadas do PSD, CDS-PP, PPM e dos  
Membros do Governo)*

**A Oradora:** Foi também aqui, nesta Casa, que promovemos uma pronúncia própria da Assembleia Legislativa Regional, pondo-nos ao lado dos autarcas do Nordeste...

**Deputado Flávio Soares (PSD):** Muito bem!

**A Oradora:** ... e Vila Franca do Campo para a revisão das regras do Fundo de Apoio Municipal, exigindo à República o mesmo tratamento de flexibilização concedido a outros Municípios do continente.

Em suma, em apenas dois anos, já temos muito trabalho feito em prol do Poder Local dos Açores.

**Vozes de alguns Deputados da bancada do PSD e CDS-PP:** Muito bem!

Muito bem!

**A Oradora:** Hoje, chegados a este ponto, o Grupo Parlamentar do Partido Socialista, numa tentativa desesperada de ainda conseguir correr atrás do prejuízo, como se os autarcas dos Açores não conhecessem bem os métodos e as táticas do PS, vem aqui apresentar uma iniciativa que recomenda ao Governo Regional que faça exatamente aquilo que o Governo já está a fazer!

**Vozes de alguns Deputados da bancada do PSD, CDS-PP e PPM:** Muito bem! Muito bem!

*(Aplausos dos Deputados das bancadas do PSD, CDS-PP, PPM e dos Membros do Governo)*

**A Oradora:** Pior, o Grupo Parlamentar do PS tem o desprante de, por um lado, propor o que já está a ser feito e, por outro, recomendar que o Governo dos Açores faça o que é da competência do Governo da República!

**Vozes de alguns Deputados da bancada do PSD, CDS-PP e PPM:** Muito bem! Muito bem!

*(Aplausos dos Deputados das bancadas do PSD, CDS-PP, PPM e dos Membros do Governo)*

**A Oradora:** E porquê? É tão óbvio... Porque o Governo da República é do Partido Socialista.

Este é o PS que, no início do ano passado, acusava este Governo Regional de aumentar programas ocupacionais, para alguns meses depois passar a dizer o seu contrário, acusando o Governo de acabar com os programas ocupacionais.

Este é o PS que abriu uma campanha difamatória e mentirosa contra as políticas laborais deste Governo.

Este é o Partido Socialista que tentou espalhar o pânico, dizendo que os programas ocupacionais tinham acabado, quando foi o próprio Governo do PS que promoveu o primeiro corte abrupto, entre 2019 e 2020, em várias juntas de freguesia, atingindo principalmente as que eram de outros partidos que não o partido do poder.

**Vozes de alguns Deputados da bancada do PSD, CDS-PP e PPM:** Muito bem! Muito bem!

*(Aplausos dos Deputados das bancadas do PSD, CDS-PP, PPM e dos Membros do Governo)*

**A Oradora:** O PS diz uma coisa e o seu contrário, embrulhado na sua confrangedora falta de estratégia, sabendo que o aumento de financiamento para a contratação efetiva de recursos humanos para as juntas de freguesia não depende do Governo dos Açores.

**Deputado Rui Martins (CDS-PP):** Muito bem!

**A Oradora:** Aliás, se o PS estivesse realmente preocupado com as Juntas de Freguesia, ainda há duas semanas, em sede de discussão de Orçamento Regional, teria feito alguma proposta e nem uma fez a bem dos autarcas dos Açores.

**Vozes de alguns Deputados da bancada do PSD, CDS-PP e PPM:** Muito bem! Muito bem!

*(Aplausos dos Deputados das bancadas do PSD, CDS-PP, PPM e dos Membros do Governo)*

**A Oradora:** Já este Governo cumpre a palavra dada aos autarcas dos Açores. Finalizando, desafiamos, por isso, o Partido Socialista a ser coerente e consequente, subscrevendo, em conjunto com todos os partidos que se queiram juntar, uma pronúncia própria desta Assembleia Legislativa da Região Autónoma dos Açores, a solicitar uma revisão urgente da Lei da Finanças Locais à Assembleia da República e ao Governo da República.

*(Aplausos dos Deputados das bancadas do PSD, CDS-PP, PPM e dos Membros do Governo)*

É fundamental atualizar os critérios do Fundo de Equilíbrio Financeiro, aumentando os orçamentos das freguesias, para que estas possam contratar recursos humanos de forma estável e não à boa maneira socialista, que apenas promovia o trabalho precário.

Queremos que as nossas juntas de freguesia reforcem a sua autonomia financeira e disponham de mais recursos humanos.

Não queremos um regresso ao passado, em que se promovia a precaridade em cima da precaridade, usando os programas ocupacionais para suprir necessidades permanentes, deixando as juntas de freguesia e os seus trabalhadores de mão estendida aos caprichos de uma governação que desprezava o Poder Local dos Açores.

Obrigada.

**Vozes de alguns Deputados da bancada do PSD, CDS-PP e PPM:** Muito bem! Muito bem!

*(Aplausos dos Deputados das bancadas do PSD, CDS-PP, PPM e dos Membros do Governo)*

**Presidente:** Muito obrigado, Senhora Deputada.

Tem a palavra o Senhor Deputado José Pacheco.

(\*) **Deputado José Pacheco (CH):** Senhor Presidente, Senhoras e Senhores Deputados, Senhores Membros do Governo:

Mais uma vez ouvi esta frase aqui: “quem não apoiar esta medida é contra os açorianos.”

Mais uma vez ouvi isto.

Isto é vergonhoso! Isto é antidemocrático!

E vindo de um autarca, é muito mais grave.

Eu sou a favor dos autarcas.

A senhora demonstrou ali que é contra os autarcas. E explico:

As necessidades permanentes das Juntas de Freguesia que estamos aqui a discutir já não são de hoje, não são de ontem, nem de anteontem. Têm dezenas de anos!

Nada foi feito!

**Deputado Alberto Ponte (PSD):** Muito bem!

**O Orador:** Nada tem sido feito. Vai-se fazendo cosmética (cosmética!)

E os senhores que são Presidentes de Junta, sabem muito bem do que estou a falar.

Se querem estar calados, o problema é vosso, mas vocês têm que responder perante a vossa população,...

**Deputado João Vasco Costa (PS):** Vocês é uma casa de família!

**O Orador:** ... porque é que não têm as pessoas a trabalhar lá?

Não se deu esse passo em frente com programas, novamente programas. Empurrar com a barriga para a frente e dizer o quê aos açorianos? Sim, dizer aos açorianos, “vocês vêm para aqui resolver o nosso problema enquanto autarcas, mas nós não estamos disponíveis para resolver o vosso problema enquanto cidadão, enquanto pessoas que precisam de emprego”.

Os açorianos não precisam de programas. Os açorianos precisam de emprego! E emprego estável! E emprego digno! Os açorianos não precisam de ser novamente enganados.

O que é que andaram os senhores a fazer tanto tempo?

O que é que andaram a fazer?

Porque é que não resolveram? A Senhora Deputada disse, e muito bem, porque é que esta lei não está feita?

Dizia-me aqui o Senhor Deputado já devia estar feita.

Este é que é o caminho. Não contem comigo.

Eu sou um açoriano que defende os açorianos e legitimamente eleito.

Eu não admito que digam que se eu não votar a vossa proposta estou contra os açorianos.

Eu não estou contra os açorianos. Eu estou muito mais a favor dos açorianos do que estão os senhores, porque os senhores estão constantemente a dar a volta aos açorianos e a enganar os açorianos. Sabem porquê?

Porque durante esses anos todos vinham comer à mão!

Isto acabou!

**Deputado Vasco Cordeiro (PS):** Não apoiado!

**Deputado José Pacheco (CH):** Eu sei que não é apoiado, por isso é que estou a dizer!

**Presidente:** Continuam abertas as inscrições.

Pergunto se há mais inscrições?

Senhor Deputado António Lima, faça um favor.

(\*) **Deputado António Lima (BE):** Muito obrigado.

Senhor Presidente, Senhoras e Senhores Deputados, Senhoras e Senhores Membros do Governo (neste caso, Senhores Membros do Governo):

Durante muitos anos e especialmente a partir do período da crise financeira que se seguiu à crise do subprime, nos Açores, os programas ocupacionais, ou o recurso a programas ocupacionais, foi um mecanismo utilizado abundantemente.

Nós sempre, por um lado, dissemos que os programas ocupacionais tinham um papel social e de formação de aquisição de competências importantes e sempre dissemos que eles eram, infelizmente, utilizados de forma abusiva, quer seja pela administração regional, quer pela administração local.

E, aliás, os números que nós temos acesso são claros ao longo da história. Há inúmeros requerimentos sobre esta matéria. E os milhares de açorianos que estiveram muitas vezes em programas sabem, naturalmente, melhor do que qualquer um de nós, muito bem disso mesmo. E nós sempre criticámos essa utilização abusiva e sempre defendemos que esses postos de trabalho permanentes deveriam ser ocupados por trabalhadores com vínculos permanentes e esse deve ser (tem de ser!) o princípio, ainda por cima a administração pública, que tem que dar o exemplo, deve seguir.

Já na vigência do período de governação deste Governo, o Governo Regional decidiu introduzir um conjunto de alterações, que é disso que estamos a falar, aos programas ocupacionais que, no fundo, acabavam por limitar enormemente o seu recurso a esses programas.

O que nós também já dissemos noutros debates sobre esta matéria é que não é tanto o problema de se restringir e reduzir o acesso aos programas ocupacionais que está no problema. Independentemente de as alterações, e algumas delas possam ser alvo de crítica, a questão de fundo aqui é que o Governo não preparou minimamente essa mudança.

Fazer uma alteração desse tipo sem preparar quando há milhares de açorianos nesta situação, quando os serviços públicos dependem desses trabalhadores,

quando as Juntas de Freguesia, neste caso em concreto, também dependem, não é uma medida correta.

Aquilo que tinha sido correto, como aconteceu nas escolas, era o Governo ter efetivamente integrado os trabalhadores ou, e ainda assim discordamos do modo, mas aceitamos como uma solução a tal abertura de concurso, o Governo fez exatamente o contrário: introduziu as mudanças legislativas e depois logo se vê.

Logo se vê, e logo se viu, os problemas que isso gerou nas escolas e logo se viu os problemas que isso gerou nas Juntas de Freguesia. Aliás, também tenho que recordar, que foi por isso que trouxemos a este Parlamento uma proposta para uma prorrogação extraordinária limitada no tempo, como é óbvio, única dos programas ocupacionais nas escolas, para que as escolas pudessem funcionar.

E isso foi essencial para as escolas abrirem em setembro e mesmo assim o Governo, aliás, no próprio debate, disse que não ia cumprir e não cumpriu, porque o que o Parlamento aprovou foi uma prorrogação para todos os trabalhadores em programas ocupacionais e o Governo fez o que quis.

Lá está o respeito pelo Parlamento e a centralidade do Parlamento.

O que se propõe aqui, no que diz respeito aos programas ocupacionais, às outras questões relativamente aos contratos entre o Governo, a Administração Regional e as Juntas de Freguesia, é uma solução semelhante. E nós só concordamos com ela, porque ela é limitada no tempo e, na nossa opinião, tem que ser limitada no tempo, uma única vez e sem qualquer possibilidade de uma nova prorrogação, porque efetivamente é preciso encontrar uma solução.

Porque não se pode simplesmente dizer às Juntas de Freguesia, “meus amigos, têm aqui um conjunto de competências que lhes foram atribuídas através de contratos”, ou competências, ou transferência, ou contratos entre o Governo e as Juntas de Freguesia, ou as próprias Câmaras que também fazem

isso a torto e a direito, tem aqui um conjunto de competências, o Senhor Presidente de Câmara assina o contrato com a Junta de Freguesia, ou o Governo Regional assina o contrato com a Junta de Freguesia, diz que está a transferir uma verba que é muito significativa, mas depois, na prática, aquilo não dá.

E as Juntas de Freguesia ficam literalmente com “o menino nos braços”, que é isso que acontece.

O Governo Regional tem que ver este problema, as populações querem efetivamente que as Juntas de Freguesia cumpram a sua função, que é muito importante, sejam aquelas que estão nas suas competências, sejam aquelas que foram atribuídas por outras entidades, e as populações querem uma resolução para esse problema.

E eu não estou preocupado com os Presidentes de Junta. Estou preocupado com as populações.

Nós não trabalhamos para os Presidentes de Junta, com todo o respeito que me merecem, e merecem, não é aos Presidentes de Junta que temos que dar explicações, e que temos que resolver o problema.

É às pessoas de cada uma das freguesias que quando veem que não há limpeza, ou não há funcionários na Junta para atender, ou a Junta está fechada cada vez mais tempo, é essas pessoas que têm a sua vida dificultada.

Agora é necessário fazer alguma coisa no imediato já e de forma temporária?

É! Parece-nos que sim.

Esta solução deve ser única e temporária?

Deve e a nossa posição fica aqui também bem clara, e o Governo Regional não vai substituir, não deve substituir, o Governo da República, mas o Governo Regional, este e os anteriores, há muito que têm contratos e que transfere verbas para as Juntas de Freguesia.

Aliás, este assunto é alvo de debate muitas vezes.

Outra coisa é a alteração de Lei de Finanças Locais.

Outra coisa é pensar nestas matérias e que posição é que este Parlamento pode tomar sobre isso. Mas também é preciso não esquecer que as Juntas de Freguesia nos Açores e o nosso mapa administrativo, não é igual ao do continente e isso também tem consequências, como é óbvio, e não sei exatamente o que é que o PSD pretende fazer, mas também tem que ter isso em conta.

Muito obrigado.

**Presidente:** Obrigado, Senhor Deputado.

Tem a palavra o Senhor Deputado Manuel Ramos.

(\*) **Deputado Manuel Ramos (PS):** Muito obrigado, Senhor Presidente.

Senhor Presidente, Senhoras e Senhores Deputados, Senhores Membros do Governo:

As freguesias foram confrontadas com uma redução drástica nos desempregados em programas ocupacionais.

Aliás, os programas ocupacionais previam, sempre que houvesse uma entidade pública privada que necessitasse de mão de obra a qualquer altura, os programas saíam das Juntas e iam integrar essas empresas privadas. Não havia contratos vitalícios.

Mas o que está aqui em causa foi a diminuição drástica dos ocupacionais para as Juntas de Freguesia e não só para as Juntas de Freguesia, para as Câmaras Municipais.

As Câmaras Municipais de São Miguel tinham o maior número de ocupacionais dos Açores. Só as cinco câmaras.

O Governo Regional, no presente ano, pelas estradas dos Açores, o mato cobria os muros, porquê?

Porque socorriam-se também muito dos programas ocupacionais.

Um exemplo: o Posto de Informação Turística da ilha Graciosa ficou três ou quatro meses sem ninguém no aeroporto, porque faltava o ocupacional.

Quem diz isto, diz as escolas e demais instituições e as Juntas de Freguesia não foram alheias.

E há uma coisa que é preciso que fique clara aqui:

As Juntas de Freguesia aceitaram os postos de CTT.

A DRAC não os aceitou.

E aceitaram os postos de CTT, porquê?

Porque querem prestar o serviço aos seus cidadãos, querem prestar um bom serviço aos seus cidadãos, querem que eles se mantenham nas suas localidades e o que estamos a falar aqui também não é da questão das freguesias, porque os Presidentes das Juntas de Freguesia podem ficar unicamente a cumprir a Legislação 75/2013, passar atestados e fazer pouco mais do que isso, e deixar todos os outros serviços.

Por exemplo, a minha Junta de Freguesia tem dezenas de quilómetros de canadas, de caminhos agrícolas, canadas rurais. Quem limpa é a freguesia!

Não recebemos qualquer protocolo, nem com a agricultura, nem com mais ninguém.

Os apoios da Região são unicamente para as sedes onde se poderá fazer candidaturas, são unicamente para a reparação das sedes e também para a aquisição de mobiliário, ou material informático. Ora, nós não estamos todos os anos a reparar sedes, nem a adquirir mobiliário, nem material informático, mas o único apoio que existe é esse, além de uns outros apoios dissimuladamente, nomeadamente no mês de setembro, eu estou a ver aqui que saíram da Secretaria Regional da Mobilidade, Transportes e Turismo para Juntas de Freguesia meio milhão de euros, em setembro, para algumas Juntas de Freguesia. Para algumas!... Não para a minha, nem para a da Sandra!... Para algumas Juntas de Freguesia.

É assim, não adianta dizer que somos melhores, quando as coisas estão explícitas no Jornal Oficial e conseguimos ver que no mês de setembro houve uma saída muito grande para determinadas Juntas de Freguesia.

Os Presidentes de Junta de Freguesia, já por muitas vezes ameaçaram e, se calhar, algum dia vai acontecer, que é fechar as Juntas de Freguesia por um tempo, porque se nós não tivermos condições para a prossecução do bem-estar dos nossos cidadãos, dos nossos fregueses, não estamos ali a fazer nada. Então fechamos a portinha e entregamos a quem queira fazer esse serviço, porque sem trabalhadores não podemos prestar os apoios. Não podemos ter postos CTT, não podemos prestar os serviços que são fundamentais às freguesias. O que está aqui em causa é isso. É darem-nos um prazo mais alargado para podermos refazer o nosso quadro de pessoal, para podermos aceitar, ou então reduzir alguns acordos que nós temos, nomeadamente com os CTTs, com outras instituições, e ficarmos apenas a passar atestados de residência ou de composição do agregado familiar.

Portanto, o que nós precisamos, concretamente, era que houvesse, da mesma forma que houve para as escolas, algum tempo, para além de que muitos dos cidadãos das freguesias procuram o Presidente de Junta para ingressar nos programas.

Eu tenho contratados, por exemplo, em avenças, que me dizem assim: “eh pá, vê lá, se me consegues meter num programa ocupacional”, porque acham muitas vezes que é bom, porque é um trabalho próximo de casa. E, então, quando aparece um privado que queira fornecer trabalho, eles abandonam o serviço que estão na Junta, ou noutra entidade, e seguem esse serviço.

Muito obrigado. Era só isso que eu queria deixar aqui à câmara.

*(Aplausos dos Deputados das bancadas do PS)*

**Presidente:** Muito obrigado, Senhor Deputado.

Para uma interpelação tem a palavra o Senhor Deputado Paulo Estêvão.

(\*) **Deputado Paulo Estêvão (PPM):** Senhor Presidente, é no sentido de solicitar um intervalo regimental de meia hora.

**Presidente:** Regressamos às dez para as seis.

*Eram 17 horas e 19 minutos.*

**Presidente:** Senhoras e Senhores Deputados, Senhores Membros do Governo, vamos dar continuidade aos nossos trabalhos.

Antes do intervalo estava inscrito o Senhor Deputado Nuno Barata a quem dou a palavra. Faz favor.

*Eram 17 horas e 59 minutos.*

(\*) **Deputado Nuno Barata (IL):** Senhor Presidente, Senhores Deputados, Senhores Membros do Governo:

Eu acho que há aqui uma leve confusão entre aquilo que são as dificuldades que os autarcas de freguesia têm e sentem neste momento para fazer face às competências delegadas e algumas delas que nem foram delegadas, são tácitas, que têm que cumprir e que não são competência específica dessas autarquias de freguesia, das responsabilidades que assumiram perante os seus fregueses, com aquilo que é a essência da política dos programas ocupacionais.

Para que fique claro nós não somos a favor da existência dos programas ocupacionais, nós não estamos aqui a discutir os programas ocupacionais. Aquilo que nós estamos aqui a discutir é a problemática instalada com a abrupta interrupção de um processo que permitia aos autarcas de freguesia ter mão-de-obra disponível para acudir, por exemplo, na limpeza de ribeiras, até nos cemitérios, nas mondas, nas limpezas de algumas vias que não são da sua competência, porque há freguesias, inclusivamente, e concelhos e ilhas onde esses autarcas são responsáveis pela distribuição de água à lavoura, que não é uma responsabilidade das autarquias, mas eles fazem esse serviço (nas Flores,

esses autarcas fazem esse serviço) e que se viram de um momento para o outro sem este instrumento para poderem acudir às populações.

E até há quem diga: não façam! Se não é sua competência, não façam!

Pois isso é tudo verdade. Só que o autarca de freguesia é a linha da frente dos políticos portugueses e o autarca de freguesia é que tem todos os dias os fregueses à porta a reclamar, porque não consegue passar na canada, porque tem ervas, porque a ribeira está assoreada e transborda para pastagem dele, porque tem silvas na canada x e a carrinha está toda esfolada.

E, portanto, o autarca de freguesia, que é quem acode todos os dias a essas solicitações dos seus fregueses, obviamente precisa de um momento aqui, de uma moratória temporal, para que seja resolvido o seu problema de forma definitiva.

E essa forma definitiva ainda está longe de se encontrar solução.

Apesar de alguns anúncios, nós também não queríamos que o Governo tivesse resolvido em dois anos aquilo que foram práticas de um passado muito longínquo. Até acho que o Governo tem usado isso como argumento, e bem, para outras temáticas que não esta. Mas esta é só mais uma.

Mas há também que assumir aqui algumas responsabilidades sobre o municipalismo a nível nacional. Isto não foi só por acaso que aconteceu.

Isto aconteceu, porque está a acontecer há pelo menos 30 anos. Ninguém se preocupou com os autarcas de freguesia, ninguém se preocupou com as competências das freguesias, ninguém alterou o mapa autárquico, exceto aquela manobra que foi tentada, um pouco, à sombra e a reboque da troika.

Nos Açores isso nem sequer se fez.

E por isso há aqui um conjunto de responsabilidades que não importa dizer de quem são, que têm a ver com uma desadequação, daquilo que é o financiamento das freguesias, até pela sua dimensão, porque algumas delas, hoje são muito pequenas, foram perdendo FEF e foram ganhando competências e não houve a transferência do respetivo envelope financeiro

para fazer face a essas competências. Por isso, o que é preciso fazer, neste momento, até já houve aqui quem exortasse isso, a Senhora Deputada Sabrina Marília Furtado, já exortou a isso, a que fizéssemos aqui um esforço, junto da República, ou por anteposta de lei, ou por outra forma qualquer, alterarmos isso, mas acho que compete ao Governo da República fazer.

O Partido Socialista, neste momento, até tem uma maioria confortável na Assembleia da República e os centralistas de Lisboa, do Partido Socialista, se calhar, até podem conseguir finalmente uma solução para o municipalismo português. Mas não é isso que está em cima da mesa e, portanto, é preciso acudir esses autarcas de freguesia. É preciso definitivamente dar-lhes uma ferramenta para que até o Governo Regional ter os protocolos assinados, e os acordos assinados, com transferências de competências e com o respetivo financiamento, eles possam acudir àquilo que são as necessidades dos fregueses, naquelas circunstâncias em que eu já disse.

Há, inclusivamente, autarcas de freguesia que estão a utilizar estes mecanismos, estes programas, para acudir a necessidades permanentes que as freguesias têm e neste sentido, é preciso acudir não aos autarcas, não aos ocupacionais, que não estou preocupado em manter o emprego dessas pessoas, nem estou preocupado em resolver o problema dos autarcas, eu estou preocupado, como disse, penso que o Senhor Deputado António Lima em resolver o problema dos fregueses que têm neste momento problemas para serem resolvidos e que não estão a ser resolvidos, porque os autarcas não têm meios humanos para os resolver.

Disse.

**Presidente:** Obrigado, Senhor Deputado.

Tem a palavra a Senhora Deputada Sabrina Furtado. Faça favor.

(\*) **Deputada Sabrina Furtado (PSD):** Obrigada, Senhor Presidente.

Senhor Presidente, Senhoras e Senhores Deputados, Senhores Membros do Governo:

Creio que nesta altura importa fazer nesta Casa alguns esclarecimentos.

Primeiro, dizer que é novidade para mim (e terei muito gosto em ter essa conversa com o Senhor Deputado da IL, Nuno Barata), que o Senhor Deputado concordaria com a extinção de freguesias nos Açores e terei todo o gosto em perceber o seu ponto de vista sobre esta matéria...

**Deputado Nuno Barata (IL):** Não me preocupa absolutamente nada!

**A Oradora:** ... no que diz respeito à fusão, à extinção e à adoção da política nacional que foi feita para os Açores.

Depois dizer relativamente aos programas ocupacionais, que é pública a nossa visão sobre os programas ocupacionais e a nossa luta permanente para o combate à precariedade.

**Deputado Joaquim Machado (PSD):** Muito bem!

**A Oradora:** E aqui também não entendo como é que se pode dizer, ainda mais da boca do Bloco de Esquerda, que mais vale um programa ocupacional, do que um recibo verde.

**Deputado António Lima (BE):** Eu não disse isso!

**Deputado Joaquim Machado (PSD):** Disse, disse!

**A Oradora:** Eu não consigo perceber, porque é que é melhor um programa ocupacional do que um recibo verde, porque com um recibo verde, as pessoas, por acaso, até têm direito a inscreverem-se na Segurança Social.

**Deputado António Lima (BE):** Eu não disse isso

**Deputado Pedro Pinto (CDS-PP):** Ai, disse, disse!

**A Oradora:** Eu não consigo entender esse tipo de ideologia, mas deve ser da hora.

**Deputado António Lima (BE):** Isto deve ser da hora!

**A Oradora:** É, é da hora de certeza absoluta, Senhor Deputado.

O facto é que continuam para as autarquias dos Açores abertas três modalidades de programas ocupacionais: o CEI, o CTTS e ainda no dia 31 de outubro foram disponibilizadas 350 vagas para o novo Prosa Qualifica...

**Deputados João Bruto da Costa e Joaquim Machado (PSD):** Muito bem!

**A Oradora:** ... porque o programa não termina. O programa foi adaptado com uma parte também de qualificação e de formação. para que as pessoas, ao mesmo tempo que trabalhem, consigam capacitar-se para serem independentes no seu futuro.

**Deputado Rui Martins (CDS-PP):** Muito bem!

**A Oradora:** Se calhar é isso que incomoda tanto o Partido Socialista, que as pessoas se tornem independentes.

*(Aplausos dos Deputados das bancadas do PSD, CDS-PP, PPM e dos Membros do Governo)*

Foram abertas, então, como dizia 350 vagas para o Prosa Qualifica, a 31 de outubro, não foi de 2001, foi de 2022, em que as Juntas de Freguesia dos Açores e as Câmaras Municipais, respetivamente, podem contar com, nas Juntas de Freguesia, cinco trabalhadores, nas câmaras Municipais, dez trabalhadores.

Não é suficiente?

São precisos 200 e tal trabalhadores numa Junta de Freguesia?

**Deputado Joaquim Machado (PSD):** Quem é que tinha isso?

**A Oradora:** Não são necessários 200 e tal trabalhadores numa Junta de Freguesia.

Mas também falando disto, Senhor Presidente, anuncio aqui que tenho algumas dúvidas sobre a capacidade financeira de algumas Juntas de Freguesia, que tinham centenas de programas ocupacionais, com os seus pagamentos à segurança social, e por isso mesmo, vou fazer um requerimento ao Governo Regional para que nos diga se essas Juntas de Freguesia sempre cumpriram os seus compromissos do pagamento destes programas à segurança social.

**Vozes de alguns Deputados da bancada do PSD e do CDS-PP:** Muito bem! Muito bem!

*(Aplausos dos Deputados das bancadas do PSD, CDS-PP, PPM e dos Membros do Governo)*

**Deputado Berto Messias (PS):** O Sr. Deputado Jaime Vieira e o Sr. Deputado Paulo Gomes, podem dar essa informação!

**A Oradora:** Depois, e muito rapidamente, há que recordar o seguinte:

Em janeiro de 2022, o Partido Socialista emite uma nota de imprensa que diz: “Aumento de 11% dos açorianos em programas ocupacionais contradiz a propaganda do Governo.”

Criticam o Governo por aumentar programas ocupacionais e depois a seguir, dizem que, afinal, os programas vão acabar, de forma escrita neste Projeto de Resolução, mas de há uns meses a esta parte, em todos os seus discursos, dizem que eles foram alterados. Entendam-se! Organizem-se e sejam coerentes,...

**Vozes de alguns Deputados da bancada do PSD e do CDS-PP:** Muito bem! Muito bem!

**A Oradora:** ... porque não estão a ser minimamente coerentes para finalizar.

*(Aplausos dos Deputados das bancadas do PSD, CDS-PP, PPM e dos Membros do Governo)*

Para finalizar, há um requerimento respondido pelo Governo Regional ainda em 2021, feito pelo PSD, e está no *site* da Assembleia, com o corte abrupto, este sim um corte abrupto, entre 2018 e 2020, de programas ocupacionais, iniciado pelo Partido Socialista, muito bem recordado pelo Senhor Deputado

Francisco Coelho, numa Comissão, que foi o Partido Socialista que começou a fazer a redução dos programas ocupacionais.

Se tinham esta ideologia, porque é que começou o Partido Socialista a fazer a redução dos programas ocupacionais, com uma forma abrupta para menos de metade, e agora este Governo é que tem um problema novo, que não é novo, que vem desde 2018, quando tenta que as pessoas sejam inseridas no mercado de trabalho e, sim, continuar sempre ao lado dos autarcas dos Açores para que nenhum freguês fique por atender.

Obrigada.

**Vozes de alguns Deputados da bancada do PSD e do CDS-PP:** Muito bem! Muito bem!

*(Aplausos dos Deputados das bancadas do PSD, CDS-PP, PPM e dos Membros do Governo)*

**Presidente:** Muito obrigado, Senhora Deputada.

Tem a palavra o Senhor Deputado Pedro Pinto.

(\*) **Deputado Pedro Pinto (CDS-PP):** Muito obrigado, Senhor Presidente.

Senhor Presidente, Senhoras e Senhores Deputados, Senhores Membros do Governo:

Senhores Deputados, começa bem o Partido Socialista no seu Projeto de Resolução, referindo que há graves problemas de falta de recursos humanos, bem como limitados recursos financeiros para a contratação de mais trabalhadores, face ao acervo de competências das freguesias que, pela lei, por contrato ou por protocolo, vão assumindo para fazer face às necessidades das respetivas populações.

Bom, quem ler este primeiro parágrafo julga que estamos perante uma boa proposta e uma boa iniciativa.

Pois, bem, a lei a que se referem é a Lei das Finanças Locais.

Os contratos, pois, são os contratos que as Juntas de Freguesia celebram com alguma entidade.

E os protocolos também são protocolos, entre as freguesias e alguma entidade.

E se as Juntas de Freguesia celebram protocolos, contratos, ou têm competências que a lei lhes atribui, significa isso que quer a lei, quer os contratos, quer os protocolos, deverão ter também associados os meios financeiros necessários para as Juntas de Freguesia poderem contratar os funcionários que necessitam para cumprir com os protocolos, contratos ou as competências decorrentes da lei.

E eu pergunto-me: se há um problema tão grande nos Açores e só temos 155 freguesias e o Partido Socialista diz: ora o resultado imediato da falta de pessoas nos programas ocupacionais, na sua maioria, não estão a conseguir dar resposta aos trabalhos que antes faziam de limpeza, manutenção de espaços públicos, ecopontos, por exemplo, mas também transportes de crianças, idosos, trânsito, habitação, apoio social, educação, cultura, desporto, entre tantos outros serviços...”, eu de repente pensei que estava a ler as competências de um governo.

Mas se são estas as competências das freguesias entre tantos outros serviços, eu pergunto-me:

Como é que as 2.937 freguesias do resto do país, que não têm o Governo Regional para lhes dar apoio, ou para lhes colocar lá pessoas ao abrigo de Programas Ocupacionais, como é que elas se safam?

Como é que elas se safam, se há este problema com as 155 freguesias dos Açores?

E, portanto, a Lei das Finanças Locais é uma lei que é universal para todas as freguesias, independentemente do sítio onde as freguesias estejam, Senhora Deputada Andreia Cardoso e, portanto, a questão é exatamente essa. Para as

competências da limpeza, manutenção de espaços públicos e ecopontos, o Eco-Freguesias de 2022 previa meio milhão de euros.

**Deputado Manuel Ramos (PS):** Pago no fim do ano!

**O Orador:** E já foi reforçado em mais um milhão, o que dá milhão e meio só este ano. E para 2023, tem previsto no Orçamento mais meio milhão, o que quer dizer que, em dois anos, este Governo, vai colocar à disposição das freguesias dois milhões de euros,...

**Deputado Paulo Gomes (PSD):** Muito bem!

**O Orador:** ... que é muito mais do que o Partido Socialista colocou nos últimos quatro anos.

E, portanto, é isto que está aqui em causa,...

**Deputado Flávio Soares (PSD):** Muito bem!

**O Orador:** ... é o apoio que este Governo tem dado, tem dado porque está inscrito no seu Programa de Governo....

**Deputado Rui Martins (CDS-PP):** Muito bem!

**O Orador:** ... apoio a todas as freguesias, a todos os autarcas, sem discriminação.

**Deputado Rui Martins (CDS-PP):** Muito bem!

*(Aplausos dos Deputados das bancadas do PSD, CDS-PP, PPM e dos Membros do Governo)*

**O Orador:** Como já muito bem foi acentuado aqui há pouco, noutros tempos políticos, alguns tinham, outros nem por isso, e uns tinham mais do que os outros.

Portanto, com esta maioria, com esta coligação, pretende-se tratar todos de uma forma igual e equitativa, porque os açorianos são todos iguais, independentemente do sítio onde vivam, independentemente da cor política, da freguesia onde habitam.

**Deputado Flávio Gomes (PSD):** Bem lembrado!

**O Orador:** E a seguir há aqui um parágrafo que diz que “o Governo abandonou as Juntas de Freguesia e os seus trabalhadores”.

Grande mentira!... Grande mentira!...

Portanto, os senhores pretendem que os partidos deste Parlamento aproveem uma proposta, uma iniciativa, onde está cá escrita uma grande mentira, como eu acabei de demonstrar.

Só através do Eco-Freguesias foi, em dois anos alocada às freguesias muito mais do que o Partido Socialista alocou nos últimos quatro.

**Deputado Paulo Gomes (PSD):** Muito bem!

**O Orador:** E a seguir, vamos então aos trabalhadores e à hipocrisia desta iniciativa.

Ao longo das considerações desta iniciativa, faz-se alusão aos trabalhadores e aos colaboradores inscritos nos programas ocupacionais.

Efetivamente, são pessoas que estão em programas ocupacionais de inserção no mercado de trabalho. Não são propriamente trabalhadores.

Exercem trabalho por essa via, pode-se chamar-lhes trabalhadores, mas na verdadeira aceção da palavra, eles não são trabalhadores, porque eles não têm um salário, não tem um vínculo laboral com as Juntas de Freguesia.

Eles estão lá, temporariamente, ao abrigo de um programa ocupacional.

E os senhores, durante demasiados anos, abusaram dos açorianos com estes programas,...

**Deputado Carlos Silva (PS):** Aqui, ninguém abusou de ninguém!

**O Orador:** ... como eu já aqui tive a oportunidade de dizer e hoje vou-me escusar a repetir.

**Deputado Rui Martins (CDS-PP):** Muito bem!

**O Orador:** Sempre, sistematicamente, antes de qualquer ato eleitoral, aparecia uma promessa de que a seguir ao ato eleitoral é que iam entrar nos

quadros. E depois não entravam. Vinha mais um novo programa ocupacional...

**Deputado Gustavo Alves (PPM):** Bem lembrado!

**O Orador:** ... e, portanto, há uma mudança de paradigma.

Para os senhores, o programa ocupacional servia para instrumentalizar os cidadãos, os açorianos, e tê-los dependentes da vontade de alguém.

Para esta maioria, estamos recentrando a política dos programas ocupacionais, nas pessoas, com o sentido de que elas consigam obter competências e consigam encontrar um posto de trabalho efetivo numa entidade, seja ela pública ou privada, e com isso, possam obter a sua independência,...

**Deputado Rui Martins (CDS-PP):** Muito bem!

**O Orador:** ... que é isso que o Partido Socialista não suporta. É que haja pessoas independentes, porque as pessoas independentes pensam pela sua cabeça e é uma chatice e lá se vão os votos do Partido Socialista e da esquerda.

Muito obrigado.

**Presidente:** Obrigado, Senhor Deputado.

Tem a palavra o Senhor Deputado António Lima.

(\*) **Deputado António Lima (BE):** Senhor Presidente, Senhoras e Senhores Deputados, Senhores Membros do Governo:

Intervenho apenas para dizer que podia ter pedido uma interpelação, mas julgo que não é necessário, para dizer à Senhora Deputada Sabrina Furtado que eu não falei em recibos verdes. Certamente que ouviu mal e é bom que fique registado, porque não falei em recibos verdes e não comparei recibos verdes com programas ocupacionais.

Não sei onde é que ouviu. Pode ter ouvido, mas não fui eu.

**Presidente:** Obrigado, Senhor Deputado.

Tem agora a palavra a Senhora Deputada Sandra Dias Faria. Faça favor.

(\*) **Deputada Sandra Dias Faria (PS)**: Muito obrigada.

Senhor Presidente, Senhoras e Senhores Deputados, Senhores Membros do Governo:

Peço a palavra apenas para trazer aqui alguns esclarecimentos ao debate e para focar efetivamente naquele que é o propósito deste Projeto de Resolução.

E socorro-me daquele que foi o resultado da análise em Comissão desta proposta, e da audição que foi feita à ANAFRE, Associação de Nacional das Freguesias, representantes das freguesias, e que representa todos os Presidentes de Junta, não apenas os de um partido, mas por acaso, até os dois que foram ouvidos,...

**Deputado João Bruto da Costa (PSD)**: Isso era antigamente!

**A Oradora**: Não! São cinco, porque a composição até tem menos dois partidos, mas os que foram ouvidos em Comissão por acaso até são autarcas do PSD, e que reconheceram efetivamente o mérito desta medida, ou desta proposta, como sendo uma proposta transitória, até que o Governo assegure uma resposta definitiva.

Esta medida é necessária, porque criou o Governo um problema na forma como atuou. Portanto, foram os próprios autarcas, pela voz da ANAFRE, mas também, nós, Partido Socialista, nas reuniões que fizemos com os Presidentes de Junta, que identificámos, independentemente da cor partidária dos autarcas, que esta é uma dificuldade sentida e que este Projeto de Resolução vem trazer aqui uma resposta transitória até que o Governo corrija essa situação, que criou ele próprio. É isto que nós aqui procuramos.

Posso até citar o senhor Vice-Coordenador da ANAFRE, que “relembrou também que a delegação da ANAFRE nos Açores tem defendido as preocupações das Juntas de Freguesia sobre toda esta situação e tem estado ao lado das suas Juntas, aliás, como não podia deixar de ser, e como é sua obrigação”.

E criticou o facto de não ter havido um diálogo com as Juntas, ou com quem as representa, antes de tomar qualquer decisão, e isto referente à decisão do Governo.

**Deputada Andreia Cardoso (PS):** Muito bem!

**A Oradora:** Portanto, é isto que nós estamos aqui a tentar corrigir e o nosso foco não são necessariamente os Presidentes de Junta, sendo eu Presidente de Junta, não é esta a principal preocupação. O nosso propósito último é servir as nossas comunidades, porque quem está na rua, quem todas as vezes é chamado a responder às solicitações, sem os recursos para o fazer, é que enfrenta essas dificuldades.

**Deputado José Pacheco (CH):** Fazem concorrência desleal aos privados!

**A Oradora:** E são as populações que muitas vezes ficam penalizadas por não termos capacidade de resposta.

Recordo, por exemplo, que era também esta mão de obra que apoiava, em protocolos, por exemplo, com o IROA, na limpeza de caminhos agrícolas, de ribeiras.

Recordo, por exemplo, que há dois anos, há várias áreas que não são pura e simplesmente intervencionadas, e a resposta que o IROA dá é que não tem recursos.

**Deputado Joaquim Machado (PSD):** Cheios de ribeiras e caminhos agrícolas!

**A Oradora:** Ainda este fim de semana obtive a resposta de que estavam no terreno e que só iriam pagar para o ano, o que quer dizer que em março, quando um Presidente de Junta pedir algum apoio, o que vão dizer é que até ao final do ano não têm dinheiro. Foi a resposta que eu obtive em abril passado (abril passado!).

E não temos respostas para as populações. Eu sou cumulativamente Deputada Regional, eleita, e Presidente Junta, eleita, Senhora Deputada, portanto, posso falar.

**Deputado José Pacheco (CH):** Queria ser por nomeação?

**A Oradora:** O que é certo é que no final, Senhoras e Senhores Deputados, o que interessa, é a resposta às populações.

O que interessa é que quando os problemas surgem, têm sido recorrentes as publicações em várias freguesias. Não estou aqui a falar nem da freguesia do partido A, nem do partido B. Estou a falar de todas.

**Deputado Joaquim Machado (PSD):** A distribuição é que não era assim!

**A Oradora:** Em várias freguesias, as publicações, as queixas de ruas que não são devidamente limpas, mantidas, de problemas que temos com a manutenção de espaços públicos, manutenção de equipamentos...

**Deputado Pedro Pinto (CDS-PP):** Mas como é que fazem nas outras 1937 freguesias, Sra. Deputada?

**A Oradora:** Portanto, a nossa preocupação é servir a nossa população. A nossa preocupação é ter recursos para fazer. E o que o Partido Socialista aqui traz é uma solução para o problema que este Governo criou ao atuar desta forma.

Até lá, até não termos a resposta definitiva, procurámos, desta forma, responder.

A Lei das Finanças Locais, a ser um instrumento, que deve ser, levará tempo e até lá, como ficam as populações? Como ficam as respostas às populações?

A questão do eco freguesia foi apenas este ano.

O Secretário começou por dizer que reforçava como resposta exatamente este problema quando foi identificado, mas o que é certo é que já recuou e, afinal, o apoio extraordinário foi apenas este ano. E devo dizer Senhor Deputado Pedro Pinto, que o valor atribuído não dá sequer para contratar um recurso humano.

Tenho dito. Muito obrigado.

**Vozes de alguns Deputados da bancada do PS:** Muito bem! Muito bem!

*(Aplausos dos Deputados das bancadas do PS)*

**Presidente:** Muito obrigado, Senhora Deputada.

Pergunto se há mais inscrições?

Senhor Deputado Pedro Pinto, tem a palavra.

(\*) **Deputado Pedro Pinto (CDS-PP):** Senhor Presidente, Senhoras e Senhores Deputados, Senhores Membros do Governo:

Só para esclarecer a Senhora Deputada, e Presidente eleita de Junta de Freguesia, que o Eco-Freguesias não se destina à contratação de pessoal.

**Deputada Sandra Dias Faria (PS):** Foi a resposta dada pelo Sr. Secretário!

**O Orador:** E, portanto, é um apoio financeiro que depois a Junta de Freguesia tem, podendo contratar serviços, se assim o desejar, mas não é, não é para contratar pessoal.

**Deputado Rui Martins (CDS-PP):** Muito bem! Muito bem!

*(Aplausos dos Deputados das bancadas do PSD, CDS-PP, PPM e dos Membros do Governo)*

**Presidente:** Muito obrigado, Senhor Deputado.

Pergunto se há mais inscrições?

Senhora Deputada Marta Matos, faz favor.

(\*) **Deputada Marta Matos (PS):** Obrigada.

Senhor Presidente, Senhoras e Senhores Deputados, Senhores Membros do Governo:

Eu não estava propriamente a pensar intervir neste debate, mas faço-o, na sequência de muitas das afirmações que já foram aqui feitas e faço-o também com a sincera expectativa de poder contribuir de forma útil para a discussão.

Eu sou Presidente da Junta de Freguesia de Santo Amaro, a freguesia mais pequena da ilha do Pico, e uma das mais pequenas da nossa Região.

Estou a exercer aquele que é o meu terceiro mandato e ao longo destes anos tenho-me deparado e enfrentado os problemas e as dificuldades que são próprios dos cargos que exercemos e que acredito que partilho com todos os Presidentes de Junta.

Nós somos os obreiros das pequenas/grandes realizações. Somos assistentes sociais, agentes culturais nas mais diversas situações, somos interlocutores dos mais variados anseios, somos os primeiros a quem se dirigem as populações a trazer os seus problemas, somos os primeiros a quem são exigidas satisfações e, regra geral, somos os últimos com capacidade para lhes dar resposta por insuficiência de recursos financeiros, de recursos materiais, de recursos humanos e de meios técnicos especializados. Independentemente disso, exercemos os nossos cargos com verdadeira entrega e dedicação e acredito que também esse é um sentimento partilhado por todos nós, Presidentes de Junta.

Ao longo destes três mandatos, foram várias as pessoas que passaram pela minha Junta de Freguesia ao abrigo de Programas Ocupacionais.

E há aqui duas perspetivas e dois pontos de vista que gostaria de partilhar.

Em primeiro lugar, do ponto de vista da autarquia, o reconhecimento e a possibilidade de as Juntas de Freguesia serem entidades promotoras destes programas, é de extrema importância. No meu caso pessoal, nós não temos quadro de pessoal, nós não temos trabalhadores. As regras de natureza financeira e orçamental, o cumprimento das disposições legais impede-nos de contratar.

E é importante que fique muito claro que nós não contratamos, não é porque não precisamos e não é porque não queremos. É porque não conseguimos.

E recorreremos naturalmente a programas ocupacionais. Nós apresentámos uma candidatura, por exemplo, ao programa Prosa Qualifica, candidatura aberta, como disse a Senhora Deputada Sabrina Furtado, em outubro passado.

Continuamos a aguardar resposta a essa candidatura e já tínhamos, aliás, apresentado candidatura, na fase que tinha sido aberta no passado mês de março, candidatura essa que foi indeferida com a fundamentação de não existirem utentes passíveis de serem colocados no âmbito do projeto apresentado, o que, aliás, não foi surpreendente quando o despacho de abertura dessa candidatura, restringiu muito significativamente os destinatários do programa, apenas aos desempregados com mais de 55 anos, ou com deficiência, ou doença do foro psicológico, devidamente comprovada.

Há, no entanto, um segundo ponto de vista que gostaria de partilhar e que é, no fundo, o mais importante e que diz respeito aos beneficiários destes programas.

Muitas das pessoas que passaram pela Junta de Freguesia nunca tinham tido uma oportunidade de trabalho.

E aquilo que os programas ocupacionais lhes permitiu foi muito mais do que ter um rendimento disponível no final do mês. Foi a oportunidade de mostrarem, a si e aos outros, que eram capazes de desempenhar uma função;

**Vozes de alguns Deputados da bancada do PS:** Muito bem! Muito bem!

**A Oradora:** Foi a oportunidade de adquirirem rotinas e métodos de trabalho, de ganharem reconhecimento e respeito pelo trabalho executado, de ganharem autoestima e autoconfiança. Isso não tem preço e, para além disso, nunca os programas ocupacionais foram impeditivos que qualquer umas destas pessoas pudessem celebrar contratos de trabalho.

E eu sou testemunha de muitos casos de sucesso de pessoas que passaram pela minha Junta de Freguesia ao abrigo de programas ocupacionais e que hoje estão inseridas no mercado de trabalho, nas mais diversas áreas.

A partilha daquela que é a minha experiência vale o que vale, é certo.

No entanto, custa-me, custa-me estar nesta sala e ouvir muitas das coisas que já foram ditas aqui esta tarde.

Custa-me ouvir referências a este assunto, como aquelas que já foram feitas quando esta iniciativa já foi discutida noutras oportunidades com a utilização de expressões como “cheques em branco”, “programinhas”, “festas socialistas”, “instrumentalização dos programas ocupacionais”.

**Deputado João Bruto da Costa (PSD):** É o que foi!

**Vozes de alguns Deputados da bancada do PS:** Muito bem! Muito bem!

*(Aplausos dos Deputados das bancadas do PS)*

**A Oradora:** Porque isso, para além de ser extremamente desconsiderante e extremamente desrespeitoso para com o esforço e o empenho de muitos, revela também a abordagem e a forma errada, como este assunto foi tratado desde o seu início.

O atual Governo usou os programas ocupacionais para se afirmar e se demarcar politicamente da anterior governação do Partido Socialista. Usou os programas ocupacionais como instrumento de crítica e como arma de ataque contra o Partido Socialista.

**Deputado Joaquim Machado (PSD):** Comos solução para emprego e dignidade!

**A Oradora:** E isso continuou a ser feito esta tarde. Aqui, ao longo deste debate por muitos dos Senhores Deputados.

O que é mais grave e o que é mais lamentável é que os senhores nunca se tenham dado conta que, com essa guerra, não estavam a ferir o Partido Socialista. Estavam, sim, a ferir e a lesar gravemente as nossas autarquias, as nossas instituições e os beneficiários destes programas.

**Vozes de alguns Deputados da bancada do PS:** Muito bem! Muito bem!

*(Aplausos dos Deputados das bancadas do PS)*

**A Oradora:** As decisões tomadas afetaram as Juntas de Freguesia. As decisões tomadas afetaram as nossas instituições. As decisões tomadas afetaram as pessoas. Os efeitos dessas decisões não foram devidamente acautelados.

E a iniciativa que o Partido Socialista hoje traz aqui permite atenuar esses efeitos...

**Presidente:** Agradeço que termine.

**A Oradora:** ... em relação às Juntas de Freguesia de uma forma transitória e temporária.

Termino, Senhor Presidente, dizendo que é difícil às freguesias na situação atual, cumprir todas aquelas que são as nossas atribuições e competências. É extremamente difícil.

**Deputado Manuel Ramos (PS):** SGPD!

**Deputado José Pacheco (CH):** Não fizeram nada por isso!

**A Oradora:** Uma coisa é certa: seja numa Junta de Freguesia, seja no Governo Regional, seja nesta Casa, se nós decidirmos sem pensar e sem colocar as pessoas em primeiro lugar, garantidamente não estaremos a tomar boas decisões.

Obrigada.

**Vozes de alguns Deputados da bancada do PS:** Muito bem! Muito bem!

*(Aplausos dos Deputados das bancadas do PS)*

**Presidente:** Muito obrigado, Senhora Deputada.

Tem a palavra o Senhor Deputado Paulo Estêvão.

**(\*) Deputado Paulo Estêvão (PPM):** Senhor Presidente, Senhores Deputados, Senhores Membros do Governo:

O Senhor Deputado Francisco Coelho fica sempre entusiasmado. Deve ser recordação dos velhos tempos, não é, Senhor Deputado?

Eu vou ser muito rápido em relação à apreciação, dada a hora tardia e vou fazer uma intervenção rápida.

Primeiro ponto:

Senhora Deputada, Senhora Presidente da Junta de Freguesia, eu tenho um enorme respeito por todos os autarcas; um enorme respeito pelo trabalho que é feito pelos autarcas.

Eu também sou autarca, mas tenho muita dificuldade em exercer as minhas funções,...

**Deputado Francisco Coelho (PS):** O senhor é uma vítima.

**O Orador:** ... por exemplo, o orçamento da Câmara Municipal do Corvo foi aprovado na passada terça-feira, exatamente a reunião marcou-se para quando eu estou aqui...

**Deputado José Ávila (PS):** Aconteceu-me o mesmo a mim.

**O Orador:** ... e eu não tenho oportunidade, de discutir.

Aliás, para assumir funções, foi muito difícil, porque as três primeiras reuniões, para que eu não tivesse oportunidade de assumir funções na Assembleia Municipal, foram marcadas exatamente quando eu estava aqui no Parlamento dos Açores.

Portanto, o que quer dizer, é que lições de democracia, Senhora Deputada, do seu partido, em municípios do seu partido, a este tipo de práticas, nunca houve nenhuma condenação de Vossas Excelências, não venha dar qualquer tipo de lição de democracia, Senhora Deputada, se faz favor.

*(Aplausos dos Deputados das bancadas do PSD, CDS-PP, PPM e dos Membros do Governo)*

Isto é exatamente o contrário do que é a democracia (é exatamente o contrário do que é a democracia). É tentar impedir, por todos os meios, dos

autarcas poderem participar nas reuniões, marcando as reuniões, sistematicamente, para quando não se pode estar.

E isto é algo que eu já denunciei aqui muitas vezes, estão aqui os altos responsáveis do Partido Socialista, que nada fazem em relação a esta prática, esta e outras que têm ocorrido ao longo deste tempo todo.

*(Aplausos dos Deputados das bancadas do PSD, CDS-PP, PPM e dos Membros do Governo)*

Já denunciei estas e outras práticas ao Ministério Público. Aguarda-se a decisão, porque da vossa parte, do Partido Socialista, não há nenhuma decisão, em relação a esta matéria, e nenhuma decisão em relação em condenar firmemente estas práticas antidemocráticas que ocorrem no município do Corvo, na Assembleia Municipal do Corvo. Isto é a primeira coisa que vos quero dizer.

Em segundo lugar, meus senhores, a análise do diploma...

**Deputado Vasco Cordeiro (PS):** Eu presumo que isto tenha a ver com o diploma certo?

**Deputado Márcio Tomé (PS):** Sr. Presidente, o que é isto tem a ver com o diploma?

**O Orador:** Estamos, estamos, mas isto é uma resposta às questões, de quem aqui fala em democracia.

Quero só fazer uma referência ao relatório do Tribunal de Contas em relação à divisão de verbas, para as diversas freguesias e câmaras municipais.

Só quero lembrar o que é que dizia o Relatório de Contas referente a 2019:

“De entre os 19 municípios situados no território da Região Autónoma dos Açores, o Município da Praia da Vitória continua a ser o principal beneficiário dos apoios atribuídos pelo Governo Regional.

Em 2019, recebeu um ponto oito milhões...

**Deputado Vasco Cordeiro (PS):** E o Parecer do Tribunal de Contas de 2021 o que é que diz?!

**O Orador:** ... de euros, mais de metade das verbas canalizadas para o conjunto dos municípios. Era assim a relação que existia entre o Governo Regional e as Câmaras Municipais do Partido Socialista.”

**Deputado Vasco Cordeiro (PS):** E o Parecer do Tribunal de Contas relativamente a 2021?

**Deputado Pedro Pinto (CDS-PP):** Custa ouvir a verdade!

*(Aplausos dos Deputados das bancadas do PSD, CDS-PP, PPM e dos Membros do Governo)*

**O Orador:** No parágrafo seguinte: “A nível das freguesias, quase 34% das transferências, cerca de 799 mil euros, concentravam-se em apenas 10 (estão a ouvir bem? Concentravam-se em apenas 10!) das 155 freguesias situadas no território da Região Autónoma dos Açores”, (34%, em apenas 10 das 155).

**Deputado João Bruto da Costa (PSD):** Muito bem!

**O Orador:** Era assim a justiça da relação entre os municípios e as freguesias que eram do Partido Socialista e do Governo do Partido Socialista, com claro favorecimento àquelas que eram as freguesias do Partido Socialista também e que eram governadas pelo Partido Socialista.

Era assim com uma profunda injustiça, que era tratado o poder autárquico em que quem era da oposição era sempre o “filho bastardo” nesta matéria.

**Deputado José Ávila (PS):** Não é verdade!

**O Orador:** Finalmente quero dizer-vos o seguinte: um Projeto de Resolução que pretende resolver problemas que são de todos e de todas as freguesias e de todas as entidades, não tem uma redação como esta tem, como este Projeto de Resolução, que é um Projeto de Resolução que fala em capricho

ideológico. É um projeto de resolução que condena e ofende o Governo Regional em relação à sua atuação,...

**Deputado João Bruto da Costa (PSD):** Muito bem!

**O Orador:** ... que não faz nenhum esforço de convergência do ponto de vista político.

É, pura e simplesmente, um Projeto de Resolução.

Como é que nós podemos aprovar um texto que contém um conjunto enorme de insultos ao Governo Regional, além de inverdades em relação à atuação do Governo Regional?

**Deputado João Bruto da Costa (PSD):** Muito bem!

**O Orador:** É evidente que os senhores não fizeram nenhum esforço para resolver o problema.

O único objetivo que aqui tinham era de provocar a divisão e não de resolver nenhum tipo de problema. Fazer campanha política com esta matéria.

**Deputado Rui Martins (CDS-PP):** Muito bem!

*(Aplausos dos Deputados das bancadas do PSD, CDS-PP, PPM e dos Membros do Governo)*

**O Orador:** Finalmente dizer que os programas ocupacionais não são a solução.

Eternizam a precariedade. O que é necessário é uma resposta concreta, é uma reforma estrutural, apoios amplos às freguesias, no sentido de que elas possam cumprir as suas competências, mas de uma forma estrutural, de uma forma independente, com isenção e com um apoio muito significativo.

E é isto que o Governo Regional está a fazer.

Os programas ocupacionais mantêm apenas a precariedade, não eram solução. Nunca foram solução e o Governo Regional a solução que tem, e que está a implementar, é aumentar os apoios. É manter os apoios às

freguesias. É isso que está a ser feito e essa é que é a reforma estrutural e não esta ação apenas meramente conjuntural, que não resolvia nada, eternizava apenas a pobreza e eternizava apenas a precariedade no âmbito do funcionamento das Juntas de Freguesia nos Açores e não só, em toda a sociedade açoriana.

**Vozes de alguns Deputados da bancada do PSD e do CDS-PP:** Muito bem! Muito bem!

*(Aplausos dos Deputados das bancadas do PSD, CDS-PP, PPM e dos Membros do Governo)*

**Presidente:** Muito obrigado, Sr. Deputado.

Pergunto se há mais inscrições?

Senhor Deputado José Pacheco, faça favor. Tem a palavra.

(\*) **Deputado José Pacheco (CH):** Muito obrigado.

Senhor Presidente, Senhoras e Senhores Deputados (ainda restaram dois membros do Governo):

Eu amanhã às seis e meia da manhã, quando acordar, vou ligar a televisão (até faço aqui o gesto), e eu vou ver o Senhor Primeiro-Ministro de Portugal, Senhor António Costa, a dizer, depois de uma madrugada intensa, de negociações com os meus colegas dos Açores, que me pressionaram muito, eu vou resolver o problema dos autarcas do país...

*(Risos dos Deputados da bancada do PSD)*

... e especialmente dos Açores, e, por trás, vou ver os Deputados dos Açores.

Eu sei, e ainda vou dizer mais, porque depois está aquele partidozinho, o Chega não é, que chega e chateia.

Isto vai ser uma alegria!

Seis e meia da manhã eu vou acordar e vou ligar a televisão.

**Presidente:** Muito obrigado, Sr. Deputado.

Pergunto se há mais inscrições?

Vamos passar à votação deste Projeto de Resolução n.º 124/XII, “pela previsibilidade e adequação dos recursos humanos e financeiros das Juntas de Freguesias dos Açores”.

As Senhoras e os Senhores Deputados que concordam, façam o favor de manter como estão.

As Senhoras e os Senhores Deputados que votam contra façam o favor de se sentar.

**Secretário:** O Projeto de Resolução n.º 124/XII obteve um resultado de empate na votação, com 24 votos a favor do PS, 2 do BE e 1 da IL, 21 contra do PSD, 3 do CDS, 1 do PPM, 1 do CH e 1 do Deputado Independente.

**Presidente:** Vamos repetir a votação.

As Senhoras e os Senhores Deputados que concordam, façam o favor de manter como estão.

As Senhoras e os Senhores Deputados que votam contra façam o favor de se sentar.

**Secretário:** O Projeto de Resolução n.º 124/XII, em segunda votação, apresentou um resultado de empate, sendo rejeitado, com 24 votos a favor do PS, 2 do BE e 1 da IL, 21 contra do PSD, 3 do CDS, 1 do PPM, 1 do CH e 1 do Deputado Independente.

**Presidente:** Senhora Deputada Sandra Dias Faria, para uma declaração de voto, tem a palavra.

(\*) **Deputada Sandra Dias Faria (PS):** Muito obrigado, Senhor Presidente.

Senhor Presidente, Senhoras e Senhores Deputados, Senhores Membros do Governo:

A votação deste diploma deixa novamente a população açoriana, as várias comunidades, nas nossas várias freguesias, sem uma resposta até que o Governo se permita dar a solução para o problema que criou.

Hoje, o que levamos daqui é novamente uma mão vazia.

**Deputado João Bruto da Costa (PSD):** Não me diga que isto era mão cheia!

**A Oradora:** Criou o problema, em fevereiro passado. Estamos em dezembro e não há ainda vislumbre de qualquer solução para este problema.

Remetem para uma solução que todos nós sabemos, em consciência, que não é rápida de se tomar e até lá, quem pagará a fatura são todos os açorianos, sempre que tiverem falhas na execução dos serviços que são prestados pelas várias Juntas de Freguesia.

Hoje, aqui, os deputados rejeitaram uma solução transitória que tinha como único propósito conseguir uma resposta para as necessidades que já são sentidas, que são reclamadas pelos fregueses nas várias ilhas e que, pura e simplesmente, quiseram ignorar.

Também é certo e apraz-me registar que numa discussão desta natureza não tenha o Governo Regional, dispondo de 22 minutos, dito qualquer palavra.

E noto também, os meus colegas, Presidentes de Junta, na outra bancada, que nunca participaram neste debate.

**Deputado Paulo Gomes (PSD):** Eles não trabalham!

**A Oradora:** Não, eu também não estou.

Meus senhores, ignorar este problema, não é ignorar o problema do Presidente de Junta, é ignorar os problemas dos seus fregueses. E isso diz muito de cada um.

Muito obrigada.

*(Aplausos dos Deputados das bancadas do PS)*

**Secretário Regional da Agricultura e Desenvolvimento Rural** (*António Ventura*): Foi bom o Governo não falar! Se o Governo fala... Tinha muito para falar! Tinha muito para dizer!

**Presidente:** Para uma declaração de voto tem a palavra a Senhora Deputada Sabrina Furtado.

(\*) **Deputada Sabrina Furtado** (*PSD*): Obrigada, Senhor Presidente.

Senhor Presidente, Senhoras e Senhores Deputados, Senhoras e Senhores Membros do Governo:

O Grupo Parlamentar do Partido Social Democrata votou contra um projeto de deliberação, que mais não é, do que à boa maneira socialista, um truque de maquilhagem,...

**Deputado Vílson Ponte Gomes** (*PS*): Grande criatividade!

**A Oradora:** ... um penso rápido, e empurrar a barriga para a frente.

**Deputado Joaquim Machado** (*PSD*): Muito bem!

**A Oradora:** Se há marca que as que o XIII Governo Regional tem deixado nos Açores é que encara os problemas de frente e tem, ao longo de vários setores e várias pastas, tornado medidas profundas e de revisão de regime de pactos sociais e de instrumentos para o futuro, como a sua imagem de marca.

**Deputado Joaquim Machado** (*PSD*): Muito bem!

**A Oradora:** Porque este Governo, não acha que depois dele não haverá mundo.

Este Governo acode no presente e prepara o futuro.

**Vozes dos Deputados da bancada do PSD:** Muito bem! Muito bem!

*(Aplausos dos Deputados das bancadas do PSD, CDS-PP, PPM e dos Membros do Governo)*

**A Oradora:** Depois, o Grupo Parlamentar do PSD também votou contra este Projeto de Resolução que mais parecia um truque de maquilhagem e que não

passava de propaganda, porque não acreditamos que esta seja a forma de resolver problemas estruturais nas Juntas de Freguesia dos Açores e nas autarquias dos Açores.

Também as Juntas de Freguesia dos Açores e as Câmaras Municipais dos Açores se querem como poderes independentes para poderem todos os dias fazer a sua gestão sem eles próprios terem que andar de mão estendida, ao Governo Regional, sempre que têm um problema.

**Secretário Regional da Agricultura e Desenvolvimento Rural** (*António Ventura*): Não controlamos as pessoas!

**A Oradora:** E também votámos contra este Projeto de Resolução que mais parece um “truque de maquilhagem” e um penso rápido, porque nunca vamos ser complacentes, com formas de manter, tanto as esferas de poder, como os açorianos, de mão estendida.

**Vozes dos Deputados da bancada do PSD:** Muito bem! Muito bem!

*(Aplausos dos Deputados das bancadas do PSD, CDS-PP, PPM e dos Membros do Governo)*

**A Oradora:** Ademais, agradeço aqui hoje e esta também foi uma conversa concertada, como tudo o que acontece dentro deste Grupo Parlamentar, a confiança que os meus colegas Presidentes de Junta de Freguesia tiveram na minha defesa deste diploma, na forma como me apresentei a este plenário e, obviamente, todos os contributos que também os meus colegas Presidentes de Junta de Freguesia me deram para que conseguisse defender os anseios deles próprios.

**Deputado Jaime Vieira** (*PSD*): Somos um partido!

**Deputado João Bruto da Costa** (*PSD*): Muito bem!

**A Oradora:** E, principalmente, votámos contra este Projeto de Resolução, que não é mais do que um instrumento de propaganda socialista, porque, isto

sim, era o início da resolução de um problema pessoal de uma única Junta de Freguesia, não servia a todas as Juntas de Freguesia e foi só um grande pontapé de saída para uma campanha autárquica a Ponta Delgada, mas ainda faltam três anos.

Obrigada.

**Vozes dos Deputados da bancada do PSD:** Muito bem! Muito bem!

*(Aplausos dos Deputados das bancadas do PSD, CDS-PP, PPM e dos Membros do Governo)*

**Presidente:** Obrigado, Senhora Deputada.

Para uma declaração de voto tem a palavra o Senhor Deputado Pedro Pinto.

(\*) **Deputado Pedro Pinto (CDS-PP):** Senhor Presidente, Senhoras e Senhores Deputados, Senhores Membros do Governo:

O CDS votou convictamente contra esta iniciativa, porque consideramos que o Governo está no bom caminho na aplicação das leis que tem implementado para as autarquias locais, mas também as leis que estão sendo implementadas e preparadas para o emprego. E neste plenário aprovámos uma iniciativa sobre política de emprego regional e, portanto, o Governo está no bom caminho com essas medidas e a aprovação desta iniciativa seria ir contra essa linha de atuação política.

Portanto, estamos convictamente contra esta iniciativa que mais não é do que tentar perpetuar aquilo de que já tivemos durante demasiados anos, que foi deixar as pessoas dependentes, não só os eleitos e as instituições, mas também os próprios açorianos que englobados num esquema, numa escadinha de vários programas ocupacionais, foram enredados durante demasiados anos nisso e tinham dificuldade em libertar-se para conseguir encontrar um emprego, um trabalho autónomo que lhes desse um vínculo, uma estabilidade e um salário.

E, portanto, este Governo está a centrar a política nas pessoas para não as deixar dependentes dos programas ocupacionais que o PS tanto quer que continue a existir e que ao longo de demasiados anos, as deixaram numa situação precária.

A aprovação desta medida seria mais um remendo (mais um remendo!) em vez de se trabalhar no sentido de resolver os problemas de fundo, os problemas estruturais.

Portanto, estamos, obviamente, convictamente contra, porque política é isso, é ter convicções, defender e lutar pelas convicções. O Partido Socialista tem as suas e, obviamente, democraticamente, pode propô-las à Assembleia.

Nós, legitimamente, temos as nossas e, legitimamente, votamos.

Nós não queremos impor a nossa vontade, também não aceitamos que o Partido Socialista venha para aqui querer impor a sua.

Muito obrigado.

**Deputado Flávio Soares (PSD):** Muito bem!

*(Aplausos dos Deputados das bancadas do PSD, CDS-PP, PPM e dos Membros do Governo)*

**Presidente:** Muito obrigado, Senhor Deputado.

Pergunto se há mais inscrições para declarações de voto?

Senhor Deputado José Pacheco.

(\*) **Deputado José Pacheco (CH):** Senhor Presidente, Senhoras e Senhores Deputados, Senhores Membros do Governo (restantes):

Muito rapidamente (o relógio está a contar, não é? Vamos ter uma madrugada longa), reafirmar e dizer aos açorianos que eu estou muito mais preocupado com o futuro das pessoas do que no imediato e fazendo uns remendozinhos.

E a verdade é que estas pessoas, que vão ficando uma data de anos nos programas, sejam nas Juntas, sejam nas escolas, seja onde for, estas pessoas

cada vez mais, vão ver a sua velhice hipotecada e vão andar aqui (outros!) a discutir que tipo de apoios é que vamos dar.

É para isso que estou aqui, para evitar. As pessoas merecem trabalhar, mais do que empregos, mais do que programas, os açorianos precisam de empregos.

E daqui não vou retirar, porque são as convicções, como disse, e muito bem, o Senhor Deputado. Daqui não saio, seja desta bancada, seja para esta.

É assim que deve ser e é assim que se deve fazer.

Nós estamos aqui para defender o futuro dos nossos filhos, não para criar aqui uma coisa em banho-maria, que em nada resolve a vida das pessoas.

Já agora relembro que o relógio está a andar e cada vez, até às seis e meia de manhã, há menos tempo.

Muito obrigado.

**Presidente:** Muito obrigado, Senhor Deputado.

Pergunto se há mais inscrições para declarações de voto?

Não havendo, vamos avançar na nossa Agenda para o ponto 18: **pedido de urgência e dispensa de exame em comissão do Projeto de Resolução n.º 142/XII – “Prorrogação do prazo para apresentação do relatório final da Comissão Eventual para Reforma do Regimento da Assembleia Legislativa da Região Autónoma dos Açores”**, apresentado pelos Grupos Parlamentares do PS/PSD/CDS-PP/BE/PPM e pelas Representações Parlamentares do CH/IL e PAN.

Para justificar a urgência, alguém quer usar da palavra?

Senhor Deputado Paulo Estêvão, faça favor. Tem a palavra.

(\*) **Deputado Paulo Estêvão (CDS-PP):** Senhor Presidente, Senhores Deputados, Senhores Membros do Governo:

Senhores Deputados, como sabem a Comissão tem vindo a realizar com frequência os seus trabalhos.

Temos o projeto quase, quase, concluído.

Precisamos de mais uma reunião, talvez, para terminar o trabalho da Comissão, no âmbito da redação, provisória, e depois teremos a oportunidade, de forma unânime, como têm corrido os nossos trabalhos, de combinar os procedimentos que vamos realizar a seguir.

Para concluir esta tarefa que nos propomos e que está a decorrer com êxito, precisamos de mais este período de prorrogação do prazo.

Muito obrigado.

**Presidente:** Muito obrigado, Senhor Deputado.

Vamos passar à votação.

As Senhoras e os Senhores Deputados que concordam com este pedido de urgência, façam o favor de se manter como estão.

**Secretário:** O pedido de urgência colocado à votação foi aprovado por unanimidade.

**Presidente:** Ponto 19: **Projeto de Resolução n.º 142/XII – “Prorrogação do prazo para apresentação do relatório final da Comissão Eventual para Reforma do Regimento da Assembleia Legislativa da Região Autónoma dos Açores”**, apresentado pelos Grupos Parlamentares do PS/PSD/CDS-PP/BE/PPM e pelas Representações Parlamentares do CH/IL e PAN.

Não sei se o Senhor Deputado quer usar da palavra, novamente, para apresentação, ou na urgência está apresentada também a iniciativa?

Alguém quer usar da palavra?

*(Pausa)*

Vamos então votar o Projeto de Resolução n.º 142/XII.

As Senhoras e os Senhores Deputados que concordam, façam o favor de se manter como estão.

**Secretário:** O Projeto de Resolução n.º 142/XII foi aprovado por unanimidade.

**Presidente:** O ponto 20 da nossa Agenda já foi tratado.

O ponto 21 e 22 os proponentes retiraram a iniciativa.

Ponto 23: **Pedido de urgência do Projeto de Resolução n.º 143/XII – “Denúncia do acordo entre a Região e a BENCOM para o fornecimento de fuelóleo e início de novo processo de contratação pública”**, apresentado pelo Grupo Parlamentar do BE.

É um pedido de urgência apresentado pelo Bloco de Esquerda. Para a justificar a urgência, tem a palavra o Senhor Deputado António Lima.

(\*) **Deputado António Lima (BE):** Muito obrigado.

Senhor Presidente, Senhoras e Senhores Deputados, Senhores Membros do Governo:

Muito rapidamente para justificar o pedido de urgência.

Existe entre a Região e a BENCOM um contrato de fornecimento de fuelóleo, não só a EDA, para produção de energia elétrica, mas também a indústria da região.

Esse contrato, soubemos muito recentemente através de dados da própria Entidade Reguladora para os Serviços Energéticos, tem significado um prejuízo muito avultado que, desde 2009 a 2021, significou 22 milhões de euros de perdas para a EDA, devido à não aceitação por parte do regulador do valor do preço com a aquisição de combustível, por parte da EDA, decorrente da aplicação deste contrato, valor este que, não obstante se nós tivéssemos solicitado por diversas vezes ao Governo Regional, foram-nos transmitidos pelo regulador, o que também não podemos deixar de lamentar, mas faremos este debate naturalmente mais tarde.

Este contrato tem um período de vigência, no primeiro período, que já se esgotou, já teve uma renovação, mas pode ser denunciado com dois anos de antecedência, cujo prazo, (até confirmado pelo Presidente EDA em comissão)

de período de denúncia, pode ser executado até fevereiro do ano seguinte, 2023.

Posto isto, este Projeto de Resolução o que faz é, obviamente, recomendar ao Governo, entre outras questões, também acessórias, a denúncia desse contrato e para que o Projeto de Resolução seja debatido nesta Assembleia, em tempo útil, solicitamos o pedido de urgência em comissão para que, no próximo plenário, esse Projeto de Resolução possa ser debatido efetivamente em tempo útil.

Muito obrigado.

**Presidente:** Muito obrigado, Senhor Deputado.

Justificada a urgência, pergunto se há mais inscrições?

*(Pausa)*

Não havendo, vamos passar à votação desse pedido de urgência.

As Senhoras e os Senhores Deputados que concordam, façam o favor de se manterem como estão.

**Secretário:** O pedido de urgência do Projeto de Resolução n.º 143/XII, foi aprovado por unanimidade.

**Presidente:** Sendo assim, a iniciativa baixará a Comissão com o processo de tramitação de urgência, como é solicitado pelo proponente e tendo sido aprovado pelo plenário.

Voltamos às Petições.

Ponto n.º 13 - **Petição n.º 27/XII – “Pelos quiosques dos Mosteiros”**, apresentada por Paulo Manuel Viveiros Duarte, na qualidade de primeiro subscritor.

Para apresentação do relatório dou a palavra à Sra. Relatora da Comissão de Assuntos Parlamentares, Ambiente e Desenvolvimento Sustentável, Sra. Deputada Joana Pombo Tavares.

**Deputada Joana Pombo Tavares (PS):** Senhor Presidente, Senhoras e Senhores Deputados, Senhores Membros do Governo:

## RELATÓRIO E PARECER

### PETIÇÃO N.º 27/XII - “PELOS QUIOSQUES DOS MOSTEIROS”

*23 de junho de 2022*

### INTRODUÇÃO

A Comissão Assuntos Parlamentares, Ambiente e Desenvolvimento Sustentável reuniu no dia 23 de junho de 2022, na Delegação da Assembleia Legislativa da Região Autónoma dos Açores, em Ponta Delgada e com recurso a meios telemáticos, para apreciação e relato sobre a **Petição n.º 27/XII - “Pelos quiosques dos Mosteiros”**.

A presente Petição reúne um total de 343 (trezentos e quarenta e três) assinaturas, tendo como primeiro subscritor Paulo Manuel Viveiros Duarte e deu entrada na Assembleia Legislativa da Região Autónoma dos Açores a 2 de março de 2022.

Por despacho do Presidente da Assembleia Legislativa Regional da Região Autónoma dos Açores, a referida Petição foi remetida à Comissão de Assuntos Parlamentares, Ambiente e Desenvolvimento Sustentável, por se tratar de matéria da competência desta – *ordenamento do território* - conforme determina o artigo 2.º da Resolução da Assembleia Legislativa da Região Autónoma dos Açores n.º 1/2021/A, de 6 de janeiro, alterada pela Resolução n.º 49/2021/A, de 11 de agosto e pela Resolução n.º 52/2021/A, de 25 de outubro.

## **CAPÍTULO I**

### **ENQUADRAMENTO JURÍDICO**

O direito de petição enquadra-se no âmbito do artigo 52.º da Constituição da República Portuguesa e exerce-se nos termos do disposto no artigo 9.º do Estatuto Político-Administrativo da Região Autónoma dos Açores, na redação que lhe foi dada pela Lei n.º 2/2009, de 12 de janeiro, nos artigos 189.º a 193.º do Regimento da Assembleia Legislativa e na Lei n.º 43/90, de 10 de agosto, na atual redação.

A apreciação da Petição e a elaboração do respetivo relatório cabe à Comissão Especializada Permanente competente em razão da matéria, nos termos do disposto nos artigos 190.º e 191.º do Regimento, bem como do n.º 4 do artigo 73.º do Estatuto Político-Administrativo da Região Autónoma dos Açores.

## **CAPÍTULO II**

### **ADMISSIBILIDADE**

Verificada a conformidade do exercício do direito de petição com os requisitos legais (Lei n.º 43/90, de 10 de agosto, na sua redação atual) e regimentais (artigo 189.º do Regimento da Assembleia Legislativa da Região Autónoma dos Açores), a Comissão de Assuntos Parlamentares, Ambiente e Desenvolvimento Sustentável procedeu à apreciação da sua admissibilidade, nos termos do disposto no n.º 2 do artigo 190.º do referido Regimento e deliberou, por unanimidade, admiti-la em reunião do dia 16 de março de 2022, embora condicionada ao suprimento de assinaturas válidas (396) com indicação do documento de identificação, que acompanham a Petição em análise, conforme estipula o n.º 3 do artigo 6.º da Lei n.º 43/90, de 10 de

agosto, na sua redação atual, tendo tal decisão sido comunicada formalmente ao primeiro subscritor.

Nesse seguimento, o primeiro subscritor veio apresentar, a 19 de abril de 2022, os dados em falta referentes a 343 (trezentos e quarenta e três) das 396 (trezentos e noventa e seis) assinaturas inicialmente apresentadas, pelo que, após verificação, foram consideradas 342 assinaturas válidas.

### **CAPÍTULO III**

#### **OBJETO DA PETIÇÃO**

Os peticionários, através deste instrumento de participação cívica, solicitam a esta Assembleia Legislativa que no âmbito da discussão e alteração do POOC (Plano Ordenamento da Orla Costeira), sejam consideradas as estruturas dos quiosques já existentes nos diversos locais da freguesia dos Mosteiros, bem como pela restante ilha de São Miguel e as demais do arquipélago.

De acordo com os peticionários, a presente missiva “prende-se com a não atribuição de licenças para o corrente ano, uma vez que, perante informação da Direção Regional do Ordenamento do Território e Recursos Hídricos, os mesmos apresentam-se com carácter fixo e não amovível pelas seguintes características:

- Ligação de ramal de abastecimento de água e ao saneamento básico
- Fornecimento de energia elétrica através da rede pública e não de gerador

São estes, pelo que nos foi indicado pelo Diretor Regional da Direção citada anteriormente, os fatos que fazem com que não seja atribuída licença.”

Ainda de acordo com constante na Petição, o primeiro subscritor considera que:

“(…) não foi intenção do legislador a proibição de tais estruturas, hoje provavelmente muito diferentes das existentes aquando da regulamentação do POOC.

(...) os quiosques são uma mais-valia para a freguesia e de certo modo também para a Região Autónoma dos Açores que entra numa fase de expansão do seu turismo. São e têm-se assumido como pontos de convívio entre os locais e todos os visitantes que, cada vez em maior número, visitam a nossa ilha.

Os mesmos estão munidos de condições para receber e servir bem todos aqueles que tanto queremos que visitem a nossa ilha, sendo os mesmos um grande veículo de divulgação da nossa região.

(...) nada do que foi feito nos quiosques foi feito à revelia das entidades responsáveis.

(...) houve falta de jurisprudência uma vez que foram emitidas licenças pela Direção Regional dos Assuntos do Mar com as condições que agora conferem carácter de ilegalidade aos mesmos.

Os quiosques em causa estão situados junto de zonas balneares muito visitadas durante a época de verão, não afetando a qualidade do espaço de quem os visita, assumindo-se como uma mais-valia para os mesmos.”

Assim, concluem os peticionários que “É por todos reconhecido a importância que os mesmos têm na referida freguesia, assumindo-se com um ponto de visita quase obrigatório para quem visita a freguesia dos mosteiros e pretende disfrutar de um momento de prazer à beira-mar, ou então para assistir ao por-do-sol.”

## **CAPÍTULO IV**

### **DILIGÊNCIAS EFETUADAS**

Aquando da deliberação das diligências a efetuar no âmbito da presente Petição, a Comissão de Assuntos Parlamentares, Ambiente e Desenvolvimento Sustentável, na reunião de 2 de maio de 2022, decidiu ouvir, em audição, o primeiro subscritor da Petição, o Secretário Regional do

Ambiente e Alterações Climáticas, o Presidente da Câmara Municipal de Ponta Delgada e o Presidente da Junta de Freguesia dos Mosteiros.

**DA AUDIÇÃO AO PRIMEIRO SUBSCRITOR, OCORRIDA A 7 DE JUNHO DE 2022:**

A audição iniciou-se com uma apreciação genérica do objeto da Petição por parte do Senhor Paulo Duarte, tendo o mesmo referido no seguimento dos pedidos de licenciamento efetuados anualmente para os quiosques dos Mosteiros, que *“começaram a surgir entraves que não surgiram nas licenças anteriores quando nada da parte dos quiosques foi alterada.”*

De acordo com os ofícios que possui e que se disponibilizou a enviar à Comissão, a não atribuição das licenças tem por base a justificação que os quiosques têm uma estrutura não amovível, por terem abastecimento de água diretamente da rede pública, e um contrato provisório da EDA para fornecimento de energia elétrica. Realçou ainda que, relativamente ao contrato provisório de eletricidade, este é renovado trimestralmente, não sendo uma instalação fixa, considerando ainda que, no que diz respeito à instalação da água, *“houve facilitismo por parte da Junta de Freguesia dos Mosteiros aquando do ordenamento, ou o arranjo daquela obra (litoral) que tem o saneamento básico e a instalação de água a dois metros de distância dos quiosques, no fundo, incentivou os proprietários a instalar a água diretamente da rede pública”*.

Informou conhecer que esta situação ultrapassa o que está previsto no Plano de Ordenamento da Orla Costeira, considerando não serem essas as questões que atribuem aos referidos espaços, características de não removíveis, destacando que no ofício rececionado em janeiro do presente ano *“foi pedido para retirar os equipamentos. Ora bem, no meu ponto de vista se é um equipamento, ou uma estrutura não removível, quando muito teria que ser demolida e não retirada ou removida.”*

Em relação à instalação elétrica, informou que atendendo à localização em causa, na zona dos Caneiros, nas Piscinas Naturais dos Mosteiros e no Poço

da Pedra, a utilização de gerador com alguma potência, tendo em conta a utilização da máquina de café, máquina de lavar loiça assim como dos grelhadores, gerava muito ruído para quem se encontrava na zona, pelo que optaram por requerer um contrato provisório com a EDA.

Realçou ser um local muito concorrido *“pela manifestação da natureza que ocorre naquele local, que é o pôr-do-sol”*.

Salientou se haverá disponibilidade de, no âmbito da revisão do Plano de Ordenamento da Orla Costeira, serem previstas essas situações que agora se verificam no local. Informou que, foram atribuídas as referidas licenças em 2018, 2019, 2020, existindo já nesses espaços água canalizada e eletricidade nas mesmas condições que agora foram recusadas, considerando existir *“um bocadinho de falta de jurisprudência nisso. Aquilo que eu interpretei da jurisprudência é, perante os mesmos fatos têm que ser aplicados da mesma forma.”*

Realçou serem espaços de qualidade, procurados por turistas, pelo *“prazer em estar ali à beira-mar”*, sendo difícil de aceitar a decisão se *“efetivamente for para retirar dali”*. Destacou serem quiosques enquadrados no ambiente envolvente, com utilização da madeira de criptoméria, pintados em algumas zonas de cinzento para não contrastar com a cor das rochas.

O Senhor Paulo Duarte realçou ainda que: *“não acredito que todos os presentes e demais trabalho que têm na Assembleia relacionado com turismo, seja só encher os aviões, colocar cá e não criar as condições para eles gostarem de cá estar”* e uma vez que foi anunciado, pelo Dr. Emanuel Barcelos a revisão do Plano do Ordenamento da Orla Costeira, resolveram, os peticionários, utilizar de forma correta a petição, e não com recurso à comunicação social, à qual seria dada uma resposta de solução provisória.

Destacou ainda ser difícil, neste tipo de instalações, uma licença de apenas seis meses face ao investimento para se obter a qualidade nos estabelecimentos, informando ter sido retirada, a 30 de setembro, uma licença

atribuída a um quiosque em junho, sendo um investimento acima dos 10 mil euros, e que em três meses “*não se conseguem rentabilizar, num ano é muito difícil de rentabilizar. (...) Está a haver um grande investimento na parte dos Hotéis, e na parte da diversão. Eu sei, não vou dizer que vou ser um bocadinho forçado a dizer isso, eu acredito, obviamente, eu acho que nesse processo houve intervenção de pessoas com poder, com casas se calhar próximas que não gostavam daquilo e que se calhar com algum poder de influência podem ter de alguma forma feito com que o processo tivesse tido estes trâmites.*”

De seguida o Presidente da Comissão abriu as inscrições para pedidos de esclarecimentos e tomaram da palavra o Deputado Alberto Ponte e o Deputado Pedro Pinto.

O Senhor Deputado Alberto Ponte questionou, tendo em conta que sempre foram atribuídas as licenças, se a licença pedida foi a mesma, ou seja, sazonal, anual ou definitiva, e se no presente ano foi solicitado o mesmo tipo de licença.

Em resposta, o Senhor Paulo Duarte, informou ter sido solicitada nos mesmos moldes.

No seu direito a réplica, o Senhor Deputado Alberto Ponte, questionou se as licenças seriam sazonais ou anuais, tendo sido esclarecido pelo primeiro peticionário que a licença era anual, e pedida nos mesmos moldes. Informou ainda à Comissão que iria fazer chegar as licenças atribuídas e os referidos pedidos.

O Senhor Deputado Pedro Pinto questionou se a área é visitável todo o ano, uma vez que o Senhor Paulo Duarte informou ser difícil uma licença para apenas três meses. Questionou se existe alguma época, algum período do ano, em que o local seja mais visitável do que outros, e o que será mais vantajoso para o empresário, do ponto de vista do investimento, se é operar o ano todo ou operar apenas uma parte do ano.

Em resposta, o Senhor Paulo Duarte informou que cerca de 80% do volume de negócios dos quiosques são efetuados entre maio e outubro, mas “*sendo uma zona à beira-mar há dias de verão que não consegue abrir, como há dias de inverno que consegue abrir e ter lindos dias.* “. Informou que os quiosques estão abertos todo o ano, limitados pelo estado do tempo.

O Peticionário terminou a sua intervenção por realçar que os empresários, o são em nome individual, com pagamento da Segurança Social de forma trimestral, sendo que os meses de julho, agosto e setembro, determinam as contribuições para os meses de novembro, dezembro e janeiro. “*Daí que eles nunca optam por abrir só os seis meses, ou três meses, por isso abrem todo o ano também por essa questão da Segurança Social que é muito penalizante nesse final do ano porque têm menos receitas derivadas da sua atividade.*”

#### **DA AUDIÇÃO AO PRESIDENTE DA JUNTA DE FREGUESIA DOS MOSTEIROS, OCORRIDA A 7 DE JUNHO DE 2022:**

O Senhor Presidente da Junta de Freguesia dos Mosteiros iniciou a sua intervenção por informar que, aquando da sua entrada para a Junta de Freguesia dos Mosteiros, na qual se encontra no terceiro mandato, o turismo já se fazia sentir na freguesia, sendo necessário dar condições para que este permanecesse na freguesia, nomeadamente com a construção de “*palheiros em madeira*”, churrasqueiras, seguindo-se a montagem dos quiosques.

O Senhor Presidente referiu que “*há muitos anos existia sempre lá um, que é mesmo defronte das piscinas naturais, e que agora tem um no mesmo sítio, mas mais atrás uns trinta metros*”, referindo ainda que na montagem do quiosque existia apenas um tanque de água para lavagem de mãos e louça. Informou ter sido da responsabilidade da Junta de Freguesia a construção de instalações sanitárias das piscinas naturais e instalação de rede de água na área, com adaptação dos quiosques para saneamento básico “*para dar condições*”. Destacou ser esta uma área importante para permanência de

turistas na freguesia, realçando a sua pertinência durante o período de verão, considerando importante permanecerem onde estão, mas que *“houve alguns que acrescentaram mais do que não tinham antes, se for para reduzir”* deverão ser informados, realçando que um dos quiosques já diminuiu a área de balcão que possuía anteriormente.

De seguida o Presidente da Comissão abriu as inscrições para pedidos de esclarecimentos e tomaram a palavra o Deputado Alberto Ponte, a Deputada Valdemira Gouveia e o Deputado Gustavo Alves.

O Senhor Deputado Alberto Ponte questionou se considerava pertinente a abertura dos quiosques durante todo o ano ou se seria apenas sazonal.

Em resposta, o Senhor Presidente da Junta informou que nos meses de janeiro e fevereiro são poucas as pessoas que frequentam os quiosques, acrescentando existirem dias de inverno que os quiosques não abrem ao público pelas condições climatéricas adversas, mas que nos restantes meses do ano possuem um grande movimento, e que caso estejam fechados significa *“tirar o turismo da freguesia”*.

A Senhora Deputada Valdemira Gouveia questionou o Senhor Presidente da Junta se este tinha conhecimento da ligação ao ramal de abastecimento de água ter sido feita de forma definitiva ou de forma provisória.

Em resposta, o Senhor Presidente informou que, *“das piscinas naturais e até ao fim do último palheira que lá está”*, não havia ligação de água, tendo sido a instalação da responsabilidade da Junta, para criar condições, estando esta ligada diretamente ao ramal das piscinas naturais, da Câmara Municipal de Ponta Delgada. Realçou que a ligação aos quiosques é individual a cada um deles, com colocação de contador.

O Senhor Deputado Gustavo Alves questionou o Senhor Presidente sobre o número de quiosques existentes.

O Senhor Presidente da Junta de Freguesia dos Mosteiros informou existirem dois na zona das piscinas naturais.

**DA AUDIÇÃO AO SECRETÁRIO REGIONAL DO AMBIENTE E ALTERAÇÕES CLIMÁTICAS, OCORRIDA A 7 DE JUNHO DE 2022:**

O Senhor Secretário Regional do Ambiente e das Alterações Climáticas iniciou a sua intervenção por destacar que compreende a importância dos quiosques dos Mosteiros para a dinamização da freguesia e também para o apoio à atividade turística, e para usufruto daquele espaço, nomeadamente para banhos.

Realçou, no entanto, que, apesar das Poças serem utilizadas como zonas de banho, e contrariamente ao que está referenciado na petição, não são na realidade classificadas como zona balnear, no âmbito do Plano de Ordenamento da Orla Costeira que está em vigor.

Informou que o parecer emitido em matéria de Ordenamento de Território concluiu não haver nada a opor à colocação dos quiosques e da respetiva esplanada local, desde que estes equipamentos não incorporassem o solo com carácter de permanência, ou seja que não tivessem infraestruturação, sendo posteriormente removidos todos os componentes, todas as estruturas instaladas no final do período estabelecido na licença, e que fossem mantidas as condições de salubridade do local.

Realçou ser possível viabilizar naquela zona equipamentos amovíveis de carácter temporário, sendo que as estruturas em causa apresentam já um carácter permanente, com fornecimento de energia elétrica, de abastecimento de água e saneamento básico, estando em incumprimento com os instrumentos de gestão territorial e com a legislação em vigor, nomeadamente com o POOC - Costa Norte. Neste Plano de Orla Costeira, nos espaços naturais, arribas e linhas de água são interditas obras de construção, e referiu que: *“nos espaços naturais de proteção interdita a destruição de vegetação e que se excetua apenas a construção de equipamentos desde que previstos em*

*Planos de Praia, que não é o caso. No espaço afeto ao domínio hídrico apenas é permitida a instalação de equipamentos móveis. Nas faixas de proteção às arribas estão interditas novas edificações, e, em toda a área de intervenção interdito o depósito de entulho, resíduos de origem doméstica, bem como descarga de afluentes. Também ao nível do regime jurídico da Reserva Ecológica Nacional, nas áreas afetadas à Reserva Ecológica são interditas, entre outras, obras de urbanização e construção, bem como a destruição do revestimento vegetal. E, portanto, neste momento é de fato necessário repor a legalidade em relação aos quiosques e esplanadas que se encontram em incumprimento, como disse, do POOC - Costa Norte, e da Reserva Ecológica, e que estão atualmente sem licença de utilização privativa de recursos hídricos.”*

O Senhor Secretário Regional realçou que foram concedidas licenças pela Direção Regional dos Assuntos do Mar, que não deveriam ter sido emitidas, sem a prévia consulta da Direção Regional do Ordenamento do Território e Recursos Hídricos, uma vez que possui parecer vinculativo sobre esta matéria, garantindo estar a ser cumprida a legislação em vigor.

Informou ainda que, atualmente as licenças encontram-se caducadas, e com a alteração orgânica, a emissão das licenças é da competência da Direção Regional do Ordenamento do Território e Recursos Hídricos, e estes foram sensíveis aos argumentos apresentados pelos requerentes, tendo sido por isso prorrogado até ao dia 31 janeiro de 2022, o prazo concedido para a remoção das infraestruturas instaladas e realizada uma reunião no passado dia 7 de fevereiro, tendo sido permitido que as mesmas permanecessem no local por mais algum tempo.

Acrescentou que, na reunião foi solicitado aos interessados que informassem de possíveis localizações alternativas para a instalação dos quiosques, tendo tal pedido sido aceite pelos requerentes, realçando que, *“no imediato existe legislação em vigor, e que a mesma tem de ser cumprida.”*

O Senhor Secretário Regional destacou ainda que, tendo em conta a importância destes equipamentos na freguesia, e o impacto que os mesmos têm na visitação e no apoio ao setor turístico, poderão ser estudadas algumas soluções, nomeadamente com uma localização alternativa para a sua instalação, fazendo cumprir a legislação em vigor. Acrescentou que poderá ser ponderado pela Câmara Municipal de Ponta Delgada, em articulação com o Governo Regional, o estudo da localização, informando ainda que, o requerente Senhor Cristiano Viveiros solicitou uma localização alternativa para um quiosque e esplanada, obtendo parecer positivo pelos serviços tendo sido emitida uma licença de utilização privativa da Direção Regional do Ordenamento do Território e Recursos Hídricos, até 31 de dezembro de 2022. Acrescentou ainda que, uma vez que se encontram na fase da alteração do Plano de Ordenamento da Orla Costeira de São Miguel, o qual irá unir os dois existentes – POOC Costa Norte e POOC Costa Sul, num único instrumento de gestão territorial, poderão estudar a possibilidade de introduzir ajustes na limitação de categorias de uso do solo no POOC, assim como ajustar a delimitação da Reserva Ecológica no âmbito do PDM, uma competência da Câmara Municipal de Ponta Delgada, enquadrando a solução dos quiosques e esplanadas. Ou, adicionalmente poderá ainda a Câmara Municipal de Ponta Delgada, *“após a conclusão da alteração do POOC, que irá passar a identificar apenas as zonas de aptidão balnear, poderá a Câmara Municipal de Ponta Delgada desenvolver para desenvolver um plano de Praia, que permita cumprir com o regime jurídico das zonas balneares”* e enquadrar assim, os quiosques como instalações de apoio à praia, realçando que não são situações de resolução imediata, como é pretensão dos peticionários.

De seguida o Presidente da Comissão abriu as inscrições para pedidos de esclarecimentos e usaram da palavra o Deputado Gustavo Alves, o Deputado Alberto Ponte e o Deputado José Contente.

O Senhor Deputado Gustavo Alves questionou o Senhor Secretário Regional relativamente ao tempo da existência dos referidos quiosques no local, tendo inicialmente carácter temporário, mas tornando-se de carácter fixo, questionando ainda se as licenças emitidas pela Direção Regional dos Assuntos do Mar tinham sido indevidamente passadas.

Em resposta, o Senhor Secretário Regional informou que a primeira solicitação de um equipamento desta natureza foi em janeiro de 2011, sendo posteriormente os pedidos frequentes, tendo já mais de uma década. Informou que as licenças foram emitidas sem a consulta prévia da Direção Regional do Ordenamento do Território e Recursos Hídricos, que possui parecer vinculativo sobre esta matéria, situação que de momento não acontece, uma vez que é da tutela da referida Direção Regional a emissão destas licenças.

Realçou que, quiosques desta natureza possuem enquadramento temporário e não permanente, sendo que ao longo dos anos foram criadas condições que os tornaram, aos quiosques em análise, em permanentes, estando aparafusadas ao chão em cima de sapatas, com ligação das águas residuais, com fornecimento de eletricidade e fornecimento de água.

Realçou compreender a importância dos quiosques, como apoio à visitação e ao turismo na freguesia, no entanto existe legislação para cumprir, uma vez que as licenças emitidas desta natureza é para montar e posteriormente desmontar no final do período da licença, mas que nunca tal se verificou. Saliu já ter referido algumas soluções que podem ser equacionadas, sendo que algumas delas implicam a alteração de legislação nacional sendo um processo mais difícil, sendo que *“a lei é abstrata e não deve ser feita direccionada para uma localização ou para um caso em concreto, porque isso pode abrir precedentes no restante território da Região, mesmo que fosse possível alterar estas legislações em tempo útil.”*

O Senhor Deputado Alberto Ponte questionou o Senhor Secretário se conhece o número de quiosques existentes nos Açores.

Em resposta, o Senhor Secretário Regional informou não ter o levantamento na sua posse, sendo algo possível de inventariar e entregar aos Senhores Deputados, informando conhecer estruturas desta natureza em várias ilhas, nomeadamente na ilha de São Jorge, e sempre em condições diferentes, quase sempre abrangidos pelo POOC, mas em categorias diferentes, com condicionantes diferentes. Realçou ainda que, ao serem realizadas alterações legislativas para o caso específico dos Mosteiros, pode *“abrir precedentes gravíssimos em outras zonas das restantes ilhas”*.

Realçou existirem instalações desta natureza, “quase sempre” de apoio às zonas balneares, sendo por vezes complicado a fiscalização, pela sua permanência no local após o termo da licença, criando mais estruturas ou ampliações da esplanada, havendo mesmo casos de construções de instalações sanitárias junto de linhas de água, com necessidade de uma fiscalização constante.

*“No caso dos Mosteiros, o que acontece é que aqueles equipamentos, aquelas estruturas tornaram-se com caráter permanente devido às infraestruturas que vão sendo feitas para abastecimento de eletricidade, para abastecimento de água e também para tratamento de águas residuais.”*

O Senhor Deputado José Contente questionou a posição da Secretaria Regional do Ambiente e das Alterações Climáticas sobre os quiosques da Avenida de Ponta Delgada, uma vez que foi anunciado pelo Presidente da Câmara Municipal de Ponta Delgada que os mesmos iriam desaparecer. Questionou se esta seria uma indicação da Câmara Municipal ou da Secretaria Regional.

Em resposta, o Senhor Secretário Regional informou que a tipologia do POOC na zona indicada, permite a existência dos quiosques, e que é da competência da Câmara Municipal de Ponta Delgada a verificação da conformidade com o PDM, não havendo, a nível do POOC nenhuma oposição.

Realçou que, apesar de não ser da sua competência, considera que os referidos equipamentos de quiosques levantam questões de concorrência, uma vez que equipamentos instalados de forma temporária “não têm de cumprir *“com um conjunto de obrigações que aqueles que tem estruturas infraestruturadas têm que cumprir”*”.

De seguida o Presidente da Comissão abriu as inscrições para uma segunda ronda de pedidos de esclarecimentos e tomou da palavra o Deputado João Vasco Costa.

O Senhor Deputado João Vasco Costa questionou sobre o entendimento da definição que a Direção Regional ou Secretaria Regional tem por *“temporário”*, e perguntou “se estamos a falar de seis meses, de um ano, de dois”. Questionou ainda se a classificação de uma zona balnear torna menos exigente o licenciamento de qualquer edificado, se por ser classificado como zona balnear permite a instalação de equipamentos e estruturas desta natureza, temporárias ou não. Realçou que, ainda que temporária, a estrutura necessita de investimento para que haja condições, sejam elas sanitárias, de água e eletricidade.

Em resposta, o senhor Secretário Regional informou que as definições encontram-se definidas em termos legislativos. *“Uma edificação é uma atividade resultado de construção de um imóvel destinado a utilização humana, bem de qualquer outra construção que se incorpore no solo com caráter de permanência.”*, alínea a), do art.2º do Decreto-Lei 555/99 de 16 de dezembro, com as alterações posteriores, e que estabelece o regime jurídico de urbanização e edificação.

Relativamente à segunda questão colocada, informou ser necessário um conjunto de alterações a nível do PDM, com inclusão de uma categoria de praia, sendo necessário igualmente a alteração do POOC, com definição da referida zona como zona de aptidão balnear. Realçou ainda que, as zonas balneares necessitam de apoios de praia, mas estes não são colocados de

qualquer forma, sendo necessário uma avaliação do local, se é uma zona de risco hídrico, de risco de erosão, de declive acentuado, sendo pré-avaliado uma zona como aptidão balnear no POOC e com a elaboração de um plano, pelo Município, que permita cumprir com o regime jurídico das zonas balneares.

No seu direito de réplica, o Senhor Deputado João Vasco Costa questionou o que é considerado “temporário” para a Secretaria Regional, e o que entende quando refere que *“se concede uma licença temporariamente, isso irá de ter um prazo, seja se seis meses, seja de um ano, seja o que for.”*

Informou que, durante as audições anteriores, percebeu que a construção dos quiosques implicou investimento, que para uma licença de três, quatro meses, não se justificaria o investimento efetuado.

Realçou que, não existindo classificação legal como zona balnear, a zona em questão tem aptidão balnear e os utilizadores a utilizam para banhos, compreendendo que a legislação terá de ser cumprida, questionou se existem formas de integrar os vazios da lei, no caso de os haver.

Em resposta, o Senhor Secretário Regional esclareceu que com *“carácter temporário é cumprir com um prazo que é definido”*, sendo que na primeira autorização, dada em 2011, definiu-se um prazo, que idealmente deverá ser em períodos curtos quando cedidos a instalações de carácter temporário, entre a época balnear, mas informou já terem sido dadas licenças entre 1 janeiro e 31 de dezembro, sendo necessário no final desmontar a estrutura. Realçou que, durante o processo de renovação de licença, os equipamentos não deverão estar no local, não sendo o que acontece atualmente, *“deixam ficar lá e criam condições de imobilização do solo, com fixação ao chão, com infraestruturas para o fornecimento de água, para o fornecimento de eletricidade, para as águas residuais, tudo aquilo torna um carácter permanente, não é temporário, nem é desmontado”*.

Relativamente à segunda questão, realçou que a zona referida não é uma “zona com aptidão balnear, aquela zona é uma zona de banhos”, sendo que em todas as ilhas existem zonas de banhos, sendo responsabilidade de cada Município gerir uma zona de aptidão balnear, ou uma zona balnear propriamente dita, com os investimentos necessários para tal, para poder criar condições para quem utiliza o espaço.

Destacou que “fazer, criar enquadramento, definir como zona de aptidão balnear não é possível agora no âmbito do POOC que vai ser revisto definir toda a orla costeira como zona de aptidão balnear. Até porque existem vários critérios para definir a zona de aptidão balnear. O que há que fazer é, nas zonas que de fato forem importantes e que sejam com afluência de pessoas, e que sejam interessantes do ponto de vista da visita, do ponto de vista turístico, aí sim, definir aptidão balnear no âmbito do POOC, e se os Municípios correspondentes, como é o caso de Ponta Delgada, entender que aquela zona de fato deve ter outro tipo de condições, aí sim, deve criar um plano de praia que avaliando o local a possibilidade, possa de fato permitir a instalação de um apoio a essa praia.”

De seguida o Presidente da Comissão abriu as inscrições para uma terceira ronda de pedidos de esclarecimentos e tomou a palavra o Deputado José Contente.

O Senhor Deputado José Contente questionou o Senhor Secretário sobre a identificação, em São Jorge e Terceira, de zonas de aptidão balnear, “deixando a classificação para casos concretos nos termos do regime jurídico das zonas balneares”, questionando se não estará a Secretaria Regional disposta a iniciar este processo, “uma vez que essas situações foram ultrapassadas nessas duas ilhas com esse procedimento.”

Em resposta, o Senhor Secretário Regional referiu estar a Secretaria disponível, realçando que os POOC’s estão a ser revistos em “timings diferentes”, tendo sido primeiro o de São Jorge, e estando de momento mais

avanzado o da Terceira, estando o de São Miguel em fase de alteração. Destacou haver a disponibilidade da Secretaria nas várias fases de alteração do POOC, e da própria comissão de acompanhamento onde se encontram representados os Municípios, para que nas reuniões efetuadas seja efetuado o levantamento, estudo e avaliação dos sítios que têm ou não condições para serem definidos como zonas de aptidão balnear.

**DA AUDIÇÃO AO PRESIDENTE DA CÂMARA MUNICIPAL DE PONTA DELGADA, OCORRIDA A 23 DE JUNHO DE 2022:**

O senhor Presidente da Câmara de Ponta Delgada, Dr. Pedro do Nascimento Cabral, iniciou a sua intervenção por referir que os quiosques dos Mosteiros se encontram localizados em zona de *“forte acolhimento turístico”*, com grande afluência dos turistas e da população residente, que se desloca lá com frequência, representando ainda *“uma grande atividade profissional e orçamento familiar muito importante a algumas famílias da freguesia dos Mosteiros, que estão ligadas à exploração dos mesmos”*. Realçou que *“os quiosques são muito importantes, não só do ponto de vista da economia, da dinamização da economia local ali daquela zona dos Mosteiros, sendo também um suporte financeiro de algumas famílias e também do ponto de vista turístico que constitui ali um ponto de encontro de vários turistas, naqueles quiosques, que gostam de aparecer ali e de estar a derramar a vista sobre as poças dos Mosteiros”*.

Destacou haver uma situação merecedora de atenção, nomeadamente a requalificação a que os quiosques deverão ser sujeitos, *“uma requalificação que os torne, digamos assim, mais adequados com os princípios de proteção ambiental que aquela zona deve manter, designadamente no que diz respeito às águas residuais enfim, tudo aquilo que diz respeito à normal exploração daquele quiosque, em ordem a nesta requalificação fazer uma melhoria não só dos quiosques em si, mas também do serviço que eles prestam às populações e aos turistas que nos visitam. Portanto, o nosso parecer é um*

*parecer francamente positivo, no sentido da manutenção daqueles quiosques, o lugar também nos parece que é um lugar que está muito bem localizado e que nesta medida, deverá merecer parecer positivo, embora com uma preocupação de requalificação, do ponto de vista da estética dos quiosques e também da proteção ambiental que aquela zona deve merecer.”*

De seguida o Presidente da Comissão abriu as inscrições para pedidos de esclarecimentos e usaram da palavra os Deputados Alberto Ponte, Deputado Pedro Pinto, Deputada Joana Pombo Tavares e Deputado António Lima.

O Senhor Deputado Alberto Ponte questionou o Senhor Presidente da Câmara de Ponta Delgada sobre a importância socioeconómica dos espaços em análise, na freguesia e a sua relevância para o turismo, questionando qual deveria ser o modelo mais adequado para o espaço em questão.

Em resposta, o Senhor Presidente esclareceu que existe uma forte consequência financeira para o orçamento de algumas famílias que dependem dos quiosques, havendo da parte da Câmara Municipal de Ponta Delgada afirmado um discurso na coesão territorial, coesão social, e na importância da fixação de pessoas nos seus lugares de origem. Destacou que, a criação de uma economia mais sólida é primeiro e forte ponto de partida para a fixação das populações, permitindo um maior desenvolvimento das freguesias, sendo que a dinamização que ocorre com a implementação dos quiosques, tem sido um sucesso não só para as populações, mas também para os turistas, uma vez que não se encontram outras estruturas semelhantes num raio de alguns quilómetros.

Destacou ainda que *“quando foi aventado a possibilidade daqueles quiosques encerrarem, a preocupação de muitas pessoas foi também procurar falar com a câmara municipal, porque pensavam que a câmara municipal de Ponta Delgada é que ia retirar ali as licenças de utilização daquele espaço”*.

Do ponto de vista da localização, estão bem localizados, na zona dos Poços dos Mosteiros, com grande afluência de turistas durante todo o ano, sendo os

quiosques e as esplanadas muito frequentadas, entendendo serem importantes não só por serem apoio de mais um ponto turístico, através da *“esplanada e dos comes e bebes”*, existe também um forte impacto económico e financeiro para famílias que fazem da exploração do quiosque a sua atividade profissional, motor da sustentabilidade do seu agregado familiar, e que com o aumento turístico que se verifica, a *“retirada daqueles quiosques não será, digamos, a medida mais adequada, mas antes a requalificação daqueles quiosques, permitindo adapta-los de forma a prestarem um melhor aspeto visual, e também uma requalificação do menor impacto ambiental que aqueles quiosques possam provocar”*.

O Senhor Deputado Pedro Pinto destacou que, não colocando em causa os argumentos já apresentados sobre o impacto financeiro para quem explora e quem trabalha, mas também para área onde se inserem, e quando refere *“requalificação”*, de águas residuais e estética, questionou sobre o fornecimento de água, como se encontram as águas residuais dos quiosques, o que implica a referida *“requalificação”* em termos de águas residuais. Questionou ainda se quando se refere na estética dos quiosques se se refere apenas à estética dos edifícios, ou se considera que toda a zona em que se encontram inseridos também merece uma requalificação.

Em resposta, o Senhor Presidente da Câmara esclareceu que, relativamente às águas residuais, refere-se na necessidade de existir uma *“estrutura mais permanente, mais fixa. A informação que tenho é que ela neste momento é portátil”*, podendo ter-se em consideração uma ligação à rede de saneamento básico, caso seja possível.

Relativamente à estética dos quiosques, informou referir-se no envernizamento, substituição de peças necessárias e mais adequadas, para minimizar o impacto visual que possam causar, sabendo, porém, que o impacto não *“é muito forte”*. Realçou ser sua preocupação *“de fornecer todos os pressupostos para que não haja qualquer tipo de impacto ambiental na*

*utilização daqueles quiosques, seja ela através, digamos, do saneamento ou da libertação de águas residuais, seja ela em termos de poluição visual”.*

Com o seu direito a réplica, o Senhor Deputado Pedro Pinto, e tendo em conta a ligação ao saneamento básico, são necessárias obras e instalações mais definitivas, no pressuposto que os quiosques serão amovíveis e temporários, tudo o que implica a ligação ao saneamento básico, passa a adquirir uma componente mais fixa e permanente, questionando se ao conceder a ligação ao saneamento básico aos quiosques existentes, se está em projeto a possibilidade de reordenar toda a área, criando espaço para a implementação de mais quiosques, não havendo mais bares de apoio nas redondezas. Realçou que, para combate da sazonalidade do turismo, termos de ter respostas ao longo do ano, e não apenas *“nos três meses de verão”*.

O Senhor Presidente da Câmara Municipal em resposta, informou que a Câmara Municipal de Ponta Delgada e a Junta de Freguesia dos Mosteiros estão em conversações sobre a requalificação da zona, mas também sobre a elaboração de um *“Plano de Pormenor Turístico para a zona dos Mosteiros”*. Realçou que a freguesia dos Mosteiros é a freguesia mais distante *“da malha urbana”*, necessitando de *“ter uma atenção especial”*, não estando previsto para curto prazo uma intervenção de fundo na zona por parte da Câmara Municipal, dos Serviços Municipalizados de Ponta Delgada e da Junta de Freguesia dos Mosteiros, sendo sim realizadas pequenas intervenções urbanísticas, de espaços verdes, manutenção da zona balnear.

Relativamente do Plano Pormenor Turístico da zona informou ser algo que está a ser equacionado, mas ainda sem data planeada para o implementar.

*“A fixação, que causa menor impacto ambiental, com a ligação ao saneamento básico, podia ser uma possibilidade a ter em linha de conta, em curto-médio prazo, mas enquanto tal não for possível, os quiosques têm funcionado com essa portabilidade que tem sido feita das águas residuais, e*

*acho que não virá mal nenhum ao mundo que assim continue por mais algum tempo antes que se faça um projeto de fixação definitiva daquela zona”*

A Senhora Deputada Joana Pombo Tavares, fazendo referência aos ofícios entregues pelo primeiro peticionário, nomeadamente o da recusa da licença por parte da Direção Regional do Ordenamento do Território e Recursos Hídricos, relembrou o que este refere: *“não são permitidas obras de construção no espaço onde se inserem (alínea b) do n.º 1 do artigo 20.º do RJREN), pelo que não é possível licenciar as referidas instalações nos moldes apresentados”*, e ainda em ofício emitido anteriormente *“que não é possível viabilizar a colocação do referido quiosque e esplanada, que, entretanto, já se encontram instalados no local, uma vez que, apesar de ter sido estabelecido um período para a sua utilização (até 31 de dezembro de 2021) que lhes conferiria à partida características amovíveis, verificou-se, no entanto, na sequência de uma vistoria realizada, o seu carácter de permanência no solo atribuído pela existência de infraestruturas que lhes estão associadas (eletricidade, abastecimento de água e saneamento básico), equiparando-os a uma edificação”*. Informou ainda que, em respostas aos ofícios enviados, um proprietário refere que apesar da aparência permanente do quiosque, que o mesmo possui contrato de eletricidade trimestral, renovado automaticamente, e que, apesar da aparência fixa, o proprietário refere conseguir remover o quiosque num espaço temporal de 24 horas para outro local a ser indicado. Questionou o Senhor Presidente de Câmara se, tendo em conta as características apresentadas pelo proprietário, se considera as estruturas amovíveis ou se as considera permanentes.

Em resposta, o Senhor presidente de Câmara Municipal referiu que o conceito de estrutura permanente é tudo o que não for amovível do ponto de vista imediato e *“se conforme o que proprietário diz que, num espaço de 24 horas consegue mover aquela estrutura, penso que podemos atribuir o carácter de amovível à mesma, no entanto, o que estava aqui em causa, e*

*pelo que me foi transmitido, era precisamente tornar este quiosque amovível num quiosque permanente. Se as características que o proprietário evoca de libertação neste momento podem ser mantidas, não vejo digamos, óbice a isso, a mim o que me preocupa é a legalização da ligação ao saneamento básico e a manutenção do menor impacto ambiental que aquele quiosque possa causar naquela zona”. Referiu ainda que todas as entidades envolvidas – Câmara Municipal de Ponta Delgada, Governo Regional e Serviços Municipalizados de Ponta Delgada, EDA – devem contribuir, não para manter o problema que possa existir, mas trabalhar para encontrar a melhor solução para a manutenção dos quiosques, e manter um ponto de interesse turístico muito importante para a zona dos Mosteiros, sendo que “tirar aqueles quiosques dali, é tornar a desertificar aquela zona dos Mosteiros, é prejudicar financeiramente um conjunto de famílias que dependem da exploração daqueles quiosques, e na minha perspetiva, é empobrecer turisticamente daquele local, deixando de haver resposta em termos de comidas e bebidas a quem ali procura”.*

O Senhor Deputado António Lima destacou que o local se encontra em zona de Reserva Ecológica de acordo com o POOC da Costa Norte da ilha de São Miguel, destacando que apesar da estrutura ser amovível, existindo abastecimento de água, saneamento e eletricidade, existem estruturas que são permanentes, porque efetivamente o abastecimento de água não é amovível e não permanente. Tendo em conta as limitações existentes no POOC e que sob pena de criar uma exceção que depois se aplicaria a todo o plano, não só de São Miguel, mas para todas as ilhas, implicando construções na orla costeira e na Reserva Ecológica, o que é extremamente negativo, questionou se na zona ou em zona próxima existem outros terrenos que não sejam Reserva Ecológica e que possam ser utilizados para instalação destas estruturas, de forma que se possa compatibilizar a atividade económica e usufruto da zona das piscinas naturais e preservação ambiental.

Em resposta, o Senhor Presidente da Câmara Municipal realçou existirem vários impedimentos legislativos, mas destacando ser importante uma sensibilização para a “aquela situação em concreto”, uma vez que a localização daqueles quiosques *“que se reveste de uma enorme importância não para os proprietários em si (...) mas para as pessoas que queriam aceder aqueles quiosques. Porque retirar aqueles quiosques dali e colocá-los a 500 metros ou 600 metros ou a um quilómetro de onde se encontram, vai logo, obstaculizar que as pessoas que frequentam aquela zona balnear se possam deslocar com a mesma rapidez e mesma fluidez com que se deslocam atualmente aos quiosques”*. Sem querer “violar a lei”, realçou ser importante que todos devem trabalhar para encontrar a melhor solução, para que, *“por um lado, aquelas famílias não fiquem prejudicadas e não percam a única fonte de rendimento e de investimento que fizeram naqueles quiosques e em segundo lugar, servir a população e os turistas que ali aportam e que recorrem àqueles quiosques com uma frequência muito elevada. Vamos tentar procurar a melhor solução e não dizer, de uma forma definitiva, que aqueles quiosques têm de ser retirados, têm que ir para outro local, longe daquele que se encontram. (...) Conhecendo as características dos Mosteiros não vejo ali, bem perto daquela zona, outro terreno ou outra localização que possa servir da mesma forma e com a mesma excelência de serviço, não só para os proprietários, mas sobretudo para quem utiliza e frequenta aqueles quiosques, outra zona de idêntica qualidade.”* Defendeu ser importante existir uma solução, uma solução legal, que não viole a qualquer tipo de imposição legal, mas que permita que a zona dos Mosteiros possa ser valorizada por tudo o que tem sido feito nos últimos anos.

## CAPÍTULO V

### CONCLUSÕES

Na sequência das diligências realizadas no âmbito da apreciação da **Petição n.º 27/XII - “Pelos quiosques dos Mosteiros”**, a Comissão de Assuntos Parlamentares, Ambiente e Desenvolvimento Sustentável, após rececionar o parecer de todos os Grupos e Representações Parlamentares à exceção da Representação Parlamentar do PAN que não emitiu parecer, resolveu aprovar por unanimidade, as seguintes conclusões:

- 1) A Petição foi devidamente subscrita, no mínimo, por 300 cidadãos, nos termos da alínea a) do n.º 1) do artigo 192.º do Regimento da Assembleia Legislativa da Região Autónoma dos Açores, pelo que reúne as condições legais para ser apreciada em reunião plenária da Assembleia;
- 2) As pretensões dos peticionários têm origem na não atribuição de licenças para o corrente ano, pela Direção Regional do Ordenamento e Território e Recursos Hídricos, para a abertura dos Quiosques dos Mosteiros, considerando essa mesma Direção Regional que os mesmos se apresentam com carácter fixo e não amovível por possuírem ligação ao ramal de abastecimento de água e ao saneamento básico e fornecimento de energia elétrica através de rede pública e não de gerador. Referem os peticionários que os quiosques são uma mais-valia para a freguesia, situados junto de zonas balneares muito visitadas durante a época de verão, não afetando a qualidade do espaço de quem os visita, assumindo-se como uma mais-valia para os mesmos.
- 3) Os peticionários solicitam à Assembleia Legislativa da Região Autónoma dos Açores, que no âmbito da discussão e alteração do POOC (Plano Ordenamento da Orla Costeira), sejam consideradas as estruturas dos quiosques já existentes nos diversos locais da freguesia dos Mosteiros, bem como pela restante ilha de São Miguel e as demais ilhas do arquipélago.
- 4) A Direção Regional do Ordenamento do Território e dos Recursos Hídricos considera os quiosques dos Mosteiros estruturas fixas, permanentes, com eletricidade, água e saneamento básico, considerando-os por isso

“edificações”, estando em incumprimento legal de acordo com o instrumento de gestão territorial - Plano de Ordenamento da Orla Costeira – Costa Norte, da ilha de São Miguel;

5) A Câmara Municipal de Ponta Delgada, através do seu Presidente, considera os quiosques dos Mosteiros são estruturas amovíveis, com necessidade de requalificação ambiental e estrutural, da zona onde se encontram, destacando serem estas estruturas de extrema importância para economia das famílias que exploram os quiosques, assim como para o apoio turístico da zona.

6) O Presidente da Junta Freguesia dos Mosteiros considera que as estruturas dos quiosques dos Mosteiros são estruturas de extrema importância para a dinamização da zona das piscinas naturais dos Mosteiros, a nível turístico, assim como impedem a desertificação da freguesia;

5) Do presente relatório deve ser dado conhecimento ao primeiro subscritor, bem como ao membro do Governo Regional com responsabilidade e competência na matéria.

Vila do Porto, 23 de junho de 2022

**A Relatora:** Joana Pombo Tavares

O presente relatório foi aprovado por unanimidade.

**O Presidente:** José Gabriel Eduardo

**Presidente:** Obrigado, Senhora Deputada, está apresentado o relatório.

Estão abertas as inscrições.

Tem a palavra o Senhor Deputado Gustavo Alves.

(\*) **Deputado Gustavo Alves (PPM):** Obrigado, Senhor Presidente.

Senhor Presidente, Senhoras e Senhores Deputados, Senhores Membros do Governo:

O Grupo Parlamentar do PPM saúda todos os peticionários subscritores desta iniciativa cívica, pela preocupação revelada com a situação socioeconómica, específica, na freguesia dos Mosteiros.

O tema em questão está relacionado com o licenciamento de quiosques localizados junto ao mar, situados por cima de uma arriba marítima, num local muito procurado por turistas que são atraídos pelas piscinas naturais daquela freguesia.

Estes referidos quiosques têm uma enorme procura por parte dos turistas e demais usuários das piscinas naturais, na medida em que não se encontram outros estabelecimentos similares nas proximidades.

Recentemente, tive a oportunidade de me deslocar ao local para perceber e interpretar as questões dos peticionários de uma forma empírica. A reivindicação pretendida debruça sobre a não atribuição do licenciamento, exploração que anteriormente era atribuído.

Em audição parlamentar o Senhor Secretário do Ambiente e Alterações Climáticas revelou-se muito sensível e esclarecedor sobre este assunto.

A atribuição de licença de utilização dessas estruturas temporárias está sujeita ao crivo dos instrumentos de gestão territorial, que designa onde se pode instalar ou construir qualquer estrutura, de que forma e de que modo e para isso são consultadas as direções regionais com parecer vinculativo.

Neste caso, surgiu esta petição devido à Direção Regional do Ordenamento do Território e Recursos Hídricos, realizar as suas competências e de não ter dado parecer positivo por analisar que os quiosques temporários estão visivelmente com carácter permanente.

Note-se que as estruturas estão fixadas ao chão e têm ligações permanentes de água para o consumo de eletricidade e águas residuais, o que viola o Plano de Ordenamento de Orla Costeira que está em vigor.

Assim sendo, é revelador, neste caso, o desprezo que anteriormente era dado a estes instrumentos de gestão territorial por parte das entidades competentes,

ao facilitarem a atribuição dessas licenças sem aludirem os proprietários das suas obrigações, direitos e deveres, fez com que os mesmos se sentissem injustiçados por este Governo Regional que nada mais fez do que aplicar a legislação vigente.

A situação está em desenvolvimento e almejará, estou em crer, uma boa solução para todas as partes.

Da boa articulação entre todos os intervenientes, os proprietários, o Governo Regional e a Câmara Municipal de Ponta Delgada, resultou no reconhecimento efetivo do valor que aqueles quiosques prestam à freguesia e ao turismo e, como tal, deverá proceder-se à deslocação dos referidos quiosques para que não belisque a legislação em vigor.

Desse modo, o Grupo Parlamentar do PPM entende que este processo está em franca mutação e que a freguesia contará com a dinâmica destes proprietários, com a seriedade e cooperação deste Governo Regional.

Muito obrigado.

**Vozes de alguns Deputados da bancada do PSD e do PPM:** Muito bem!

Muito bem!

**Presidente:** Muito obrigado, Senhor Deputado.

Tem a palavra o Senhor Deputado Nuno Barata.

(\*) **Deputado Nuno Barata (IL):** Senhor Presidente, Senhores Deputados, Senhores Membros do Governo:

Eu, às vezes acho que não estou nas mesmas comissões e que não ouço as mesmas declarações das mesmas pessoas. Mas vamos ao que interessa:

Ao Paulo Duarte, saudação pela sua atitude cívica, pela reação imediata, face à intransigibilidade da Secretaria Regional do Ambiente em emitir as licenças para esses quiosques, intransigência essa que fundamentou no facto de as estruturas que lá estão não serem amovíveis, que é uma questão de interpretação.

Obviamente, a amovibilidade daquelas estruturas, considerada por uns e desconsiderada por outros, está bem à vista.

É um facto que tem ligações fixas à rede de saneamento e esgotos, e ainda bem que têm, porque o que é grave é ver instalações amovíveis, sem ligações às redes de esgotos, porque a gente sabe para onde é que elas estão a ir, ou não sabemos para onde é que vão, mas elas existem.

É o facto de haver uma ligação fixa de fornecimento de água e de energia elétrica, e ainda bem que têm, porque se não têm, ou vamos ter um gerador a fazer barulho e a consumir três vezes mais energia do que aquela que é necessária para a instalação do quiosque, ou vamos ter água acartada em baldes para lavar louça.

Não é isso que se pretende. O que se pretende é que, de facto, haja condições de higiene e salubridade para exercer a atividade, quer seja ela mais amovível, ou menos amovível, quiosques, roulettes ou seja o que for.

Devia, inclusivamente, ser apenas autorizada em zonas que tivesse possibilidade de fazer ligações fixas, diretas às redes de esgotos, fixas e as diretas à rede de águas, fixas e diretas às redes de energia.

Esta petição entrou numa data feliz para a nossa autonomia: 2 de março. Uma data que deveríamos comemorar sempre com bastante afinco.

E entrou porque os processos estavam ainda atrasados, não estavam renovadas as licenças.

Essas licenças já deviam estar emitidas neste momento. Não estão.

Os detentores dos quiosques ainda não sabem o que é que vai acontecer e ficam sempre com as licenças caducadas a 31 de dezembro, ou seja, já daqui a dias, sem saber se podem trabalhar no dia 1 de janeiro, no dia 2 de janeiro, ou quando é que podem voltar a trabalhar.

Aquelas estruturas são, de facto, bastante procuradas por locais e por forasteiros. Como toda a gente que já lá foi e teve oportunidade de verificar, têm opções estéticas, umas melhores, outras piores, mas nada que desagrade

o espaço e têm acima de tudo uma vocação, qualquer uma delas, que é a vocação de servir bem o seu cliente.

E isto para nós é importante, quer para servir forasteiros, quer para consolidar a oferta turística daquela zona da ilha de São Miguel, remota, longe dos centros de decisão de Ponta Delgada e Ribeira Grande e que carece, de facto, de algum estímulo para manter a sua atividade económica.

Mais uma vez saudar o Paulo Duarte e os subscritores desta petição e dizer que contam com a Iniciativa Liberal sempre que precisarem para a solução deste problema.

Disse.

**Presidente:** Obrigado, Senhor Deputado.

Tem a palavra o Senhor Deputado Alberto Ponte. Faz favor, Senhor Deputado.

(\*) **Deputado Alberto Ponte (PSD):** Senhor Presidente da Assembleia, Senhoras e Senhores Deputados, Senhores Membros do Governo:

Quero aqui saudar os peticionários na pessoa do senhor Paulo Duarte, pela iniciativa e ato de democracia e participação cívica em defesa pela manutenção da atividade dos quiosques na freguesia dos Mosteiros.

Os peticionários entendem que estes quiosques são uma mais-valia para a própria freguesia e para toda a população, sendo um ponto de convívio entre locais e visitantes.

Importa, pois, que, em respeito com esta iniciativa, sejam tomadas medidas de equilíbrio entre as necessidades e preservação e conservação ambiental do espaço envolvente e as necessidades da população, por forma a alcançar um consenso com vista ao bem comum.

A freguesia dos mosteiros tem espaços de beleza natural e de lazer de excelência, que importa valorizar e dignificar.

Disse.

**Vozes de alguns Deputados da bancada do PSD:** Muito bem! Muito bem!

**Presidente:** Muito obrigado, Senhor Deputado.

Tem agora a palavra a Senhora Deputada Valdemira Gouveia. Faça favor, Senhora Deputada.

(\*) **Deputada Valdemira Gouveia (PS):** Senhor Presidente da Assembleia, Senhoras e Senhores Deputados, Senhores Membros do Governo:

O Partido Socialista saúda a iniciativa da petição coletiva na pessoa do seu primeiro subscritor, o Senhor Paulo Manuel Viveiros Duarte.

Esta participação cívica por parte dos cidadãos açorianos na apresentação de assunto que pretendem ver analisados nesta Assembleia sobre o licenciamento dos chamados quiosques dos Mosteiros.

Sobre esta petição e o seu objeto, os peticionários solicitam que no âmbito da discussão e alteração futura do Plano de Ordenamento da Orla Costeira, sejam consideradas as estruturas, os quiosques existentes nos Mosteiros e até noutras zonas idênticas na ilha de São Miguel.

Esta solicitação surge devido à não atribuição das referidas licenças para o ano que agora termina com a justificação da Direção Regional do Ordenamento do Território e Recursos Hídricos ter informado que as estruturas instaladas apresentam um carácter fixo e não amovível, por possuírem as seguintes características: ligação de ramal de abastecimento de água ao saneamento básico e fornecimento de energia elétrica, através da rede pública e não de gerador.

Das diligências realizadas em sede de comissão, destacamos as informações prestadas pelo primeiro subscritor da petição, que declarou a importância dos quiosques pelo apoio prestado a quem ali se desloca e a não atribuição das licenças têm por base a justificação que os quiosques que possuam uma estrutura não amovível, por terem abastecimento de água diretamente da rede pública e um contrato provisório da EDA para fornecimento de energia elétrica, não deverá ser motivo para ser inviabilizado o funcionamento dos

mesmos e, na sua opinião, as intervenções apenas serviram para dotar aqueles equipamentos de melhor qualidade de atendimento a quem os utiliza.

Destacou ainda que os quiosques dos Mosteiros estão localizados numa zona de grande afluência e têm sido um ponto de convívio entre turistas e mosteirenses, que gostam de bem receber os seus visitantes e de com eles partilhar tudo o que existe nessa zona aprazível.

Também referiu que algumas famílias dos Mosteiros dependem, única e exclusivamente, desta atividade profissional de exploração de quiosques, sendo esta uma atividade dinamizadora da economia local e, por isso, um grande suporte financeiro para a freguesia.

Da parte do Presidente da Junta de Freguesia dos Mosteiros, foi-nos relatado que, desde o início dos seus mandatos, procurou dotar aquela zona de boas condições para manter o turismo na freguesia, sendo também o responsável pela construção de instalações sanitárias das piscinas naturais e pela instalação da rede de água, na área, com adaptação dos quiosques para saneamento básico, dando melhores condições a quem ali se desloca.

Na audição do Senhor Secretário Regional do Ambiente ficou claro que, embora reconheça a importância dos quiosques dos Mosteiros para a dinamização da freguesia e também o apoio à atividade turística para usufruto daquele espaço, nomeadamente para banhos, esta zona não está classificada como zona balnear, no âmbito do Plano de Ordenamento da Orla Costeira, que está em vigor.

Realçou ser possível viabilizar naquela zona equipamentos amovíveis de carácter temporário, sendo que as estruturas em causa apresentam já carácter permanente, com o fornecimento de energia elétrica e de abastecimento de água e ligação ao saneamento básico, estando por isso em incumprimento com os instrumentos de gestão territorial e com a legislação em vigor, nomeadamente com o POOC, Costa Norte.

Nesta audição, o Senhor Secretário Regional acrescentou ainda que, uma vez que se encontram na fase de alteração do Plano de Ordenamento da Orla Costeira de São Miguel, o qual unirá os dois existentes, POOC Norte e POOC costa sul, num único instrumento de gestão territorial, poderão estudar a possibilidade de introduzir ajustes na limitação de categoria do uso do solo, no POOC, assim como ajustar a delimitação da reserva ecológica, no âmbito do PDM, competência que é da Câmara Municipal de Ponta Delgada.

Adiantou ainda que, adicionalmente, a Câmara Municipal de Ponta Delgada poderá, após a conclusão da alteração do POOC, identificar as zonas de aptidão balnear e desenvolver um plano de praia que permita cumprir com o Regime Jurídico das Zonas Balneares e enquadrar os quiosques como instalações de apoio à praia, tornando possível o licenciamento dos quiosques, conforme é a pretensão dos peticionários.

Ouvido em Comissão, o Senhor Presidente da Câmara de Ponta Delgada, afirmou serem os quiosques muito importantes, não só do ponto da dinamização da economia local daquela zona dos Mosteiros, mas como também do ponto de vista da estética dos quiosques e da proteção ambiental que aquela zona deve merecer.

Foi ainda informado, pelo mesmo, que a Câmara de Ponta Delgada e a Junta de Freguesia dos Mosteiros estão em conversações com a requalificação da zona sobre a elaboração de um Plano de Pormenor Turístico para a zona dos Mosteiros e, por ser a freguesia dos Mosteiros a mais distante da malha urbana, necessita de uma atenção especial.

Não estando previsto para curto prazo uma intervenção de fundo na zona, por parte da Câmara Municipal, dos serviços municipalizados de Ponta Delgada e da Junta de Freguesia dos Mosteiros, sendo sim realizadas pequenas intervenções urbanísticas de espaços verdes e manutenção da zona balnear. Quanto ao Plano de Pormenor Turístico da zona, informou ser algo que está a ser equacionado, mas ainda sem data planeada para o implementar.

Mais referiu que todas as entidades envolvidas, a Câmara de Ponta Delgada, o Governo Regional, os serviços municipalizados, a Empresa de Eletricidade dos Açores, devem contribuir para encontrar a melhor solução para a manutenção dos quiosques e manter um ponto de interesse turístico muito importante para a zona dos Mosteiros, afirmando ainda que tirar dali aqueles que quiosques é desertificar aquela zona, é prejudicar financeiramente um conjunto de famílias que dependem da exploração daqueles quiosques e é empobrecer turisticamente aquele local.

Assim, o Grupo Parlamentar do Partido Socialista entende que deverá o Governo Regional e a Câmara agilizar o processo de revisão do Plano da Orla Costeira de São Miguel, nomeadamente criando um conjunto de alterações a nível do PDM, com inclusão de uma categoria de praia, sendo necessário igualmente a alteração do POOC, com definição da referida zona como zona de aptidão balnear e com a elaboração de um plano pelo município que permita cumprir o regime jurídico das zonas balneares.

Aliás, é esta a conclusão que o próprio Senhor Secretário Regional do Ambiente e Alterações Climáticas reconheceu e destacou a disponibilidade da Secretaria para nas várias fases de alteração do POOC da ilha de São Miguel e da própria Comissão de Acompanhamento, se encontram também representados os municípios e, no caso do município de Ponta Delgada, para que nas reuniões seja feito um estudo e a avaliação dos sítios que tenham ou não condições para serem definidos como zonas de aptidão balnear, desenvolvendo a criação de um plano de praia que possa permitir a instalação de um apoio a essa praia.

Assim sendo, e concluindo, o Grupo Parlamentar do Partido Socialista, face às vontades e disponibilidades manifestadas, exortamos o Governo Regional e a Câmara de Ponta Delgada a tomarem as medidas necessárias para que os quiosques dos Mosteiros possam manter a sua atividade, contribuindo para a dinamização da economia local e dinamização turística dos Mosteiros.

Muito obrigada.

**Deputado Rodolfo Franca (PS):** Muito bem!

*(Neste momento os Deputados Marco Costa e Tiago Branco foram substituídos na Mesa pelos Deputados Paulo Silveira e José Gabriel Eduardo)*

**Presidente:** Obrigado Senhora Deputada. Tem agora a palavra o Senhor Deputado Pedro Pinto.

**(\*) Deputado Pedro Pinto (CDS-PP):** Muito obrigado, Senhor Presidente.

Senhor Presidente, Senhoras e Senhores Deputados, Senhores Membros do Governo:

Uma primeira palavra para os peticionários, na pessoa do seu primeiro subscritor, Senhor Paulo Duarte.

Efetivamente, aquelas infraestruturas são importantes para o turismo, são importantes para a freguesia dos Mosteiros e são igualmente importantes para os promotores daqueles investimentos e para os seus trabalhadores.

Posto isto, passamos à análise da situação em concreto.

O que se passou durante vários anos, e isso vem plasmado no relatório da Comissão, é que quem passava a licença era a Direção Regional dos Assuntos do Mar, sem prévia consulta da Direção Regional do Ordenamento do Território, que tem parecer vinculativo sobre aquela área.

E, portanto, ao longo dos anos, aqueles promotores foram recebendo as licenças para poderem operar aquelas infraestruturas de carácter temporário.

O problema surgiu com a mudança da orgânica de Governo em que passou a ser a Direção Regional do Ordenamento do Território a licenciar aquelas infraestruturas. E ao analisar as infraestruturas, verificaram que elas violavam as normas legais em vigor.

E violavam, porque apresentavam um caráter perene, um carácter fixo quando são infraestruturas temporárias licenciadas para um tempo limitado.

Há um parecer favorável dessa Direção Regional à colocação dos quiosques e das respetivas esplanadas, desde que não tivessem infraestruturização, sendo posteriormente removidos no fim do período da licença, ou seja, apresentarem um caráter temporário.

Ora o próprio Secretário Regional do Ambiente e Alterações Climáticas referiu isso mesmo na Comissão.

É favorável à instalação daqueles quiosques, é favorável à laboração daqueles investimentos e daqueles negócios, agora, nos termos regulamentares e legais vigentes, eles têm que ter um caráter temporário, porque é isso que obriga a lei.

E em reunião com os proprietários daqueles quiosques, perceberam que só para a desmontagem daquelas infraestruturas, após o término da licença, demoraria cerca de três meses para desmontar as infraestruturas e removê-las do local para, após a emissão de nova licença, voltarem a ser remontadas.

E, portanto, estamos perante aqui uma situação que nos convoca a todos, enquanto decisores políticos, a uma reflexão, se por um lado há uma tentativa de boa vontade para solucionar um problema que se arrasta há muito tempo, por outro, há um conflito com as normas legais em vigor, e que não são poucas: é o POOC – Plano de Ordenamento da Orla Costeira, é o próprio PDM, da responsabilidade autárquica, é a reserva ecológica, é o domínio público-marítimo e, portanto, são diversas legislações que conflituam naquela área e, portanto, os investimentos a realizar lá têm que observar a demasiadas normas e a demasiadas condicionantes.

Foi, inclusivamente, e está relatado no relatório, proposta outra localização alternativa e foi aceite por parte da tutela. E, portanto, o que temos aqui é um conflito com as normas em vigor.

O POOC, está em vigor desde 2005 e, portanto, percebe-se que há uma desadequação das normas em vigor àquilo que são as exigências atuais.

Como muito bem disse o Senhor Deputado Nuno Barata, mal seria se aquelas infraestruturas não tivessem água corrente.

Mau seria se, para poder desfrutar daquele espaço e daquela paisagem, tivéssemos que ter à nossa beira um motor, o ruído de um motor a gerar a energia elétrica e a poluir o ambiente.

Mau seria se os esgotos, mesmo que de uma pia para lavar louça, tivessem que ser carregados por balde para um sítio qualquer, sabe-se lá para onde.

E, portanto, obviamente que compreendemos que as normas em vigor sobre aquele espaço impedem este tipo de infraestruturização, mas por outro, efetivamente são as regras que existem e mal seria se o Governo fechasse os olhos à lei e, portanto, olhasse para o lado, como que se isso não acontecesse, porque foi isso que aconteceu durante demasiados anos...

**Deputado Vasco Cordeiro (PS):** Isso não é verdade!

**O Orador:** ... e, portanto, não é isso que se pretende que continue a acontecer.

**Deputado Vasco Cordeiro (PS):** Não diga isso! Isso não é verdade!

**O Orador:** E, portanto, feita esta análise sobre a questão em concreto, obviamente, que estamos favoráveis à petição dos cidadãos e dos investidores dos quiosques dos Mosteiros e, obviamente, que tudo faremos no sentido de que se possa agilizar da melhor forma possível a valorização daqueles investimentos e daqueles negócios.

Mas temos uma segunda reflexão, enquanto políticos, a fazer e é exatamente isso, é adequar as leis e os instrumentos de gestão territorial para benefício coletivo àquilo que é a realidade atual e na realidade atual pretendemos reduzir a sazonalidade turística.

Portanto, se queremos reduzir a sazonalidade turística não podemos ter infraestruturas de apoio ao turismo temporárias;

Não podemos ter infraestruturas de apoio ao turismo apenas durante três meses.

E, portanto, está aqui em causa é a readequação à nova realidade socioeconómica dos Açores de normas que já foram publicadas há muitos anos e que necessitam de ser revisitadas e reatualizadas. E também para isso, o CDS pretende dar o seu contributo.

Muito obrigado.

**Deputado João Bruto da Costa (PSD):** Muito bem!

**Presidente:** Muito obrigado, Senhor Deputado.

Pergunto se há mais inscrições no âmbito desta Petição?

Não havendo, avançamos para o ponto 14 da nossa Agenda: **Petição n.º 30/XII – “Obra do Ramal que liga a Maia à Lombinha da Maia”**, apresentada por Jaime Manuel Serpa da Costa Rita, na qualidade de primeiro subscritor.

Tem a palavra o Senhor Relator da Comissão de Política Geral, o Senhor Deputado Flávio Soares, para apresentação do relatório.

**Deputado Flávio Soares (PSD):** Muito obrigado, Senhor Presidente.

Senhor Presidente, Senhoras e Senhores Deputados, Senhores Membros do Governo:

## **RELATÓRIO E PARECER**

### **PETIÇÃO N.º 30/XII - “OBRA DO RAMAL QUE LIGA A MAIA À LOMBINHA DA MAIA”**

*Ponta Delgada, 3 de outubro de 2022*

## **INTRODUÇÃO**

A Comissão Permanente de Política Geral reuniu no dia 9 de setembro de

2021, com recurso a meios telemáticos, para audição do primeiro subscritor, apreciação e relato sobre a **Petição n.º 30/XII – “Obra do Ramal que liga a Maia à Lombinha da Maia”**.

A presente Petição reúne um total de 1187 (mil cento e oitenta e nove) assinaturas, tendo como primeiro subscritor, Jaime Manuel Serpa da Costa Rita, e deu entrada na Assembleia Legislativa da Região Autónoma dos Açores a 27 de abril de 2022.

Por despacho do Presidente da Assembleia Legislativa Regional da Região Autónoma dos Açores, a referida Petição foi remetida à Comissão Permanente de Política Geral, por se tratar de matéria da competência desta – *Equipamentos*, conforme determina o artigo 3.º da Resolução da Assembleia Legislativa da Região Autónoma dos Açores n.º 1/2021/A, de 6 de janeiro, alterada pela Resolução n.º 49/2021/A, de 11 de agosto e pela Resolução n.º 52/2021/A, de 25 de outubro.

## CAPÍTULO I

### ENQUADRAMENTO JURÍDICO

O direito de petição enquadra-se no âmbito do artigo 52.º da Constituição da República Portuguesa e exerce-se nos termos do disposto no artigo 9.º do Estatuto Político-Administrativo da Região Autónoma dos Açores, na redação que lhe foi dada pela Lei n.º 2/2009, de 12 de janeiro, nos artigos 189.º a 193.º do Regimento da Assembleia Legislativa da Região Autónoma dos Açores e na Lei n.º 43/90, de 10 de agosto, na atual redação.

A apreciação da petição e a elaboração do respetivo relatório cabe à Comissão Especializada Permanente competente em razão da matéria, nos termos do disposto nos artigos 190.º e 191.º do Regimento, bem como do n.º 4 do artigo 73.º do Estatuto Político-Administrativo da Região Autónoma dos

Açores.

## **CAPÍTULO II**

### **ADMISSIBILIDADE**

Verificada a conformidade do exercício do direito de petição com os requisitos legais (Lei n.º 43/90, de 10 de agosto, na sua redação atual) e regimentais (artigo 189.º do Regimento da Assembleia Legislativa da Região Autónoma dos Açores), a Petição em apreço reúne os requisitos formais de admissibilidade para ser qualificada como petição em nome coletivo.

A Comissão Permanente de Política Geral procedeu à apreciação da sua admissibilidade, nos termos do disposto no n.º 2 do artigo 190.º do referido Regimento e deliberou admiti-la, por unanimidade, em reunião ocorrida a 18 de maio de 2022.

## **CAPÍTULO III**

### **OBJETO DA PETIÇÃO**

Os Peticionários vêm, através deste instrumento de participação política democrática, apelar a uma tomada de posição firme com vista à conclusão da obra do Ramal que liga a Maia à Lombinha da Maia, uma vez que a não resolução deste problema está a contribuir para o esvaziamento e isolamento desta freguesia e por conseguinte, a sua desertificação.

De acordo com a exposição dos Peticionários, “A Maia é uma freguesia do Concelho da Ribeira Grande com cerca de 1800 habitantes, reconhecida em vários cantos do mundo, em parte devido aos grandes investimentos feitos nos últimos anos, pelo Governo Regional, mas tem vindo a perder população, à semelhança de muitas outras.

Já há algum tempo a freguesia tem-se deparado com momentos difíceis e de árdua resolução, decorrentes das obras, intermináveis, no ramal que faz

ligação entre a Lombinha da Maia e a Maia, cuja intervenção é da exclusiva competência e responsabilidade da Câmara Municipal da Ribeira Grande.

O projeto apresentado para a realização das obras, que já estão em curso, está dividido em 2 fases, onde a primeira fase com uma duração de 6 meses, teve a durabilidade de 18 meses. Decorrido este ano e meio, encontramos-nos perante uma obra estagnada, sem término à vista e uma segunda fase cujo seu início ainda não está previsto.

Perante estes atrasos e constrangimentos que deles advêm, a população da Maia sente-se indignada e prejudicada em diversos âmbitos, os residentes nos locais adjacentes da freguesia, para terem acesso à mesma, são obrigados a fazer um desvio de 8 Km de ida e mais 8 Km de regresso, perfazendo um total de 16 Km, como é o caso da Lombinha da Maia e das outras freguesias mais a nascente; a economia e o desenvolvimento da freguesia estão em declínio e a obra continua a revelar insegurança, em conformidade com os diversos estragos causados pelas últimas intempéries. Como moradores e não moradores, sentimos que a Maia caiu no esquecimento, situação inadmissível em pleno século XXI.”

Assim, os Peticionários concluem que “aqui está uma boa oportunidade para combater a desertificação da Maia: não deixar que lhe seja roubado esse acesso por muito mais tempo!”

## **CAPÍTULO IV**

### **DILIGÊNCIAS EFETUADAS**

Na reunião da Comissão, ocorrida a 18 de maio de 2022, esta deliberou ouvir, presencialmente ou com recurso a meios telemáticos, o primeiro subscritor e o Presidente da Câmara Municipal da Ribeira Grande.

Foi ainda deliberado, na reunião da Comissão ocorrida no dia 13 de julho de 2022, visitar o local da obra, nomeadamente o Ramal que liga a Maia à

Lombinha da Maia.

**DA AUDIÇÃO AOS PRIMEIROS SUBSCRITORES DA PETIÇÃO, OCORRIDA A 13 DE JULHO DE 2022:**

O primeiro subscritor, Senhor Jaime Rita, acompanhado pelos subsequentes cinco peticionários, designadamente pelas Senhoras Suzana Ferreira e Carla Rita e pelos Senhores Alex Pacheco, Pedro Belchior Pacheco e Eduardo de Almeida, deu início à audição com uma apreciação genérica do objeto da Petição, nomeadamente referindo que a realização desta obra é uma vontade da população da Freguesia da Maia de há vários anos e que há cerca de sessenta anos que aquela via não sofre uma intervenção profunda.

Referiu ainda que aquela via é muito utilizada por pessoas que se dirigem à Maia para resolver determinados assuntos de cariz pessoal e profissional, uma vez que a freguesia disponibiliza serviços importantes para o quotidiano das pessoas da Maia e das freguesias vizinhas. Informou que foi realizado um levantamento do número de pessoas que circulam na via, dentro de um determinado horário, e que num passado recente foi apresentada outra petição com o mesmo objetivo, mas que apenas resultou na realização de obras superficiais.

Esclareceu também que após todo o processo de concurso público da primeira fase da obra começaram a surgir constrangimentos que levaram a um atraso significativo e deu o exemplo da ocorrência de uma derrocada durante os trabalhos que fez suspender a obra por algum período.

O Senhor Jaime Rita esclareceu que durante o encerramento da via, que demorou cerca de dois anos, passou a percorrer 7,8 km, ao invés dos 1,5 km que percorria antes para ir da sua habitação ao centro da freguesia, lembrando os encargos que isto acarreta na vida das populações.

O peticionário referiu ainda que o encerramento da via, para além de todos os constrangimentos que acarretou na vida das populações, fez com que alguns

serviços encerrassem, lembrando o encerramento de duas instituições de bancárias e de outros negócios e a redução da circulação de pessoas na freguesia.

Reiterou também que a petição nada tem a ver com política partidária, uma vez que em anos como 2009 ou 2010, foram enviados vários ofícios com esta reivindicação e que nessa altura os destinos da Câmara Municipal da Ribeira Grande estavam na responsabilidade do Partido Socialista. Lembrou ainda que foram realizadas várias reuniões, inclusivamente algumas de forma presencial e no local da obra, para que todos se inteirassem do ponto de situação, tendo sido solicitado, por diversas vezes, todos os relatórios e pareceres, mas que nunca foram entregues.

O Deputado Carlos Silva interveio referindo que é evidente que o encerramento da via trouxe diversos constrangimentos e dificuldades à população e enumerou o encerramento das instituições bancárias, da padaria e de outros estabelecimentos comerciais, tendo questionado se o atual estado da via, após o término da primeira fase da obra, oferecia as condições de segurança adequadas para a circulação de pessoas e viaturas, em especial viaturas de emergência. Questionou ainda se sabiam se os atrasos verificados eram por indisponibilidade financeira por parte da autarquia e ainda se o Governo Regional deveria ter um envolvimento maior, apesar de ser uma via municipal.

A Senhora Suzana Ferreira, uma das peticionárias presente, respondeu referindo que as acessibilidades são fundamentais para a fixação de pessoas nas freguesias mais rurais e lembrou que a Maia está com dificuldades nesta matéria. Explicou que a freguesia é constituída por duas localidades, Maia e Lombinha da Maia, sendo este caminho municipal a interligação destas duas localidades, logo se a via esteve encerrada durante dois anos, a freguesia esteve dividida em duas partes durante todo esse tempo, o que, a seu ver, é extremamente prejudicial para o seu desenvolvimento. Referiu que a Câmara

Municipal da Ribeira Grande não tem conseguido resolver a situação e terminar de forma célere, mas que têm informado que existe cabimento financeiro para terminar a respetiva obra e que, inclusivamente, o concurso público para a segunda fase já foi publicado em Jornal Oficial. A Senhora peticionária deixou ainda o convite para que as Senhoras e os Senhores Deputados visitassem as obras, uma vez que as fotografias apresentadas em documento, e distribuído pelos membros da Comissão, não mostram a realidade do local. Para terminar referiu que o caminho municipal neste momento não apresenta condições de segurança e que, inclusivamente, existe a obrigatoriedade de conduzir até 20 km por hora.

O Deputado Carlos Silva questionou se a via permitia a circulação de viaturas nos dois sentidos e se foi acautelado a construção de um passeio pedonal na primeira fase do projeto, em que a peticionária, Senhora Suzana Ferreira, respondeu que já era permitida a circulação nos dois sentidos e que a construção de um passeio pedonal em toda a extensão da via estava prevista apenas na segunda fase do projeto.

A Deputada Délia Melo interveio referindo que esta obra é, de facto, uma ambição de vários anos e que a Câmara Municipal, conhecedora da prioridade e da necessidade, decidiu avançar com a obra consciente que esta poderia acarretar constrangimentos a toda a população, mas que após a sua conclusão iria trazer grande benefícios a todos. Relembrou também que, e segundo a informação que obteve junto de outras entidades locais, a Câmara Municipal da Ribeira Grande sempre se disponibilizou para prestar todo e qualquer esclarecimento à população e que manteve contacto com a própria junta de freguesia com algumas visitas ao local para explicar o ponto de situação. Questionou que diligências foram feitas pela junta de freguesia ao longo dos últimos anos e que diligências o primeiro peticionário tomou, uma vez que foi vereador da Câmara Municipal da Ribeira Grande com os pelouros da divisão de águas, saneamento, urbanismo e equipamento

municipais, entre 2005 e 2009, e foi presidente da junta de freguesia após esse período. Para terminar questionou se a junta de freguesia acompanhou todo o processo de elaboração do projeto e na sua execução e se deu contributos para enriquecer o mesmo.

O primeiro peticionário, Senhor Jaime Rita, respondeu referindo que ao longo dos anos os vários executivos da junta de freguesia e a população em geral, tomaram diversas diligências para encontrar uma solução para o problema do ramal que liga a Maia à Lombinha da Maia, aliás como pode ser confirmado em intervenções públicas ou em petições anteriormente realizadas. No entanto, todos os executivos camarários realizaram apenas obras pontuais de pequenas dimensões, sem nunca corrigir o problema em profundo.

Relembrou que a intenção dos peticionários é de alertar para resolverem a situação, uma vez que está em causa a segurança das pessoas que usufruem daquela via e que o objetivo é unir forças, quer da Câmara Municipal, Junta de Freguesia e do Governo Regional dos Açores para que terminem a obra o mais breve possível.

O peticionário, Senhor Eduardo de Almeida, completou a informação anteriormente dada referindo que a via, ao longo dos anos, tem demonstrado uma degradação superior ao normal dado a sua elevada utilização e a quantidade de nascentes existentes naquela zona que faz com que todo o seu talude seja mais suscetível a desabamentos, aliás como tem sido verificado ao longo dos anos com as derrocadas que tem ali acontecido. Alertou para que seja realizado um estudo aprofundado e com conhecimento técnico profissionalizado à obra e a todo o seu envolvente, pois toda aquela zona é demasiado insegura e representa demasiados problemas de instabilidade. Referiu que para além de todo este problema da via que liga a Maia à Lombinha da Maia ainda existe outra dificuldade no que diz respeito a acessibilidades e que está relacionado com o eixo SCUT, em São Brás, que faz com que o acesso à freguesia seja mais difícil isolando assim ainda mais a

freguesia. O peticionário criticou ainda o atraso da obra, lembrando que o tempo de execução tem sido alterado por diversas vezes.

A Deputada Délia Melo questionou se o Município da Ribeira Grande realizou alguma sessão pública na junta de freguesia da Maia para a apresentação do projeto e se nessa sessão a junta de freguesia propôs alterações ao projeto inicial e se essas alterações foram contempladas no projeto final. Questionou também se os peticionários conseguiram datar o encerramento das instituições bancárias que referiram.

Questionado pela Deputada Délia Melo, o primeiro peticionário referiu que a Câmara Municipal da Ribeira Grande realizou, efetivamente, uma sessão pública para apresentar o anteprojeto da obra e que estiveram presentes cerca de cinquenta pessoas na referida sessão.

A Deputada Alexandra Manes interveio referindo que as acessibilidades são um critério muito importante para a fixação de pessoas e serviços em freguesias rurais e distantes dos centros urbanos e que os atrasados verificados na execução da obra trouxeram constrangimentos graves à população da Maia, mas também das freguesias vizinhas. Questionou se até ao momento tivesse ocorrido algum tipo de acidente no local da obra e se, na opinião dos peticionários, haverá a necessidade de rever o projeto para a segunda fase da obra.

O Senhor Eduardo de Almeida respondeu referindo que a obra, ao longo do tempo, foi apresentando alguns perigos e que, como já foi referido, ocorreu uma derrocada com alguma expressão no local. Todavia, acredita o peticionário, existe a necessidade de rever o projeto e adequar a ação à realidade atual pelas modificações que existiram no terreno.

A Senhora Carla Rita pediu a palavra para reforçar que, enquanto Deputada à Assembleia Municipal da Ribeira Grande, solicitou por diversas vezes o relatório do Laboratório Regional de Engenharia Civil sem que este a tivesse sido entregue. Reiterou que foi informada que a estabilidade do talude estava

a ser monitorizada pelo Laboratório Regional, mas sem qualquer detalhe a mais. Referiu ainda que o trilho da Praia da Viola se encontra fechado devido às obras e por este não apresentar condições de segurança para a sua circulação e este facto tem trazido menos turistas à freguesia.

A Deputada Alexandra Manes questionou ainda se há relatos de acidentes com transporte de crianças ou se há informação de algum constrangimento com a circulação de viaturas, tendo a Senhora Suzana Ferreira respondido que o perigo era iminente e que a circulação a viaturas pesadas e de transporte de passageiros está proibido

**DA AUDIÇÃO AO PRESIDENTE DA CÂMARA MUNICIPAL DA RIBEIRA GRANDE, OCORRIDA A 13 DE JULHO DE 2022:**

O Senhor Presidente da Câmara, Dr. Alexandre Gaudêncio, deu início à sua intervenção, referindo que esta obra é muito importante para o concelho da Ribeira Grande, em especial para a freguesia da Maia, por se tratar de um caminho municipal que carecia de uma intervenção profunda e por este apresentar alguma instabilidade. Referiu, igualmente, que a Câmara Municipal solicitou, em 2015, um relatório ao Laboratório Regional de Engenharia Civil com o objetivo de serem identificados os riscos inerentes em toda a sua vertente. Informou também que, em 2016, foi solicitado um estudo aprofundado à empresa Geotrota, Unipessoal, Lda., empresa especializada em geotecnia, para verificar as preocupações manifestadas pelos habitantes da freguesia e pela própria junta de freguesia da Maia. Dos estudos realizados, quer pelo Laboratório Regional de Engenharia Civil e quer também pela empresa contratada para o efeito, foi verificada a necessidade da realização de diversas drenagens, devido às inúmeras nascentes ali existentes, e também da estabilização de taludes em grande parte do percurso, recomendações estas que foram contempladas no projeto final da obra.

O Senhor Presidente da Câmara esclareceu que desde a primeira hora

solicitou a opinião da junta de freguesia que fez chegar diversos contributos que foram sendo incluídos no projeto final, como a reabilitação da via e também a construção de um passeio pedonal em toda a sua extensão. Após todo o processo de análise do projeto e das alterações, a Câmara Municipal da Ribeira Grande colocou em concurso público a respetiva obra, distribuída em duas fases, uma primeira fase para a estabilização dos taludes e drenagens que, entretanto, já foi concluída, e uma segunda fase para a reabilitação da via e construção do passeio pedonal.

Referenciou que a obra foi lançada em abril de 2020, com um prazo de execução de 270 dias e com um valor de 542.000€ (quinhentos e quarenta e dois mil euros), no entanto durante a execução da obra decorreu uma derrocada inesperada e que, obviamente, provocou atrasos na conclusão da mesma em cerca de 110 dias e com um valor adicional de 266.000€ (duzentos e sessenta e seis mil euros). Mencionou ainda que com o atraso para a conclusão da obra, esta só foi entregue em outubro de 2021.

Entretanto a Câmara Municipal da Ribeira Grande avançou com os trâmites normais e legais para a segunda fase da obra que inclui a reabilitação da via e seu alargamento, a construção de um passeio pedonal e a construção de vala para recolha e suporte de água, tendo solicitado pareceres às entidades competentes, por se tratar de zonas de reserva ecológica e reserva agrícola. Em maio de 2022, o Governo Regional dos Açores declara a obra como sendo uma obra de interesse público e em junho do mesmo ano é lançado o concurso público para a segunda fase da obra e que ainda decorre, com um valor de 1.700.000€ (um milhão e setecentos mil euros) e um prazo de execução de 365 dias, referiu.

O Deputado Carlos Silva (PS) interveio referindo que este é um problema que se arrasta há vários anos e que tem criado diversos constrangimentos, desde logo pelo atraso verificado na execução da obra devido à derrocada ocorrida inesperadamente. O Deputado referiu também que na audição dos

peticionários foi introduzida informação adicional que não era do conhecimento público, nomeadamente o facto da derrocada ter provocado danos em uma moradia que estava a ser alvo de obras e que, por essa via, foram embargadas e questionou o Senhor Presidente da Câmara sobre o ponto de situação relativamente a essa moradia e sobre o prazo de execução para a segunda fase, tendo questionado ainda se era possível circular nos dois sentidos da via e se existiam condições de segurança em circular na mesma, uma vez que segundo os peticionários o limite de velocidade estava fixado nos 20 km/h.

O Senhor Presidente da Câmara esclareceu que efetivamente as obras na moradia afetada pela derrocada estavam embargadas, mas que esse embargo não foi acatado pelo proprietário e que, por essa via, este avançou com um processo judicial contra a Câmara Municipal. Quanto à segunda fase da obra e ao facto de estar previsto ou não a construção de um passeio pedonal em toda a extensão da via, o autarca referiu que a mesma está prevista e contemplada na sua totalidade.

Sublinhou ainda que desde que tomou posse como presidente da Câmara Municipal, em 2013, assumiu esta obra como uma prioridade, não apenas por questões de melhorar as acessibilidades dentro da freguesia de Maia, mas também pelo facto de esta trazer melhores condições de segurança outrora inexistentes. Todavia, sempre acreditou que fosse um processo mais célere, mas que tendo em conta as vicissitudes de todo o procedimento e da obra, como a derrocada que ocorreu, fez com que a demora fosse superior.

Quanto à questão colocada sobre as condições de segurança da via, o autarca respondeu que a abertura da via ao trânsito foi articulada com a junta de freguesia e com base no parecer e na monitorização minuciosa que o Laboratório Regional de Engenharia Civil está a realizar. Atualmente, o Laboratório Regional acompanha e monitoriza todo o talude para que, em caso de ser detetada alguma anormalidade, a Câmara Municipal consiga

tomar as devidas diligências rapidamente. Quanto ao limite de velocidade foi esclarecido que este existe porque o pavimento da via está em grande nível de degradação devido às viaturas mais pesadas utilizadas na obra.

O Deputado Carlos Silva (PS) voltou a intervir para solicitar ao Senhor Presidente da Câmara que o relatório do Laboratório Regional de Engenharia Civil fosse, se possível, distribuído aos membros da Comissão Especializada Permanente de Política Geral, referindo ainda que, segundo alguns peticionários, já havia sido solicitado, mas que nunca foi disponibilizado. Questionou também se a Câmara Municipal equaciona expropriar a moradia que está embargada e se irá solicitar a intervenção do IROA ou outras entidades relacionadas com o ambiente, uma vez que existem nascentes que poderão servir a outras necessidades destas entidades.

O Senhor Presidente da Câmara respondeu que irá entregar o relatório elaborado pelo Laboratório Regional de Engenharia Civil, uma vez que o mesmo é público e que foi, inclusivamente, enviado a todas as entidades envolvidas no projeto. Quanto à expropriação da moradia que sofreu danos com a derrocada, o Senhor Presidente da Câmara esclareceu que neste momento não existe essa pretensão porque, como já referiu, está a decorrer um processo judicial. No que diz respeito à intervenção de outras entidades na captação de água, o mesmo referiu que, na sua opinião, não parecia um investimento viável financeiramente, tendo em conta a dimensão do talude, e ao facto da freguesia não ter qualquer problema com abastecimento de água.

A Deputada Délia Melo (PSD) interveio referindo que sempre foi intenção da Câmara Municipal a realização de obras profundas que fosse ao encontro das reivindicações da população da Maia e questionou se houve o envolvimento e a auscultação da junta de freguesia em todo o processo e se foi um parceiro ativo, uma vez que houve posições diferentes na audição dos primeiros peticionários.

O Senhor Presidente da Câmara respondeu referindo que a Câmara Municipal

envolveu a junta de freguesia em todo o processo, desde o seu início, e recordou que a junta de freguesia deu contributos bastante positivos e deu como exemplo a inclusão de um passeio pedonal que foi uma proposta da junta de freguesia e que não estava previsto inicialmente. Recordou que para além do envolvimento da junta de freguesia, a Câmara Municipal entendeu envolver outras entidades da freguesia da Maia com o objetivo de melhorar o projeto e para que este fosse ao encontro das necessidades e ambições da população de Maia como a Deputada Délia Melo referiu.

Relembrou que o executivo da junta de freguesia sofreu alterações nos seus membros, tendo em conta as eleições autárquicas realizadas no ano de 2021 e que mesmo depois das eleições reuniu diversas vezes com o novo executivo, tendo sido realizadas visitas ao local. Quis referir ainda que o executivo municipal se disponibilizou para realizar uma sessão pública para toda a comunidade para esclarecer a obra e o seu processo e que nunca recebeu resposta por parte da junta de freguesia. Lembrou igualmente que a última reunião da Assembleia Municipal decorreu na freguesia de Maia, no dia 9 de junho, e que o assunto da obra foi bastante debatido entre os seus membros.

O Senhor Presidente da Câmara esclareceu ainda que está consciente dos constrangimentos que uma obra desta dimensão acarreta a uma freguesia e à sua dinâmica social e económica, mas que não se pode usar a obra como desculpa para o fechamento de alguns serviços, nomeadamente o encerramento de algumas instituições bancárias e lembrou que nos últimos três anos a freguesia da Maia aumentou, significativamente, o número de alojamentos locais, aumentou o número de moradias licenciadas e que muito recentemente foi fechado um dos maiores investimentos turísticos do concelho da Ribeira Grande.

O Deputado Carlos Silva (PS) questionou se a Câmara Municipal estaria preparada com um plano alternativo para o caso de o concurso ficar sem candidatos, tal como tem acontecido com outras obras camarárias e

governamentais, tendo o Senhor Presidente da Câmara respondido que o município está preparado para avançar com outra análise de mercado caso o concurso fique sem candidatos e encontrar uma solução rápida para iniciar a obra o mais depressa possível.

**Da visita à obra do Ramal que liga a Maia à Lombinha da Maia, ocorrida a 1 de setembro de 2022:**

As Senhoras e os Senhores Deputados realizaram uma visita à obra do Ramal que liga a Maia à Lombinha da Maia, na freguesia da Maia, acompanhados pelo Senhor Presidente da Câmara Municipal da Ribeira Grande, Dr. Alexandre Gaudêncio, como dono da obra e a Senhora Diretora de Serviços de Geotecnia, Sustentabilidade e Prospeção do Laboratório Regional de Engenharia Civil, Dra. Ana Malheiro, tendo a oportunidade de verificar as condições de segurança existente, bem como as obras realizadas.

## **CAPÍTULO V**

### **CONCLUSÕES**

Na sequência das diligências realizadas no âmbito da apreciação da **Petição n.º 30/XII – “Obra do Ramal que liga a Maia à Lombinha da Maia”**, a Comissão de Política Geral aprovou, por unanimidade, as seguintes conclusões:

- 1) A Petição foi subscrita por mais de 300 cidadãos, pelo que, nos termos da alínea a) do n.º 1) do artigo 192.º do Regimento da Assembleia Legislativa da Região Autónoma dos Açores, a mesma reúne as condições legais para ser apreciada em reunião plenária da Assembleia;
- 2) As pretensões espelhadas na Petição em apreço surgem na sequência da reivindicação da população em melhorar as condições de acessibilidades à freguesia da Maia, nomeadamente o ramal que liga a Maia à Lombinha da Maia;

- 3) Considera-se legítima a reivindicação levantada pelos peticionários;
- 4) De acordo com os peticionários, a obra decorre há demasiado tempo, o que tem trazido diversos constrangimentos à população, em geral, mas em particular aos comerciantes da freguesia e que deve ser encontrada uma solução para terminar a mesma o mais breve possível.
- 5) A Câmara Municipal da Ribeira Grande detalhou todo o processo e explicou que o atraso aconteceu, essencialmente, devido a uma inesperada derrocada que ocorreu durante a primeira fase da obra. Informou que o processo para a adjudicação da segunda e última fase da obra decorre dentro dos trâmites normais e legais;
- 6) De acordo com as audições realizadas, a Câmara Municipal da Ribeira Grande solicitou a opinião e contributos à Junta de Freguesia da Maia, contributos estes que foram incluídos no projeto, nomeadamente a reabilitação da via e a construção de um passeio pedonal;
- 7) Do presente relatório deve ser dado conhecimento ao primeiro subscritor, bem como à Câmara Municipal da Ribeira Grande.

## **CAPÍTULO VI**

### **SÍNTESE DAS POSIÇÕES DOS DEPUTADOS**

De modo genérico, os Deputados que integram a presente Comissão revelaram-se esclarecidos quanto à pretensão plasmada na Petição, reconhecendo a sua pertinência.

Ponta Delgada, 3 de outubro de 2022

**O Relator:** Flávio Soares

O presente relatório foi aprovado por unanimidade.

**A Presidente:** Elisa Sousa

**Presidente:** Muito obrigado, Senhor Deputado.

Está apresentado o relatório. Estão abertas as inscrições.

Senhora Deputada Vera Pires, faça favor. Tem a palavra.

(\*) **Deputada Vera Pires (BE):** Senhor Presidente, Senhoras e Senhores Deputados, Senhores Membros do Governo:

O Grupo Parlamentar do BE saúda, na pessoa do seu primeiro subscritor, Senhor Jaime Rita, as e os subscritores da presente Petição “Obra do Ramal que liga a Maia à Lombinha da Maia”.

Esta Petição, reunindo um total de 1189 assinaturas, assenta na legítima preocupação das e dos peticionários relativamente ao processo de desenvolvimento da obra, que tem decorrido com avanços e recuos, naquela que é uma das vias que liga a freguesia da Maia à Lombinha da Maia.

As mais de 1100 pessoas apresentam uma posição firme com vista à conclusão da obra do ramal de ligação, obra que é da responsabilidade da Câmara Municipal da Ribeira Grande, uma vez que a sua enorme demora está a contribuir para o esvaziamento e isolamento desta freguesia e, por conseguinte, o seu despovoamento.

Pelas audições efetuadas ficaram claros os constrangimentos e dificuldades que a demora nesta obra ajudou a provocar na freguesia da Maia, que vão do encerramento de instituições bancárias ao encerramento da padaria e de outros estabelecimentos comerciais, condicionando fortemente a sua dinâmica económica e sociocultural.

É inconcebível que a obra de uma via que é determinante para a sua população esteja estagnada e sem término à vista, condicionando a mobilidade das pessoas, quer na esfera profissional, quer na pessoal.

Todos sabemos que as acessibilidades são hoje fundamentais para a fixação de pessoas e serviços, essencialmente nas localidades mais distantes dos centros urbanos.

As acessibilidades condicionam ainda a sua procura por visitantes, sendo, portanto, essenciais também para o turismo, e a sua falta tem contribuído, neste caso, para a quebra da receita proveniente deste sector.

Desta forma, sublinha-se que esta é uma via essencial e que urge resolver a situação, pois as e os moradores não podem continuar a ser prejudicados.

Muito obrigada.

**Presidente:** Muito obrigado, Senhora Deputada.

Senhor Deputado Gustavo Alves, faça favor.

(\*) **Deputado Gustavo Alves (PPM):** Obrigado, Senhor Presidente.

Senhor Presidente, Senhoras e Senhores Deputados, Senhoras e Senhores Membros do Governo:

O Grupo Parlamentar do PPM saúda os peticionários que subscreveram esta Petição.

Teve uma participação muito considerável, contando com 1189 subscritores, o que revela a importância e pertinência da temática para a população da Maia.

A temática incide numa estrada municipal que está em obras há demasiado tempo, o que provoca constrangimentos óbvios, desde logo, pelo desvio de vários quilómetros que os condutores têm que percorrer para conseguir chegar a qualquer outro local.

O conteúdo da presente Petição parece-nos fundamentado e correto. A competência da referida estrada da Câmara Municipal da Ribeira Grande, e esta entidade foi ouvida em sede de comissão parlamentar, foi reconhecido pelo executivo autárquico que a primeira fase da obra teve algumas dificuldades e ultrapassou largamente o tempo previsto, mas já conheceu o seu término em outubro de 2021.

O arranque da segunda fase está previsto para o início do próximo ano. Aquilo que a autarquia espera sobre esta matéria é que a mesma ocorra com toda a celeridade possível e concentrará todos os seus esforços para que tal

aconteça. Este é o foco da Câmara Municipal da Ribeira Grande: resolver este assunto, que infelizmente já data de 2015 e trazer àquela população e condutores, em geral, que façam aquele trajeto e que seja uma estrada com toda as condições de segurança.

Não obstante, a Assembleia Legislativa da Região Autónoma dos Açores, não é, nem nunca será, fiscalizadora dos executivos camarários da nossa região.

Essa árdua e profícua tarefa, como é sabido, cabe às Assembleias Municipais de cada município.

Disse.

**Deputado Rui Martins (CDS-PP):** Muito bem!

**Presidente:** Muito obrigado, Senhor Deputado.

Pergunto se há mais inscrições?

Senhor Deputado Carlos Silva, faça favor.

(\*) **Deputado Carlos Silva (PS):** Muito obrigado.

Senhor Presidente, Senhoras e Senhores Deputados, Senhores (resistentes) Membros do Governo:

Esta é, de facto, uma primeira palavra para os peticionários nas pessoas do senhor Jaime Rita, Susana Ferreira, Carla Rita, Alex Pacheco, Pedro Pacheco, Eduardo Almeida, que estiveram presentes em comissão e que deram o contributo deles. Estiveram presentes em comissão, além dos 1184 peticionários que assinaram a Petição.

Apresentaram aquelas que são as suas preocupações, legítimas, preocupações que não se resumem há poucos anos, são reivindicações muito antigas sobre uma via que é muito importante para aquelas populações, que abrange a freguesia da Maia, mas não apenas. Toda aquela zona acaba por ser afetada por uma estrada que não está nas minhas condições.

É verdade que já foi feita uma primeira fase da obra que derrapou, quer em prazo, quer na execução financeira, mas o Estado em que ela se encontra continua a não ser o mais adequado.

Não garante, neste momento, um acesso pedonal a quem queira circular a pé, e isso coloca constrangimentos significativos.

O piso também não é o mais adequado para as viaturas e essa estrada é uma estrada que serve tratores, serve viaturas ligeiras, serve autocarros, viaturas de emergência e, portanto, urge aqui uma resposta rápida a um problema que é da competência municipal, e já aqui foi referido por vários intervenientes.

Portanto, o apelo que nós fazemos, enquanto deputados, reconhecendo que a competência não é deste Parlamento, mas reconhecendo que o problema existe, exige de nós uma ação concreta, um apelo às entidades que têm responsabilidade nesta matéria. A Câmara Municipal que avance rapidamente na resolução do problema.

A segunda fase do concurso foi lançada, o valor foi de 1,7 milhões de euros. Ficou deserto, infelizmente, o que também agrava uma vez mais o problema, arrasta-se no tempo e já é de conhecimento público que há um novo concurso a ser lançado, mas mais uma vez, o problema não está resolvido e o apelo que nós fazemos é que o processo decorra o mais célere possível, que seja tida em consideração as preocupações da população, da Junta de Freguesia. Que haja esse diálogo que já existia a certa altura, mas que continua a existir, porque o mais importante é garantir que a população da Maia e as freguesias ao redor são servidas por vias de acesso, que ofereçam segurança, que garantam a mobilidade das suas populações, porque só assim nós estaremos a contribuir para fixar população e evitar o despovoamento que aflige a Maia, mas também outras freguesias mais rurais, que enfrentam não apenas esse problema, mas também o problema dos transportes coletivos, cujos horários não são adequados, e nós já debatemos aqui. É um problema que se arrasta ao longo dos anos, é verdade e que também cabe a nós encontrar soluções para esse problema, porque as freguesias mais rurais também precisam de uma resposta urgente deste Parlamento na resolução de problemas como esse, mas como outros que são da competência regional.

Portanto, também é importante que nos dedicamos a encontrar soluções para fixar populações, que é o principal objetivo, e assim garantir que a missão das freguesias, das autarquias, é uma missão que tem menos obstáculos no seu dia a dia e que dá resposta às preocupações das populações.

Muito obrigado.

**Presidente:** Obrigado, Sr. Deputado.

Tem agora a palavra a Senhora Deputada Délia Melo.

(\*) **Deputada Délia Melo (PSD):** Obrigada.

Senhor Presidente, Senhoras e Senhores Deputados, Senhores Membros do Governo:

Gostaria de iniciar a minha intervenção com um cumprimento especial a toda a população da freguesia da Maia e dizer que nós estamos solidários com todos. Eu também sou daquela freguesia, portanto, percebo bem os constrangimentos que aquela obra traz à população. Conheço a via e fiz aquele percurso vezes sem conta. Portanto, é de facto um transtorno e, enquanto está em obras, divide realmente a freguesia em duas partes e acaba por isolar a freguesia de outras freguesias adjacentes.

De facto, nós temos aqui uma Petição, que é uma ação cívica, uma atitude proativa da população para tentar resolver um problema, e todos aqueles que subscreveram a Petição, quero deixar aqui uma saudação.

Há, no entanto, um pequeno problema, que já foi aqui de certa forma dito:

A população que subscreveu esta Petição certamente foi mal informada, e quando eu digo mal informada é porque a população assinou de boa-fé, acreditando na bonomia da ação e no alcance que a mesma poderia vir a ter, mas já foi dito, por diversas vezes, que esta é uma competência municipal e o primeiro signatário, o senhor Jaime Rita, sabe perfeitamente disso.

Portanto, possivelmente não foi uma informação bem divulgada, porque, aqui, a população deveria estar informada que, sendo um assunto de competência municipal é quase inócua esta Petição ao Parlamento. Não faz

qualquer sentido. Mas isso possivelmente não foi passado, por uma razão muito simples: a leitura que eu faço é que há aqui uma certa guerrilha política que nada traz na resolução deste problema.

**Deputado Carlos Freitas (PSD):** Muito bem!

*(Aplausos dos Deputados das bancadas do PSD, CDS-PP, PPM e dos Membros do Governo)*

**A Oradora:** Sobre o objeto da Petição, eu relembro que todas as ações foram devidamente detalhadas pelo dono da obra, Câmara Municipal da Ribeira Grande, que, por ser uma via municipal, sempre esteve disponível para esclarecer toda a população. Houve, de facto, aqui, na primeira fase, que foi de estabilização dos taludes, um atraso; um atraso, obviamente, que não foi intencional, porque decorreu das chuvadas fortes e de uma derrocada que houve.

Portanto, nada fazia prever que isso acontecesse e obviamente que veio a atrasar a obra.

Em relação à segunda fase, que ainda não se realizou, que é da empreitada de alargamento da via, é público que, de facto, já houve concurso. O primeiro ficou deserto, o novo concurso teve candidatos e agora as propostas estão a ser analisadas. Portanto, não foi por inércia da Câmara Municipal que não se resolveu o problema, como alega quem deu voz a esta Petição.

Portanto, é desonesto fazê-lo.

Foram fatores alheios, fatores não imputáveis à Câmara Municipal. Caso contrário, a mesma já teria arrancado, certamente.

Nós sabemos que há prazos legais a cumprir e estamos a cumprir estes prazos, mas também é público que estão a ser analisadas as propostas, portanto, em janeiro, possivelmente a segunda fase da obra já arrancará.

**Deputado João Bruto da Costa (PSD):** Muito bem!

**A Oradora:** Desde o início, esta Petição é extemporânea e é extemporânea precisamente porque nós nunca estivemos perante uma obra estagnada e sem solução à vista, como quiseram algumas pessoas transmitir.

A Junta de Freguesia sempre esteve envolvida no processo, sempre houve abertura para a conversa e já foi dito naquela tribuna que até houve contributos que foram incluídos no projeto final.

A Câmara até se disponibilizou para ir à freguesia, o executivo camarário ir à freguesia esclarecer toda a população, acerca dos procedimentos, mas a Junta não deu resposta.

A Câmara não baixou os braços...

**Deputado Carlos Freitas (PSD):** Muito bem!

**A Oradora:** ... e até levou uma Assembleia Municipal, à freguesia, para que toda a população pudesse fazer parte e discutir o problema que realmente afeta aquela freguesia.

Nunca houve, portanto, em tempo algum, qualquer tipo de ação intencional por parte da Câmara, em atrasar o processo. Foram as vicissitudes da obra,...

**Deputado Carlos Freitas (PSD):** Muito bem!

**A Oradora:** ... foi a complexidade da própria obra, que fez com que houvesse um atraso no processo do mesmo.

Dizer também que a obra é responsável pelo declínio da freguesia, parece-me muito desonesto...

**Deputado Carlos Silva (PS):** Sr. Presidente, estas considerações são escusadas!

**A Oradora:** ... e, para além disso, parece muito desonesto também dizer que a Maia caiu no esquecimento e isso é o que o primeiro peticionário também diz, que caiu no esquecimento.

Ora, se tivesse caído no esquecimento, não teria sido eleito uma obra de prioridade por parte da Câmara Municipal, desde que este executivo tomou posse.

**Deputado Jaime Vieira (PSD):** Muito bem!

**A Oradora:** Eu relembro que esta é uma questão que já remonta a 2015, quando começou todo o processo e já foi liderado pelo atual executivo, portanto, liderado pelo Doutor Alexandre Gaudêncio na Câmara Municipal da Ribeira Grande.

E o próprio peticionário reconhece que esta era uma intervenção urgente há imenso tempo.

O que é facto é que só agora avançou.

E só agora avançou e absorve uma grande parte da verba camarária do seu orçamento, portanto, isso mostra bem como foi exatamente uma obra prioritária para aquela Câmara que olha, de facto para os problemas da sua freguesia.

Para além disso relembro que o peticionário que agora nos traz essa discussão já teve responsabilidades políticas e já esteve em cargos que o permitiam ter avançado. Inclusivamente foi vereador na Câmara Municipal, com pelouro nesta área.

**Deputado Carlos Freitas (PSD):** Muito bem!

**A Oradora:** Se não o fez naquela altura, deve ter os seus motivos, mas sabia bem que, sendo competência municipal, não tinha de vir trazer aqui esta Petição,...

**Deputado Carlos Freitas (PSD):** Muito bem!

**A Oradora:** ... porque a Junta é de uma cor política, e a Câmara Municipal e o Governo de outra.

Vamos disputar aqui uma guerrilha política. Perdoe-me, mas esta é a leitura que eu faço, eu e muitas outras pessoas.

**Vozes de alguns Deputados da bancada do PSD:** Muito bem! Muito bem!

**A Oradora:** E para além disso, na própria audição, um dos peticionários também falou na SCUT, falou na questão da freguesia estar isolada devido à SCUT.

Ora, bem, se está isolada devido à SCUT, eu relembro que na altura da construção da SCUT, o primeiro peticionário, o signatário desta Petição, tinha responsabilidades na Junta de Freguesia, porque era Presidente de Junta, mas anuiu que o traçado ficasse da forma como está, o que se traduziu num claro prejuízo para a freguesia.

**Deputado Joaquim Machado (PSD):** Muito bem!

**A Oradora:** Portanto, não estão, nem nunca estiveram em causa os constrangimentos que a obra causa à freguesia, porque isso nós percebemos e estamos solidários com todos os maienses. Eu sou maiense, eu passei por aquela estrada, ou por aquela via, vezes sem conta e sem muito bem o que custa ter a via fechada.

Não se pode é ter o melhor dos dois mundos. E eu quero que todos os maienses interpretem bem as minhas palavras. Nada tenho contra a ação que fizeram, que eu acho meritória. O que eu acho lamentável é a forma como essa matéria está a ser tratada e é trazida aqui para o Parlamento.

**Deputado Nuno Barata (IL):** Muito lamentável!

**A Oradora:** A terminar, quero só dizer que eu não sou a porta-voz da Câmara Municipal da Ribeira Grande, como quis o primeiro peticionário fazer parecer, porque disse com todas as letras na Comissão Permanente de Política Geral...

**Deputado Carlos Silva (PS):** Nem o Sr. Presidente da Câmara fez esse papel!

**Presidente:** Senhora Deputada, tem de terminar.

**A Oradora:** Termino já!

... que eu era porta-voz da Câmara. Pois não sou, mas eu trago aqui, de facto, esta indicação, que está quase em curso a segunda fase da obra.

Muito obrigada, Senhor Presidente.

*(Aplausos dos Deputados das bancadas do PSD, CDS-PP, PPM e dos Membros do Governo)*

**Presidente:** Senhoras e Senhores Deputados, esta é uma figura especial que devemos ter algum carinho por ela, porque é das poucas figuras regimentais que os cidadãos têm para se dirigir a esta Casa. E devemos ter algum cuidado da forma como nos dirigimos às pessoas que fazem-nos chegar aqui petições.

*(Aplausos dos Deputados das bancadas do PS e do Deputada da IL)*

Pergunto se há mais inscrições?

Para uma interpelação, tem a palavra o Senhor Deputado Carlos Silva.

**(\*) Deputado Carlos Silva (PS):** Muito obrigado, Senhor Presidente.

Senhor Presidente, Senhoras e Senhores Deputados, Senhores Membros do Governo:

Senhor Presidente, faço uma interpelação à Mesa, porque foi aqui colocada em causa a competência deste Parlamento para se pronunciar sobre esta Petição.

Eu tive o cuidado de verificar a Petição e a mesma é dirigida a si, enquanto Presidente da Assembleia. Portanto, pergunto se, apesar de ser uma competência municipal que é reconhecida no relatório pelos peticionários, se nós não temos competência para analisar o teor e o conteúdo da Petição, como já aqui foi feita?

E segundo, Senhor Presidente, permita-me por favor, mas eu lamento, (não vou usar a figura do protesto e confesso que não sei se é permitido no caso da Petição) e não me revejo, e creio que o Grupo Parlamentar do PS não se revê, nas acusações que foram feitas aos peticionários.

**Presidente:** Isso agora já é uma intervenção, Senhor Deputado.

**O Orador:** Portanto, lamento que este Parlamento terá de tão mal quem se preocupa com os problemas dos cidadãos.

*(Aplausos dos Deputados das bancadas do PS)*

**Deputado João Bruto da Costa (PSD):** Sr. Presidente, há regras para respeitar a Democracia!

**Presidente:** Isso é uma intervenção, Senhor Deputado.

Relativamente à primeira questão, tanto tem competência que analisou a Petição, relatou-a, e nós hoje estamos aqui a apreciá-la.

Pergunto se há mais inscrições para apreciar esta Petição?

*(Pausa)*

Vamos passar à próxima Petição, ponto n.º 15: **Petição n.º 31/XII – “Pelo fornecimento de água para consumo humano e energia elétrica no Largo Jaime Melo”** apresentada por Jorge Manuel Maciel da Silveira na qualidade de primeiro subscritor.

Tem a palavra o Senhor Deputado Flávio Soares para apresentação do relatório.

**Deputado Flávio Soares (PSD):** Muito obrigado, Senhor Presidente.

Senhor Presidente, Senhoras e Senhores Deputados, Senhores Membros do Governo:

## **RELATÓRIO E PARECER**

### **PETIÇÃO N.º 31/XII - “PELO FORNECIMENTO DE ÁGUA PARA CONSUMO HUMANO E ENERGIA ELÉTRICA NO LARGO JAIME MELO”**

*Ponta Delgada, 2 de novembro de 2022*

## INTRODUÇÃO

A Comissão Permanente de Política Geral reuniu no dia 2 de novembro de 2022, com recurso a meios telemáticos, para apreciação, relato e emissão de parecer sobre a **Petição n.º 31/XII – “Pelo fornecimento de água para consumo humano e energia elétrica no Largo Jaime Melo”**.

A presente Petição reúne um total de 374 (trezentas e setenta e quatro) assinaturas, tendo como primeiro subscritor Jorge Manuel Maciel da Silveira, e deu entrada na Assembleia Legislativa da Região Autónoma dos Açores a 4 de maio de 2022.

Por despacho do Presidente da Assembleia Legislativa Regional da Região Autónoma dos Açores, a referida Petição foi remetida à Comissão Permanente de Política Geral, por se tratar de matéria da competência desta – *habitação*, conforme determina o artigo 3.º da Resolução da Assembleia Legislativa da Região Autónoma dos Açores n.º 1/2021/A, de 6 de janeiro, alterada pela Resolução n.º 49/2021/A, de 11 de agosto e pela Resolução n.º 52/2021/A, de 25 de outubro.

## CAPÍTULO I

### ENQUADRAMENTO JURÍDICO

O direito de petição enquadra-se no âmbito do artigo 52.º da Constituição da República Portuguesa e exerce-se nos termos do disposto no artigo 9.º do Estatuto Político-Administrativo da Região Autónoma dos Açores, na redação que lhe foi dada pela Lei n.º 2/2009, de 12 de janeiro, nos artigos 189.º a 193.º do Regimento da Assembleia Legislativa da Região Autónoma dos Açores e na Lei n.º 43/90, de 10 de agosto, na atual redação.

A apreciação da petição e a elaboração do respetivo relatório cabe à Comissão Especializada Permanente competente em razão da matéria, nos

termos do disposto nos artigos 190.º e 191.º do Regimento, bem como do n.º 4 do artigo 73.º do Estatuto Político-Administrativo da Região Autónoma dos Açores.

## **CAPÍTULO II**

### **ADMISSIBILIDADE**

Verificada a conformidade do exercício do direito de petição com os requisitos legais (Lei n.º 43/90, de 10 de agosto, na sua redação atual) e regimentais (artigo 189.º do Regimento da Assembleia Legislativa da Região Autónoma dos Açores), a Petição em apreço reúne os requisitos formais de admissibilidade para ser qualificada como petição em nome coletivo.

A Comissão Permanente de Política Geral procedeu à apreciação da sua admissibilidade, nos termos do disposto no n.º 2 do artigo 190.º do referido Regimento e deliberou admiti-la, por unanimidade, em reunião ocorrida a 18 de maio de 2022.

## **CAPÍTULO III**

### **OBJETO DA PETIÇÃO**

Os Peticionários vêm, através deste instrumento de participação política democrática, apelar a uma tomada de posição firme com vista ao fornecimento de água para consumo humano e energia elétrica no Largo Jaime Melo. Concretamente, os peticionários pedem à Assembleia Legislativa da Região Autónoma dos Açores que recomende à Câmara Municipal da Horta e à EDA - Eletricidade dos Açores, S.A., que, com a maior brevidade possível, forneçam, respetivamente, água para consumo

humano e energia elétrica (crie viabilidade técnica para novas ligações à rede), no Largo Jaime Melo.

De acordo com a exposição dos Peticionários, “O Largo Jaime Melo, sito na freguesia dos Flamengos, concelho da Horta, integra o Inventário do Património Imóvel dos Açores, no qual é descrito como uma unidade paisagística constituída por dez pequenas "casas de montanha", respetivos jardins, matas e arranjos paisagísticos em geral, polarizadas pela Ermida de São João, que também integra a unidade.

As referidas casas de montanha localizam-se ao longo da Estrada da Caldeira, donde é possível apreciar, de forma singular, a paisagem do vale dos Flamengos em todo o seu esplendor.

Todavia, no decorrer das últimas décadas, assistiu-se ao abandono de alguns destes prédios, o que resultou na sua ruína. Tal decadência contribui para que quem visita aquela unidade paisagística, apesar de ser naturalmente bela, a considere arquitetonicamente degradante.

Nos anos mais recentes, tem-se verificado a transmissão de algumas dessas propriedades, sendo intenção dos novos proprietários recuperarem as casas e, assim, revivificar o Largo Jaime Melo.

Contudo, tal propósito tem o obstáculo de naquele lugar da freguesia dos Flamengos a Câmara Municipal da Horta não abastecer água para consumo humano, e a EDA - Eletricidade dos Açores, S.A., fornecer energia elétrica de modo precário, não admitindo novas ligações à rede.

O fornecimento destes serviços públicos essenciais, além de configurar um direito básico dos cidadãos, permitirá a melhoria das condições do edificado, que tem sido preservado ao longo dos anos, e incentivará os proprietários a recuperarem os edifícios que se encontram atualmente em ruínas.

## **CAPÍTULO IV**

### **DILIGÊNCIAS EFETUADAS**

Na reunião da Comissão, ocorrida a 18 de maio de 2022, esta deliberou ouvir, presencialmente ou com recurso a meios telemáticos, o primeiro subscritor, o Presidente da Câmara Municipal da Horta, o Presidente da Junta de Freguesia dos Flamengos e ainda o membro do Governo Regional com competência na matéria, acompanhado pelo Presidente do Conselho de Administração da EDA - Eletricidade dos Açores, S.A..

**DA AUDIÇÃO AO PRIMEIRO SUBSCRITOR DA PETIÇÃO, OCORRIDA A 13 DE SETEMBRO DE 2022:**

O primeiro subscritor, Senhor Jorge Manuel Maciel da Silveira, deu início à audição com uma apreciação genérica do objeto da petição, referindo que o Largo Jaime Melo fica situado na freguesia dos Flamengos, ilha do Faial, e tem uma longa história cultural, nomeadamente através da realização das festas de São João da Caldeira que são celebradas todos os anos naquele espaço e que concentra muitas pessoas, sendo que muitas delas vão em romaria até ao local, vindo inclusivamente de outras ilhas. A organização destas festas, nos últimos anos, tem sido da responsabilidade da Câmara Municipal da Horta que tem feito um bom trabalho na preservação desta tradição, bom trabalho este que tem sido reconhecido por todos os partidos políticos, constatou o peticionário.

Salientou que o local merece ser requalificado, dotando de rede de abastecimento de água para consumo humano e de rede elétrica, mesmo que alguns prédios e a ermida existente no local já terem acesso a uma rede de eletricidade que se encontra instável e de reduzida potência, pelo que não suporta que se prolongue a outros prédios.

O peticionário disse ainda que o fornecimento de rede elétrica e de água fará com que, possivelmente, outras pessoas tenham interesse em adquirir outras ruínas existentes no local e recuperá-las e assim dignificar o Largo Jaime Melo.

O Deputado Tiago Branco (PS) interveio referindo que o Largo Jaime Melo necessita, efetivamente, de uma intervenção para que possa oferecer melhores condições a quem queira investir, nomeadamente com a aquisição de ruínas lá existentes e que essas condições passam, em primeiro lugar, pela disponibilização de rede elétrica e de água para consumo humano, o que neste momento não existe. Referiu também que é legítimo que quem adquiriu recentemente alguns prédios naquela zona, queira ver agora melhoradas as suas condições e questionou o peticionário se estabeleceu algum contacto com as entidades responsáveis por estes processos, no caso da EDA – Eletricidade dos Açores, S.A., no que diz respeito à rede elétrica, e a Câmara Municipal da Horta, no que se refere à rede de abastecimento de água e que respostas que obteve.

O primeiro peticionário, Senhor Jorge da Silveira, respondeu que em primeiro instância o contacto realizado com a EDA – Eletricidade dos Açores, S.A. foi feito de forma presencialmente no balcão da empresa na cidade da Horta, onde foi informado da necessidade de realizar um projeto para as obras que iria realizar na sua propriedade, uma vez que se trata de uma ruína, e que neste momento a atual linha da rede elétrica não tinha capacidade para ser aumentada a novos utilizadores. Quanto ao contacto com a Câmara Municipal da Horta, o peticionário respondeu que em 2020 solicitou ligação à rede de abastecimento de água, mas que nunca recebeu qualquer resposta por parte da autarquia. Posteriormente, em finais de 2020, o peticionário fez o pedido através de requerimento, mas continuou a não obter resposta, o que obrigou a agendar uma reunião, presencialmente, com o Senhor Vice-presidente da Câmara para perceber mais algum pormenor sobre o seu requerimento, pelo que foi informado pelo Senho Vice-presidente da Câmara que aquela zona da freguesia dos Flamengos não tinha acesso à rede de abastecimento de água e que a Câmara Municipal da Horta não previa a realização dessa obra por não ter viabilidade financeira para tal. Tendo sido

informado ainda que a Câmara Municipal se tinha candidatado a um programa de apoio para este tipo de obras e que iria apurar mais informações e que, mais tarde, iria informá-lo, todavia até ao momento o peticionário não recebeu mais qualquer informação.

Interveio, seguidamente, a Deputada Salomé Matos (PSD) referindo que existem, de facto, várias ruínas naquela zona do Largo Jaime Melo e que a instalação de rede elétrica e de rede de abastecimento de água poderá atrair mais pessoas para aquela zona da ilha. Questionou se o peticionário tinha feito outras diligências junto de outras entidades, para além das que referiu anteriormente e se tinha o conhecimento de já ter havido, no passado, outras iniciativas ou outras diligências para resolver a questão levantada na petição.

O Senhor Jorge da Silveira respondeu que não recebeu mais qualquer resposta para além das já referidas, lembrando que não recebeu qualquer resposta oficial e formal por parte da EDA – Eletricidade dos Açores, S.A. porque também não fez o pedido formalmente. Porém, adiantou que foi lhe transmitido que o investimento a realizar seria avultado, uma vez que há a necessidade da instalação de um posto de transformação para fornecer rede elétrica com potencia suficiente para um conjunto maior de moradias. Quanto a diligências de outros proprietários referiu que não tem conhecimento se houve alguma iniciativa ou diligência formal, mas que sabia que houve contactos de outros proprietários para com estas entidades, nomeadamente a EDA – Eletricidade dos Açores, S.A. e Câmara Municipal da Horta, onde a resposta foi sempre a mesma e enalteceu a necessidade de algo ser feito para colmatar esta dificuldade, uma vez que aquele espaço merece dignidade.

**DA AUDIÇÃO AO PRESIDENTE DA CÂMARA MUNICIPAL DA HORTA, OCORRIDA A 13 DE SETEMBRO DE 2022:**

O Senhor Presidente da Câmara, Comandante Carlos Ferreira, deu início à sua intervenção, referindo que o Largo Jaime Melo não é servido pela rede de abastecimento de água para consumo humano, tendo por base o n.º 2 do

artigo 59.º do Decreto-Lei n.º 194 de 2009 que estabelece o regime jurídico dos serviços de abastecimento público de água e de saneamento de águas residuais urbanas através de redes fixas considera-se disponível desde que o sistema infraestrutural da entidade gestora do serviço esteja localizado a uma distância igual ou inferior a 20 m do limite da propriedade. Referiu ainda que, com base no cadastro da rede do sistema de abastecimento público de água do Município da Horta, o ponto mais próximo encontra-se situado a 500 m e que, de acordo com o artigo 16.º da recomendação n.º 01/2015 da Entidade Reguladora dos Serviços de Águas e Resíduos (ERSAR) que recomenda que todas as despesas inerentes à construção de ramais dedicados ao abastecimento de água devem ser imputadas ao utilizador, no caso daqueles em que ramal tenha uma distância maior que 20 m, tal como neste caso. Ou seja, a Câmara Municipal teria de imputar o custo desta obra aos petionários, indicou o presidente da Câmara para, assim, cumprir o que está regulamentado. Lembrou também que para além da construção de um novo ramal para cada prédio ali existente e que fosse solicitado, teriam de somar o custo da construção de um reservatório, no mínimo de 300 m<sup>3</sup>, com respetivo sistema de bombagem e filtragem, um sistema de desinfeção de água, a rede distribuidora e conseqüentemente a reposição de asfalto com um valor total aproximado de 370.000.00 € (trezentos e setenta mil euros).

A Deputada Salomé Matos (PSD) questionou o Senhor Presidente da Câmara se do ponto de vista técnico a autarquia considera este investimento viável e, tendo a Câmara Municipal toda a informação, como detalhou o Senhor Presidente de que os custos da obra teriam de ser suportados pelos proprietários, por que motivo essa informação não foi concedida os petionários, uma vez que o primeiro petionário lamentou não ter obtido qualquer resposta por parte da Câmara Municipal desde o início do processo, apesar da reunião que manteve com o Senhor Vice-presidente da Câmara. Questionou ainda o ponto de situação da candidatura que a Câmara

Municipal realizou, pelo que tornou público o primeiro peticionário, a um programa de apoio para obras deste género.

O Senhor Presidente da Câmara respondeu que a candidatura que o primeiro peticionário mencionou refere-se ao apoio para aquisição de equipamento para aumentar a rede de abastecimento de água, nomeadamente para a aquisição e instalação de painéis solares, num edifício construído naquela zona, para tratamento de água, no entanto informou que o edifício a que se refere fica distante do Largo Jaime Melo, mais que os 500 m de uma possível ligação. Referiu ainda que a autarquia entende a ambição dos peticionários, mas esclareceu que é uma obra demasiado dispendiosa, uma vez que se trata de uma zona com uma ermida, com algumas habitações que, segundo sabe, não são habitações permanentes e que se o município tivesse a disponibilidade necessária que avançaria o mais breve possível.

O Senhor Presidente da Câmara detalhou ainda que o município tem inscrito no orçamento várias obras, muitas delas a decorrer, para o melhoramento da rede de abastecimento água à população e da rede viária em toda a ilha do Faial.

A Deputada Salomé Matos (PSD) questionou ainda se, considerando o número de beneficiários (proprietários de habitações/ruínas), estes estivessem disponíveis para assumir a totalidade dos encargos financeiros resultantes do investimento, se a Câmara Municipal teria condições para executar o pedido. O Presidente da Câmara esclareceu que de acordo com a legislação em vigor tal poderia ser possível, caso os proprietários o solicitem e assumam a disponibilidade para arcar com a totalidade dos encargos. Acrescentou ainda que o município avalia cada investimento necessário a realizar e tenta perceber a sua viabilidade económica e que este caso não seria exceção, alertando que para um investimento para 1000 pessoas não é o mesmo que outro para 10 pessoas.

O Deputado Tiago Branco (PS) reconheceu a posição de que poderá haver

outros locais com prioridade para a realização deste tipo de investimentos, todavia considera legítima a ambição dos peticionários em querer que aquela zona tenha rede de abastecimento de água e rede elétrica. Questionou se o Senhor Presidente da Câmara tinha conhecimento de, no âmbito do próximo quadro comunitário, ter algum apoio para este tipo de investimento e se o município realizou algum contacto junto do Governo Regional dos Açores ou junto da própria EDA - Eletricidade dos Açores, S.A. para resolver o problema da falta de rede elétrica naquele local.

O Senhor Presidente da Câmara respondeu afirmando que o município fez um levantamento das necessidades de abastecimento de águas na ilha para perceber quais as zonas com moradias sem acesso à rede de abastecimento de água por forma a candidatar o máximo possível. Garantiu que, neste momento, não há informação suficiente sobre os fundos comunitários para este tipo de investimento e lembrou que o município tem ainda a necessidade de reabilitar cerca de 22 km de rede de abastecimento de água por apresentarem graves problemáticas para a saúde pública e deu como exemplo o facto de a rede ser ainda em tubos de fibrocimento. Referiu que o município não estabeleceu qualquer contacto com o Governo Regional dos Açores ou com a EDA - Eletricidade dos Açores, S.A. sobre a rede elétrica, lembrando que esta é uma competência própria do Governo Regional.

A Deputada Alexandra Manes (BE) questionou o Senhor Presidente se era intenção do município recuperar do Largo Jaime Melo, uma vez que aquele espaço representa um elevado valor patrimonial histórico e cultural para a ilha do Faial, tendo em conta a realização da festa em honra de São João que é muito participativa e popular.

O Senhor Presidente da Câmara respondeu que o município tem todo o interesse em recuperar o Largo Jaime Melo, bem como toda a zona envolvente e que o município considera importante e bastante satisfatório que adquiram os prédios ali existentes e que os possam recuperar. No entanto,

enalteceu que os fundos do município são finitos e que, dessa forma, há a necessidade de estabelecer prioridades. Referiu ainda que o município da Horta tem um planeamento para próximas intervenções que são prioritárias e que servem um maior número de habitantes possível.

**DA AUDIÇÃO AO PRESIDENTE DA JUNTA DE FREGUESIA DOS FLAMENGOS, OCORRIDA A 13 DE SETEMBRO DE 2022:**

O Senhor Presidente da junta de Freguesia, Senhor José Manuel Amaral, deu início à sua intervenção referindo que a questão presente na petição não é da responsabilidade da junta de freguesia, no entanto esta fez chegar às entidades responsáveis, neste caso à Câmara Municipal e à EDA - Eletricidade dos Açores, S.A., a preocupação dos cidadãos envolvidos para que se pudesse encontrar uma solução. Referiu também que é um problema complexo tendo a sua dimensão que, em primeira instância, poderá não ser muito elevada, mas que no fundo trata-se da necessidade de um investimento avultado.

Relatou que a junta de freguesia tem conhecimento de que tem existido interessados em adquirir prédios abandonados naquela zona para os recuperar e considerou que esse facto poderá ajudar a alavancar ainda mais a freguesia dos Flamengos e ser um atrativo para que outras pessoas se fixem na freguesia contribuindo, assim, para o aumento da população.

O Deputado Tiago Branco (PS) questionou que contacto realizou a Junta de Freguesia com a Câmara Municipal sobre o assunto, sendo que o Senhor Presidente da Junta respondeu que o assunto foi discutido em reuniões mantidas entre a Câmara Municipal e a Junta de Freguesia, bem como com a EDA, mas que não foi formalizado um documento oficial com a situação. Disse ainda que foi informando alguns dos peticionários dos resultados dessas reuniões.

A Deputada Salomé Matos (PSD) referiu que sabendo que o assunto em causa não é da competência das juntas de freguesia, ainda assim seria um

potenciador turístico de toda aquela zona e da própria freguesia tal como o Senhor Presidente da Junta de Freguesia referiu.

**DA AUDIÇÃO À SECRETÁRIA REGIONAL DO TURISMO, MOBILIDADE E INFRAESTRUTURAS, ACOMPANHADA PELO PRESIDENTE DO CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO DA EDA, OCORRIDA A 6 DE OUTUBRO DE 2022:**

A Senhora Secretária Regional deu início à sua intervenção referindo que no que diz respeito ao abastecimento de água esta é uma competência do município e que nesse sentido não iria fazer qualquer abordagem a essa questão.

Em relação à questão da rede elétrica referiu que a EDA - Eletricidade dos Açores, S.A. é a responsável pelo abastecimento, transporte e distribuição de rede elétrica na nossa Região e que as necessidades que os petiçãoários referem obriga a um investimento avultado, tendo em conta a necessidade da instalação de um posto de transformação, entre outras necessidades para transportar uma nova linha elétrica até aos prédios existentes e que essa responsabilidade é única e exclusivamente dos particulares que devem submeter pedido com essa intenção à empresa.

Relembrou que esta situação é idêntica à dos loteamentos, uma vez que são os loteadores/privados a assumir todas as despesas de transporte de rede elétrica até ao local do loteamento, tal como referem as regras definidas no Regulamento das Relações Comerciais a que a EDA - Eletricidade dos Açores, S.A. está obrigada a cumprir. As regras referem que são os particulares, ou seja, os interessados em ter energia elétrica, a assumir todas as despesas de instalação do equipamento e de construção do próprio ramal desde o ponto mais próximo à entrada da sua propriedade.

Por outro lado, referiu que os proprietários poderão, em alternativa, serem autoprodutores de energia aproveitando o programa Solenerge, criado por este Governo Regional, que possibilita um apoio à instalação de painéis fotovoltaicos e recorrendo a outro programa, o Proenergia, para a aquisição

de baterias. Mencionou que estes programas estão disponíveis a qualquer pessoa que se queira candidatar, sendo uma alternativa sustentável e bastante atrativa economicamente.

Por seu turno, o Senhor Presidente do Conselho de Administração da EDA - Eletricidade dos Açores, S.A., Dr. Nuno Pimentel, começou por referir que não houve, até ao momento da audição, qualquer pedido de fornecimento de energia para o local, nem para alteração da potência da rede existente, uma vez que existe uma linha de baixa tensão que abastece três instalações, sendo essa linha insuficiente para abastecer mais. Referiu ainda que havendo mais instalações com necessidade de serem abastecidas com rede elétrica é necessário criar uma linha de média tensão, o que obriga à instalação de um posto de transformação.

O Deputado Tiago Branco (PS) questionou o custo da possível intervenção para dar resposta às pretensões dos peticionários e no caso de a junta de freguesia querer urbanizar a zona, tal como referiu o Senhor Presidente da Junta de Freguesia dos Flamengos, se o Governo dos Açores mantém a posição de que a única alternativa é a de os proprietários assumirem esses custos. O Senhor Presidente do Conselho de Administração respondeu que o custo estimado para esta intervenção é de 90.000€ (noventa mil euros) e que inclui a alteração da rede existente, a instalação de um posto de transformação e um novo ramal. Em relação ao facto de a zona ser urbanizada ou não, a Senhora Secretária Regional referiu que existem muitas zonas urbanizadas que não possuem rede elétrica e que não é essa condição que fará mudar as regras contempladas no regulamento porque não cabe ao Governo dos Açores, à Câmara Municipal nem à Junta de Freguesia substituir os privados.

Questionado pela Deputada Salomé Matos (PSD) se era conveniente os peticionários colocarem todas estas questões por escrito por forma a conseguirem obter toda a informação e ajuda no processo, o Senhor

Presidente do Conselho de Administração respondeu que o pedido deve ser apresentado formalmente para que consigamos apresentar uma estimativa dos custos dessa instalação, quais as regras que nos baseamos para ter esta posição e quais as alternativas que os peticionários poderão ter acesso, apesar de toda essa informação já ter sido apresentada durante esta audição.

## CAPÍTULO V

### CONCLUSÕES

Na sequência das diligências realizadas no âmbito da apreciação da **Petição n.º 31/XII – “Pelo fornecimento de água para consumo humano e energia elétrica no Largo Jaime Melo”**, a Comissão de Política Geral aprovou, por unanimidade, as seguintes conclusões:

- 1) A Petição foi subscrita por mais de 300 cidadãos, pelo que, nos termos da alínea a) do n.º 1) do artigo 192.º do Regimento da Assembleia Legislativa da Região Autónoma dos Açores, a mesma reúne as condições legais para ser apreciada em reunião plenária da Assembleia;
- 2) As pretensões espelhadas na Petição em apreço surgem na sequência da reivindicação de um grupo de pessoas, nomeadamente proprietários de prédios ou habitações existentes no Largo Jaime Melo, para o fornecimento de água para consumo humano e energia elétrica;
- 3) Consideram-se legítima a reivindicação levantada pelos peticionários;
- 4) De acordo com a Câmara Municipal da Horta, o Largo Jaime Melo não é servido pela rede de abastecimento de água para consumo humano, tendo por base o n.º 2 do artigo 59.º do Decreto-Lei n.º 194 de 2009, que estabelece o regime jurídico dos serviços de abastecimento público de água e de saneamento de águas residuais urbanas;
- 5) Tendo por base a recomendação n.º 01/2015 da Entidade Reguladora dos Serviços de Águas e Resíduos (ERSAR) onde recomenda no seu artigo 16.º

que todas as despesas inerentes à construção de ramais dedicados ao abastecimento de água devem ser imputadas ao utilizador quando o ramal mais próximo esteja a uma distância superior 20 m;

6) De acordo com o Governo Regional dos Açores, através da EDA - Eletricidade dos Açores, S.A., as instalações de novas redes elétricas para abastecimento habitações particulares são da responsabilidade desses mesmos particulares, sendo que todos os seus custos são a eles imputados, conforme o Regulamento das Relações Comerciais a que a EDA - Eletricidade dos Açores, S.A. está obrigada a cumprir;

7) Do presente relatório deve ser dado conhecimento ao primeiro subscritor, bem como à Câmara Municipal da Horta e ao membro do Governo Regional com responsabilidade e competência na matéria.

## CAPÍTULO VI

### SÍNTESE DAS POSIÇÕES DOS DEPUTADOS

De modo genérico, os Deputados que integram a presente Comissão revelaram-se esclarecidos quanto à pretensão plasmada na Petição, reconhecendo a sua pertinência.

Ponta Delgada, 2 de novembro de 2022

**O Relator:** Flávio Soares

O presente relatório foi aprovado por unanimidade.

**A Presidente:** Elisa Sousa

**Presidente:** Muito obrigado Senhor Deputado.

Está inscrito o Senhor Deputado Rui Martins, a quem deu a palavra. Faz favor.

(\*) **Deputado Rui Martins (CDS-PP):** Muito obrigado, Senhor Presidente.

Senhor Presidente, Senhores Deputados, Senhores Membros do Governo:

Em nome do Grupo Parlamentar do CDS, em primeiro lugar, cumprimentar os peticionários, na primeira pessoa, o Senhor Jorge Manuel Maciel da Silveira.

Obviamente, o relatório que será facultado aos peticionários é bastante esclarecedor e por isso vou abreviar aquilo que é a apreciação.

Efetivamente, parece-nos complicado que fosse esta Assembleia a solicitar que as outras entidades pudessem alterar aquilo que é a legislação aplicável e que tem a ver com o direito de loteamento e que, obviamente, é aplicável a todos os cidadãos.

Do ponto de vista das questões da água, que são responsabilidade do município, no fundo, os loteamentos são fornecidos por água a expensas normalmente do promotor desses empreendimentos, e as questões da eletricidade têm a ver com o próprio regulador que assim estipula que tudo o que seja expansão à rede é suportada a custas dos próprios interessados, sendo que depois terão direito até a poder serem ressarcidos, no caso de ulteriores conexões à rede.

Por isso, dessa forma, saúdo, uma vez mais o peticionário.

É sempre pertinente fazermos esta análise também a bem do esclarecimento.

Infelizmente, parece-me que esta Assembleia não será muito fácil poder resolver esta situação, uma vez que poderíamos estar aqui a criar uma situação de desigualdade face a todos os outros investimentos.

Muito obrigado.

**Presidente:** Obrigado, Senhor Deputado.

Pergunto se há mais inscrições?

**Deputado Nuno Barata (IL):** Está tudo dito, não precisa dizer mais nada!

**Presidente:** Senhora Deputada Vera Pires, faça favor.

**Deputada Vera Pires (BE):** Senhor Presidente, Senhores Deputados, Senhores Membros do Governo:

Começamos por saudar as e os peticionários na pessoa do seu primeiro subscritor, senhor Jorge da Silveira.

O Largo Jaime Melo, na freguesia dos Flamengos, integra 10 casas de montanha que constam do Inventário do Património Imóvel dos Açores, sendo um espaço efetivamente detentor de um elevado valor paisagístico histórico e cultural para a ilha do Faial.

Nos últimos anos, alguns desses imóveis foram sendo adquiridos por novos proprietários que têm intenção de recuperar esse património. No entanto, e segundo os peticionários, a sua principal dificuldade prende-se com a ausência de abastecimento de água para consumo humano e com o fornecimento da energia elétrica por parte da EDA, solicitando por isso a resolução destes problemas.

Faz, para nós todo o sentido desenvolver esforços para promover o património paisagístico inventariado. Também é para nós evidente que a recuperação de edificado devoluto e degradado é essencial e uma forma de devolver à população mais e melhores condições de acesso à habitação. Mas para se alcançar este objetivo têm de ser asseguradas condições básicas de salubridade e conforto que não são possíveis se não existir abastecimento água potável e/ou energia elétrica.

As e os peticionários pretendem que sejam criadas essas condições básicas para garantir que as habitações a recuperar possam ser efetivamente habitáveis e condignas.

Consideramos que é preciso caminhar no sentido de combater o despovoamento e a existência de áreas esquecidas como esta. Isto só poderá ser feito através de sinergias entre todas as entidades competentes.

De facto, esta Petição levanta **questões que são da competência municipal, como é o caso do abastecimento de água, e podem também envolver um**

**compromisso e investimento pessoal para a instalação de energia elétrica.**

Mas esta **Petição traz a debate uma preocupação mais geral, e importante, que é a da importância**, precisamente do investimento na recuperação de edificado degradado e em ruína e também do investimento por todas as vias possíveis no combate ao despovoamento e à desertificação, e ainda na valorização, sempre do nosso património paisagístico, edificado, de natureza. Todo o nosso património açoriano.

Muito obrigada.

**Deputado Rui Martins (CDS-PP):** São casas de férias, não sei se a Sra. Deputada sabe!

**Presidente:** Muito obrigado, Senhora Deputada.

Tem a palavra a Sra. Deputada Salomé Matos.

**Deputada Salomé Matos (PSD):** Obrigada.

Senhor Presidente, Senhoras e Senhores Deputados, Senhor Membro do Governo:

Em nome do Grupo Parlamentar do PSD começo por saudar todos os peticionários pela apresentação desta iniciativa cívica na pessoa do primeiro signatário, o Sr. Jorge Manuel Maciel da Silveira, lembrando, como já foi aqui hoje referido, que iniciativas como esta são um importante contributo para uma sociedade dinâmica, ativa e mais próxima dos representantes eleitos promovendo o devido esclarecimento sobre os temas expostos.

Os Peticionários, através deste instrumento de participação política democrática, apelaram ao fornecimento, com a maior brevidade possível, pelas entidades competentes, de água para consumo humano bem como a criação de condições para novas ligações à rede de energia elétrica beneficiando as habitações particulares situadas ao longo da Estrada da Caldeira na zona denominada por Largo Jaime Melo.

Não obstante a zona ser urbanizada, desde os idos tempos áureos onde os proprietários das habitações, típicas casas de veraneio, localizadas ao longo da Estrada da Caldeira, eram presença frequente, até aos dias de hoje assistiu-se ao gradual abandono de algumas destas habitações.

Mais recentemente, e resultado da aquisição destes imóveis por novos proprietários surgiu naturalmente a necessidade, de face às circunstâncias atuais, os mesmos garantirem uma situação conducente ao que cada cidadão imagina como mínimos de conforto numa habitação.

O Largo Jaime Melo e a sua Ermida, zona bastante próxima destas habitações são o palco principal da Festa do São João da Caldeira, evento que anualmente nos dias 23 e 24 de junho, sendo que neste espaço público encontra-se assegurada uma linha de baixa tensão.

Efetivamente, o que é objeto da Petição e que nos foi transmitido aquando das audições, o Largo Jaime Melo não é servido pela rede de abastecimento de água para consumo humano.

À luz da legislação em vigor, como consta do relatório que foi dado a conhecer ao primeiro peticionário, e cujas conclusões ouvimos anteriormente, todas as despesas inerentes à construção de ramais dedicados ao abastecimento de água devem ser imputadas ao utilizador no caso específico que aqui é exposto.

Foi também detalhado pelo Presidente da Câmara Municipal da Horta, que para além da construção de um novo ramal havia outros custos a somar e que o somatório deste investimento implicaria um investimento que não está entre as prioridades do município e justificou.

De acordo com a Empresa de Eletricidades dos Açores S.A., a satisfação da necessidade exposta pelos peticionários implica a alteração da rede existente, implica naturalmente um investimento financeiro que atendendo às regras definidas no Regulamento das Relações Comerciais a que a Empresa de Electricidade dos Açores, S.A. está obrigada a cumprir, deveriam ser estes

encargos ser assumidos pelo consumidor final, pelos interessados em ter energia elétrica.

Como alternativa, foi, inclusive, sugerido que os proprietários poderiam ser autoprodutores de energia aproveitando o programa Solenerge, criado por este Governo Regional, que possibilita um apoio à instalação de painéis fotovoltaicos, podendo ainda recorrer a outro programa, o Proenergia, para a aquisição de baterias.

Entendemos que esta Petição tem o mérito de esclarecer que, conforme a legislação em vigor, é responsabilidade única e exclusiva dos particulares que o solicitam acarretar a totalidade dos encargos daí recorrentes, tendo ambas as instituições ouvidas assumido haver capacidade técnica de execução para corresponder à solicitação expressa nesta Petição nos termos legais, sempre no pressuposto de que não devem os serviços substituir os privados.

Poderiam ter os peticionários avançado com a solicitação formal para fornecimento de água para consumo humano e de energia elétrica junto dos serviços competentes? Poderiam e poderão fazê-lo a qualquer altura, na certeza de que ambos os serviços se mostraram totalmente atentos a esta situação bem como disponíveis para colaborar na procura da melhor solução que sirva os interesses dos peticionários.

**Vozes de alguns Deputados da bancada do PSD:** Muito bem! Muito bem!

**Presidente:** Obrigado, Senhora Deputada.

Tem agora a palavra o Senhor Deputado Tiago Branco.

**Deputado Tiago Branco (PS):** Muito obrigado, Senhor Presidente.

Senhor Presidente, Senhoras e Senhores Deputados, Senhores, Membros do Governo:

Começam naturalmente por saudar os peticionários pela sua adesão a este instrumento de participação cívica e política que permite aos cidadãos expor, perante esta Assembleia, as suas preocupações ou reivindicações que de

alguma forma possam não estar a ser tidas em conta de acordo com a sua visão.

Através dele, os peticionários pugnam junto das autoridades responsáveis, Câmara Municipal da Horta e EDA, pelo fornecimento de água própria para consumo humano e de energia elétrica no Largo Jaime Melo, um local muito aprazível da nossa freguesia dos Flamengos, na ilha do Faial, onde desde há vários anos, e como muitos sabem, se realizam as festas de São João da Caldeira, nos dias 23 e 24 de junho.

É mais um momento anual da manifestação da cultura faialense e das nossas tradições, através das marchas populares, dos desfiles das bandas que harmónicas, grupos folclóricos, concertos musicais, gastronomia ou até atividades desportivas.

Com certeza que não é tal facto de que encerra em si a necessidade de concretizar os investimentos ambicionados pelos peticionários, pois a festividade já se realiza há muitos anos e esperamos que assim continue no futuro.

Mas na sua zona envolvente, antigas casas da montanha devolutas, citas, à estrada regional número 1-2.<sup>a</sup>, têm vindo a despertar interesse por particulares na sua aquisição e recuperação, e com isso, o surgimento de forma natural e legítima da ambição dos seus proprietários, e de outros que poderão surgir no futuro, por uma melhoria das condições infraestruturais naquela zona, no que concerne ao fornecimento de energia elétrica e de água adequada para consumo humano, condições essas que atualmente não existem da forma desejada.

Dos trabalhos em Comissão verificámos a indisponibilidade da Câmara Municipal para concretizar o investimento na vertente do abastecimento de água, alegando, legitimamente, é certo, que aquela intervenção não consta das suas prioridades, tendo em conta o custo que estima ser elevado.

Menos compreensível é, na nossa opinião, a postura do Governo Regional e da EDA ao recusar em absoluto considerar a hipótese de concretizar um investimento de 90.000 euros para renovar a rede existente e instalar o posto de transformação e ramal necessários.

Esperava-se que as entidades públicas, e estas em particular, olhassem para a circunstância de uma forma mais abrangente, mais de médio e longo prazo, em vez de uma posição prontamente fechada e de indisponibilidade prévia para aceder a qualquer solução que viabilize os propósitos apresentados pelos peticionários, sem ter em conta, por exemplo, o potencial da recuperação e valorização daquele património imóvel existente, ou sem ter em conta o interesse que ele está a despoletar por particulares, sem ter em conta que aquela é uma zona de expansão que a Junta de Freguesia dos Flamengos, conforme fez saber o seu Presidente, aquando da sua audição sobre esta matéria, identificou perante a Câmara Municipal da Horta, como a ser considerada no quadro da revisão do Plano Diretor Municipal da Horta em curso.

As entidades públicas devem ser parceiras deste desenvolvimento, promovendo sinergias que confluem para a valorização dos territórios, nomeadamente daqueles que estão mais afastados dos centros.

Consideramos, por isso, que as aspirações manifestadas pelos peticionários devem merecer uma análise mais aprofundada da sua viabilidade, contrariamente a uma análise de vista curta que se resume a imputar aos moradores ou proprietários as responsabilidades de investimento nas infraestruturas mencionadas.

Não será possível concretizar o progresso infraestrutural daquele local, sem uma participação ativa das entidades públicas, pois muito dificilmente será possível que os proprietários façam sozinhos, tendo em conta os custos associados.

Da parte do Partido Socialista, e não menosprezando os argumentos aludidos pelas entidades, apelamos à Câmara Municipal da Horta, e através do Governo Regional, à empresa pública EDA, que considerem o potencial crescimento daquela freguesia e daquela zona específica, esgotando todas as soluções de financiamento que possam eventualmente vir a existir e que possam responder não só aos desejos de quem lá está no momento, mas também àqueles que, sabendo da existência dessas novas condições, poderão optar por lá se instalar, por lá desenvolver novas atividades, sejam elas turísticas ou de outra ordem, mas que promovam o desenvolvimento daquela localidade e da ilha do Faial.

Muito obrigado.

*(Aplausos dos Deputados das bancadas do PS)*

**Presidente:** Obrigado, Senhor Deputado.

Pergunto se há mais inscrições?

*(Pausa)*

Parecendo não haver, vamos avançar para a **Petição n.º 33/XII – “Por um turismo verdadeiramente sustentável nos Açores”** apresentada por André Filipe Dâmaso Martins, na qualidade de primeiro subscritor.

Dou a palavra à Senhora Deputada Patrícia Miranda para apresentação do relatório.

**Deputada Patrícia Miranda (PS):** Senhor Presidente, Senhoras e Senhores Deputados, Senhores Membros do Governo:

## RELATÓRIO E PARECER

### Petição n.º 33/XII

#### “Por um turismo verdadeiramente sustentável nos Açores”

### INTRODUÇÃO

A 24 de maio de 2022, deu entrada na Assembleia Legislativa da Região Autónoma dos Açores uma petição, à qual foi atribuído o n.º 33/XII, intitulada “Por um turismo verdadeiramente sustentável nos Açores”, cujo primeiro signatário é o cidadão André Filipe Dâmaso Martins.

Por despacho do Presidente da Assembleia Legislativa da Região Autónoma dos Açores, a referida petição foi remetida à Comissão de Economia, para relato e emissão de parecer.

### ENQUADRAMENTO JURÍDICO

O direito de petição, previsto no artigo 52.º da Constituição da República Portuguesa, é exercido nos termos do disposto no artigo 9.º do Estatuto Político-Administrativo da Região Autónoma dos Açores, na redação que lhe foi dada pela Lei n.º 2/2009, de 12 de janeiro, nos artigos 189.º a 193.º do Regimento da Assembleia Legislativa e na Lei n.º 43/90, de 10 de agosto.

Cabe à comissão permanente especializada com competência na matéria a apreciação da petição e elaboração do respetivo relatório, nos termos do disposto nos n.ºs 1 dos artigos 190.º e 191.º do Regimento, bem como do

artigo 73.º, n.º 4 do Estatuto Político-administrativo da Região Autónoma dos Açores.

Nos termos do disposto na Resolução da Assembleia Legislativa da Região Autónoma dos Açores n.º 1/2021/A, de 6 de janeiro, alterada pelas Resoluções da Assembleia Legislativa da Região Autónoma dos Açores n.º 49/2021/A, de 11 de agosto, e n.º 52/2021/A, de 25 de outubro, que aprova as competências das comissões especializadas permanentes, as matérias relativas a “turismo”, onde se enquadra a presente petição, são competência da Comissão de Economia.

### **ADMISSIBILIDADE**

Verificada a conformidade do exercício do direito de petição com os requisitos legais (Lei n.º 43/90) e regimentais (artigo 189.º do Regimento da Assembleia Legislativa da Região Autónoma dos Açores), a Comissão de Assuntos Sociais procedeu à apreciação da sua admissibilidade, nos termos do disposto no n.º 2 do artigo 190.º do referido regimento e deliberou admiti-la, por unanimidade.

### **OBJETO DA PETIÇÃO**

Os peticionários apelam, em sede de exposição de motivos, “*aos/às Srs./Sras. Deputados/as e às forças políticas representadas na ALRA para que:*

a) *NÃO aprovem o Decreto Legislativo Regional sobre o Programa de Ordenamento Turístico da Região Autónoma dos Açores (POTRAA) atualmente em discussão;*

b) *Seja promovido, com urgência, um amplo debate público, com a participação alargada da população e toda a sociedade civil açoriana, que conduza à elaboração de um novo Programa para o setor, baseado num modelo de desenvolvimento sustentável;*

c) *Seja estabelecida uma moratória na aprovação e financiamento público de novos empreendimentos turísticos até à aprovação de um novo POTRAA, assente na sustentabilidade social, económica e ambiental do destino e do setor;*

d) *O novo POTRAA se constitua como condição ex ante para futuros financiamentos públicos relacionados com investimentos no setor, nomeadamente no que diz respeito à utilização de fundos comunitários”.*

## **DILIGÊNCIAS EFETUADAS**

A Comissão de Economia deliberou proceder à audição do cidadão André Filipe Dâmaso Martins, na qualidade de primeiro peticionário, que decorreu no dia 22 de junho de 2022, pelas 15h00.

### **• Audição do primeiro peticionário, cidadão André Filipe Dâmaso Martins:**

André Filipe Dâmaso Martins, primeiro subscritor da petição em análise, começou por dizer que a petição conta com mais de 300 peticionários e esta preocupação vem de uma análise feita ao documento POTRAA, e àquilo que os últimos governos têm como ideia para o setor na Região. Foi proposto, num primeiro passo, a suspensão do próprio programa por não responder às exigências atuais do setor do turismo.

Referiu que a própria população, no seu entender, não está muito bem informada, não participa muito de forma a se arranjar um consenso nos três

vetores de sustentabilidade, nomeadamente o ambiental, o social e o económico. Critica também a massificação que se assiste nos três meses de verão e depois fica um vazio nos restantes meses do ano, afetando a nível social e/ou laboral.

Preocupa-os que a promoção dos Açores como destino de natureza não seja compatível com certas medidas que estão a ser tomadas, como o desrespeito pelo património cultural e natural, algumas intervenções problemáticas (Lagoa do Fogo, Algar do Carvão, a privatização das Termas da Ferraria, intervenção em grandes estacionamento, etc.) e as grandes unidades hoteleiras em frente ao mar. Querem ainda que a população tenha uma voz a ter em conta na elaboração deste programa.

O Deputado Rui Anjos quis saber o que significava para os peticionários a ausência de um plano estratégico de desenvolvimento turístico na Região, quais os riscos e qual o impacto que isso pode ter, até na qualidade de serviço que é prestado.

O Peticionário André Filipe Dâmaso Martins respondeu que não havia vazio, por existir um documento neste momento e que, a seu ver, a diferença não era assim tão grande, especialmente quando se debatem projetos como o Hotel da Praia do Degredo.

Acrescentou que uma das propostas deles passava por conferir uma moratória na aprovação de novos empreendimentos em que não houvesse fundos públicos e comunitários para a construção dos mesmos. Relativamente aos impactos que poderia ter essa retirada, disse serem diminutos em relação ao perigo de aprovar a longo prazo um documento com essas fragilidades e com essa carta branca para aprovar qualquer tipo de empreendimento.

O Deputado Rui Martins pediu para clarificar sobre a questão da Lagoa de Fogo, nomeadamente a intervenção prevista para aquele local e se o problema tem a ver com o ordenamento do trânsito e o estacionamento, ou se, por outro lado, tem a ver com a estrutura propriamente dita.

Relativamente ao turismo de qualidade, quis saber se é possível obter mais rendimento se o serviço prestado não for um serviço de qualidade e se considera que os Açores têm mão-de-obra qualificada para a restauração, por exemplo, uma vez que este programa permite que, em época baixa, possa haver horas de formação.

O Peticionário referiu que a problemática da Lagoa de Fogo, e outras intervenções, reflete a falta de uma linha clara em relação a como tratar o património natural e cultural, considerando que o POTRAA foi criado com dados antigos, que não correspondem à realidade de hoje.

“Estamos a criar um circuito de megacentros turísticos, descontextualizados e desrespeitando a essência do lugar. Na Lagoa de Fogo a nossa preocupação é o excesso de pessoas e viaturas naquele espaço. Consideramos ainda que não estamos a apostar na qualidade, mas sim na quantidade. Defendemos que o destino Açores não pode ser massificado, mas sim de qualidade”, concluiu.

O Peticionário aproveitou para abordar a questão das taxas turísticas, considerando ser um valor que é um ganho da Região para mitigar o impacto que o turista provoca na região.

Em relação à massificação das camas, salientou que é preciso crescer nos restantes meses do ano e não apenas no verão, esclarecendo que a massificação que aqui é discutida é a carga turística em relação aos habitantes.

Sobre a Lagoa de Fogo, referiu que a proteção do grande reservatório natural e da carga turística com as próprias descidas é também uma preocupação, não sendo verdade que o edifício, na Lagoa de Fogo, será para controlar a descida, uma vez existe um caminho paralelo de acesso. “A nossa preocupação naquele espaço é o impacto ambiental com dezenas de viaturas por dia”, acrescentou.

O Deputado Jaime Vieira começou por constatar que se triplicou o número de camas e quis saber quem autorizou este aumento e porquê. Perguntou, uma

vez que se procura um turismo de excelência, como é possível atingir esta excelência no turismo da Região.

O Peticionário, sobre a primeira pergunta, disse que esta evolução do número de camas notou-se com a obrigatoriedade de registar o alojamento local, uma vez que havia muitos clandestinos antes. O POTRAA, além de suspenso, não previa tetos, e quando não se prevê tetos, numa situação como a nossa, em que há apoios comunitários para abertura de alojamentos, não é por acaso que as grandes cadeias abriram nos Açores devido ao acesso a estes mesmos fundos comunitários. “Para mim um destino Açores de excelência vai ao encontro de privilegiar a qualidade em relação à quantidade”, referiu.

O Deputado Rui Anjos, relativamente à abordagem da massificação, especialmente nos três meses mais característicos da época alta, perguntou se, ao invés de uma massificação, não haverá uma pressão turística em determinados locais.

O Deputado Carlos Silva quis saber se se deve falar em massificação, ou pressão turística, em geral para os Açores, ou se se deve ter apenas em atenção algumas zonas específicas.

Referindo-se ao caso de São Miguel, perguntou se isso só acontecia em alguns pontos turísticos que são conhecidos por todos.

Relativamente à taxa turística, e ao facto de o Partido Socialista ter introduzido uma variação do valor consoante época alta e época baixa, se não achava que o caminho passa também por fazer essa diferenciação, ou seja, captar fluxos turísticos para época baixa, esbatendo assim a sazonalidade.

O Deputado Carlos Furtado defendeu que o turismo deveria ser para todos e não apenas para quem tem mais posses financeiras, um turismo mais democrático, para todos, perguntando ao Peticionário o que achava. Sobre as passagens inter-ilhas, quis saber a sua opinião se preços diferentes para verão e para o inverno poderia ser um mecanismo que ajudasse a atenuar o problema da sazonalidade.

O Peticionário, sobre a questão colocada pelo Deputado Rui Anjos, disse que os números mostram essa massificação. As normas e medidas têm de corresponder às diferentes realidades e especificidades de cada ilha.

Sobre as taxas turísticas, a proposta que foi feita de diferentes taxas, ou mesmo não havendo taxa em época baixa, seria sempre uma boa medida. Embora considere que não seja por 1 ou 2 euros que alguém deixará de vir aos Açores.

Em relação ao POTRAA, pensa que não se deve sobrepor com o ordenamento do território. Acha que é o documento de ordenamento do setor turístico que define as medidas que o próprio plano de ordenamento de território, de cariz municipal, não tem o dever de regular.

Disse haver preocupação no sentido de que os proveitos do turismo voltem à própria economia da Região e não ao exterior.

## **CONCLUSÕES E PARECER**

Tendo em conta as pretensões do peticionário, a Comissão Permanente de Economia deliberou, por unanimidade, com votos favoráveis do PS, do PSD, do CDS-PP e do Deputado Independente, emitir o seguinte parecer:

1. Considerando que a presente petição foi subscrita por 711 cidadãos, dos quais 701 encontram-se validadas, deve a mesma ser apreciada em Plenário da Assembleia Legislativa, nos termos e para os efeitos do disposto no respetivo Regimento;
2. Numa altura em que o cenário mudou completamente, com a de um período pandémico, os peticionários mostraram “profunda preocupação” pelo

facto do POTRAA apresentado não ter sido alvo de debate, atualização e apresentar-se pouco precaucionista;

3. No entanto, o Governo Regional dos Açores retirou a proposta do POTRAA em 18/05/2022;

4. Reconhece-se que é fundamental o planeamento para o desenvolvimento do turismo na Região, alicerçado na sustentabilidade, combinando as dimensões ambiental, económica, social e cultural;

5. Do presente relatório deve ser dado conhecimento ao peticionário, bem como ao membro do Governo Regional com responsabilidade e competência na matéria.

Ponta Delgada, 30 de setembro de 2022.

**A Relatora:** Patrícia Miranda

O presente relatório foi aprovado por unanimidade.

**O Presidente:** José Ávila

**Presidente:** Muito obrigado, Senhora Deputada.

Estão abertas as inscrições.

Senhora Deputada Elisa Sousa, faça favor.

**Deputada Elisa Sousa (PSD):** Senhor Presidente, Senhoras e Senhores Deputados, Senhores Membros do Governo:

Antes de mais gostaria de saudar os peticionários por esta iniciativa cívica e que nos permite, uma vez mais, discutir um setor tão importante para a economia açoriana. Esta Petição intitulada “Por um turismo verdadeiramente sustentável” traz-nos um conjunto de preocupações, sendo que, a principal

seria a não aprovação do POTRAA que estaria a ser analisado. Neste aspeto consideramos esta iniciativa extemporânea,...

**Deputado Carlos Silva (PS):** Ainda é mais premente!

**A Oradora:** ... na medida em que, a Petição deu entrada na Assembleia o Governo retirado a proposta do POTRAA. Não obstante, o tema da petição é importante.

**Um Turismo Sustentável tem de ter em conta diversos fatores como os impactos económicos,** sociais e ambientais das suas atividades, sem esquecer as necessidades dos visitantes, do meio ambiente, das comunidades locais e das organizações.

Para que se possa conjugar todas essas variáveis é necessário haver uma estratégia e instrumentos conducentes à sua prática. É neste sentido que relembramos o que já foi dito, aqui, nesta Casa, por várias vezes, pela Sra. Secretária Regional do Turismo, Mobilidade e Infraestruturas relativamente ao facto de estar em curso o procedimento de contratualização pública para a revisão do Plano Estratégico e de Marketing do Turismo dos Açores (PEMTA), contando que esteja pronto no Verão IATA de 2023, e depois desta estratégia será revisto o Plano de Ordenamento Turístico da Região Autónoma dos Açores.

Não podemos concordar com as afirmações dos peticionários quando referem que existe uma massificação do destino nos três meses de verão. Há efetivamente um aumento no número de turistas, aumenta a pressão em alguns pontos de interesse turístico, mas não poderemos considerar como um turismo de massas, generalizando essa pressão existente em alguns locais a todas as ilhas.

O turismo dos Açores encontra-se ainda em fase de crescimento, não é um turismo massificado e nem sequer é isso que se pretende. Há margem para crescer, ainda que a preferência seja sempre a qualidade em detrimento da quantidade.

Enaltecemos, contudo, as preocupações dos peticionários, e por isso reafirmamos o propósito do Governo Regional de apostar no Turismo sustentável como principal característica da nossa oferta, importa acrescentar valor aos nossos produtos e serviços e criar atratividade conjugando, essencialmente, os fatores económicos, sociais e ambientais. Este propósito é obviamente compatível com o crescimento do turismo, sendo esta uma importante fonte para o crescimento do emprego e da riqueza.

Muito obrigada.

**Presidente:** Muito obrigado, Senhora Deputada.

Tem a palavra o Sr. Deputado Rui Anjos.

**Deputado Rui Anjos (PS):** Muito obrigado.

Senhor Presidente, Senhoras e Senhores Deputados, Senhor Membro do Governo:

Uma primeira palavra de agradecimento aos mais de 700 signatários desta Petição, intitulada “Por um turismo verdadeiramente sustentável nos Açores”, em especial ao seu primeiro peticionário, André Martins, Como o próprio refere em audição, esta Petição, advém de uma preocupação e de uma análise que um grupo abrangente da nossa sociedade civil efetuou em relação ao setor turístico da nossa região.

Segundo estes, o ponto de partida para esta reflexão foi a análise da última versão do documento POTRAA – Plano de Ordenamento Turístico da Região, documento submetido a esta Assembleia, em março, e que foi, depois de muita contestação, entretanto retirado.

Invocam que o POTRAA apresentado não respondia às exigências atuais do setor.

Mencionam que, na sua análise, este documento, partiu de dados completamente desatualizados face à realidade e que não teve em conta, quer a pandemia, quer a evolução abrupta de ofertas de camas no setor ao longo dos últimos anos.

Manifestam um profundo desagrado pela ausência de um verdadeiro debate alargado a toda a sociedade civil, na elaboração de documentos tão estruturais importantes para o desenvolvimento turístico na região.

Assumem severas preocupações com os outros problemas, direta e indiretamente relacionados com a atividade turística na Região: tais como direito à habitação e à perda da qualidade de vida da população local.

Expressem que o turismo é fundamental para os Açores, mas terá que ser mais bem gerido, com estratégias claras e bem definidas e para que essencialmente não copiarmos modelos que já vimos que são completamente falíveis noutros locais do mundo.

Preocupam-se para a existência de um certo *marketing verde* em torno da promoção dos Açores como destino de natureza, mas depois não é compatível com certas medidas que estão a ser tomadas e verificadas no terreno, nomeadamente o desrespeito pelo património cultural, ambiental e paisagístico.

Ouvido em sede de Comissão de Economia o representante destas largas centenas de cidadãos, diz defensor da taxa turística regional, pois defende que atualmente todas e quaisquer medidas relacionadas com o impacto do turismo na região são suportadas única e exclusivamente pelo contribuinte açoriano.

Reconhecem que para fazermos face à manutenção dos pontos de maior visitação, miradouros, trilhos, requalificação de infraestruturas existentes, bem como o desenvolvimento de novos pontos de interesse turístico em implementação de uma taxa turística regional, seria um ganho para a Região, evidenciando que são receitas vindas do exterior e não as geradas pelos impostos do residente local. Em suma, são apontados vários erros na gestão do turismo na região e que esta está sem estratégia, sem PEMTA e sem POTRAA.

Este porta-voz de mais de 700 pessoas, diz ser urgente definirmos linhas vermelhas para que evitamos um crescimento descontrolado e, mais

importante, não tenham um impacto negativo na qualidade de vida da população.

Gostaria ao finalizar de agradecer mais uma vez, e em nome do Grupo Parlamentar do Partido Socialista, os contributos e as preocupações que estas várias centenas de pessoas submeteram a esta Assembleia e que mereceu a nossa melhor atenção.

**Vozes de alguns Deputados da bancada do PS:** Muito bem! Muito bem!

*(Aplausos dos Deputados das bancadas do PS)*

**Presidente:** Muito obrigado, Senhor Deputado.

Tem a palavra o Senhor Deputado Rui Martins.

(\*) **Deputado Rui Martins (CDS-PP):** Obrigado, Senhor Presidente.

Senhor Presidente, Senhores Deputados, Senhores Membros do Governo:

O Grupo Parlamentar do CDS, em primeiro lugar, saúda os peticionários na pessoa do primeiro peticionário André Filipe Martins.

É sempre com agrado que vemos a sociedade civil pronunciar-se ativamente sobre questões tão importantes como esta, em particular, que tem a ver com a sustentabilidade do turismo e com os instrumentos que de alguma forma, acabam por delinear aquilo que é a estratégia da Região e que, obviamente, devem ser do conhecimento de todos, devem ser claros e merecem essa participação ativa de todos os cidadãos.

Por outro lado, e obviamente os peticionários já receberam o relatório, e está bastante explícito, não me vou alongar muito acerca daquilo que foi analisado, mas gostaria de salientar aqui três aspetos:

Por um lado, efetivamente, o documento sobre o qual versava esta Petição não foi aprovado, não foi alvo sequer de votação, foi retirado, por isso é uma não questão.

Não obstante, também este Governo tem, e já anunciou, a sua estratégia para o setor e que passou pela apresentação já do PEMTA, que é um Plano Estratégico de Marketing para o Turismo dos Açores e que, por sua vez, acaba por ser uma lei, ou uma organização chapéu, para aquilo que depois poderá vir a ser então um POTRAA, que define no terreno como é que se organiza e como é que se alcançam estes objetivos já delineados neste plano estratégico.

Por isso, vemos com bom grado esta que foi a nova abordagem que o Governo Regional decidiu fazer já com a Senhora Secretária dos Transportes e do Turismo, Berta Cabral, e consideramos que está no caminho certo.

Para os partidos que consideram que o POTRAA que é um instrumento de extrema importância e é fundamental para os Açores, nós obviamente concordamos, mas não nos podemos esquecer que o Partido Socialista diz que é muito importante e suspendeu, durante 10 anos.

Por isso, atualmente, os procedimentos de autorização de empreendimentos são exatamente os mesmos do passado e o que acontecia no passado é o que acontece agora.

**Deputado Vasco Cordeiro (PS):** Não é verdade!

**O Orador:** Estas autorizações são sujeitas a Conselho do Governo e as decisões em Conselho de Governo são tomadas, respeitando, cumprindo e tendo em conta todos os diplomas legais que estão em vigor e por isso é exatamente como no passado, enquanto vigorou e na ausência do POTRAA, não se tomam decisões ilegais. Cumpre-se na mesma estritamente a lei e por isso, de qualquer das formas, saúdo e reitero esta saudação aos petionários e vou instá-los, obviamente, a que participem e que o próprio Governo Regional também promova uma discussão pública alargada de todos os documentos que for produzindo neste sentido e, desde já, estes cidadãos que se demonstraram interessados em intervir e até fazermos chegar estas suas preocupações, certamente estarão na linha da frente também para a sua

análise das propostas do Governo, poder contribuir para a elaboração desses documentos e que o documento final seja um documento que vá ao encontro daquilo que são as preocupações, que julgo que são transversais a todos os partidos, e que é posicionar os Açores num destino de qualidade, com a notoriedade que lhe é característica e que advém também da sua exuberante beleza natural e que devemos preservar.

E é para isso que estes instrumentos servem.

Muito obrigado.

**Presidente:** Obrigado, Senhor Deputado.

Tem a palavra o Senhor Deputado António Lima.

(\*) **Deputado António Lima (BE):** Muito obrigado.

Senhor Presidente, Senhoras e Senhores Deputados, Senhores Membros do Governo:

Começo naturalmente por saudar os peticionários da Petição “Por um turismo verdadeiramente sustentável nos Açores”. Saúdo o primeiro peticionário, André Filipe Dâmaso Martins.

Os peticionários, com esta Petição, à data, procuraram, em primeiro lugar, alertar, e bem, para os problemas que apresentava a proposta de Plano Ordenamento Turístico da Região Autónoma dos Açores, apresentada pelo atual Governo Regional, um documento que, como afirmam os peticionários pretendia potenciar, acima de tudo, um crescimento e não, efetivamente, ordenar o crescimento e o desenvolvimento, que julgo eu que é um termo melhor, do setor do turismo.

Essa proposta tinha não só esse problema, mas também uma desatualização de dados, como é referido pelos peticionários e, por isso, solicitaram ao Parlamento não só a não aprovação do POTRAA, que o Governo Regional veio a retirar, mas que também fosse promovido um amplo debate público sobre o setor, assim como uma moratória à aprovação e financiamento

público de novos empreendimentos até à aprovação do novo Plano de Ordenamento Turístico da Região Autónoma dos Açores.

Para além disso, solicitavam, naturalmente relacionados com este ponto, que este mesmo Plano fosse condição prévia para futuros financiamentos públicos para investimentos no setor.

De facto, o debate público sobre esta matéria, é necessário e também de certa forma, os peticionários contribuíram, e bem, para esse debate público.

É fundamental, efetivamente, que haja, de facto, um Plano de Ordenamento Turístico, na Região Autónoma dos Açores.

O facto de o Governo Regional ter retirado o Plano, por um lado, tem um aspeto positivo, porque aquele Plano, como identificou os peticionários, e nós concordamos, não era efetivamente um bom Plano, não era o Plano que os Açores precisam, mas o Governo Regional, o que parece pretender com essa retirada não é fazer um melhor Plano, é não fazer Plano algum, ou fazer um Plano tão tarde, tão tarde, tão tarde, que no fim já não haja absolutamente nada por ordenar.

E, nós, efetivamente, precisamos de um Plano com urgência, com rapidez, um Plano que crie o modelo de turismo que seja compatível com a conservação da natureza, com a conservação da paisagem, com a promoção do bem-estar ambiental da nossa Região.

Que contribua também para a melhoria das condições de vida e de emprego de quem trabalha no setor do turismo, que, por exemplo, num setor onde a precariedade e os baixos salários são quase sempre a regra; que procure e dinamize a geração de riqueza, mas que também a distribua, e que não transforme os Açores num destino massificado, porque há efetivamente sinais, durante a época alta (aliás, os próprios números assim o indicam) preocupantes de massificação e de falta de sustentabilidade do setor, porque nós não podemos efetivamente ter um setor que continue, e um Governo que continue a aprovar projetos de empreendimentos turísticos, por exemplo, sem

qualquer regra, sem qualquer limite ao número de camas, para que eles efetivamente tenham ocupações durante o verão, mas que depois, durante o inverno, estejam a meio gás, ou menos disso, alguns encerrados e o que isso significa de insustentabilidade do setor com desemprego, com emprego sazonal, com, obviamente, baixos salários e efetivamente um setor turístico que seja sustentável não pode viver de três, quatro ou cinco meses no ano.

Efetivamente é essencial um turismo sustentável e é essencial um novo Plano de Ordenamento Turístico, ordenamento, sim, e não apenas orientações como o Governo dá a entender e já o referiu, porque os Planos de Ordenamento não servem para dar orientações e daí o especial gosto que tem o Governo e a coligação pelo Plano Estratégico de Marketing, é porque esse é exatamente um plano de marketing, e para fazer marketing à política do Governo e não para ordenar o setor turístico da Região.

E isso é que é efetivamente necessário e urgente.

E da parte do Bloco de Esquerda, naturalmente, continuaremos a dizê-lo que o ordenamento do turismo, o ordenamento do crescimento, os limites ao número de camas, e não só, e muitas outras coisas, não são necessários como muito, muito urgentes.

Muito obrigado.

**Presidente:** Muito obrigado, Senhor Deputado.

Pergunto se há mais inscrições?

*(Pausa)*

Não havendo, concluímos assim a nossa Agenda de trabalhos.

“Proposta de Deliberação:

A Mesa da Assembleia Legislativa da Região Autónoma dos Açores propõe que a Assembleia declare findo o período legislativo de dezembro.”

As Senhoras e os Senhores Deputados que concordam façam o favor de se manter como estão.

**Secretário:** A Proposta de Deliberação final foi aprovada por unanimidade.

**Presidente:** Encerrámos assim os nossos trabalhos.

Senhoras e Senhores Deputados, Senhores Membros do Governo, desejo a todos uma boas festas, um feliz e Santo Natal, a vós e às vossas famílias.

*Eram 20 horas e 45 minutos.*

*Deputados que faltaram à Sessão*

*Partido Socialista (PS)*

Ana Luísa Pereira Luís

*Deputados que entraram durante a Sessão*

*Partido Socialista (PS)*

Vilson Filipe da Costa Ponte Gomes

*Partido Pessoas-Animais-Natureza (PAN)*

Pedro Miguel Vicente Neves

(\*) Texto não revisto pelo orador

**Documentos entrados**

**Listagem da correspondência:**

**1- Projeto de Decreto-Lei:**

**Assunto:** Que altera os programas Porta 65 e Arrendamento Acessível – MIH - (Reg. DL 337/XXIII/2022) - Audição n.º 101/XII - GR

**Proveniência:** Presidência do Conselho de Ministros

**Data de Entrada:** 2022 – 12 – 13

**Comissão:** Política Geral

**Data Limite de Parecer:** 2022 – 12 – 19.

## 2- Projetos de Resolução:

**N.º 141/XII**

**Assunto:** [Abaixamento do preço das refeições escolares](#)

**Proveniência:** PSD/CDS-PP/PPM

**Data de Entrada:** 2022 – 12 – 13

**Comissão:** -----

**URGÊNCIA E DISPENSA DE EXAME EM COMISSÃO**

**N.º 142/XII**

**Assunto:** [Prorrogação do prazo para apresentação do relatório final da Comissão Eventual para Reforma do Regimento da Assembleia Legislativa da região Autónoma dos Açores](#)

**Proveniência:** PS/PSD/CDS-PP/BE/PPM/CH/IL/PAN

**Data de Entrada:** 2022 – 12 – 13

**Comissão:** -----

**URGÊNCIA E DISPENSA DE EXAME EM COMISSÃO**

**N.º 143/XII**

**Assunto:** [Denúncia do acordo entre a Região e a BENCOM para o fornecimento de fuelóleo e início de novo processo de contratação pública, com pedido de urgência](#)

**Proveniência:** BE

**Data de Entrada:** 2022 – 12 – 14

**Comissão:** -----

### **SOLICITAÇÃO DE URGÊNCIA**

#### **3- Petição:**

**N.º 43/XII**

**Assunto:** DLR n.º 6/2022/A, de 22 de março - Cria o Instituto da Vinha e do Vinho dos Açores - Nova realidade

**Proveniência:** Losmenio Vieira Machado Goulart

**Data de Entrada:** 2022– 12 – 09

**Comissão:** Economia

**Data limite de parecer:** Em processo de admissão.

#### **4- Requerimentos:**

**Assunto:** [Aeródromo da Ilha do Corvo 5](#)

**Autores:** Paulo Estêvão e Gustavo Alves (PPM)

**Data de Entrada:** 2022 – 12 – 15

**Referência:** 54.07.09 – N.º 517/XII;

**Assunto:** [Ligação de fibra ótica CAM – defesa dos Açores](#)

**Autores:** Joaquim Machado e Paulo Silveira (PSD)

**Data de Entrada:** 2022 – 12 – 15

**Referência:** 54.03.00 – N.º 518/XII.

#### **5- Informações:**

**Assunto:** Solicitação de prorrogação de prazo da Antepropostas de Lei n.º 15/XII (GOV) - Primeira alteração à Lei n.º 95/2021, de 29 de dezembro, que

regula a utilização e o acesso pelas forças e serviços de segurança e pela Autoridade Nacional de Emergência e Proteção Civil a sistemas de vigilância para captação, gravação e tratamento de imagem e som, até 16 de janeiro de 2023 e do Projeto de Resolução n.º 134/XII (PSD/CDS-PP/PPM) – Aproveitamento e Gestão dos Recursos Hídricos em Altitude - Lagoa do Paul, até 26 de janeiro de 2022

**Proveniência:** José Gabriel Eduardo, Presidente da Comissão Especializada Permanente de Assuntos Parlamentares, Ambiente e Desenvolvimento Sustentável

**Data de Entrada:** 2022 – 12 – 13;

**Assunto:** Correspondência por correio eletrónico a remeter a Sua Excelência o Presidente da Assembleia Legislativa da Região Autónoma dos Açores os seguintes documentos aprovados em reunião extraordinária do Plenário do Conselho Económico e Social dos Açores: Parecer sobre o Relatório Periódico de Monitorização Trimestral – 3.º T de 2022 – do Plano de Recuperação e Resiliência dos Açores (PRR-Açores); Contributos e propostas para uma eventual alteração do DLR n.º 8/2018/A, de 5 de julho e proposta apresentada pela AICOPA, que foi rejeitada por maioria; Plano de Atividades do CESA para 2023

**Proveniência:** Renato Medeiros, Secretário-Geral do Conselho Económico e Social dos Açores

**Data de Entrada:** 2022 – 12 – 13;

**Assunto:** Solicitação de substituição integral do projeto de Resolução n.º 124/XII (PS) – Pela previsibilidade e adequação dos recursos humanos e financeiros das Juntas de Freguesia dos Açores

**Proveniência:** Vasco Cordeiro, Deputado do Grupo Parlamentar do PS

**Data de Entrada:** 2022 – 12 – 16;

**Assunto:** Ofício 111/022/RL a solicitar a Sua Excelência o Presidente da Assembleia Legislativa da Região Autónoma dos Açores a retirada do Projeto de Decreto Legislativo Regional n.º 64/XII (PSD/CDS-PP/PPM) – Funcionamento de cantinas e bufetes escolares

**Proveniência:** João Bruto da Costa, Presidente do Grupo Parlamentar do PSD

**Data de Entrada:** 2022 – 12 – 13;

**Assunto:** Ofício do Grupo Parlamentar do PS a comunicar a Sua Excelência o Presidente da Assembleia Legislativa da Região Autónoma dos Açores que adota como seu o Projeto de Decreto Legislativo Regional n.º 64/XII (PSD/CDS-PP/PPM) – Funcionamento de cantinas e bufetes escolares

**Proveniência:** Vasco Cordeiro, Ana Luís, Rodolfo Franca, Marta Matos, Célia Pereira, Tiago Lopes, Andreia Costa, Sandra Faria e Carlos Silva, Deputados do Grupo Parlamentar do PS

**Data de Entrada:** 2022 – 12 – 13;

**Assunto:** Ofício 113/022/RL a solicitar a Sua Excelência o Presidente da Assembleia Legislativa da Região Autónoma dos Açores a retirada do Projeto de Resolução n.º 141/XII (PSD/CDS-PP/PPM) – Abaixamento do preço das refeições escolares

**Proveniência:** João Bruto da Costa, Presidente do Grupo Parlamentar do PSD

**Data de Entrada:** 2022 – 12 – 16.

## 6- Relatórios:

**Assunto:** [Sobre a Proposta de Lei n.º 46/XV \(GOV\) – Aprova o Programa Nacional de Habitação para o período 2022-2026 - Audição n.º 150/XII - AR](#)

**Proveniência:** Comissão Especializada Permanente de Política Geral

**Data de Entrada:** 2022 – 12 – 16.

**Assunto:** [Sobre o Projeto de Decreto-Lei que - Estabelece o modelo de governação dos fundos europeus para o período de programação 2021-2027 - PCM - \(Reg. 334/XXIII/2022\) - Audição n.º 99/XII - GR](#)

**Proveniência:** Subcomissão da Comissão Especializada Permanente de Economia

**Data de Entrada:** 2022 – 12 – 13.

#### **7- Diários:**

Consideram-se aprovados nesta Sessão Plenária os Diários n.ºs 82, 83 e 84.

**As redatoras:** Sara Azevedo e Conceição Branco